



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**JULIA FRASCARELLI LUCCA**

**O DIÁRIO MODERNO DE UM MOTOBOY DE SÃO PAULO:  
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E RECURSOS ESTILÍSTICOS**

**CAMPINAS  
2017**

**JULIA FRASCARELLI LUCCA**

**O DIÁRIO MODERNO DE UM MOTOBOY DE SÃO PAULO:  
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E RECURSOS ESTILÍSTICOS**

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto  
de Estudos da Linguagem, da Universidade  
Estadual de Campinas para obtenção do  
título de Doutora em Linguística.**

**Orientadora: Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva**

**Este exemplar corresponde à  
versão final da Tese defendida pela  
aluna Julia Frascarelli Lucca e  
orientada pela Profa. Dra. Anna  
Christina Bentes da Silva.**

**CAMPINAS  
2017**

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** CAPES, 1224385; CNPq, 142472/2013-1  
**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0001-8984-4362>

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

L962d Lucca, Julia Frascarelli, 1985-  
O diário moderno de um motoboy de São Paulo: construção identitária e recursos estilísticos / Julia Frascarelli Lucca. – Campinas, SP: [s.n.], 2017.

Orientador: Anna Christina Bentes da Silva.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Motoboys - São Paulo (SP) - História. 2. Motoboys - Linguagem. 3. Língua portuguesa - Estilo. 4. Identidade social. 5. Sociolinguística. I. Bentes, Anna Christina, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

#### Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The modern diary of a motorcycle courier of São Paulo: identity construction and stylistic resources

**Palavras-chave em inglês:**

Motorcycle courier - São Paulo (Brazil) - History

Motorcycle courier - Language

Portuguese language - Style

Group identity

Sociolinguistics

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutora em Linguística

**Banca examinadora:**

Anna Christina Bentes da Silva [Orientadora]

Lívia Oushiro

Maria Viviane do Amaral Veras

Lilian Abram dos Santos

Vivian Cristina Rio

**Data de defesa:** 29-08-2017

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística



## **BANCA EXAMINADORA**

**Anna Christina Bentes da Silva**

**Lívia Oushiro**

**Maria Viviane do Amaral Veras**

**Lilian Abram dos Santos**

**Vivian Cristina Rio**

**IEL/UNICAMP  
2017**

**Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA – Sistema de Gestão Acadêmica.**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao CNPq e à CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

Ao Instituto Federal de São Paulo (IFSP), pela concessão de afastamento para finalizar a tese.

À Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva que aceitou passar esses últimos anos dialogando e construindo comigo esse objeto de estudo, pelas descobertas que fizemos juntas, pelas conversas formativas e pela dedicação, sobretudo nessa fase de conclusão.

À Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras pela avaliação acadêmica, porém também poética desse trabalho no exame de qualificação e na defesa de tese que me propiciaram uma nova percepção sobre meu papel como pesquisadora e sobre minha relação com esse objeto de estudo.

À Profa. Dra. Lívia Oushiro pela cuidadosa avaliação da pesquisa no exame de qualificação e na defesa de tese, pelas contribuições e generosidade e pela abertura em dialogar conosco sobre os estudos sociolinguísticos.

À Profa. Dra. Lilian Abram dos Santos pelas conversas travadas desde o mestrado sobre a relação entre língua e sociedade e sobre a necessidade de quebrarmos certas barreiras acadêmicas, pelas contribuições na defesa de tese e pelo diálogo sincero com minha pesquisa.

À Profa. Vivian Cristina Rio pela arguição na defesa de tese que trouxe valorosas contribuições não só para esse texto, mas também para a continuidade da pesquisa.

Aos funcionários da Pós-Graduação do IEL pela atenção e esclarecimentos.

A todos os professores do IEL pelos ensinamentos que me proporcionaram nos cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em Linguística.

À minha mãe, Mara, pelo exemplo, pela força e pelo amor edificante.

Ao meu pai, Carlos, pelo carinho, pelo incentivo e pela compreensão.

À minha irmã, Laura, pela amizade, pelo compartilhamento, pelas risadas e pela cumplicidade.

Aos meus amigos e amigas que fiz no IEL, no IFCH, na FE, no IFSP, na UNESP e na Lille 3 por todos os momentos de trocas e suporte ao longo de todo esse percurso.

Ao meu companheiro, Fernando, por ser meu grande interlocutor, por sua presença e por todos os momentos compartilhados nesses mais de dez anos.

Ao Motoboy do Canal Motoka Cachorro!!!

## RESUMO

Esse trabalho tem como lugar a cidade de São Paulo, espaço de contradição marcado pela diversidade cultural e desigualdade social. Considerando que a sociedade de classes é permeada por relações de poder, mas também por conflitos sociais e resistências, busca-se compreender como se dão as expressões populares nos espaços urbanos. Assim, a partir das relações entre sociedade e linguagem e entre identidade e estilo, esse trabalho objetiva analisar a constante elaboração da identidade de um motoboy por meio da autoria e da produção de seu *Vlog* no YouTube, no canal “Motoka Cachorro!!!”, cuja finalidade é mostrar seu cotidiano de trabalho nas ruas da capital paulista. Para isso, essa pesquisa tem como quadro teórico a Sociolinguística e sua relação com os estudos sobre identidade e estilo. A metodologia adotada é a de descrição e análise de recursos linguísticos, textuais e discursivos manipulados pelo motoboy no *corpus* que compreende nove vídeos publicados nos quatro anos do canal desde seu surgimento em 2014. As análises se centraram nos recursos linguísticos nos níveis da palavra, tais como o uso do diminutivo, de gírias e da enunciação, como o uso de formas de tratamento e de marcadores discursivos, e nos recursos textuais e discursivos de auto e heteroidentificação e de retextualização. Dessa forma, conclui-se que o autor do canal delimita e reforça sua identidade por meio da construção de suas *personae* relacionadas a sua profissão de motoboy e a sua autoria no *Vlog* ao passo que constrói sentidos de diferenciação em relação ao outro. Pode-se afirmar que esse *Vlog* se insere na cultura popular urbana, visto que o autor produz conteúdos que interessam a grupos sociais específicos e, assim, ultrapassa algumas barreiras que os meios de comunicação de massa impõem, permitindo que, por meio do canal, seu cotidiano como trabalhador possa ser retratado por ele mesmo.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Motoboy; Estilo; Identidade.

## ABSTRACT

This work has as its place the city of São Paulo, a space of contradiction marked by cultural diversity and social inequality. Considering that class society is permeated by power relations, but also by social conflicts and resistances, the aim is to understand how the popular expressions take place in urban spaces. Thus, from the relations between society and language and between identity and style, this work aims to analyze the constant elaboration of the identity of a motorcycle courier through the authorship and production of his Vlog on YouTube, on the channel "Motoka Cachorro !!!", whose purpose is to show his daily work on the streets of the city of São Paulo. For this, this research has as theoretical framework the Sociolinguistics and its relation with the studies on identity and style. The methodology consists of the description and analysis of linguistic, textual and discourse resources manipulated by the motorcycle courier in the *corpus* that includes nine videos published in the four years of the channel since its inception in 2014. The analyses focus on the linguistic resources in the levels of the word, such as the use of diminutive, slang and of the enunciation, as the use of forms of treatment and the use of discourse markers, and in the textual-discursive resources of self-identification and heteroidentification and retextualization. In this way, the conclusion is that the author of the channel delimits and reinforces his identity through the construction of his *personae* related to his profession of motorcycle courier and his authorship in Vlog while constructing senses of differentiation in respect to the other. It can be said that this Vlog is inserted in the urban popular culture since the author produces contents that interest specific social groups and thus overcome some of the barriers imposed by the mass media, which allows for his daily life as a worker to be portrayed by himself.

**Key words:** Sociolinguistics; Motorcycle courier; Style; Identity.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1.</b> Página inicial do canal Motoka Cachorro!!! em agosto de 2016.....	87
<b>Imagem 2.</b> Página inicial do canal Motoka Cachorro!!! em março de 2017.....	88
<b>Imagem 3.</b> Página inicial do canal Motoka Cachorro!!! em junho de 2017.....	89
<b>Imagem 4.</b> Página inicial do canal Motoka Cachorro!!! em agosto de 2017.....	89
<b>Imagem 5.</b> Meme Nutella Raiz x Nutella Nutella.....	167

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Crescimento do canal Motoka Cachorro!!! entre 2016 e 2017 .....	85
<b>Tabela 2.</b> Frequência de diminutivos (por mil palavras).....	105
<b>Tabela 3.</b> Lista e número de ocorrências das formas nominais de tratamento e marcadores discursivos interacionais interpelativos.....	126

## GRÁFICO

**Gráfico 1.** Número de visualizações por vídeos selecionados do canal Motoka Cachorro!!!.....95

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Agrupamento de vídeos do canal Motoka Cachorro!!! por assuntos.....	83
<b>Quadro 2.</b> Seleção de vídeos do canal Motoka Cachorro!!! de 2014.....	92
<b>Quadro 3.</b> Seleção de vídeos do canal Motoka Cachorro!!! de 2015.....	94
<b>Quadro 4.</b> Seleção de vídeos do canal Motoka Cachorro!!! de 2016.....	97
<b>Quadro 5.</b> Seleção de vídeos do canal Motoka Cachorro!!! de 2017.....	98
<b>Quadro 6.</b> Vídeos do canal Motoka Cachorro!!! selecionados para o <i>corpus</i> .....	99
<b>Quadro 7.</b> Convenção para transcrição de elementos prosódicos.....	100
<b>Quadro 8.</b> Convenção para inserção de comentários do transcritor.....	101
<b>Quadro 9.</b> Convenções de grafia de palavras.....	101
<b>Quadro 10.</b> Convenções de aspectos morfológicos.....	102
<b>Quadro 11.</b> Lista de palavras com sufixo -inho e o número de ocorrências.....	106
<b>Quadro 12.</b> Exemplos de uso dos graus normal e diminutivo nos vocábulos em que o diminutivo é mais empregado no <i>corpus</i> . ....	107
<b>Quadro 13.</b> Ocorrência de sufixos incomuns.....	111
<b>Quadro 14.</b> Uso de expressões lexicais: gírias.....	120
<b>Quadro 15.</b> Estrutura de enunciados com “bagueio”.....	121
<b>Quadro 16.</b> Formas nominais de tratamento e marcadores discursivos interacionais interpelativos.....	127
<b>Quadro 17.</b> Marcadores discursivos interacionais <i>checking</i> .....	129
<b>Quadro 18.</b> Recursos combinados: MDs de <i>checking</i> e interpelativos.....	131

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Síntese de enunciados “Eu (não) sou + DET + cara + adjetivo” .....143
- Figura 2:** Sentidos de diferenciação entre o Motoboy Nutella e o Motoboy raiz.....171

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>I A CIDADE DE SÃO PAULO E O MOTOBOY PAULISTANO</b> .....	<b>29</b>
1.1 SÃO PAULO: UMA METRÓPOLE E SUAS CONTRADIÇÕES.....	29
1.2 ATORES URBANOS DAS CLASSES POPULARES.....	34
1.3 O MOTOBOY PAULISTANO: OBSERVAÇÕES DE PESQUISA.....	36
1.4 RELATO DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO EM SÃO PAULO.....	40
<b>II CULTURAS E IDENTIDADES: ELEMENTOS PARA ANÁLISE DO ESTILO LINGUÍSTICO</b> .....	<b>44</b>
2.1 CULTURA: UM CONCEITO EM DISPUTA.....	44
2.2 CULTURA POPULAR URBANA.....	49
2.3 CULTURA E AS MÍDIAS DIGITAIS.....	53
2.4 IDENTIDADES.....	55
2.5 CULTURAS E IDENTIDADES NO CONTEXTO URBANO: O LOCAL E O GLOBAL.....	61
<b>III CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA, ESTILO E CULTURA POPULAR</b> .....	<b>67</b>
3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E O ESTILO LINGUÍSTICO.....	70
3.2 ESTILO E IDENTIDADE DAS CLASSES POPULARES.....	76
<b>IV MOTOKA CACHORRO!!!: DETALHANDO A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO</b> .....	<b>81</b>
4.1. O OBJETO DE ESTUDO: O MOTOKAVLOG MOTOKA CACHORRO!!!!.....	82
4.1.1. Perfil do autor do canal.....	90
4.1.2. Temas do canal.....	91
4.2. SELEÇÃO E DESCRIÇÃO DOS VÍDEOS DO CANAL.....	91
4.3 SELEÇÃO DO CORPUS.....	98
4.4. METODOLOGIA PARA AS TRANSCRIÇÕES.....	100
<b>V MANIPULAÇÃO DE RECURSOS LINGUÍSTICOS PARA CONFIGURAÇÃO DE ESTILO DE FALA</b> .....	<b>104</b>
5.1 NÍVEL DA PALAVRA.....	104
5.1.1 Estilização morfológica por meio de sufixação.....	104
5.1.1.1 O uso do diminutivo.....	104
5.1.1.1.1. Sufixo -inho(a).....	105
5.1.1.1.2. Outros sufixos mais incomuns.....	111
5.1.1.2. Uso de vários sufixos em uma mesma palavra.....	113
5.1.2. Expressões lexicais: gírias.....	115
5.1.3. Uso de léxico em inglês.....	122
5.2. NÍVEL DA ENUNCIÇÃO.....	124
5.2.1. Formas nominais de tratamento e marcadores discursivos interacionais interpelativos.....	124
5.2.2. Marcadores discursivos interacionais: checking.....	129

5.2.3. Recursos combinados.....	130
---------------------------------	-----

**VI RECURSOS TEXTUAIS-DISCURSIVOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: A AUTO E A HETEROIDENTIFICAÇÃO ..... 133**

6.1 DISPOSITIVOS ANALÍTICOS: REFERENCIAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO	134
6.2 A CATEGORIZAÇÃO DO MOTOBOY PELO MOTOBOY .....	137
6.3 O MOTOBOY POR ELE MESMO.....	141
6.3 O MOTOBOY SOU EU .....	156
6.4 O MOTOBOY E OS OUTROS .....	158
6.5 CONSTRUINDO IDENTIDADE .....	161
6.6 O REFORÇO DA IDENTIDADE .....	166

**CONSIDERAÇÕES FINAIS: MOTOKA CACHORRO!!!: “EU TÔ AQUI PRA MOSTRAR PRA VOCÊS QUE EU...”..... 173**

O Motoboy é a Geni? .....	177
---------------------------	-----

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 182**

**APÊNDICE..... 191**

1. Fichas de vídeos selecionados de 2014 .....	191
2. Fichas de vídeos selecionados de 2015 .....	196
3. Fichas de vídeos selecionados de 2016 .....	201
4. Fichas de vídeos selecionados de 2017 .....	206

## INTRODUÇÃO

A construção identitária é objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento. Embora a Antropologia e a Psicologia sejam as disciplinas que, tradicionalmente, se debruçam mais sobre essa questão bastante complexa, a Linguística tem muito a contribuir para esse debate, pois partimos do pressuposto de que é por meio da língua e dos significados construídos socialmente que o falante elabora sua identidade. Por outro lado, a língua também não é um dado biológico, não é autônoma e nem estática, uma vez que é construída pelos sujeitos organizados em sociedade a partir dos símbolos e significados que esses dão à realidade concreta.

Dessa forma, a despeito de ser recorrente a distinção entre a identidade pessoal e a identidade social, partimos da compreensão de que as dimensões pessoal e social são interconectadas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976) na construção identitária, pois não há identidade que seja inata aos indivíduos, ela é construída social e historicamente. Por isso, nessa pesquisa, optamos pela utilização do termo *identidade* sem fazer a distinção entre as dimensões pessoal e social.

O interesse por investigar a construção identitária do motoboy paulistano parte da inquietação que nos causaram os resultados de estudo realizado anteriormente (LUCCA, 2010, 2012). Desde 2009, vimos investigando os motoboys da cidade de São Paulo por compreendermos que essa é a cidade, como centro financeiro, em que a necessidade de circulação está mais presente no contexto brasileiro e, por isso, também naturaliza as noções de velocidade e urgência.

O motoboy é o profissional que tem como missão colocar em prática essas circulações de documentos e bens de consumo e, por esse motivo, representa em seu próprio corpo a pressa com que tudo precisa se mover na sociedade capitalista. Ademais, a própria categoria profissional é resultado de uma conjunção de fatores que não só exigiu esse tipo de serviço, mas também propiciou que houvesse uma grande quantidade de homens como mão-de-obra que pudesse assumir essa atividade profissional.

Considerando esse contexto social mais amplo, no âmbito da pesquisa de mestrado (LUCCA, 2010; 2012), buscamos compreender o funcionamento dos discursos que significam o motoboy na circulação urbana, isto é, no espaço das vias

de trânsito, na cidade e em sua relação com os demais sujeitos urbanos analisando textos em que o sujeito se significa e aqueles em que é significado. O objetivo foi verificar como os sujeitos interpretam a cidade e como eles mesmos se interpretam na cidade. Para isso, o *corpus* em questão foi constituído de entrevistas realizadas com três motoboys da cidade de São Paulo em 2011, textos da mídia de jornais e revistas de grande circulação e visibilidade – tais como os jornais Folha de S. Paulo e Estadão, e as revistas Veja e IstoÉ – além de textos de ordem jurídica, falas de especialistas, falas de habitantes da cidade de São Paulo em Blogs, discussões em redes sociais e imagens como fotografias tiradas por motoboys.

Outro material analisado foi um esquete de humor do personagem Jackson Five, um motoboy paulistano, criado e interpretado pelo ator e humorista Marco Luque. Num segundo momento da citada pesquisa, esse personagem foi apresentado aos entrevistados para que pudéssemos saber como seria sua recepção pelos motoboys. Questionados sobre se eles achavam que o personagem Jackson Five representava os motoboys, todos responderam que sim. Entretanto, ao serem interrogados sobre se se identificavam com o personagem, todos responderam que não. Um dos motoboys, embora num primeiro momento tenha afirmado que não se identificava com o personagem, posteriormente afirmou que em termos do profissional motoboy se identificava:

“((Pausa)). Eu não. Mas eu como, né? Profissão, como minha profissão, sim.” (LUCCA, 2012, p. 82).

Assim, foi possível perceber que havia uma contradição quanto ao processo de identificação desses entrevistados sobre aquilo que se diz sobre o motoboy e a forma como eles se viam como motoboys. De modo geral, as análises realizadas nesse estudo nos apontaram alguns funcionamentos interessantes, dos quais podemos mencionar dois: (i) os discursos sobre o motoboy enfatizam, em sua maioria, aspectos negativos dessa categoria profissional e (ii) os motoboys entrevistados não se identificavam com a profissão, sendo que muitos deles a viam como um meio para atingir outros objetivos profissionais.

Pode-se concluir que o segundo funcionamento é decorrente do primeiro, pois é previsível que os sujeitos procurem se afastar de imagens negativas que a sociedade produz e reproduz a seu respeito. Há, porém, que se considerar que essas

falas foram produzidas por meio de entrevistas com uma pesquisadora que não fazia parte desse grupo social.

Isto posto, pode-se afirmar que o *corpus* utilizado nos permitiu observar como se dá a construção de imagens sobre o motoboy na sociedade e como o motoboy reage a essas imagens, sobretudo as negando. Foi possível observar que havia manipulação linguística na fala dos motoboys e, por esse motivo, optou-se por, na presente pesquisa de doutorado, buscar contextos em que o motoboy estivesse mais à vontade para falar do que nas entrevistas.

Nos últimos anos, foram criados espaços de manifestação dos motoboys em que eles puderam mostrar seu cotidiano e sua relação com o espaço urbano. Um deles foi o *site* do Coletivo Canal Motoboy, criado em 2007, que é definido da seguinte forma:

#### MOTOBOYS TRANSMITEM DE CELULARES

12 Motoboys percorrem espaços públicos e privados da cidade de São Paulo. Munidos de celulares com câmera integrada, fotografam, filmam e publicam em tempo real na Internet suas experiências, transformando-se em cronistas de sua própria realidade. Descrevem mediante palavras chave as imagens que publicam e colaboram assim para a criação de uma base de dados multimídia que seja capaz de gerar conhecimento coletivo. Em reuniões periódicas analisam os conteúdos publicados e coordenam a formação de grupos de emissores dedicados a cada tema aprovado pelo coletivo. Um projeto de comunicação audiovisual celular iniciado em 2007 para a comunidade de Profissionais Motociclistas de São Paulo<sup>1</sup>.

Eliezer Muniz dos Santos (2007, p. 24), curador adjunto do canal, educador e ex-motoboy, afirmou, no momento da criação do canal, que é imprescindível “que a voz do Profissional Motociclista seja ouvida. E que sua vida seja contada sem mediações e que até mesmo a própria alcunha ‘motoboy’ por eles seja discutida a fim de criarem sua auto-representação”. E, de fato, nessa última década, aconteceram alguns movimentos coletivos e individuais no sentido de trazer a voz do motoboy à tona, muitos dos quais impulsionados pelo Canal Motoboy.

Um dos movimentos coletivos se deu pela união dos próprios membros do Canal Motoboy com o Sindicato dos Motoboys do Estado de São Paulo (SindimotoSP) para a organização do evento “Cultura Motoboy” em 2008, 2010 e 2012, em que foram

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://megafone.net/saopaulo/about>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

apresentados espetáculos de teatro, de música, saraus, debates<sup>2</sup>. Como exemplo de movimento individual, pode-se citar as ações do “Poeta dos Motoboys”, Marcelo Veronez, com a composição de músicas e poesias sobre os motoboys e a realização de entrevistas na mídia sobre o cotidiano desses profissionais.

Essas ações não se constituem somente como uma forma de falar sobre o assunto “motoboy”, divulgando a realidade, o cotidiano de trabalho, as dificuldades e os desafios da profissão, mas elas mesmas se constituem como uma prática social, visto que elas contribuem para novas configurações do espaço urbano. Dessa forma, pode-se interrogar:

Será que existe uma cultura motoboy? Qual a razão de vermos, nos últimos anos, várias produções culturais com essa temática? Estamos diante de um fenômeno social que ainda não foi totalmente interpretado? Filmes, peças de teatro, músicas, livros, personagens de novelas, documentários e, agora, uma exposição de arte? O que há de tão específico nessa nova classe de trabalhadores urbanos que faz deles sujeitos e protagonistas principais do cotidiano de nossas cidades? (SANTOS, 2007, p. 23).

Poderíamos acrescentar a esses questionamentos as seguintes perguntas: de que forma essas práticas sociais se integram na cultura urbana? Como os sujeitos expressam e constroem essas marcas culturais? E, como, baseando-se nelas, eles constroem sua própria identidade? O fato é que

[...] os motoboys são os mais visíveis de todos os protagonistas das novas práticas urbanas em São Paulo. Por mais que as pixações estejam em toda parte, em geral ninguém vê os pixadores. Já os motoboys estão sempre ali, fisicamente, ruidosamente próximos, surgindo de repente nos retrovisores. Eles são vistos com desprezo e ódio pelos outros moradores que, ao contrário dos novos exploradores urbanos, pouco apreciam o espaço público da cidade e fazem de tudo para evitá-lo. (CALDEIRA, 2012, p. 62).

Concordando com Caldeira (2012), acreditamos que os motoboys, embora, em sua maioria, residam nos bairros periféricos da cidade de São Paulo e nas cidades que estão conjoinadas à capital e que compõem a “Grande São Paulo”, são sujeitos que circulam e modificam o espaço urbano, sobretudo os centros financeiros da cidade de São Paulo. No entanto, devido às necessidades de sua atividade profissional, esses sujeitos estão quase sempre em movimento. Dessa forma,

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,motoqueiros-de-sao-paulo-farao-semana-de-cultura-em-maio,162286>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

diferentemente dos operários de uma fábrica ou dos professores de uma escola que têm como ponto de encontro o próprio ambiente de trabalho, os motoboys constroem seus espaços de sociabilidade de forma diferente, isto é, em trânsito.

Paralelo às manifestações culturais e ações individuais e coletivas dos motoboys paulistanos, há, em nossa sociedade, outro fenômeno que vem ocorrendo nas mídias digitais. Desde a popularização dos vídeos na *internet*, dos Vlogs e canais do YouTube, motociclistas iniciaram a prática de motofilmagem, que consiste na gravação de vídeos enquanto pilotam a motocicleta. O mais famoso dos canais de motofilmagem foi o produzido por Kleber Atalla, o também conhecido “Tiozão da Hornet”, um ex-motoboy que fazia vídeos trafegando em alta velocidade em cidades e estradas.

Videomakers amadores, vloggers, youtubers são as formas de nomear esses sujeitos que vêm produzindo conteúdo na internet. Para Santaella (2003), há uma mudança no papel dos sujeitos com a cultura das mídias sociais, pois o sujeito que era apenas receptor passa a ter a possibilidade de ser produtor. Muitos autores denominam essa nova forma de atuação de “cultura participativa” que pode ser definida como “a aparente ligação entre tecnologias digitais mais acessíveis, conteúdo gerado por usuários e algum tipo de alteração nas relações de poder entre os segmentos de mercado da mídia e seus consumidores” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 28).

Entretanto, atualmente, já se pode compreender que “passamos da comunicação em rede para uma socialidade moldada por plataforma, assim como uma cultura participativa para uma de conectividade” (MISKOLCI, 2016, p. 283). Considerando as postulações de Miskolci (2016) a respeito da cultura de conectividade, ressalta-se que as plataformas *online*, como é o caso do YouTube, não criam um outro espaço de produção de informações, mas ampliam a rede de relações e os espaços de sociabilidade dos sujeitos.

Dessa forma, atores sociais que não teriam meios para criar conteúdo podem sair do anonimato. Como consequência disso, novas práticas sociais e novas conexões entre os sujeitos se materializam. Especificamente sobre a plataforma *online* YouTube, que Burgess e Green (2009, p. 112) definem como um conjunto de tecnologias e rede social, pode-se acrescentar que esse “é um sítio potencial para a

cidadania cultural cosmopolita – um espaço no qual indivíduos podem representar suas identidades e perspectivas”.

É importante ressaltar, no entanto, que, apesar do otimismo de muitos estudiosos e usuários de que a internet e as mídias digitais pudessem propiciar uma ampla democratização no acesso e também liberdade na produção de conteúdo por meio da descentralização, plataformas *online* como o Facebook, o Twitter e o YouTube não deixam de ser empresas que possuem regulamentações próprias por meio de suas diretrizes e que buscam, assim como muitos de seus usuários, obter ganhos financeiros com seus produtos.

Dessa forma, questões como audiência, quantidade de inscritos, visualizações, curtidas e denúncias criam regulação e autorregulação que intervêm tanto no acesso quanto na produção de vídeos. Isto sem contar questões mais amplas como a falta de infraestrutura em cidades e comunidades que dificulta o acesso à internet de muitas pessoas e os controles que o Estado faz do que pode e do que não pode ser visto.

No caso dos canais de YouTube, os comentários em cada vídeo postado funcionam como um fórum de discussão, isto é, como um meio de comunicação bidirecional que proporciona a interação entre autores e inscritos e que, conseqüentemente, influenciam nas produções futuras do canal, configurando-se como uma forma de *feedback* importante.

Paralelo aos estudos sobre o YouTube, os blogs e os vlogs também têm sido objetos de estudos na área de comunicação e linguagem, como é o caso de Miller (2012, p. 86), que considera o blog como ação social de uma cultura emergente e como “uma contribuição contemporânea à arte do eu”. O vlog

[...] funciona sob o mesmo conceito que é um blog (a partir de um post criado pelo autor do blog, os usuários leitores fazem seus comentários), mas seus conteúdos principais são imagens audiovisuais dinâmicas. Atua como uma galeria de vídeos de curta duração. YouTube® funciona sob este princípio (IGARZA, 2008, p. 278)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Tradução livre de: “*funciona bajo el mismo concepto que un blog (a partir de un post creado por el autor del blog, los usuarios lectores hacen sus comentarios), pero sus contenidos principales son imágenes audiovisuales dinámicas. Actúa como una galería de videos de corta duración. YouTube® funciona bajo ese principio*” (IGARZA, 2008, p. 278).

De modo geral, observa-se que os autores dos vlogs planejam os temas dos vídeos previamente; em muitos, há inclusive um roteiro. Além disso, são feitas edições por meio de cortes nos vídeos, o que pressupõe planejamento do autor do canal antes da postagem; há a possibilidade de interação entre usuários e entre autor e usuários de forma sincrônica e também assíncrona nos comentários dos vídeos.

Ainda que não acreditemos na total liberdade dos usuários na produção de conteúdos digitais, as relações sociais e as práticas sociais são modificadas no contexto das mídias digitais, entendidas, por nós, como meio de conexão.

Isto posto, optamos por, nessa pesquisa, selecionar falas de motoboys ou de um motoboy levando em conta os seguintes critérios: (i) fala em que a audiência ou a audiência imaginada (BELL, 1984) não fosse a do pesquisador, mas, em alguma medida, a dos próprios motoboys; (ii) fala de alguém que tivesse alguma representatividade entre os motoboys; (iii) fala de alguém que tematizasse o motoboy; (iv) fala de alguém que fosse representativo do paulistano.

Selecionamos, então, o canal de um motoboy no YouTube: o Vlog Motoka Cachorro!!! baseando-se nesses critérios. Porém, para que isso foi possível, foi necessário que houvesse uma imersão no universo desse sujeito para que ele se transformasse em objeto. Dessa forma, foram realizadas visitas a campo na cidade de São Paulo e houve o acompanhamento de diversos meios *online* de expressão desse grupo social desde 2009.

Esse é um vlog que se difere daqueles mais conhecidos, pois, diferentemente do que é mais comum, os vídeos produzidos por esse canal não possuem roteiro e, em muitos casos, nem um planejamento prévio do tema e isso se justifica pelas circunstâncias em que são gravados: a imprevisibilidade do trânsito. Ademais, observou-se também que os vídeos possuem pouco e nenhum corte ou edição<sup>4</sup>.

Dessa forma, esse canal é o espaço em que o Motoboy<sup>5</sup> posta vídeos a partir da motofilmagem retratando seu cotidiano de trabalho enquanto narra fatos, emite suas opiniões a respeito de diversos assuntos e dá dicas de pilotagem e

---

<sup>4</sup> Convém ressaltar que todas as conclusões acerca das características do Vlog Motoka Cachorro!!! têm como referência o período compreendido entre março de 2014, momento da criação do canal, e agosto de 2017, quando o texto dessa tese foi concluído.

<sup>5</sup> Nesse texto, quando nos referimos ao Motoboy, criador e autor do canal Motoka Cachorro!!!, utilizaremos a inicial em maiúscula e, para os motoboys em geral, a inicial minúscula.

manutenção de motos. Para esses vídeos, o autor do canal tem como audiência imaginada, principalmente, outros motoboys, motociclistas em geral e apreciadores de motocicletas e velocidade no trânsito. Essa audiência pode ser parcialmente confirmada, por meio de comentários que os seguidores do canal escrevem no fórum de cada vídeo postado.

Além disso, o canal Motoka Cachorro!!!, criado em 2014, tem alta frequência de postagem de vídeos e cada vídeo possui grande quantidade de fala. Seu criador é um motoboy que sempre viveu na Grande São Paulo e, por esse motivo, também expressa a cultura e a fala paulistana. A fala direcionada a um grande público também é interessante para o nosso trabalho, pois caracteriza esse sujeito como alguém que consegue se conectar e se sociabilizar com uma grande quantidade de pessoas. Por não estar em uma entrevista sociolinguística, mas em uma situação de tensão ao pilotar uma motocicleta no trânsito da cidade de São Paulo, o sujeito também produz uma fala bastante espontânea.

Acreditamos também que esse vlog representa bem essa era da conectividade por ter vídeos produzidos nas ruas paulistanas e, ao mesmo tempo, permitir a interação entre os participantes – proprietário do canal e expectadores dos vídeos – tanto na plataforma *online* quanto nas ruas sem que se possa caracterizar, portanto, esse material como um espaço fechado em si mesmo, mas, ao contrário, ele demonstra que as relações mediadas se dão num contínuo *on-offline* tal como defendido por Miskolci (2016), assim como o próprio trabalho do motoboy que é constituído pelo movimento.

É importante ainda levar em conta que os vídeos do canal Motoka Cachorro!!! trazem a voz de um motoboy que teria pouco ou nenhum espaço nos meios de comunicação de massa verticais como a televisão, o rádio, o jornal que ainda são completamente controlados pelas elites no Brasil. Sendo assim, essas falas se constituem como oportunidade para produção de sentidos outros a respeito dos motoboys, nos mostrando, assim, como se dá a construção identitária de um sujeito-profissional. Há que se levar em conta também que esta se configura como mais um espaço de sociabilidade para os grupos sociais e que o autor do canal se coloca como um influenciador aos demais motoboys e outros grupos sociais afins.

Nesse caso, temos, portanto, um canal que se caracteriza como um vlog de um sujeito-profissional que, por meio da manipulação de recursos linguísticos,

adota um estilo que contribui para o processo de construção identitária. Assim, a fim de observar os recursos linguísticos utilizados pelo autor do canal e a sua relação com o contexto social, esta pesquisa se inscreve no domínio da Sociolinguística. Acreditamos ser relevante um estudo que busque descrever e analisar a construção identitária desse sujeito urbano por meio de sua fala.

É importante destacar que, embora essa pesquisa seja feita a partir de falas contidas em um vlog, por termos como foco a manipulação linguística para construção de estilo do falante, não abordaremos de forma mais profunda as características desse gênero textual. Por esse motivo, inclusive, optamos por utilizar a metáfora “diário moderno” para intitularmos essa pesquisa.

Recorremos, para nos ajudar a construir a análise dessa tese, a autores como Bell (1984; 1997) que estudou um mesmo leitor de notícias em dois contextos diferentes e concluiu que os falantes mudavam de estilo linguístico a depender da audiência que esperavam ter e também da intenção de se identificar com determinado grupo social; Eckert (2000; 1989) que, a partir de seu estudo com adolescentes em uma escola de subúrbio<sup>6</sup> em Detroit nos Estados Unidos, concluiu que a variação linguística entre dois grupos marcava as identidades e a distinção considerando as práticas e as ideologias constitutivas dos falantes; e Coupland (2001, 2007) que, assim como Eckert (2000; 1989), acredita que uma pessoa pode iconizar os recursos linguísticos de um grupo.

Além disso, baseando-se em Coupland (2001, 2007), compreendemos que é a partir dos estudos a respeito das escolhas estilísticas que podemos compreender as relações sociais estabelecidas entre os falantes e que os estilos e seus contextos sociais são interdependentes.

Ademais, recorremos também a autores das Ciências Sociais, tais como Barth (1969, 1981), Hall (2000; 2003; 2004), Cardoso de Oliveira (1976, 2006) e outros para compreendermos como se dá a construção identitária dos sujeitos; Chauí (2014) e Magnani (2012; 1998; 1992; 1984) para entendermos, respectivamente, a cultura

---

<sup>6</sup> Ressalta-se que a noção de subúrbio dos Estados Unidos da América não corresponde a de subúrbio brasileiro, visto que nesse último quem habita são as classes populares, enquanto que nos subúrbios norte-americanos temos a classe média habitando. Em relação às escolas dos Estados Unidos, percebe-se que são de melhor qualidade as localizadas nos subúrbios quando comparadas às dos grandes centros urbanos.

popular e a cultura urbana; e Santos (2009) e Frúgoli Jr. (2006; 2007) para construirmos um quadro contextual da cidade de São Paulo.

Admitindo os vídeos do canal como textos, isto é, como “o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2009, p. 33), recorreremos aos dispositivos analíticos da Linguística Textual para adentrar os textos e produzir análises qualitativas dos recursos textuais-discursivos. Os conceitos dos quais mais nos servimos foram os de referenciação (KOCH, 2009; APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, 1995; MONDADA & DUBOIS, 2003) e o de categorização social (ALENCAR, 2008).

Temos como pressuposto que a referenciação é uma atividade discursiva, posto que é por meio da prática social que o referente é fabricado; em outras palavras, a referenciação se dá pela construção e reconstrução dos objetos-de-discurso (KOCH, 2009). E é por meio da prática social também que se dá o processo de categorização social. Assim, com base na leitura que Alencar (2008, p. 117) faz de Schegloff (1995) e Sacks (1995), tomamos as categorias sociais como “constitutivas da construção interacional da estrutura social”. Dessa forma, julgamos importante que se analise a emergência das categorizações nos textos produzidos pelos mais diversos atores sociais.

Posto isso, essa pesquisa de doutorado tem como *objetivo geral* identificar e compreender a maneira como o Motoboy constrói sua identidade por meio dos recursos linguísticos, textuais e discursivos manipulados nos vídeos do canal Motoka Cachorro!!! considerando o contexto social da produção de fala. A partir disso, os *objetivos específicos* da pesquisa são:

1) Discutir as relações entre os conceitos de identidade, cultura e estilo com base em autores das Ciências Sociais e da Sociolinguística;

2) Construir um *corpus* adequado à análise do estilo de fala de um motoboy da cidade de São Paulo;

3) Identificar e descrever os recursos linguísticos mais explorados pelo Motoboy que configuram o seu estilo de fala;

4) Analisar os recursos textuais-discursivos, especialmente, os recursos de categorização social e referenciação discursiva, que possibilitam a autoidentificação do Motoboy e a identificação feita por ele de outros atores sociais.

Para apresentar a pesquisa, o texto foi organizado em seis capítulos. No *primeiro capítulo*, “A cidade de São Paulo e o motoboy paulistano”, são trazidos elementos para compreensão de algumas características do lugar em que objeto dessa pesquisa se insere e suas relações com a profissão de motoboy, o tomando como um ator urbano das classes populares. Além disso, será apresentado um relato das observações de campo dos motoboys da cidade de São Paulo realizadas nos anos de 2011, ainda durante a pesquisa de mestrado (LUCCA, 2012), e de 2015, já em pesquisa de doutorado.

O *segundo capítulo*, “Culturas e identidades: elementos para análise do estilo linguístico”, apresenta uma discussão teórica com base em alguns autores das Ciências Sociais, sobretudo das áreas da Antropologia e da Sociologia, a respeito dos conceitos de cultura e identidade na contemporaneidade, relacionando-os com a temática dessa pesquisa, isto é, com o popular, o urbano e o digital.

Por sua vez, o *terceiro capítulo*, “Construção identitária, estilo e cultura popular”, conduz a discussão para o referencial teórico dessa tese, a Sociolinguística, a partir de autores como Coupland (2001; 2007), Bell (1997), Eckert (2005), Bentes (2009), dentre outros. Dessa forma, busca-se refletir sobre a construção identitária por meio do conceito de estilo.

O objeto de estudo, o canal Motoka Cachorro!!!, é apresentado no *quarto capítulo*, “Motoka Cachorro: detalhando a construção de um objeto”, assim como o percurso para se chegar os nove vídeos selecionados para o *corpus* da pesquisa e as normas para transcrição do material analisado.

Os dois capítulos seguintes apresentam as descrições e análises do *corpus* de pesquisa. O *quinto capítulo*, “Manipulação de recursos linguísticos para configuração de estilo de fala”, aborda o levantamento do uso de recursos nos níveis da palavra tais como o uso do diminutivo, o uso de vários sufixos em uma mesma palavra; o uso de gírias e de palavras em inglês; e da enunciação, por meio do uso de formas de tratamento e de marcadores discursivos interacionais dos tipos interpelativos e *checking*.

O *sexto capítulo* e último, “Recursos textuais-discursivos de construção identitária: a auto e a heteroidentificação”, apresenta as análises realizadas das falas do Motoboy de forma mais qualitativa, procurando relacionar os recursos empregados

de autoidentificação e o de heteroidentificação e de retextualização com o contexto de fala.

Por fim, nas *considerações finais*: *Motoka Cachorro!!!*: “*EU TÔ AQUI PRA MOSTRAR PRA VOCÊS QUE EU...*”, trazemos uma síntese dos resultados da pesquisa, apontamentos sobre novas possibilidades de análise e questões que merecem ser investigadas, além da voz do *Motoka Cachorro!!!* para dizer aquilo que ele é e o que não é.

**A Cidade**

*O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas  
 Que cresceram com a força de pedreiros suicidas  
 Cavaleiros circulam vigiando as pessoas  
 Não importa se são ruins, nem importa se são boas  
 E a cidade se apresenta centro das ambições  
 Para mendigos ou ricos e outras armações  
 Coletivos, automóveis, motos e metrô  
 Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs*

*A cidade não para, a cidade só cresce  
 O de cima sobe e o de baixo desce  
 A cidade não para, a cidade só cresce  
 O de cima sobe e o de baixo desce*

*A cidade se encontra prostituída  
 Por aqueles que a usaram em busca de saída  
 Ilusora de pessoas de outros lugares  
 A cidade e sua fama vai além dos mares  
 No meio da esperteza internacional  
 A cidade até que não está tão mal  
 E a situação sempre mais ou menos  
 Sempre uns com mais e outros com menos*

*A cidade não para, a cidade só cresce  
 O de cima sobe e o de baixo desce  
 A cidade não para, a cidade só cresce  
 O de cima sobe e o de baixo desce*

*Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu  
 Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu  
 Pra a gente sair da lama e enfrentar os urubu*

*Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu  
 Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu  
 Pra a gente sair da lama e enfrentar os urubu*

*Num dia de sol Recife acordou  
 Com a mesma fedentina do dia anterior*

*A cidade não para, a cidade só cresce  
 O de cima sobe e o de baixo desce  
 A cidade não para, a cidade só cresce  
 O de cima sobe e o de baixo desce*

**Nação Zumbi**

## I A CIDADE DE SÃO PAULO E O MOTOBOY PAULISTANO

*Deve haver algo de podre no cerne de um sistema social que aumenta sua riqueza sem diminuir sua miséria.*

**(Karl Marx, p. 489)**

São Paulo é uma metrópole que possui grande diversidade cultural, devido a sua dimensão e diversidade populacional. A cidade recebe migrantes de todas as regiões do Brasil e imigrantes de outros países. Por essa grandeza, a cidade favorece os encontros, as trocas e os contatos os mais diversos. Contudo, por ter tido um processo de urbanização mal planejado e constantes políticas neoliberais adotadas pelo Estado, a cidade também sofre com a desigualdade social e econômica, as exclusões sociais e a violência. Pode-se afirmar, portanto, que a cidade é espaço de contradições, conflitos e, por isso mesmo, também é marcada pelas reações e resistências dos sujeitos.

Dessa forma, para pensar o vlog de um Motoboy como meio de construção de uma identidade tipicamente urbana de grandes centros e, mais especificamente, da cidade de São Paulo, há que se levar em conta as contradições da cidade e da sociedade estratificada, as relações de poder na produção cultural e os efeitos que uma expressão popular tem nas relações e interações sociais, considerando essa expressão uma reação ou resistência dentro de uma cultura da classe dominante.

Nesse capítulo, serão apresentadas e discutidas algumas das características da cidade de São Paulo, enquanto metrópole, e, em seguida, veremos como a categoria profissional motoboy se insere nesse contexto a partir de um relato das atividades de campo desenvolvidas.

### 1.1 SÃO PAULO: UMA METRÓPOLE E SUAS CONTRADIÇÕES

A cidade de São Paulo tinha, em 2016, uma população estimada em 12.038.175 habitantes<sup>7</sup>. Isso significa que essa é a cidade mais populosa da América,

---

<sup>7</sup> Fonte: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=3244>> e <<https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSP>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

deixando para trás cidades como Cidade do México e Nova Iorque com, respectivamente, 8.605.239<sup>8</sup> e 8.550.405<sup>9</sup> habitantes, sendo a décima segunda cidade mais populosa do mundo. A região metropolitana de São Paulo compreende 39 municípios que juntos somavam em 2010, ocasião do último censo demográfico do Brasil, 19.683.975<sup>10</sup> habitantes, o que corresponde à metade da população do estado de São Paulo.

Na década de 1990, momento em que a profissão de motoboy mais crescia no Brasil, Santos (2009) chamava a atenção para algumas das consequências da aglomeração paulistana. Além de ser bastante populosa e com uma área que aumentava significativamente nessa época, São Paulo era a cidade onde mais se trafegava em transportes de superfície sobre pneus, sendo campeã mundial em número de táxis e recordista no uso de automóveis. Em 1982, a circulação de veículos licenciados na cidade de São Paulo já representava quase três quartos de toda a circulação brasileira. Era possível, portanto, observar que a mobilidade urbana de São Paulo já se caracterizava pelo uso de veículos em suas vias enquanto a cidade se desenvolvia e crescia.

Outros dois dados que Santos (2009) destaca a respeito da metrópole paulistana e que têm relação com o aumento do número de motoboys em São Paulo na década de 1990 são (i) a passagem de uma cidade industrial para uma cidade informacional, devido ao aumento das atividades de serviços e (ii) o aumento da pobreza, considerando que, em 1988, 31,8% de assalariados ganhavam menos de três salários mínimos.

Para refletir sobre São Paulo como cidade informacional, Santos recorre a Barcet, Bonamy e Mayere (1984 *apud* SANTOS, 2009), que definem essa transição como a passagem de uma economia de bens para uma economia de funções. E o que caracteriza essas funções ou atividades é a sua interdependência, “uma vez que exigem fluxos de informação especializados. Trata-se, pois, de funções entre as quais muitas se caracterizam pela imaterialidade dos seus respectivos produtos ou das

---

<sup>8</sup> Fonte: <<https://www.citypopulation.de/php/mexico-mexicocity.php>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

<sup>9</sup> Fonte: <<https://www1.nyc.gov/site/planning/data-maps/nyc-population/current-future-populations.page#collapse1>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

<sup>10</sup> Fonte: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000005570808132011085431530840.v2>>. Acesso em: 04 mar. 2017.

condições de sua realização” (SANTOS, 2009, p. 40). Dessa forma, o setor de serviços se desenvolve cada vez mais em São Paulo e passa a ser o principal setor da economia da cidade. As formas de trabalho e as relações de produção se modificam e, ao mesmo tempo, a dinâmica da cidade também. Essa nova dinâmica econômica demanda “agrupamentos de atividades interdependentes” e, por esse motivo, surge a necessidade de concentração geográfica de atividades e, conseqüentemente, da criação de centros nas cidades.

A respeito dos centros econômicos de São Paulo, Frúgoli Jr. (2006) analisou as mudanças da centralidade da cidade na década de 1990 e demonstrou que essa não é uma metrópole de centro único, mas composta de centros, sendo o mais antigo o Centro Principal<sup>11</sup>. Entre 1968 e 1973, há a estruturação do Centro Paulista ao longo da Avenida Paulista e, posteriormente, na década de 1990, observa-se a configuração do Centro Berrini<sup>12</sup>. Atualmente, observa-se que, além do Centro Berrini, a Avenida Brigadeiro Faria Lima também se constituiu como centro financeiro a partir da década de 1990. Porém, essas avenidas estão saturadas de empreendimentos e, por essa razão, aos poucos a cidade está construindo novos centros financeiros.

Tendo em vista essa característica da cidade e o fato de termos uma economia de fluxos, “novas vias de circulação têm que ser criadas para que a produção possa escoar rapidamente” (SANTOS, 2009, p. 46). Assim, do ponto de vista da produção, a questão da mobilidade é central numa metrópole em que as trocas e relações são dinâmicas.

Numa economia de fluxos e de funções interdependentes, a figura do motoboy se faz cada vez mais presente nas grandes metrópoles. O trabalho do motoboy é um exemplo daquele que não produz bens, mas exerce uma função. Nesse caso específico, além de ser um trabalhador do setor de serviços, ele também é demandado pelo próprio setor de serviços. A necessidade de entrega de documentos, pequenos objetos, a realização de serviços bancários, cartorários e outros é típica dos escritórios empresariais, dos comércios tais como farmácias, restaurantes, entre

---

<sup>11</sup> Frúgoli Jr. (2006, p. 49) denomina de Centro Principal aquele que “englobava espaços como Praça da Sé, Largo da Memória, Largo de São Bento, Ruas XV de Novembro, Direita, Florêncio de Abreu e São Bento, ou seja, toda a área desenvolvida em torno do ‘Triângulo Histórico’ (formado pela confluência das Ruas Direita, XV de Novembro e Boa Vista)”.

<sup>12</sup> Avenida Luiz Carlos Berrini, na Zona Sul de São Paulo.

outros. No caso de São Paulo, devido à sua extensão e ao fato de possuir centralidades produtivas em diferentes regiões da cidade, o *office boy*<sup>13</sup>, que circula a pé ou por meio do transporte público, já não consegue mais atender à demanda da cidade. Dessa forma, o que ocorre, há algumas décadas, e com uma evolução exponencial a partir da década de 1990, são os deslocamentos dos motoboys durante o dia entre os centros paulistanos, como, por exemplo, do Centro Paulista para o Centro Berrini, e entre bairros menores e esses centros.

Além dessa transformação no setor produtivo da cidade no final do século XX, outro fator que também é característico na cidade de São Paulo é o aumento da pobreza. De acordo com Santos (2009), São Paulo exemplifica um dos problemas da modernização quando o poder público faz investimentos com a justificativa de “reabilitar” a cidade e organizar a cidade para as grandes firmas e deixa de investir naquilo que é mais necessário e urgente à população.

A modernização traz também outro efeito para as grandes cidades na medida em que se “libera e repele mão-de-obra menos qualificada nos espaços que especializa”, por meio da oferta de empregos nas atividades industrial ou agrícola, e se “encaminha grandes levas de pobres para as grandes cidades, onde se defrontam com enormes problemas para subsistir” (SANTOS, 2009, p. 47-48). Em decorrência dessa dificuldade para subsistência, Santos (2009) aponta que há o processo de exclusão social nos centros urbanos como a favelização, em que pobres se organizam em guetos, muitos dos quais desempregados ou com trabalhos precarizados.

Canclini (2005), analisando cidades do continente americano entre as décadas de 1950 e 1970, critica também a forma como a industrialização se deu. Para ele, os desenvolvimentistas tinham como objetivo industrializar as grandes cidades, como Caracas, Lima, México e São Paulo e, por isso, a população dessas cidades aumentava em 300 ou 500%, contudo não havia planejamento quanto às consequências que essa migração em massa causaria aos centros urbanos.

Quais são as condições sociais nas quais se produz a desconstrução ou a degradação das cidades na América Latina? Podemos sintetizá-las em uma palavra: informalidade. Nós que habitamos Buenos Aires, Caracas, Lima, México ou São Paulo experimentamos nas últimas

---

<sup>13</sup> A profissão de *office boy*, que literalmente significa “meninos de escritório”, ainda existe, porém ela já não atende mais à necessidade de movimentação de cidades como São Paulo. Em contextos com dimensões menores, como o interior de bairros ou mesmo cidades menores, ainda vemos esse profissional.

décadas processos de despedaçamento do tecido social, associados a táticas informais de sobrevivência que predominam sobre a regulamentação estratégica das cidades. Na maioria das urbes latino-americanas com mais de um milhão de habitantes, o que transborda e desafia as regras hegemônicas, está gerando novas representações do urbano, distintas das que nutriram suas fundações e seu desenvolvimento (CANCLINI, 2005, p. 188).

Além da falta de planejamento, as consequências desse desenvolvimentismo urbano foram perversas para a população também devido às políticas econômicas neoliberais adotadas, como a falta de investimento nos setores públicos. Esses fatores culminaram no aumento da informalidade, precarização do trabalho, aumento do desemprego e subemprego e da pobreza (CANCLINI, 2005).

Além disso, comparativamente à zona rural, as cidades decaíram em relação aos salários. Já na década de 1980, é possível observar que a remuneração na prestação de serviços era mais baixa do que na agricultura e na construção civil, sendo que, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1983 (SANTOS, 2009), eram 58% aqueles que ganhavam menos de dois salários mínimos na agricultura, enquanto eram 74% na construção civil e 79% na prestação de serviços. Sendo assim, as áreas urbanas possuíam rendas médias inferiores às das áreas rurais.

Os efeitos devastadores dessas transformações podem ser confirmados pelos dados da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) de 2002, segundo os quais, na década de 1990, 70% dos novos empregos na América Latina eram do setor informal. Sendo assim, “com essa ambivalência, a megalópole configura o público e o privado, convida-nos a compartilhar e a nos diferenciar, a participar e também a nos resignarmos com as exclusões” (CANCLINI, 2005, p. 192).

A esse processo de empobrecimento e crise de emprego nos centros urbanos, causados pelo baixo crescimento do produto interno bruto (PIB), baixas remunerações e baixos índices de qualidade de vida nas cidades comparados aos dados do campo, Santos (2009) dá o nome de involução metropolitana. Apesar de ser o grande polo econômico, o centro urbano acumula pobreza, de forma a aumentar a desigualdade econômica e social. As grandes cidades, como São Paulo, são as que possuem os salários mais altos e, ao mesmo tempo, são as que mais atraem os pobres de outros lugares que acabam servindo de mão-de-obra barata.

Essas características do processo de urbanização de São Paulo são bastantes relevantes para pensar a cultura popular da cidade (Capítulo 2), já que esta se define como processo de resistência frente à cultura da classe dominante e também como reação frente às exclusões sociais.

## 1.2 ATORES URBANOS DAS CLASSES POPULARES

Quando se propõe a observar e analisar as apropriações do espaço urbano por parte de jovens em São Paulo, Caldeira (2012) ressalta que

A desigualdade social é provavelmente a característica mais saliente das cidades brasileiras. Todavia, nas últimas décadas, ocorreram mudanças significativas, seja na forma e no significado da desigualdade, seja nas relações e espaços nos quais esta se manifesta e se reproduz. Notam-se hoje configurações inusitadas — e muitas vezes contraditórias — da desigualdade em cidades como São Paulo. Em função de tais configurações é que se podem entender os modos de intervenção urbana apropriados por grupos de jovens (CALDEIRA, 2012, p. 32-33).

Para a autora (CALDEIRA, 2012), as formas que esses grupos encontram para contestar “os limites do processo de democratização” são, muitas vezes, transgressoras em relação a determinadas normas sociais. É, no entanto, claro que esses atos se colocam como forma de intervenção urbana.

Dois grupos de jovens das camadas mais populares da cidade de São Paulo dos mais representativos são os office-boys e os motoboy. A atividade do office-boy sempre foi desempenhada por adolescentes e, em alguns casos, adultos pertencentes à classe trabalhadora e esse grupo é apontado em relatos como o precursor da pichação (CALDEIRA, 2012), o que se caracteriza como um movimento de resistência e de intervenção urbana.

Para Borelli e Ramos (1985), os office-boys dividem seu tempo entre trabalho e lazer sendo esse último o momento em que podem transgredir determinadas regras sociais. Para os autores, uma dessas transgressões é a transgressão no tempo de trabalho com paradas para jogar fliperama entre um serviço e outro. Outra dessas transgressões é a própria pichação.

Quando comparamos os office-boys com outros grupos tais como os punks, os metaleiros, os skinheads, os blacks, os funkeiros e o rappers, por exemplo, podemos notar que, além de serem unidos por uma razão profissional, esses não possuem marcas visíveis de distinção de grupo, tais como vestimentas, além disso, sua forma de ocupar o espaço urbano também é singular (FRÚGOLI Jr, 1995). Os office-boys

Dominam, talvez como nenhum outro grupo, a linguagem das ruas, porque realizam trajetos mais individualizados durante o trabalho, com eventuais encontros, e não dispõem, ao contrário dos outros grupos citados, de nenhuma marca particular de distinção na indumentária que os identifique como um grupo fechado e excludente, o que enfraquece a coesão interna, mas, por outro lado, permite maior flexibilidade e entrada em espaços mais seletivos, normalmente barrados a outros grupos (FRÚGOLI Jr, 1995, p. 69).

Dessa forma, esses atores urbanos acessam lugares e pessoas que os demais grupos não acessam. A interação entre office-boys e os demais moradores da cidade é, apesar de rápida, constante devido à natureza de sua atividade profissional.

Muitos desses office-boys quando atingem a maioridade adquirem motocicletas e tornam-se motoboys. Portanto, ainda que não se possa generalizar, boa parte dos motoboys carregam os costumes dos office-boys. De qualquer forma, vemos inúmeras semelhanças como as descritas por Frúgoli Jr. (1995). Uma das semelhanças é a prática da pichação. Em nossas pesquisas de campo, alguns motoboys relataram que fazem ou fizeram, em algum momento de suas vidas, pichações.

Diferentemente do office-boy, porém, o motoboy transita na rua e não na calçada. Dessa forma, sua interação se dá, na maior parte do tempo, com outros motociclistas e outros motoristas de veículos maiores, como carros, ônibus e caminhões. Essa interação é, por esse motivo, mais rápida e mais conflituosa, já que as motos costumam andar por entre os carros.

Isto posto, consideramos que os motoboys fazem parte da construção das novas práticas sociais urbanas e que sua forma de intervenção no espaço urbano é bastante particular, pois é caracterizada pela circulação, pelo movimento que a urgência do capitalismo exige dele.

### 1.3 O MOTOBOY PAULISTANO: OBSERVAÇÕES DE PESQUISA

O lugar dessa pesquisa, a cidade de São Paulo, é marcado, como vimos, por um processo de urbanização que culminou em grande desigualdade social, caracterizada por uma massa de pessoas com baixa qualificação profissional em trabalhos informais e pela falta de políticas públicas no sentido de inserção dessas pessoas na cidade, desde habitação até a utilização dos serviços públicos. O motoboy é um trabalhador que reflete essa desigualdade social nas grandes cidades, visto que é marcado pela expressiva informalidade, pela baixa qualificação e baixa remuneração (LUCCA, 2012).

Apesar de a profissão de motoboy ter sido regulamentada em 2009, pela Lei Federal nº 12.009, ainda é grande a informalidade. Para estar de acordo com a Lei Federal nº. 12.009, que regulamenta a profissão de Motoboy e Moto-táxi no Brasil, impõe-se a necessidade de que o profissional passe por um curso como consta no Art. 145-B “Para prestar serviço de transporte remunerado de bens em veículo automotor de duas ou três rodas, o condutor habilitado na categoria A deverá ser aprovado em curso especializado e em curso de treinamento de prática veicular em situação de risco, nos termos da normatização do CONTRAN”.

Desde a aprovação dessa lei, muitos motoboys fizeram cursos realizados pelo CONTRAN. Entretanto, houve greves e manifestações em algumas cidades do país para exigir o adiamento do prazo final para regulamentação do profissional, pois nem sempre os cursos são gratuitos e não há vagas suficientes para todos os motoboys. Há, inclusive, um número grande de profissionais que não acredita na eficácia desses cursos e das demais exigências feitas pela lei. Estes alegam que para atender à lei teriam que desembolsar um valor alto e que não há contrapartida em termos de aumento de salários.

Como representação dos motoboys de São Paulo, podemos citar o SindimotoSP, Sindicato dos Mensageiros, Motociclistas, Ciclistas e Mototaxistas de São Paulo que foi fundado em 1991 e tem, atualmente, destaque na mídia e projetos relevantes colocados em prática. Desde 2007, tem como presidente Gilberto Almeida dos Santos, dirigente que vem buscando o reconhecimento da profissão e o atendimento dos motoboys à legislação federal e às leis de trânsito. O sindicato está filiado à central sindical União Geral dos trabalhadores (UGT) que teve sua primeira

Plenária nacional em 2009 e, de acordo com pesquisa realizada por Trópia, Marcelino e Galvão (2013), não parece ter a luta contra a precarização do trabalho como questão prioritária, ao contrário disso, os 347 delegados entrevistados pareceram estar mais preocupados com questões relacionadas à organização sindical. Ao observarmos a trajetória do SindimotoSP nos últimos anos, observamos, de fato, preocupação com a organização sindical, mas também preocupação com a divulgação do sindicato. O sindicato possui página na internet em que divulga notícias, informes, possui jornal mensal, página no Facebook e o blog do presidente.

O jornal do SindimotoSP é o “A Voz do Motoboy” e é interessante notar como, por meio do nome de seu jornal, o sindicato se coloca na posição de porta-voz dos motoboys da cidade. Entretanto, embora o jornal leve a palavra “motoboy” em seu nome, é possível perceber que o uso desse termo não é tão recorrente. Em uma contagem que realizamos de uma edição do jornal<sup>14</sup>, chegamos à conclusão de que a forma nominal mais utilizada é a “motofretista”. A ocorrência de “motoboy” no jornal é de apenas quatro vezes, sendo uma delas em uma citação direta da fala da presidenta Dilma e outra em uma citação indireta da fala do presidente da UGT. Já a forma nominal “motofretista” ocorre vinte e seis vezes e é esse o termo utilizado em textos do Denatran (Departamento Nacional de Trânsito). O termo “motofrete” também é utilizado com muita frequência no texto sindical. Nessa edição, ele ocorre vinte e duas vezes, além de “setor de motofrete” utilizado quatro vezes. Vejamos dois exemplos:

**O setor de motofrete** só tem a ganhar com a regulamentação e para isso acontecer... CADA UM PRECISA FAZER SUA PARTE!

SindimotoSP reivindicará na prefeitura de São Paulo melhorias para o **motofrete** da capital

Dessa forma, notamos que, ao reportar uma notícia, uma matéria ou evento, o jornal sindical nem sempre faz modificações. Muitas vezes, ele usa as mesmas palavras que são utilizadas na legislação de trânsito. É com esse vocabulário jurídico que o texto sindical parece se identificar ao reproduzir as palavras da lei em

---

<sup>14</sup> A voz do motoboy. 40ª edição. jun de 2014. Disponível em: <<http://www.sindimotosp.com.br/informativos/Jornal/Jornal%2040.pdf>>. Acesso em 10 de jul. 2017.

seu jornal. Assim como faz quando utiliza a forma nominal “motofretista” em vez de “motoboy”, reforçando o mesmo termo utilizado pelo Denatran.

Em muitos momentos, o papel do sindicato dos motoboys foi o de apoiar o adiamento da regulamentação quanto à Lei Federal nº 12.009, como ocorreu em dois de agosto de 2012, quando houve manifestação de motoboys na Marginal Pinheiros e na Avenida Paulista e o sindicato entrou com pedido de suspensão do início da fiscalização da lei na Justiça Federal. Apesar de muitos motoboys reclamarem de todas as exigências da lei, o sindicato novamente justificou sua solicitação de adiamento da fiscalização pela falta de vagas para os cursos. Nota-se, portanto, que não houve qualquer manifestação do sindicato de oposição e combate à lei em si ou aos termos da lei. O papel de representação do sindicato é, por esse motivo, muitas vezes questionado pelos motoboys.

Nesse contexto, em que os estados e municípios tentam fornecer meios para que os motoboys se adequem à lei, mas encontram dificuldades para atender a todos os profissionais, observamos discursos midiáticos em jornais e revistas que associam os motoboys a ilegalidade, clandestinidade, criminalidade, marginalidade, desregulamentação e desorganização (LUCCA, 2012). O não cumprimento às leis é, normalmente, apontado como causa para acidentes e está associado à falta de respeito a outras normas do trânsito e também a normas sociais, de convivialidade, urbanidade.

Podem ser citadas três formas mais frequentes de atuação desse trabalhador no mercado de trabalho: como contratado de uma agência de motoboys, ou seja, prestando serviço para diversas outras empresas; como contratado de uma empresa fazendo entregas somente para esse empregador; e como autônomos, prestando serviços para empresas e pessoas físicas. Nos dois primeiros casos, a remuneração pode ser fixa ou por produção. E no terceiro caso, muitos dos motoboys não pagam a previdência social, perdendo, assim, o direito à aposentadoria e ficando descobertos em caso de acidente ou doença.

Com o surgimento dos aplicativos móveis para contratação de serviços de entregas, muitos são os motoboys que estão aderindo a essa nova forma de trabalho. Nesse caso, há uma desvantagem em relação ao autônomo tradicional, pois, além de o trabalhador não ter os direitos trabalhistas, a empresa que gerencia o aplicativo toma uma parte da taxa de entrega.

Como vimos em pesquisa anterior (LUCCA, 2012), outro ponto que marca a precariedade da profissão é a necessidade de o motoboy ter que manter sua motocicleta na maior parte dos casos. Salvo casos menos frequentes em que o motoboy utiliza a motocicleta da empresa, ele é responsável pela compra, abastecimento, manutenção e adequação da motocicleta para atender às exigências legais. Dessa forma, “o motoboy reproduz a lógica da relação de trabalho na sociedade capitalista em que o trabalhador é responsável pela reprodução de sua própria força de trabalho” (LUCCA, 2012, p. 17).

Em relação a sua inserção na cidade, observamos que os discursos que circulam sobre o Motoboy na cidade produzem imagens negativas a seu respeito, associando-o à criminalidade, aos problemas de trânsito na cidade, ao caos urbano. Dessa forma, vemos uma constante marca de segregação do motoboy na cidade. Por esse motivo, o motoboy tem dificuldade de se reconhecer como pertencente à categoria dos motoboys e, em decorrência disso, são recorrentes os sentidos de transitoriedade e de distanciamento das imagens produzidas na fala do motoboy. O enunciado “eu sou motoboy” dá lugar ao “eu estou motoboy”. Contudo, verificamos que há também a reprodução dos sentidos negativos quando os entrevistados falam sobre outros motoboys (LUCCA, 2010, 2012).

Como vimos nos estudos etnográficos de Caldeira (2012), o motoboy é marcado pelo movimento, pela circulação no espaço urbano e, em nossas análises anteriores (LUCCA, 2012, p.90), observamos, no discurso, que a “a existência do Motoboy é significada pela possibilidade de andar no espaço que existe entre dois carros em uma rua e, na impossibilidade de se pensar a moto andando atrás do carro no trânsito”, além disso, os motoboys parecem associar o prazer do trabalho não pela concretização da entrega, mas pelo percurso que é feito até que a entrega seja finalizada. Estar na moto e em movimento é o que o define. Essa forma de se movimentar na cidade e outros sentidos associados a isso, como a velocidade, a rapidez e a urgência estão presentes, portanto, também na língua, isto é, no discurso sobre e do motoboy.

Por ser uma profissão crescente, que causa acidentes graves no trânsito e que gera muitas discussões no noticiário brasileiro, ela desperta atenção na academia. Podemos citar, na literatura acadêmica brasileira, estudos sobre o motoboy

nas últimas décadas nas mais diversas áreas, como Engenharia, Sociologia, História, Psicologia, Enfermagem, Saúde Coletiva, Antropologia<sup>15</sup>.

A presente pesquisa se centra na área da Sociolinguística para compreender como se dá a construção identitária do Motoboy paulistano a partir da linguagem, mais especificamente, dos recursos manipulados pelo falante, manipulação esta que resulta na construção de um estilo próprio. Para isso, são feitas análises de vídeos produzidos por um Motoboy, mas também, antes disso, foram feitas observações de campo na cidade de São Paulo, com a finalidade de conhecer melhor o dia a dia de trabalho e a diversidade desses sujeitos-trabalhadores. A seguir veremos uma síntese dessa atividade de observação.

#### **1.4 RELATO DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO EM SÃO PAULO**

A primeira observação de campo realizada para fins de pesquisa ocorreu em fevereiro de 2011, ainda no mestrado. Nessa oportunidade, visitamos três agências de motoboys, uma delas na região da Vila Catarina e duas delas na região do Brooklin Paulista e uma empresa que contratava os serviços de um motoboy autônomo na região da Lapa.

As duas agências de motoboy localizadas na região do Brooklin Paulista estavam próximas do Centro Berrini e ambas contratavam os motoboys e os registravam; porém, a agência (1) pagava um salário fixo mensal e disponibilizava as motos da empresa aos motoboys enquanto que a outra (2) pagava por produção e as motos utilizadas nas entregas pertenciam aos próprios motoboys. O ambiente das duas agências era semelhante: algumas cadeiras ou sofás em que os motoboys ficavam sentados aguardando as ordens de serviço (OS). As motos ficavam estacionadas no corredor da agência e outros funcionários cuidavam do atendimento telefônico e da organização das OS. O fluxo de entrada e saída de motoboys era grande e, na agência (2), a quantidade de motoboys aguardando serviço era maior. Já na agência (1), era evidente que havia uma maior preocupação com a logística de entregas e, por esse motivo, os motoboys não ficavam parados por muito tempo.

---

<sup>15</sup> Cf., dentre outros autores, Diniz (2003), Moraes (2008), Silva (2010) e Godoi (2012).

A agência (3), localizada numa região mais distante dos centros financeiros da cidade, era menor e tinha poucos motoboys. Além disso, ela tinha também o serviço de entregas por carro. Era pequena e com pouco espaço para circulação em seu interior.

Nessa ocasião, foram realizadas cinco entrevistas, sendo três com motoboys (agências 1 e 2 e motoboy autônomo) e duas delas com os proprietários das agências (agências 1 e 3). A partir dessas conversas, foi possível verificar a diversidade de formas de trabalho do motoboy e foi possível notar também que é não é raro o dono de uma agência de motoboys ser um ex-motoboy. Além disso, os relatos mostraram que é comum o motoboy mudar de forma de trabalho como, por exemplo, sair de uma agência e ser contratado por uma empresa ou se tornar autônomo. O motoboy das agências eram, normalmente, iniciantes na profissão.

Num segundo momento, já em 2015, foi feita observação do fluxo de motoboys em alguns bolsões no Centro da Paulista, sendo o mais movimentado deles o bolsão em frente ao Conjunto Nacional. Nessas ocasiões, foi possível conversar rapidamente com 20 motoboys (aproximadamente 10 minutos) e mais demoradamente com 2 motoboys e um guardador de motos.

De modo geral, é possível constatar que esta é uma profissão majoritariamente exercida por homens. Apesar de ser sabido que há mulheres na profissão, em nenhuma das ocasiões foram vistas mulheres trabalhando. A idade dos motoboys observados variava bastante entre 21 e 48 anos. E o local de residência de todos os motoboys era bastante afastado dos centros financeiros da cidade. Alguns deles moravam em cidades da região metropolitana, como Osasco, Santo André, Taboão da Serra, Mogi das Cruzes.

Após o horário comercial, por volta das 18 horas, foi possível ter uma conversa mais longa com dois motoboys e o guardador de motos de um bolsão. Durante essa conversa, surgiu o assunto a respeito do “Tiozão da Hornet”, também conhecido como “Klebão”, motoboy que ficou conhecido pelos vídeos que postava no YouTube, dando início ao sucesso da motofilmagem no Brasil. Nessa conversa, ficou evidente que motoboys e outros motociclistas tinham o costume de assistir a vídeos sobre motocicletas e velocidade na internet. Ao mesmo tempo que demonstravam admiração pela coragem com que o motofilmador conduzia a moto em alta velocidade, também relatavam que era uma atitude perigosa.

Em outro momento da conversa, um dos motoboys relatou que naquela semana um colega de trabalho havia falecido em um acidente de trânsito em horário de trabalho. Esses assuntos, como velocidade, acidente e riscos da profissão foram, portanto, tematizados pelos próprios motoboys.

Nesses dois períodos de trabalhos de campo, foi possível perceber que, pela presença de um interlocutor diferente, no caso uma pesquisadora, havia um monitoramento bastante relevante da fala dos motoboys. Dessa forma, seria possível, por meio de questionários, conhecer mais sobre o perfil dos motoboys, mas, para captar a fala menos monitorada, ou a *casual speech*, tal como definida por Labov (2001), seria difícil nessa interação entre pesquisadora e pesquisados pelas diferenças em relação aos papéis sociais de ambos os atores e pela diferença de gênero.

Tendo em vista que nosso objetivo é o de compreender a construção identitária do motoboy paulistano, o canal selecionado para pesquisa, Motoka Cachorro!!!, fornece, ao contrário das entrevistas e questionários, vídeos em que o Motoboy se grava durante seu cotidiano de trabalho em uma interação em que tem como audiência seus pares, isto é, seu grupo de pertencimento: outros motoboys ou mesmo outros motociclistas. Dessa forma, é possível ter contato com uma fala menos monitorada.

A seguir, para compreendermos a forma como o motoboy-autor dos vídeos constrói a identidade por meio de sua fala, veremos como a literatura pode nos auxiliar na discussão a respeito da relação entre culturas e identidades na contemporaneidade.

**Identidade**

*Preciso ser um outro  
para ser eu mesmo*

*Sou grão de rocha  
Sou o vento que a desgasta*

*Sou pólen sem insecto*

*Sou areia sustentando  
o sexo das árvores*

*Existo onde me desconheço  
aguardando pelo meu passado  
ansiando a esperança do futuro*

*No mundo que combato morro  
no mundo por que luto nasço*

**Mia Couto**

## II CULTURAS E IDENTIDADES: ELEMENTOS PARA ANÁLISE DO ESTILO LINGUÍSTICO

### 2.1 CULTURA: UM CONCEITO EM DISPUTA

Até a primeira metade do século XVII, a palavra cultura era, normalmente, associada ao ato de cultivar a terra. Posteriormente, o termo incorpora seu sentido figurado e passa a também significar a formação, a educação do espírito no sentido de ação de instruir. Na França, cultura era associada às ideias de progresso social, evolução unilinear, educação e razão. Os iluministas concebiam a cultura como um caráter distintivo da espécie humana. Para eles, cultura “é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história” (CUCHE, 1999, p. 21). Refletindo os pensamentos de universalismo e de humanismo próprios da época, os iluministas empregam o termo “cultura” no singular e expressam o otimismo do momento, ao acreditar que a cultura cada vez mais abrangente levaria ao progresso e assim seria possível vislumbrar o futuro perfeito do ser humano.

Enquanto isso, na Alemanha, os românticos associam *Kultur* às características de cada povo e, por isso, em contraposição ao universalismo iluminista, defendiam o particularismo. De acordo com Cuche (1999, p. 27), essa posição se tornaria mais recorrente no século XIX e, para exemplificar, cita Johann Gottfried Herder que, em 1774, ilustra de forma emblemática que cada povo tem um destino específico a alcançar, já que possuem características próprias. Dessa forma, o alemão pode ser considerado o precursor do conceito relativista de “cultura”, opondo singular/plural (a cultura/as culturas). Expondo suas ideias, Herder (*apud* Cuche, 1999) faz crítica ao universalismo uniformizante do Iluminismo. No entanto, apesar da influência alemã, o paradigma universalista permanece durante os séculos XVIII e XIX, principalmente na França. Os franceses minimizam os particularistas culturais e continuam a utilizar o termo cultura enquanto a “cultura da humanidade”.

Além dessas duas formas opostas de compreender a cultura ou as culturas, há também no debate a oposição entre as concepções dos iluministas e dos românticos quanto à relação entre os termos cultura e civilização. Para iluministas

como Voltaire e Kant, trata-se do mesmo processo de progresso na sociedade. Assim, cultura seria a medida de uma civilização, isto é, forma de avaliar, comparar e classificar as civilizações (CHAUI, 2014). Assim, “a cultura vai, pouco a pouco, designando os indivíduos educados intelectual e artisticamente, constituindo as ‘humanidades’, apanágio do homem ‘culto’, em contraposição ao homem ‘inculto” (CHAUI, 2014, p. 19). O termo estaria, portanto, relacionado ao progresso intelectual e espiritual, “o processo secular de desenvolvimento humano, como em cultura e civilização europeia” (CEVASCO, 2016, p. 10). De forma oposta, o romantismo tende a uma separação entre “civilização” e “cultura”. Enquanto civilização seria a convenção e as instituições sociopolíticas, cultura estaria mais relacionada ao que é natural, aos aspectos espirituais, ao sentimento, à subjetividade ou ao que é próprio do homem.

A Antropologia, como campo profissional, surge na segunda metade do século XIX, influenciada pelas ideias evolucionistas e pelas ciências naturais. O evolucionismo unilinear defendia que as culturas seriam criadas independentemente uma das outras e seguiram o percurso dos estágios de selvageria, barbárie e civilização. Essa concepção está de acordo com as ideias iluministas de progresso, já que para os evolucionistas as culturas estariam em constante progresso até chegarem ao estágio da cultura ocidental. As ciências naturais e o darwinismo influenciaram o evolucionismo, pois a evolução das culturas era considerada um resultado da evolução biológica, em que os mais aptos sobreviveriam. É dentro desse contexto que o termo “cultura” é conceituado pela primeira vez por Edward Burnett Tylor, criador da Antropologia Evolucionista, do paradigma da Antropologia Social Britânica. Para Tylor (1871 *apud* CUCHE, 1999, p. 35),

[...] cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, os direitos, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade.

Já não se percebe, nessa conceituação, a distinção entre cultura e civilização. Cultura é considerada um processo cumulativo de conhecimentos e práticas resultante das interações entre o homem e o mundo; e um processo de transmissão das realizações, produções e manifestações produzidas pelo homem de gerações em gerações através da linguagem e da história. Essa definição descritiva

de cultura segue a concepção universalista de cultura dos Iluministas do século XVIII. A unidade é privilegiada e a diversidade minimizada ao ser considerada temporária. Segundo Velho e Viveiros de Castro (1978), esse início da Antropologia é marcado pela tentativa de reduzir a diferença cultural e tem como pano de fundo a expansão do capitalismo para as colônias.

A gênese da Antropologia se faz em um momento em que a relação com as colônias muda de sentido — tratava-se agora de transformar as populações coloniais, adequá-las ao sistema capitalista, não apenas como ocupantes indesejáveis de território a ser predado, ou como fonte de mão-de-obra escrava, mas como participantes em um grande mercado internacional, aonde também serão consumidores, tendo que, mal ou bem, adotar valores de uma cultura ocidental. A unidade do gênero humano, assim, não deixava de encobrir, sob a capa piedosa do cristianismo ou do cientificismo, uma necessidade histórica da expansão colonial (VELHO; VIVEIROS DE CASTRO, 1978, p. 5)

Desafiando o evolucionismo e a visão universalista de cultura, no fim do século XIX, Franz Boas traz outra concepção de cultura mais próxima àquela marginalizada dos autores alemães. A teoria de Boas se define dentro do particularismo histórico, na escola norte-americana, que, além de rejeitar o evolucionismo, dominou a antropologia durante a primeira metade do século XX. Nessa concepção, cultura tem uma história particular e a difusão de traços culturais pode ter lugar em qualquer direção, até mesmo do complexo para o simples. Dessa forma, Boas se aproxima da visão relativista de cultura ao tomar como estudo “as culturas” e não “a cultura”. Como observa Cucho (1999, p. 43), Boas “recusava qualquer generalização que não pudesse ser demonstrada empiricamente”. Para esse antropólogo, cada cultura possui um estilo próprio expresso pela língua, pelas crenças, costumes e pela arte, o qual deve ser respeitado.

Seguindo essa concepção relativista de cultura, antropólogos como Margaret Mead, Ruth Benedict e Bronislaw Malinowski detalharam como funcionavam as estruturas complexas, orgânicas e lógicas das “culturas primitivas” e reforçavam uma das características distintivas entre essas culturas e a cultura ocidental: a harmonia e pacificidade nas relações. Sendo assim, o universalismo, o racionalismo e as ideias de progresso do Iluminismo e do evolucionismo são colocados em questão pelo relativismo cultural. Dessa forma, o debate atual sobre cultura, por meio do relativismo, não tem mais como foco “a conciliação de todos nem a luta por uma

cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais e regionais” (CEVASCO, 2016, p. 24).

A antropologia moderna, no entanto, não constrói um consenso em torno do conceito de cultura. Foram muitas as teorias e abordagens elaboradas nas últimas décadas do século XX. Roger Keesing (1974 *apud* LARAIA, 1986) as divide em dois grupos: aquelas que compreendem cultura como sistema adaptativo tendo em vista “a tecnologia, a economia de subsistência e os elementos da organização social diretamente ligada à produção” e aquelas consideradas idealistas. As idealistas se subdividem em três abordagens: a dos que compreendem cultura como sistema cognitivo, ou seja, como conjunto de conhecimentos necessários para operar em sociedade; a dos que compreendem cultura como sistemas estruturais, abordagem da qual Claude Lévi-Strauss é precursor; e a daqueles que compreendem cultura como sistemas simbólicos. É a partir desta última abordagem que temos uma das conceituações mais reconhecidas de cultura na contemporaneidade, a teoria interpretativa de Clifford Geertz.

A teoria de Lévi-Strauss concebe cultura como sistemas estruturais, ou seja, conjunto de códigos ou regras que formam uma totalidade e que permitem a interpretação da realidade, e se aproxima da teoria de “todo complexo” de Tylor, o que, de acordo com Velho e Viveiros de Castro (1978), revolucionou a Antropologia moderna, apesar de deixar algumas lacunas quando nos deparamos com sociedades complexas em que há diversificação interna devido à divisão do trabalho e ao desenvolvimento de forças produtivas na sociedade urbana industrial.

Geertz (1978) formula o conceito de cultura como sistemas simbólicos e como “teia de significados”. O autor parte do pressuposto de que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu e conceitua cultura como sendo essas teias. Para ele, o homem precisa dos padrões culturais para ser governado, por isso a cultura é condição para a existência humana, um ingrediente essencial. Os sistemas de símbolos significantes como a linguagem, a arte, os mitos e os rituais que compõem a cultura de cada sociedade são necessários para a orientação, a comunicação e o autocontrole. Geertz propõe o estudo da cultura como uma análise interpretativa, à procura do significado.

Velho (2004, p. 105, *itálicos do autor*) defende que “existe uma *produção simbólica* e um *sistema de símbolos* que dão as indicações e contornos de grupos

sociais e sociedades específicas”. Portanto, para o autor, não se pode entender cultura como um repertório estático de hábitos e costumes ou uma coleção de objetos e tradições, mas sim como código, sistema de comunicação, elemento através do qual a vida social processa a simbolização.

A partir dessas abordagens da Antropologia moderna, há uma ruptura com uma concepção etnocêntrica de cultura. Entretanto, por outro lado, essa ruptura gerou inúmeras reações críticas. Geertz (1984) vê nas críticas anti-relativistas um medo exagerado ao que poderia sucumbir em niilismo. Para ele, a ideia de relativismo foi mal definida e, por isso, incomodou outros intelectuais. Sem pretender defender o relativismo cultural, o autor discorre, no entanto, sobre qual seria o real intuito daqueles que ficaram conhecidos como relativistas:

Os chamados relativistas querem é que nos preocupemos com o provincianismo – o perigo de que nossas percepções fiquem entorpecidas, nossos intelectos contraídos e nossas simpatias estreitadas pelas aceitações superadas e supervalorizadas de nossa própria sociedade (GEERTZ, 1984, p. 265)<sup>16</sup>.

De fato, a contribuição dos estudos antropológicos modernos é significativa para refletir sobre cultura em sua diversidade, porém, ao mesmo tempo, é preciso que não se corra o risco de conceber cultura como algo neutro. Para Cevalco (2016, p. 25), tanto os pós-modernos de abordagem relativista cultural quanto aqueles que defendem cultura como “reino onde seríamos todos humanos juntos e a partir do qual se julgaria a sociedade e, a longo prazo, se a modificaria” acabam por deixar de lado “o domínio da economia e da coerção do poder do Estado que a serve. São estes, no fim das contas, que articulam as mudanças sociais na direção de seus interesses”.

Assim, quando se parte da análise de cultura numa sociedade de classes no sistema capitalista, é preciso que se levem em conta as contradições e relações de poder envolvidas. Nesse contexto, para Velho e Viveiros de Castro (1978, p. 6), cultura e ideologia são conceitos que têm um funcionamento social diferente. Assim, considerando a existência de uma ideologia burguesa dominante, seu modo de vida, valores e visão de mundo constituiriam uma cultura dominante. No entanto, a cultura burguesa dominante traz em si valores e tradições diversas daqueles que marcam

---

<sup>16</sup> Tradução livre de “*What the relativists, so-called, want us to worry about is provincialism – the danger that our perceptions will be dulled, our intellects constricted, and our sympathies narrowed by the overlearned and overvalued acceptances of our own society*” (GEERTZ, 1984, p. 265).

sua condição de classe. Dessa forma, a própria cultura dominante é marcada por contradições, pois é composta por “experiências aristocráticas, contemporâneas ou não, operárias, camponesas ou indígenas, e na própria medida em que está se falando de capitalismo, o foco da produção simbólica são as relações de produção inclusive com os conflitos existentes”. Portanto, ideologia representa instrumento de dominação da classe burguesa e a cultura dessa classe “abarca manifestações dos grupos sociais mais variados, podendo se confundir em um determinado momento histórico com a cultura nacional”.

## 2.2 CULTURA POPULAR URBANA

Quando se fala em cultura, é recorrente o uso da distinção entre o que seria a cultura popular e a cultura erudita, sendo a primeira considerada aquela mais rústica, menos elaborada, porém, por vezes, definida como aquela que representa o tradicional, o autêntico, e a segunda, ao contrário, com maior valor estético e criativo, mas também vista como mais artificial, decadente. Essa dicotomia seria, no entanto, vaga, considerando que a classe dominante é, em seu interior, diversa, assim como a classe trabalhadora (VELHO; VIVEIROS DE CASTRO, 1978).

Para tratar a questão da cultura popular, Chaui (2014, p.20) lembra a dualidade entre povo-povinho desde distinção romana entre *populus* e *plebs* em que povo definiria “a instância jurídico-política legisladora, soberana e legitimadora dos governos, e a plebe como dispersão de indivíduos desprovidos de cidadania, multidão anônima que espreita o poder e reivindica direitos tácitos”. O Iluminismo (BARBEIRO, 1985 *apud* CHAUI, 2014) defendia que “o povo” deveria assumir a tarefa política por ser o grupo dotado de razão enquanto “o povinho” deveria apenas ter suas necessidades básicas supridas e ser educado para conter seu desejo de igualitarismo através da disciplina do trabalho industrial.

Já os românticos viam o popular como puro, simples e, por isso, capaz de quebrar com o racionalismo e o utilitarismo do Iluminismo. A partir da concepção romântica,

[...] delineiam-se os traços principais do que se tornou a cultura popular: primitivismo (isto é, a ideia de que a cultura popular é retomada e preservação de tradições que, sem o povo, teriam sido perdidas), comunitarismo (isto é, a criação popular nunca é individual,

mas coletiva e anônima, pois é manifestação espontânea da natural e do Espírito do Povo) e purismo (isto é, o povo por excelência é o povo pré-capitalista, que foi contaminado pelos hábitos da vida urbana – na Europa, foram os camponeses que, vivendo próximos da natureza e sem contato com estranhos, preservaram os costumes primitivos em sua pureza original; na América Latina, foram os índios, “*raices de America*”) (CHAUI, 2014, p. 24).

Chauí (2014, p. 24) também observa que, no Brasil, tanto a concepção romântica quanto a iluminista vão definir “cultura popular”, pois há, normalmente, a visão de que “a razão ‘vai ao povo’ para educar sua sensibilidade tosca (eis o papel das vanguardas políticas), e o sentimento ‘vai às elites’ para humanizá-las (eis o papel das vanguardas artísticas)”. Ambos os grupos perdem, no entanto, “o essencial: as diferenças culturais postas pelo movimento histórico-social de uma sociedade de classes” (CHAUI, 2014, p. 27). Não se pode afirmar, portanto, que haja uma cultura popular da classe trabalhadora “íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominação culturais” (HALL, 2003, p. 254), assim como também não é possível asseverar que a cultura popular seja totalmente encapsulada pela indústria capitalista; essa última ideia, segundo Hall, pressupõe um povo passivo e com pouca força para resistência.

A cultura popular, ao contrário disso, funciona num duplo movimento que ora contém ora resiste. Para Hall (2003, p. 255),

[...] há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cercá-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas.

Tendo em vista esse processo histórico-dialético da cultura, Hall (2003) amplia a definição mais clássica da Antropologia de cultura popular como as coisas que o povo faz, ao ressaltar a tensão contínua da cultura popular com a cultura dominante<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Pode-se acrescentar que esse movimento de contenção e resistência também é observado em relação às variedades linguísticas em que temos a contínua tensão entre as variedades mais populares e a variedade dominante.

Da mesma forma, pensando o Brasil como sociedade desigual e autoritária, dentro de um sistema estratificado de classes e inspirada no conceito de hegemonia e contra-hegemonia de Antonio Gramsci, Chauí (2014) vê cultura popular como expressão de resistência da classe trabalhadora, estando cultura dominante e cultura popular inseridas numa mesma cultura. Essa resistência pode acontecer tanto de forma individual por meio de expressões de rua, humor ou coletivas, por meio de grupos organizados.

Trazendo a cultura popular para o espaço urbano, temos que considerar que as cidades são construídas nas relações e interações de forma contínua. Por isso, por mais que a resistência da cultura popular possa se manifestar de forma individual, sua recepção e apropriação se dará de forma coletiva por uma grande quantidade de pessoas. É o caso dos grafites e pichações que, realizados por uma pessoa ou grupos pequenos, causam reações, positiva ou negativa, em milhares de outras pessoas que por ali circulam.

A dinâmica urbana possui, portanto, essa característica da quantidade. “Em vez de anomia, isolamento ou fragmentação, o que se vê [principalmente no contexto dos grandes centros] são regularidades, arranjos coletivos, oportunidades e espaços de trocas e encontros” (MAGNANI, 2012, p. 251). Para Georg Simmel (2006, *apud* FRÚGOLI Jr., 2007, p. 11), a “sociedade não é composta apenas por indivíduos, e sim por indivíduos em interação”, sendo que essas interações são recíprocas e acontecem de forma contínua. A essa concepção Simmel dá o nome de sociabilidade. E essas associações é que formariam a unidade, porém uma unidade em que há diversidade e em que as pessoas se inserem em múltiplos espaços diversos entre si.

Ao trazer a sociabilidade para pensar a experiência urbana, Joseph (2005, *apud* FRÚGOLI Jr., 2007) define os temas “trânsito”, “estrangeiro” e “conversa”, retomando Simmel. Para este autor (JOSEPH, 2005 *apud* FRÚGOLI Jr., 2007), “trânsito” é a multiplicidade de contatos no espaço urbano e ao mesmo tempo a reserva que permite encontros seletivos e contatos significativos entre pessoas, grupos e coletivos de forma ordenada. A noção de “estrangeiro” é típica das grandes metrópoles em que os laços sociais são mais frágeis a depender da relação identitária que se estabelece entre os estranhos. E a “conversa”, ao contrário, é a possibilidade de se construir uma igualdade, ainda que temporária, por meio da sociabilidade.

Como é possível notar, a concepção do sociólogo francês Isaac Joseph de sociabilidade considera o “nós” como aquilo que surge do encontro público entre os cidadãos que se locomovem pelo espaço diferentemente da compreensão iluminista que pensa o “nós” como algo já constituído. A ideia de movimento que tanto constitui as atividades dos motoboys pode ser, portanto, pensada como forma de sociabilidade dos cidadãos de forma geral.

Um contraponto à concepção de Joseph (2005 *apud* FRÚGOLI Jr., 2007) de cidade enquanto espaço de construção de relações ampliadas, como é o caso das vizinhanças, é que “em várias outras situações, principalmente quando em circulação por outros espaços urbanos, os mesmos [sujeitos] enfrentam contextos de reserva, estranheza e distanciamento” (FRÚGOLI JR. 2007, p. 54).

Dessa forma, a cidade representa a desigualdade, as contradições sociais da sociedade e, por isso, são importantes os estudos que focam nos problemas, na precariedade da cidade, embora ela não seja só caos e desorganização. Há também vida, movimentos sociais e resistências por meio das novas formas de ocupar e transitar no urbano. Por meio da sociabilidade urbana, é possível identificar inúmeros exemplos de “usos e arranjos não previstos pelas regras e destinação do espaço” (MAGNANI, 1998, p. 68).

As práticas urbanas revelam, portanto, que a experiência da rua não deixou de existir nas grandes metrópoles, pelo contrário, houve uma diversificação e adaptação às novas circunstâncias, por meio de novas modalidades e novos diálogos (MAGNANI, 1998). A antropologia urbana contribui, dessa forma, para mostrar o que há de resistência dentro dos grandes centros urbanos por meio das transformações na cultura urbana.

Sob influência dos estudos etnográficos urbanos, portanto, consideramos que, na cidade, existem “grupos, redes, sistemas de troca, pontos de encontro, instituições, arranjos e muitas outras mediações por meio das quais aquela entidade abstrata chamada indivíduo participa efetivamente da cidade em seu cotidiano” (MAGNANI, 2012, p. 267). Tendo isso em vista, pensamos o motoboy como ator social que faz parte da dinâmica urbana ao fazer uso das diversas esferas da cidade, a do trabalho, a da cultura e das estratégias de sobrevivência.

Para analisar a experiência da rua no espaço urbano, pode-se recorrer a teoria de DaMatta (1997) e sua importante contribuição para a Antropologia Brasileira

com seu estudo sobre a violência na sociedade brasileira e distinção que faz das noções de rua, casa e o outro mundo da década de 1970. A casa representa aquilo que é pessoal, familiar e, por isso, avesso à mudança e à história, à economia, ao individualismo e ao progresso; já a rua é o espaço formal, da lei, do mercado, da história linear e do progresso individualista e sociabilidade capitalista. E o outro mundo é definido pelo que é sagrado, espiritual e, portanto, pela renúncia ao mundo.

Ampliando a distinção rua *versus* casa de DaMatta, Magnani (2012) traz a noção de pedaço, domínio intermediário entre a rua e a casa, em estudo publicado originalmente em 1984<sup>18</sup>. “O *pedaço*<sup>19</sup> é o lugar dos *colegas*, dos *chegados*. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer” (MAGNANI, 2012, p. 89, itálicos do autor). Diferentemente do espaço da vizinhança em que as pessoas se conhecem, no pedaço, por meio de compartilhamento dos mesmos símbolos, seus frequentadores se reconhecem pela semelhança de gostos, valores, hábitos, modos de vida.

Considerando a sociedade de classes, temos que “o ‘mundo da rua’ não é senão o ‘mundo da casa’ da classe dominante” (CHAUI, 2014, p.114) e, por isso mesmo também, é nesse espaço em que ocorre a resistência. Para Chauí (2014, p. 114-115, itálicos da autora), “é porque o direito aos direitos é recusado pela *rua deles*, isto é, pela sociedade global, que a periferia organiza o *pedaço*, no qual não prevalecem apenas as relações do ‘mundo da casa’, mas estas se combinam para criar uma *outra rua*”.

### 2.3 CULTURA E AS MÍDIAS DIGITAIS

Com o crescimento das redes digitais, havia quem pensasse que a rua estaria esvaziada e que os encontros face a face diminuiriam, porém, alguns estudos mostram que a rede digital “não apenas não substituiu os encontros *off-line* como até os incentivou, elevando as conexões a níveis exponenciais” (MAGNANI, 2012, p. 323).

---

<sup>18</sup> Cf. MAGNANI (1984).

<sup>19</sup> Pedaço não se confunde com “tribo urbana” que, segundo Magnani (1992, p. 51), não é um termo “adequado para designar, de forma unívoca e consistente, nenhum grupo ou comportamento no contexto de práticas urbanas. Pode constituir um ponto de partida mas não de chegada, pois não constitui um instrumento capaz de descrever, classificar e explicar as realidades que comumente abrange”.

Um exemplo disso são os “rolezinhos”<sup>20</sup> nos *shoppings centers* e as diversas manifestações e passeatas organizados por meio de redes sociais.

Assim como as sociabilidades urbanas tradicionais, as sociabilidades virtuais “são baseadas em laços sociais que giram em torno de interesses particulares, com vínculos sociais escolhidos através de julgamentos em face ao que o outro divulga de si no ciberespaço” (RECUERO, 2004, p. 10). É preciso, no entanto, considerar-se que a noção de ciberespaço instalou “a oposição equivocada do real/virtual, a qual dissocia esferas ao invés de focar em seu caráter relacional e auto-influenciador” (MISKOLCI, 2016, p. 284), ao levar a uma concepção de outro espaço separado daquele que seria o real, quando o que vemos é que as mídias digitais se constituem como ferramentas.

Magnani (2012) sugere que as comunidades digitais podem ser comparadas aos pedaços; seriam, portanto, “pedaços virtuais”. A própria navegação pela internet poderia ser pensada como *trajeto*, isto é, os fluxos recorrentes, e o pertencimento a um conjunto de comunidades virtuais poderia ser definido como *circuito*, fazendo um paralelo com o espaço físico da cidade, o conjunto de estabelecimentos, equipamentos e espaços que, apesar de não estarem necessariamente próximos, são reconhecidos por seus usuários, como é o caso do circuito gay, dos shows black, evangélicos gospel, etc. Dessa forma, “os vínculos de sociabilidade podem ser construídos e cultivados combinando diversas estratégias e formas de articulação, on e off-line” (MAGNANI, 2012, p.194).

A nosso ver, o canal Motoka Cachorro!!!, por meio do qual instituímos nosso objeto de estudo, é uma parte do *pedaço* dos motoboys, pois se constitui como espaço de interação entre pessoas com os mesmos interesses, no caso, o interesse pela motocicleta e pela profissão de motoboy, considerando que esse espaço não é pré-estabelecido, mas se constrói e se reconstrói justamente na interação entre os sujeitos.

---

<sup>20</sup> Os “rolezinhos” nos shopping centers na cidade de São Paulo e que depois se espalharam para outras cidades do Brasil se iniciaram no fim de 2013 e tinham como forma de organização as redes sociais na internet. Houve forte pressão policial e discussão a respeito da discriminação social e racial, visto que, inicialmente, os rolezinhos eram chamados por MCs. Cf., dentre outros, Caldeira (2014).

## 2.4 IDENTIDADES

A partir da conceituação de cultura como um conjunto simbólico de significações, podemos afirmar que as pessoas estão envoltas em teias de significados simbólicos e que essas teias estão sendo continuamente reelaboradas. Esses significados permitem que os indivíduos se sintam participantes de uma determinada cultura. É esse sentimento de pertencimento que dá origem àquilo que se chama de identidade. Fazer parte de um *pedaço* proporciona ao indivíduo o sentimento de pertença a um determinado grupo social, pois há o reconhecimento de si no outro. Identidade é, pois, auto-reconhecimento de indivíduos ou atores sociais.

Apesar de ter sido inicialmente explorado pela filosofia e pela psicologia, o conceito de identidade foi bastante ampliado pela Antropologia e pela Sociologia. As Ciências Sociais, de modo geral, desconstruíram o objeto de estudo “identidade” que antes era visto como um fenômeno natural. No entanto, hoje, tanto as Ciências Sociais quanto a Linguística, a Filosofia e a Psicologia têm questionado as causas e consequências da constante construção e reconstrução da identidade pelas sociedades a partir de suas próprias realidades.

O conceito de identidade começa a ser estudado na modernidade. Um dos principais autores que estudam o assunto na Antropologia é Lévi-Strauss (1977), que organizou o seminário *L'identité*. Para Lévi-Strauss (1977, p. 10), a identidade é definida como um elemento do universalismo, como o “mínimo de identidade” que constitui a unidade do humano e faz com que as mais diferentes experiências humanas sejam “ao menos em parte, mutuamente inteligíveis”. A identidade é ainda “uma espécie de abrigo virtual ao qual é indispensável nos referirmos para explicar um determinado número de coisas, sem que este tenha jamais uma existência real” (LÉVI-STRAUSS, 1977, p. 332).

Já sob a visão da Antropologia Social Britânica e buscando compreender a identidade étnica, Fredrik Barth define identidade de forma relacional ou construtiva, ou seja, por meio das relações entre os grupos sociais. Essa visão observa a relação dialética entre identidade e alteridade, pois não há identidade em si, ela é construída e reconstruída pelos atores sociais quando estes se relacionam com outros grupos sociais. Conforme esse autor, se considerarmos a etnicidade como um conceito de organização social, será possível descrever fronteiras e as relações dos grupos

sociais em termos de contrastes altamente seletivos, que são utilizados para constituir as identidades e os intercâmbios culturais (BARTH, 1969).

Embora essas constatações de Lévi-Strauss e de Barth, citadas frequentemente nas pesquisas a respeito da identidade, focando principalmente na identidade étnica, sejam essenciais para a compreensão desse termo, a Antropologia e todas as outras áreas de estudo que o tomam como objeto de pesquisa defrontam-se com um contexto inédito na história. Na contemporaneidade, emergem a todo o momento movimentos identitários de caráter étnico, regional, religioso, entre outros, os quais introduzem novos mapas de socialização e de expressão dos sujeitos. As diversas áreas de estudo são desafiadas por um novo objeto empírico, não mais o estudo dos traços identitários de determinada tribo ou nação, mas sim o constante surgimento e desaparecimento dos fenômenos identitários.

Considerando o contexto social e a dinamicidade da sociedade, Hall (2004) define o termo “identidade” como

[...] o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que nos tentam “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (HALL, 2004, p. 111-112).

Ainda sobre essa relação entre o social e o subjetivo na interpelação da construção do sujeito, para Cardoso de Oliveira (1976, p. 4), “a noção de identidade contém duas dimensões: a pessoal (ou individual) e a social (ou coletiva). É importante trabalhar a identidade como um fenômeno bidimensional, pois o social e o individual estão interconectados”. Temos, portanto, que a identidade não pode ser pensada somente como construção de um indivíduo a partir de seus sentimentos e emoções, visto que a construção identitária dos sujeitos é marcada pelos acontecimentos políticos, pelas condições econômicas e sociais, pelo contexto local e pelos conflitos sociais.

Para pensar a construção identitária a partir de sua relação com a história, pode-se, primeiramente, compreender como ocorre a mudança nas concepções de sujeito. Hall (2000) sintetiza três concepções de sujeito na modernidade, as quais também denomina de “estágios”, no interior das sociedades ocidentais.

No primeiro dos “estágios”, libertado dos apoios estáveis das tradições e estruturas divinamente estabelecidas, nasce o “indivíduo soberano” entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII. Entre as principais contribuições para essa ruptura com o passado, Hall (2000, p. 26) cita, com base nos estudos de Raymond Williams,

[...] a Reforma e o Protestantismo, que colocou o Homem (*sic*) no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada.

Essa concepção de sujeito é, portanto, influenciada pelas ideias cartesianas e newtonianas. O sujeito é pensado como totalmente centrado, racional e individualista. A identidade ainda não é um problema. As ideologias de progresso, cientificidade e razão davam o equilíbrio necessário para a identidade coletiva.

A partir de então, as sociedades se complexificaram de tal forma que fica impossível pensar nesse sujeito individualista, centralizado e racional. O surgimento da Sociologia e a forte influência das ideias marxistas definem o segundo “estágio”, o do sujeito social, que se constitui no interior de sua classe. O sujeito sociológico ainda tem um centro, mas sua identidade se estabelece a partir da relação sujeito/sociedade, ou seja, ela se dá no cruzamento do sujeito com as estruturas sociais. Agora era preciso, portanto, pensar num sujeito sociológico, coletivo, integrado na sociedade. Segundo Hall (2000, p. 30), para contribuir com essas mudanças, o nascimento das Ciências Sociais e as descobertas científicas de Darwin, que “biologizaram” o sujeito humano, foram fundamentais.

A partir da segunda metade do século XX, podemos observar inúmeras mudanças de valores, de visões de mundo, em decorrência de importantes fatos históricos das últimas décadas do século XX, como o processo de descolonização afro-asiático; a fratura das esquerdas com a dissolução da ex-União Soviética e o consequente desencanto e queda das ideologias de revolução; a formação dos grandes blocos econômicos como a União Europeia e os marcantes desdobramentos dos movimentos de 1968 de oposição ao modelo até então vigente, dentre eles, a revolta dos estudantes, a luta pelos direitos civis, o feminismo, as lutas pelos negros, etc. Por esses e por tantos outros motivos, a última metade do século XX é marcada

pelo surgimento de inúmeras identidades. Temos, nesse contexto da modernidade tardia, o surgimento de outra concepção de sujeito.

Diante desta nova conjuntura da contemporaneidade, Hall (2000) realça cinco importantes descentralizações do sujeito. A primeira delas se dá pela releitura que neomarxistas fizeram dos escritos de Marx, dos quais Louis Althusser é representativo. Esses autores, na década de 1960, anularam o papel do sujeito enquanto autor de sua própria história. Segundo essa teoria, os sujeitos só poderiam agir “com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores” (HALL, 2000, p. 34-35).

Essa teoria é duramente criticada por outros estudos marxistas, pois reduz o sujeito a mero espectador dos fatos históricos, o que vai contra as concepções marxistas de revolução do proletariado. Ocorre que esta visão de sujeito assujeitado “teve um impacto considerável sobre muitos ramos do pensamento moderno” (HALL, 2000, p. 36), isto é, pensamentos que passaram a considerar o sujeito não como um ser individual, dotado de total autonomia, mas como sujeito que é, a todo o momento interpelado pelas ideologias.

Outra importante descentralização foi a descoberta freudiana do inconsciente, fundamental para entendermos o porquê das mudanças de concepção de sujeito. A partir da leitura freudiana de pensadores como Jacques Lacan, é possível postular que o sujeito forma sua identidade através de processos inconscientes. Hall (2000, p. 38) ressalta que “embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido [devido aos sentimentos contraditórios e não-resolvidos], ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e ‘resolvida’, ou unificada”. Entretanto, a teoria freudiana mostra que, ao formar sua identidade, o sujeito terá sempre que conviver com elementos inconscientes sobre os quais não possui qualquer controle.

Assim, a descentralização do sujeito se dá em função do fato de as teorias que seguem a concepção freudiana considerarem o sujeito como não possuindo total domínio de sua razão, diferentemente do que pregavam as ideias iluministas e cartesianas. Por esse motivo, as identidades não são fixas e nem unificadas, ao contrário, estão em processo, são incompletas.

Para Hall (2000), a terceira descentralização do sujeito ocorre com os trabalhos que Ferdinand de Saussure teria feito ao elaborar a teoria de que a língua é

social e não individual. Essa interpretação é a que Jacques Derrida faz dos estudos saussurianos para mostrar que o

[...] falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade. As palavras são “multimodulares”. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado (HALL, 2000, p. 41).

Michel Foucault será o responsável pelo quarto descentramento do sujeito ao teorizar sobre o “poder disciplinar”, que se faz presente no século XIX e início do século XX. De acordo com Hall (2000), esse poder tem como preocupações a regulação, a vigilância e o governo dos seres humanos e as instituições responsáveis por manter esse controle são as escolas, as clínicas, os hospitais e as prisões.<sup>21</sup>

A quinta e última descentralização do sujeito ocorre, de acordo com Hall (2000), com o impacto do feminismo enquanto crítica teórica e movimento social. É a partir desses estudos que Hall (2000) chama a atenção para importantes características dos movimentos sociais em geral, contemporâneos do mesmo contexto histórico, dentre as quais se podem destacar a oposição que faziam tanto à política capitalista ocidental quanto à comunista “oriental” e a interpelação às identidades de grupos como as mulheres, os gays, negros, etc. O feminismo, particularmente, questionou diversas posições estabelecidas pela sociedade como os papéis de homem e de mulher, a divisão sexual do trabalho, a família, entre outros.

O sujeito que nasce nesse contexto é caracterizado por Hall (2000) como fragmentado, composto de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Outros teóricos vão entender esse sujeito “fragmentado” como descentrado ou plural. Para esse sujeito, não há uma identidade fixa, essencial ou permanente. Ao contrário disso, sua identidade se transforma continuamente já que somos interpelados a todo o momento – como disse Hall em sua definição de identidade – pelos discursos e práticas para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos.

---

<sup>21</sup> Deleuze (1992) discute esse assunto, no entanto, distinguindo a “sociedade disciplinar” que utilizava as instituições como a escola, a prisão, etc. para estruturar a disciplina durante a primeira fase do capitalismo, da “sociedade de controle”, que utiliza os mecanismos interiorizados nos sujeitos, como as redes de informação na modernidade. Dessa forma, o autor verifica que o poder está hoje em dia interiorizado nos mecanismos sociais e não mais nas instituições, como afirmava Michel Foucault.

O problema da contemporaneidade ou o motivo da crise de identidades nas sociedades se dá pelo fato de que as mesmas não possuem mais um centro norteador. Até a modernidade, havia âncoras, as identidades eram mais estabilizadas, mais fixas. O sujeito iluminista tinha sua identidade unificada e individualista; já o sujeito sociológico, por mais que construísse sua identidade a partir de sua relação com a sociedade, ainda possuía um centro norteador.

É no contexto dos cinco descentramentos para Hall que se estabelece a crise das identidades, pois muitas ideologias produzidas pelo Estado já não são mais tão eficazes mecanismos de mediação, os “aparelhos ideológicos”<sup>22</sup> perderam suas forças. De acordo com Hall (2002, p. 9),

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo.

Hall (2000, 2002) traz, assim como muitos outros autores dos Estudos Culturais, importantes contribuições para pensarmos a construção identitária dos sujeitos, pois, a partir de suas postulações, podemos incluir uma compreensão de cultura e identidade em nossos estudos que considerem as produções simbólicas por meio dos atos linguísticos. Podemos pensar, também, que a cultura e a identidade se constituem continuamente por meio das relações sociais, contextos históricos locais e globais e nas disputas pelo poder, nos conflitos e nas resistências, não sendo, portanto, determinadas de forma direta apenas pelas estruturas econômicas.

Dessa forma, houve a necessidade de se olhar para os objetos das Ciências Sociais de modo mais amplo. Ianni (2003) discorre sobre essa mudança no âmbito cultural no fim do século XX. Segundo este autor,

[...] as ciências sociais defrontam-se com problemas novos, surpreendentes, sobre os quais ainda não trabalharam, ou trabalharam pouco. Ocorre que o objeto das ciências sociais ampliou-se além da capacidade interpretativa dos conceitos já conhecidos. O indivíduo e a sociedade já não se situam apenas no âmbito da nação e sua história. A biografia nem expressa a autonomia ou identidade do

---

<sup>22</sup> “Aparelhos ideológicos” aqui são as instituições como Estado, família, escola, igreja e política enquanto aparelhos que produzem e reproduzem ideologias no sentido da teoria althusseriana.

indivíduo, nem se explica suficientemente no âmbito do grupo, classe ou sociedade nacional. A cultura, além de suas formas conhecidas como expressão e condição de grupos, classes, etnias, minorias, sociedades, está impregnada de padrões e valores, ideias e imaginários, provenientes de grupos, classes, etnias, minorias e sociedades situados além (IANNI, 2003, p. 167).

Há que se ter cuidado, no entanto, para não cairmos em uma concepção que ignora a organização social na qual os sujeitos estão inseridos. Na sociedade ocidental, o sistema de produção capitalista tem uma organização própria de produção, distribuição e consumo dos bens materiais da qual não conseguimos escapar. Os processos de exploração, acumulação de capital, desigualdade social e exclusões são constitutivos em nossa sociedade.

As estratégias dos mecanismos sociais dominantes se baseiam em manipulação e elas estão principalmente nas instituições com poder de comunicação. Em seu estudo sobre a identidade no contexto da modernidade, Giddens (1994) enfatiza que por meio de propagandas e outros métodos, os meios de comunicação de massa promovem padrões regulares de consumo, “apresentando estilos de vida aos quais deveríamos aspirar”. Para ele, o

[...] capitalismo mercantil tem o poder de padronizar e assim, influenciar o projeto do eu e o estabelecimento de estilos de vida, enquanto uma das principais dimensões institucionais da modernidade e de afetar diretamente os processos de consumo (GIDDENS, 1994, p.182).

Ao nos propormos a investigar a construção identitária de um trabalhador das classes populares, o Motoboy, precisamos localizá-lo dentro dessa estrutura da sociedade estratificada e das relações de poder para não correremos o risco de tomá-lo como indivíduo independente, autônomo e julgarmos seus processos de elaboração da identidade como se esses não tivessem relação com um contexto social mais amplo.

## **2.5 CULTURAS E IDENTIDADES NO CONTEXTO URBANO: O LOCAL E O GLOBAL**

No senso comum, vemos o emprego dos termos “identidade” e “cultura” sem uma clara definição do papel de cada elemento para o entendimento da relação

que os mesmos exercem entre si. A respeito desse problema nas diversas áreas das ciências humanas, Penna (2016, p. 92) afirma que “a falta de explicitação é frequente em estudos sobre o tema, como, por exemplo, quando a noção de identidade se sobrepõe às noções de cultura e de ideologia, resultando na perda de delimitação de todas elas”.

Seguindo a concepção relativista de identidade de Barth, Cuche (1999) e Cardoso de Oliveira (2006) enfatizam a relação entre identidade e cultura, mas chamam a atenção para a necessidade de diferenciá-las. No capítulo *Cultura e identidade*, Cuche (1999) destaca que por mais que as questões a respeito da identidade normalmente remetam à questão da cultura, deve-se ter cuidado para não as confundir. Para ele, “cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura, que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente” (CUCHE, 1999, p. 176). As relações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação usados por eles é o que resulta na identidade.

Concordando com Barth, Cardoso de Oliveira (2006), considera a identidade um fenômeno autônomo relativamente à cultura. No entanto, o autor enfatiza que “em se tratando de autonomia isso não significa atribuir à cultura um status de epifenômeno, sem qualquer influência na expressão da identidade étnica” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 35). Essa autonomia é, portanto, relativa, pois é preciso reconhecer a dimensão da cultura enquanto “teia de significados” tanto quanto a identidade daqueles que estejam emaranhados numa dada realidade.

A variável cultural no seio das relações identitárias não pode [...] deixar de ser considerada, especialmente quando nela estiverem expressos os valores tanto quanto os horizontes nativos de percepção dos agentes sociais inseridos na situação de contato interétnico e intercultural (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 35).

Cardoso de Oliveira (2006, p.36) enfatiza que identidade e cultura possuem entre si relação de implicação e não de causalidade. Isso significa que os dois termos são representações intimamente vinculadas às questões de reconhecimento. Podemos afirmar que são essas representações, incluindo as práticas de significação e os sistemas simbólicos, que permitem que o sujeito dê sentido a sua experiência. No entanto, Cardoso de Oliveira enfatiza que a relação entre essas duas representações, cultura e identidade, não é causal, pois a materialidade – ou seja, as

práticas culturais enquanto modo de vida e bens simbólicos – não determina automaticamente a identidade.

Quando se discute a relação entre o global e o local, muitos defendem que o global estaria apagando as práticas locais. Contudo, essa perspectiva é bastante simplista, pois, como ressalta Featherstone (1997, p. 143), ela presume que “alguns processos fundamentais de integração global estão se realizando, o que torna o mundo mais unificado e homogêneo”. E, ao contrário disso, apesar do maior contato entre os diversos países, não se pode deixar de lado o fato de que a partir desse contato, ocorrem “muitas discordâncias, colisão de perspectivas e conflito, e não apenas um consenso e um trabalho em conjunto” (FEATHERSTONE, 1997, p. 144).

Ao pensarmos a sociedade moderna e, mais precisamente, os grandes centros urbanos, como a cidade de São Paulo, é preciso refinar o olhar para a diversidade e para as diversas trocas entre grupos e atores sociais. Featherstone (1997) ressalta que, por mais que os processos submergidos na globalização que visam a produzir procedimentos, práticas operacionais, etc., homogêneos, não se pode afirmar que tenha havido ou esteja havendo uma homogeneização cultural:

Tem havido, na verdade, uma ampliação dos repertórios culturais e uma intensificação da engenhosidade de vários grupos no sentido de criar novos modos simbólicos de afiliação e de pertença, bem como de lutar para retrabalhar e voltar a moldar o significado dos signos existentes, de solapar as hierarquias simbólicas existentes, para seus próprios objetivos particulares, de modo que se torna difícil de ser ignorado por aqueles que se situam nos centros culturais dominantes (FEATHERSTONE, 1997, p.153-154).

Featherstone (1997) também fala do erro que podemos cometer ao julgar que grandes cidades como Paris, Nova York, Londres e São Paulo seriam “os protótipos do futuro e que a economia internacional e as redes de comunicação produzirão efeitos homogeneizadores semelhantes em outras áreas”.

Como recorda Ianni (1994), há muitos posicionamentos entre os cientistas sociais no sentido de autonomizar o diferente, apegando-se ao local e esquecendo-se do global. A partir dessas posições, é possível notar a defesa de que a diferença é o original e ideal; e a partir dessa idealização, tentam resgatá-la e protegê-la do etnocentrismo ocidentalizante. Portanto essas posições

[...] esquecem que o local pode não só se afirmar como se recriar no contraponto com o global. Naturalmente entre esses dois extremos, uns

priorizando o local e outros o global, há toda uma gama de posições. Revelam-se nas reflexões sobre os mais diversos aspectos da realidade (IANNI, 1994, p.157).

De acordo com Ianni (1994), a globalização envolve o problema da diversidade, pois ao mesmo tempo em que há forças articulando, integrando e homogeneizando, há também forças operando no sentido oposto, afirmando e desenvolvendo as diversidades, singularidades, identidades e também hierarquias, desigualdades, tensões e antagonismos.

Hall (2000, p. 87) acredita que, de um modo geral, os processos modificados pela intensificação da globalização têm um efeito “pluralizante sobre as identidades”, pois atuam produzindo “uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas”.

Mais especificamente, Hall (2000) descreve três possíveis consequências da intensificação da globalização nas identidades culturais. Elas tanto podem se desintegrar pelo efeito da homogeneização cultural quanto serem reforçadas pela resistência à globalização ou, como uma terceira possibilidade, novas identidades híbridas podem surgir em meio aos contatos entre diferentes culturas. Seria, portanto, exagerado e simplista analisar o futuro das identidades direcionadas unicamente para a homogeneização. Para Hall (2000, p. 77-78), na verdade, “ao invés de pensar no global como ‘substituindo’ o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre ‘o global’ e ‘o local’”, pois a globalização tende a produzir “novas identificações ‘globais’ e novas identificações ‘locais’”.

Considerando o processo histórico-dialético de cultura, assim como as disputas sociais, é preciso ressaltar que, por mais que nossas identidades sejam muitas, em nossas lutas cotidianas, somente algumas delas estão envolvidas (HALL, 2003).

Sobre a relação entre identidade e cultura, consideramos que a sociabilidade, isto é, a interação entre sujeitos, é fundamental para a construção identitária visto que

[...] os elementos do repertório cultural de cada grupo são permanentemente selecionados e manipulados pelas coletividades em seus processos de definição e redefinição identitária, em função de necessidades políticas, econômica e sociais, fazendo com que os

mesmos definam e sejam definidos ao longo de um processo permanente de interação (FRÚGOLI JR, 2007, p. 43-44).

Podemos concluir com Ianni (1994, p.158) que se deve pensar a sociedade global contemplando “tanto a diversidade como a globalidade, reconhecendo que ambas se constituem simultânea e reciprocamente”. Se não levarmos em consideração o contraponto entre o singular e o universal, corremos o risco de tornar a análise meramente descritiva e ideologizante.

Ademais, ainda que esses autores tenham como foco, muitas vezes, as identidades nacionais e étnicas em seus estudos, tomamos o conceito de identidade em nossas pesquisas considerando sua característica relacional e construtiva tal como bem definida por Cardoso de Oliveira (1976) e Barth (1969) para os quais

quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo com que se defrontam; é uma identidade que surge por oposição, implicando a afirmação do *nós* diante do *outros*, jamais se afirmando isoladamente (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 36).

Além disso, ao analisarmos as cidades globais, não se pode correr o risco de esquecer-se dos atores sociais. Para Magnani (2012), quando os moradores da cidade, ou seja, os atores sociais, são citados em pesquisas, eles são, normalmente, tratados de forma passiva, como os “excluídos” ou os “espoliados” pelo sistema capitalista. Dessa forma, é preciso incorporar os atores sociais e suas práticas nos estudos na cidade.

*The interplay in social life between agency and structure has proved to be a central matter for sociolinguistic practice as well as a contested question in social theory. On the one hand, social structure constrains how we live. We start not with a blank slate but with what we inherit from our parentes and our environment (linguistically as well as socially). On the other hand, agency is our freedom to live as we choose. Even in the most regimented milieu, there is room for human agency to create something new. Our relationship with space, for exemple, is constrained by how other humans and their social structures have already shaped the space we inherit – but we in turn reshape that and create new spaces from old. Humans and Society, then, are simultaneously both free and fettered<sup>23</sup>.*

**Allan Bell (2016)**

---

<sup>23</sup> A interação na vida social entre agência e estrutura provou ser um assunto central para a prática sociolinguística, bem como uma questão contestada na teoria social. Por um lado, a estrutura social restringe a forma como vivemos. Começamos não com uma tábua rasa, mas com o que herdamos dos nossos pais e do nosso ambiente (tanto linguisticamente como socialmente). Por outro lado, a agência é a nossa liberdade de viver como escolhemos. Mesmo no meio mais regimentado, há espaço para a agência humana criar algo novo. Nosso relacionamento com o espaço, por exemplo, é limitado pela forma como outros humanos e suas estruturas sociais já moldaram o espaço que herdamos - mas, por sua vez, remodelamos isso e criamos novos espaços desde o passado. Humanos e Sociedade, então, são simultaneamente livres e encadeado (*tradução livre do original*).

### III CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA, ESTILO E CULTURA POPULAR

Neste capítulo, veremos como a Linguística e, mais precisamente, a Sociolinguística, pode contribuir para o estudo da construção identitária, do estilo linguístico e da cultura popular na contemporaneidade. Para isso, partimos do pressuposto de que a língua não é um dado natural. Ela não surge com a vida humana na Terra. De acordo com Morin (1975, p. 77), os primeiros hominídeos possuíam um *call system*, ou seja, um “repertório de sons modulados capaz de permitir a comunicação à distância”. Foi na paleossociedade, entre 800 e 500 mil anos atrás, que se tornou necessária uma linguagem mais complexa e mais aberta. Vários fatores trouxeram esta necessidade à tona, como, por exemplo, a caça coletiva e a repartição do alimento, e a conseqüente complexidade das relações humanas dentro dessa comunidade mais elaborada. Para Morin (1975, p. 80, *itálicos do autor*), com a evolução do sistema linguístico e acúmulo de dados culturais, foi possível chegar ao *homo sapiens*.

[...] dado que as sociedades mais arcaicas conhecidas dispõem todas de uma linguagem cuja complexidade de estrutura é igual à nossa, é permitido pensar, agora, não só que, 500 mil anos antes do *sapiens*, uma paleolinguagem já emergia, própria a assegurar a intercomunicação no seio de uma sociedade já muito complexa e a acumular sua cultura, mas também que o desenvolvimento da complexidade sociocultural e do cérebro, depois do *homo erectus*, postulam conjuntamente o aparecimento do sistema de dupla articulação antes do *homo sapiens*. Isso não significaria que tudo já fosse gramaticalmente realizado e, além disso, que faltaria, à palavra, a lógica do imaginário e a das ideias abstratas, isto é, a possibilidade de formular mitos e teorias. Todavia, isso quer dizer que é mais sensato pensar que foi a linguagem que criou o homem e não o homem a linguagem, *desde que se acrescenta que o homínida criou a linguagem*.

Dessa forma, a partir das necessidades sociais, o hominídeo criou a linguagem, ainda sem a complexidade que possui atualmente, mas um sistema capaz de comunicar e de acumular a cultura. Em outras palavras, a linguagem estruturada e complexa do *homo sapiens*, além de cumprir sua função social predominante, a da comunicação, se transformou, como destaca Morin (1975, p. 80), em “capital cultural portador do conjunto dos conhecimentos e das práticas da sociedade”. E, por trazer

esta carga cultural de toda uma sociedade, a língua deve ser pensada como instituição social.

De acordo com Mey (2006, p. 77), por mais que os indivíduos muitas vezes considerem sua fala enquanto algo próprio, pessoal e individual, pois é a partir dela que ele expressa aquilo que está em seu interior, esta fala é, na verdade, além de “expressão de uma personalidade singular também propriedade da comunidade”. Afinal, uma fala completamente individual seria incompreensível para o restante da sociedade. A língua é, portanto, expressão da sociedade e não existe fora dos indivíduos.

Entretanto, a relação entre linguagem e sociedade nem sempre foi defendida por linguistas. O alemão August Schleicher influenciou no século XIX a Linguística afastando de seus estudos as questões de ordem social e cultural. Posteriormente, no século XX, outros autores passam a considerar a íntima relação entre a linguagem e a sociedade. Entre eles estão Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson (ALKMIM, 2001).

Ferdinand de Saussure foi fundamental tanto na constituição da Linguística enquanto estudo científico quanto nesta concepção de que a língua é um sistema linguístico socializado. Ao constituir sua teoria linguística, Saussure parte do pressuposto de que a língua é um sistema social e de que há polissemia de sentido. Dessa forma, o sujeito não é dono de suas palavras, visto que é determinado pelo sistema linguístico. Há, no entanto, críticas à teoria saussuriana que afirmam que o “social” significaria, para Saussure, “simplesmente 'pluriindividual', nada sugerindo da interação social sob seus aspectos mais gerais” (CALVET, 2002, p. 31).

Dentro do sistema linguístico, existem conceitos fabricados pela própria sociedade. No entanto, não pacificamente e conscientemente, mas através dos fatos históricos que forçaram esses conceitos baseando-se nas ideologias vigentes. De acordo com Pierre Bourdieu (2006, p. 39), “[a linguagem] é, com efeito, um enorme depósito de pré-construções naturalizadas, portanto, ignoradas como tal, que funcionam como instrumentos inconscientes de construção”. Dentro deste sistema, temos diversos conceitos que foram, portanto, construídos inconscientemente e, por isso, dão a impressão de serem naturais.

A questão histórica e o contexto político, econômico e social devem ser parte fundamental das análises dos discursos difundidos na sociedade, pois por trás

de qualquer discurso se encontra uma série de ideologias que visam à unificação de pensamentos. A língua e os discursos, de acordo com Borba (1998), garantem a unidade nacional e mantêm a coesão interna na medida em que cumprem um de seus importantes papéis, o de expressar a cultura. Além disso, o autor (BORBA, 1998, p. 53) lembra que, além de manter a ordem política por meio da unidade nacional, a língua também é usada “como instrumento de controle porque é o canal por onde se veicula a filosofia do governo e, portanto, é a sua grande arma para manter a ideologia”.

Importantes estudos em Linguística Textual têm sido feitos considerando essa relação entre língua e seu contexto social. De acordo com Koch (2008), a língua não existe

fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem lingüística, quer de ordem sócio-cognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re)constroem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário mobilizar conhecimentos — socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos —, bem como situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos (KOCH, 2008, p. 101).

A Sociolinguística também parte desse pressuposto de que a língua e a sociedade se inter-relacionam. O termo Sociolinguística é fixado a partir de um congresso em 1964 organizado por William Bright. Segundo este autor, o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística (ALKMIM, 2001). Monteiro (2000), acrescenta que essa diversidade linguística é analisada de três ângulos: a identidade social do emissor, a identidade social do receptor e as condições da situação comunicativa.

Labov, retomando Meillet, inicia seus estudos na corrente que mais tarde ficou conhecida como Sociolinguística Variacionista. Para Labov (2008, p. 21), não há como estudar os fenômenos linguísticos sem considerar que as pressões sociais estejam “operando continuamente sobre a língua”. Tanto é forte a relação que Labov

estabelece entre língua e sociedade que, de acordo com Calvet (2002, p. 33), pode-se concluir que “a sociolinguística é a linguística”.

Para Alkmim (2001), o ponto de partida da disciplina é a comunidade linguística em que indivíduos se relacionam por meio de um conjunto de regras. O estudo de uma comunidade exige, segundo a autora, a constatação da existência de diversidade ou variação linguística. As análises dessa variação podem se dar em relação ao tempo histórico, ao espaço físico, à classe social, idade e/ou sexo. Com seu trabalho inaugural, Labov (1966) mostrou a relação entre o uso de variedades do inglês na cidade de Nova Iorque e sua relação com classe social, idade e sexo.

Considerando esses princípios labovianos, os primeiros estudos da Sociolinguística Variacionistas foram responsáveis por retratar diversas variedades linguísticas no mundo todo. E um princípio comum desses estudos era o pressuposto de que a variação linguística se dava pela alternância de estilo.

### **3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E O ESTILO LINGUÍSTICO**

De modo geral, é possível constatar que os estudos clássicos da Sociolinguística a respeito do estilo se dividem em duas diferentes abordagens, segundo Bell (1997). A primeira delas, concebida por Hymes, postula que o estilo pode operar em todos os níveis linguísticos, desde o fonológico até o discursivo e conversacional. Para Hymes (*apud* BELL, 1997), autor que criou o que ficou conhecido como Etnografia da comunicação, a maneira de falar pode ser afetada por alguns fatores: audiência, finalidade, tópico, modo, canal e gênero. A segunda abordagem clássica de estilo é a de Labov que utiliza a metodologia do estilo contextual para medir a dinâmica da variação linguística de forma quantificável.

Assim, Labov (2008, p. 243) compreende a variação por meio da alternância de estilo e defende que todo falante tem vários estilos, pois

Alguns informantes exibem um espectro de alternância estilística mais amplo que outros, mas todo falante que encontramos exhibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e o tópico. Algumas dessas alternâncias podem ser detectadas qualitativamente nas pequenas autocorrekções do falante, que vão quase sempre numa mesma direção.

Uma questão metodológica importante, para Labov (2001), quando se analisa a identificação do estilo é o grau de controle que o falante exerce sobre sua fala. Nesse sentido, Labov (2001) diferencia a *casual speech*, isto é, a fala espontânea, despreocupada, com o mínimo de monitoramento, do *careful style*, quando o falante está prestando mais atenção a sua fala. A entrevista sociolinguística, por si só, já é razão para haver um maior monitoramento da fala do entrevistado. A presença do entrevistador e o fato de saber que está sendo gravado para fins de pesquisa aumentam o cuidado com a fala.

De forma a procurar diminuir o monitoramento da fala, Labov (2001, p. 88) sugere cinco contextos: “(1) fala sem o formato de entrevista, (2) fala com uma terceira pessoa, (3) fala que não seja resposta a uma pergunta, (4) conversa sobre brincadeiras de crianças, e (5) questões sobre risco de vida”<sup>24</sup>. A ausência da audiência “entrevistador” facilita com que a fala se aproxime da *casual speech*. Além disso, temáticas em que o falante discorre sobre fatos pessoais também permitem a aproximação ao *casual speech*.

Assim, considerando nosso objeto de estudo, os vídeos do canal Motoka Cachorro!!!, estaríamos atendendo algumas das propostas de Labov para aproximação da *casual speech*, pois os vídeos não têm o formato de entrevista, as falas não respondem a perguntas, o Motoboy fala sobre questões pessoais e profissionais e está sob forte e constante tensão por estar conduzindo sua moto no trânsito da cidade de São Paulo.

Para Labov (2008), esse tipo de dado, o obtido em meios de comunicação, tem condicionamentos estilísticos muito fortes.

Nos últimos anos, temos tido muitas entrevistas diretas no local de desastres, onde os falantes estão sob o forte impacto imediato do evento para monitorar a própria fala. Programas de entrevistas e discursos em eventos públicos podem nos dar bons cortes transversais da população, mas aqui o estilo é ainda mais formal do que obteríamos numa entrevista face-a-face. (LABOV, 2008, p. 246).

A abordagem laboviana tem como pressuposto, portanto, um contínuo estilístico entre fala formal e informal, em que o falante numa *casual speech* estaria

---

<sup>24</sup> Tradução livre de “(1) *speech outside the interview format*, (2) *speech with a third person*, (3) *speech not in response to a question*, (4) *talk about kids’ game*, and (5) *the danger of death question*” (LABOV, 2001, p. 88).

mais à vontade e, por isso, seu estilo estaria mais próximo de uma variante não padrão, enquanto que, na situação contrária, em que houvesse maior monitoramento da fala, o falante produziria uma variante mais próxima àquela falado pelo grupo social de prestígio.

Os estudos sociolinguísticos, segundo Eckert (2005), podem ser historicizados em termos do que ela denomina de “ondas”. Na “primeira onda”, onde se enquadraria os primeiros estudos desenvolvidos por Labov, as práticas metodológicas e analíticas caracterizam-se pelo desenvolvimento de pesquisas com levantamentos em comunidades definidas geograficamente; estabelecimento de hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social; compreensão das variáveis como marcadores de categorias sociais primárias ou categorias censitárias; tais como faixa etária, sexo, classe social, com traços de prestígio e/ou estigma e de estilo como atenção prestada à fala e controlado pela orientação de prestígio/estigma. Esses estudos se baseiam, portanto, nas grandes categorias e não tomam o indivíduo como objeto.

Muitos foram os autores que fizeram críticas à concepção laboviana de estilo nas décadas de 1970 e 1980. Segundo Coupland (2001), esses autores não concordavam que a variação estilística se dava pelo grau de monitoramento dos falantes em relação a sua fala. Fazendo uma crítica à metodologia laboviana, Bell (1997) afirma que os estudos de estilo a partir de entrevistas são artificiais, visto que os falantes não se portam da mesma maneira em seu cotidiano, algo que, como vimos acima, o próprio Labov (2001) reconhece. Além disso, pode-se afirmar que, a partir dos estudos labovianos, não seria possível concluir que o falante pode manipular os recursos linguísticos existentes para se aproximar de um grupo com menor prestígio social, já que parte do pressuposto de que o falante sempre buscaria se aproximar da variante de maior prestígio.

Saindo, portanto, dessa abordagem de Labov que opõe atenção-formalidade-prestígio à desatenção-informalidade-estigma e considerando o falante enquanto indivíduo, pode-se pensar que

[...] algumas performances verbais (e não-verbais) – especialmente aquelas que envolvem apresentadores de rádio, grandes audiências, e ocasiões públicas, são mais estilizadas do que outras. E que as pessoas em tais situações estão tentando, mais conscientemente do

que a maioria de nós faz na vida diária, projetar personas de vários tipos<sup>25</sup> (RICKFORD, 2001, p. 230).

Rickford (1986) mostra, em suas pesquisas, que, diferentemente daquilo que Labov afirmou, determinada variante pode ser estigmatizada em nível global enquanto pode ter prestígio localmente se consideradas as práticas próprias daquela comunidade. Esse é um dos autores que, segundo Eckert (2005), representa a “segunda onda” da Sociolinguística descrita como aquela que tem estudos etnográficos em comunidades menores definidas geograficamente e que consideram as categorias locais como elo para as demográficas e as variáveis como indicadores das categorias. O estilo, nessas investigações, é visto como ato de filiação.

Uma das críticas feitas aos estudos unidimensionais, tais como os de Labov, é de Finegan e Biber (2001), para quem não se pode explicar a escolha estilística considerando apenas um critério de padronização ou de formalidade, esta última condicionada à atenção que o indivíduo dispensa a sua fala (COUPLAND, 2001; RICKFORD, 2001).

Outra contribuição para pensarmos o estilo considerando sua multidimensionalidade é a teoria da acomodação de fala de Giles e colaboradores (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991) que pode ser resumida por meio de dois processos: o de convergência, isto é, quando o falante faz ajustes para que se pareça com seu interlocutor e o de divergência que, com o objetivo de marcar sua diferenciação em relação ao interlocutor, marca sua identidade em sua fala. Além disso, para Giles (2001, p. 214), “qualquer operacionalização da mudança estilística precisa levar em conta o fato de que a percepção da variação estilística pode ser mais uma atribuição social que uma realidade linguística”<sup>26</sup>.

Na mesma linha, “Bell (1984) recompôs o eixo central da teoria da acomodação em seu modelo de representação da audiência”<sup>27</sup> (COUPLAND, 2001,

---

<sup>25</sup> Tradução livre de: “*some verbal (and non-verbal) performances – especially those that involve radio broadcasts, large audiences, and public occasions are more stylized than others. And that people in such situations are trying more consciously than most of us may do in everyday life, to project personas of various types*”. (RICKFORD, 2001, p. 230).

<sup>26</sup> Tradução livre de: “*any operationalization of style change needs to take into account the fact that the perception of style variation can be as much a social attribution as a linguistic reality*”. (GILES, 2001, p. 214).

<sup>27</sup> Tradução livre de: “*Bell (1984) reworked the central claim of accommodation theory in his audience design model*” (COUPLAND, 2001, p. 185).

p. 185). Para Allan Bell (1984; 1997), os falantes não falam sempre da mesma maneira, pois têm possibilidades de escolhas a partir dos recursos linguísticos existentes, sendo que cada uma dessas diferentes formas de falar possui significados sociais próprios. O que determina a forma como cada indivíduo manipula os recursos existentes é o que ele denomina de *design* de audiência, ou seja, aquilo que o falante considera sobre seu interlocutor.

Para Eckert (2005), no entanto, as teorias de Bell e Labov têm um ponto negativo em comum: o de considerar que o estilo do falante seria apenas uma reação ao que considera de seu interlocutor. A autora defende que o estilo deve ser entendido como prática que representa o que o falante é, o que ele não é e o que gostaria de ser. Para isso, apresenta os conceitos de “performance” em que, o falante, por meio de seus atos linguísticos, recebe credibilidade ou descrédito e de “*persona*”, isto é, a imagem social que o falante constrói para ser visto por seus interlocutores, sejam eles de seu grupo social ou não.

Concluindo sua historização dos estudos sociolinguísticos, a autora define o que denomina de a “terceira onda” da Sociolinguística e que apresenta as seguintes características: estudos etnográficos de comunidades de práticas; compreensão das categorias locais como sendo construídas por meio de posições comuns e das variáveis como indicadores de posições, atividades, características. Nessa perspectiva, o estilo é visto como construção de *personae* social.

Coupland (2001), autor que se insere na terceira onda e que é influenciado pela obra de Bakhtin, propõe uma perspectiva em que a “estilística dialetal” explore a relação entre o estilo e as identidades complexas dos falantes a partir de suas relações sociais. Sua teorização é, portanto, pautada no estilo enquanto prática social:

Minha tese é a de que as abordagens sociolinguísticas do estilo podem e devem integrar-se à teorização social corrente sobre linguagem, discurso, relações sociais e individualidade, ao invés de ficar compartimentada em uma área restrita (variacionista, descritiva, distribucional) de um tratamento disciplinar (linguístico) da linguagem<sup>28</sup> (COUPLAND, 2001, p. 186).

---

<sup>28</sup> Tradução livre de: “*My contention is that sociolinguistic approaches to style can and should engage with current social theorizing about language, discourse, social relationships and selfhood, rather than be contained within one corner (variationist, descriptive, distributional) of one disciplinary treatment (linguistics) of language*”. (COUPLAND, 2001, p. 186).

Para este autor (COUPLAND, 2001), o contexto social é imprescindível para compreendermos o estilo como manipulação de recursos. Coupland (2001, p. 188) critica a análise sociolinguística que se restringe a fazer levantamentos estatísticos das variáveis e, dessa forma, “menospreza objetivos comunicativos, a complexidade funcional da linguagem em uso, e questões de identidade e subjetividade em geral”<sup>29</sup>. Em sua visão, a observação do contexto social local da estilização permite que se compreenda a relação identitária dos atores sociais.

[...] a variação estilística deve ser vista como variação pessoal. Quando nos dirigimos estilisticamente a um interlocutor, devemos interpretá-lo como a redução de dessemelhanças (socio)linguísticas, a qual *está* sob os microscópios analíticos dos linguistas. Mas, da perspectiva do ator social, o que está sendo reduzido são as diferenças culturais e sociais entre as identidades, as *personas* sociais que eles podem projetar através de suas escolhas estilísticas. Estilo, e, em particular, estilo dialetal, pode, portanto, ser construído como um caso especial de apresentação do eu, no interior de contextos relacionais particulares – articulando objetivos relacionais e objetivos identitários<sup>30</sup> (COUPLAND, 2001, p. 197)

Dessa forma, tomando o estilo enquanto construção de *personae*, estaríamos escapando de incorrer no problema de pensá-lo de forma unidimensional ou mesmo bidimensional, visto que nos parece ser mais produtivo analisar o situacional e o social de forma conjunta (COUPLAND, 2001).

Para Rickford e Eckert (2001), Coupland enriquece a análise que foca nos falantes quando introduz uma ênfase nas dimensões identitárias de estilo abordando a variação estilística como uma apresentação dinâmica do eu. Dessa forma, o autor procura focar seus estudos no uso estratégico das variáveis no discurso de forma a configurar a distinção. Para isso, ele analisa o uso individual de recursos linguísticos que os sujeitos fazem para projetar suas *personae*.

---

<sup>29</sup> Tradução livre de: “Sociolinguists’ willingness to ignore these traditional emphases in the study of style is part of a wider pattern of underplaying communicative goals, the functional complexity of language in use, and issues of identity and selfhood in general”. (COUPLAND, 2001, p. 188).

<sup>30</sup> Tradução livre de: “(...) stylistic variation needs to be seen as person variation. When we converge stylistically to an interlocutor, we may gloss this as the reduction of (socio)linguistic dissimilarities, which it is under linguists’ analytic microscopes. But from the perspective of the social actor, what is being reduced is the cultural and social divide between identities, the social personas they can project through their stylistic selections. Style, and in particular dialect style, can therefore be construed as a special case of the presentation of self, within particular relational contexts – articulating relational goals and identity goals”. (COUPLAND, 2001, p. 197).

Os estudos sobre estilo linguístico nos auxiliaram a refletir a respeito da forma como objeto dessa pesquisa seria tratado na medida em que encontramos, na literatura, estudos que têm suas análises a partir de categorias bastante amplas, estudos que delimitam determinados grupos sociais e aqueles que focam em determinados indivíduos e chegamos à conclusão de que é possível analisar as produções estilísticas de um único indivíduo desde que não se perca de vista que ele faz parte de um grupo social mais amplo e que é permeado por determinações sociais ao mesmo tempo em que possui possibilidades de criar o novo. Estudos antropológicos nos permitem considerar os falantes que vivem em sociedade como sendo constituídos pela estrutura social e pela agentividade simultaneamente, fugindo de noções que consideram que a fala seria totalmente determinada pelas grandes categorias e também daquelas que isolam os sujeitos das condições sociais em que vivem atribuindo a eles uma falsa liberdade total.

### **3.2 ESTILO E IDENTIDADE DAS CLASSES POPULARES**

A fim de refletir sobre o estilo como identidade, Coupland (2001) recorre a Giddens, autor que, como vimos no capítulo anterior, compreende que os indivíduos resistem aos processos homogeneizadores do capitalismo no sentido de construir seu “projeto do eu”. Para Giddens (1991, p. 125), a busca pela auto-identidade na contemporaneidade não é uma atitude narcisista tal como defende outros autores. Pode-se questionar se essa busca seria, “ao menos em parte, uma força subversiva quanto às instituições modernas” de produção de tendências fragmentárias. Ademais, de acordo com Giddens (1991), a transformação da intimidade que a modernidade impõe aos indivíduos se dá numa relação entre o global e o local, numa conexão dialética. Deste modo, a identidade se dá na tensão entre o global e o local e também entre a homogeneidade e a heterogeneidade da representação do eu, conforme defende Coupland:

O mundo moderno de distâncias que se encurtam e serviços de telecomunicação tão difundidos nos oferece muito mais possibilidades de definição do eu e de atualização. Por outro lado, a noção do eu não pode existir com identidades tão grosseiramente compartimentalizadas<sup>31</sup> (COUPLAND, 2001, p. 203).

---

<sup>31</sup> Tradução livre de: “*The modern world of shrinking distances and pervasive telecommunications offers*

Os indivíduos projetam versões de si mesmos em seus diversos contextos, considerando suas posições sociais e culturais, enquanto falam em mais ou menos estilos dialetais. Com o advento da modernidade, os “enfrentamentos sociais se tornam cada vez mais transdialetais e obviamente internacionais”, conseqüentemente, “por meio de códigos linguísticos compartilhados, a carga cultural e ideológica dos estilos dialetais será, indiscutivelmente, de significância cada vez maior”<sup>32</sup> (COUPLAND, 2001, p. 204). Coupland (2007, p. 106) recorre a Barth (1969; 1981) também para advertir que não é possível pensar “as identidades como categoriais sociais fixas associadas a diferentes traços culturais”, mas que é necessário, ao contrário disso, focar nas relações de diferenciação cultural<sup>33</sup>.

Trazendo a Sociolinguística para os estudos do estilo e da identidade das classes populares na contemporaneidade, tal como caracterizada no capítulo anterior, podemos selecionar um dos seguintes critérios para caracterização do popular: “o das relações entre grupos e/ou classes sociais, o das relações entre oralidade-escrita e o das relações entre local-global” (BENTES, 2009, p. 118). Em nossa pesquisa, por estarmos investigando a construção identitária do motoboy, elegemos as relações entre as classes sociais como ponto de partida de estudo.

A linguagem é fundamental para compreendermos o processo histórico-dialético de tensionamento entre resistência e conformação da cultura popular (HALL, 2003) conforme discutido anteriormente. Recorrendo aos estudos de Thompson (1998) sobre a cultura popular tradicional na Inglaterra do século XVIII, Bentes afirma que “a cultura popular constitui-se como um locus de conflitos que se deixam revelar justamente pela linguagem, ou seja, pelos discursos que nela são assumidos” (BENTES, 2009, p. 121).

Para Thompson (1987), só é possível falar em linguagem de classe se houver expressão de consciência de classe. Porém, a própria experiência social de

---

*us far more differentiated possibilities of self-definition and actualization. On the other hand, the notion of the self cannot live with too grossly compartmentalized identities*”. (COUPLAND, 2001, p. 203).

<sup>32</sup> Tradução livre de: “*As social encounters become increasingly transdialectal and of course international through shared language codes, the cultural and ideological loadign of dialect styles will arguably be of greater and greater significance*”. (COUPLAND, 2001, p. 204).

<sup>33</sup> Tradução livre de: “*Barth suggested that we should not treat identities as fixed social categories associated with diferent cultural traits. Rather, we should focus on relationships of cultural differentiation and the sorts of ‘boundary work’ that people do in practice*” (COUPLAND, 2007, p. 106).

classe passa pela linguagem (JOYCE, 1993 *apud* BENTES, 2009). Assim, pode-se pensar a identificação social a partir dos usos da língua e do manejo das *personae* sociais, tal como postuladas por Coupland (2001).

Em análises quanto à produção estilística do *rapper* Mano Brown, Bentes (2009) verificou, dentre outras coisas, que em seu discurso público Brown teve um maior grau de atenção em relação a sua fala no sentido de controlar as variantes desprestigiadas e garantir legitimidade a seu discurso. Além disso, retomando a Thompson (1987), a análise chegou à conclusão de que o *rapper* trabalha discursivamente sua formação de consciência de classe em seu discurso público, no entanto, esse posicionamento não é tão assertivo quanto se poderia imaginar, o que revela os conflitos sociais aos quais está submetido. Ao mesmo tempo em que o falante faz um esforço para elaborar uma distinção social, ele também reforça sua identidade social local e de classe.

Desse modo, tendo como foco a “linguagem como um lugar onde os sentidos sociais são encenados discursivamente” (BENTES, 2009, p. 123), pensamos a construção identitária na sua relação com o “projeto do eu” (GIDDENS, 1991) e do desenvolvimento da(s) *persona(e)* e do *relational self* (COUPLAND, 2001), mas também com o outro, isto porque a identidade não se reduz ao eu, já que ela “envolve uma relação ao outro” (VERAS, 2006, p. 331) e se revela nas tentativas de distinção social.

Em nosso estudo elegemos também, como material de análise, vídeos produzidos pelo próprio falante e divulgados em uma rede social bastante popular, o YouTube. Não se pode afirmar que este seja um produto da comunicação de massa clássica, como da televisão ou do rádio, posto que, nos vídeos analisados, não há a produção comumente feita nesses outros meios de comunicação que contam com direção, produtores, editores, entre outros, embora também não seja possível enquadrar essa fala no conjunto das entrevistas sociolinguísticas, normalmente, definidas como interações face-a-face.

Entretanto, de acordo com Coupland (2007), essa oposição entre o que seriam as performances ordinárias resultantes das interações face-a-face e as altas performances dos meios de comunicação de massa é questionável, já que todas são performances e as falas que estão fora da comunicação de massa usam e emprestam da comunicação de massa. Contudo, “a Sociolinguística frequentemente tratou suas

próprias ferramentas de pesquisa empírica como se fossem plataformas para que falantes produzissem ‘comportamento da fala do dia-a-dia’ em vez de níveis de performances” (COUPLAND, 2007, p. 185)<sup>34</sup>.

Dessa forma, tomamos os vídeos produzidos no canal Motoka Cachorro!!! como espaço em que o falante constrói sua identidade e projeta *personae* por meio da manipulação de recursos estilísticos. Mas, antes de passarmos às análises do uso desses recursos, veremos, no capítulo a seguir, um quadro sobre o canal e sobre a metodologia empregada.

---

<sup>34</sup> Tradução livre de “*Sociolinguistics has often treated its own empirical research settings as if they were platforms for speakers to produce 'everyday speech behaviour' rather than stages for performance*” (COUPLAND, 2007, p. 185).

*isso é um monólogo né?*

*só tem eu aqui falando...*

*de vez em quando aparece um doido aí*

*pra nós trocar umas ideia*

*mas...*

**MOTOKA CACHORRO!!! (V3)**

## IV MOTOKA CACHORRO!!!: DETALHANDO A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO

Antes de abordarmos as características desse objeto de estudo, é preciso ressaltar que a própria construção desse *corpus* de pesquisa foi um dos objetivos específicos iniciais dessa pesquisa, tendo em vista que nos deparamos com a seguinte questão: como encontrar dados de falas produzidos por um motoboy ou por um grupo de motoboys que não fossem originárias de uma entrevista sociolinguística em que a interação se daria entre pesquisadora e pesquisado? Além disso, julgamos que era importante que o lugar de produção de fala fosse o próprio ambiente desse sujeito urbano e não algo artificial criado para fins de pesquisa.

Com esse objetivo, voltamos aos trabalhos de campo nas ruas de São Paulo que haviam se iniciado para o trabalho produzido anteriormente na pesquisa de mestrado (LUCCA, 2012). Nesse segundo momento de campo, identificou-se que um dos assuntos recorrentes entre os motoboys eram os vídeos de motofilmagem, isto é, vídeos que retratavam contextos de deslocamentos de motocicleta nas cidades e em estradas e rodovias. Essa conexão entre o motoboy e seu instrumento de trabalho, a motocicleta, já se mostrou bastante constitutiva desse profissional na pesquisa anterior quando, em entrevistas, observou-se que “o corpo do sujeito parece não se descolar do veículo que ele conduz” (LUCCA, 2012, p. 87) de forma que a moto parece se estabelecer como uma continuação do corpo do motoboy.

Além disso, observou-se que, não só a relação com a moto era significativa para esse profissional, mas também a relação com o movimento. Esse funcionamento fica claro na fala de um dos motoboys entrevistados quando afirma que:

“O Motoboy não gosta de parar a moto, sabe por quê? Porque tem que pôr o pé no chão. Se você pôr o pé no chão, é como se você tivesse descido da moto. Você parou de curtir. Você pôs o pé no chão, você vai ter que depois engatar a primeira de novo e se equilibrar pra sair. Então, quando você vem, eu, por exemplo, sou assim, quando eu vejo o farol, deu amarelo, aí eu venho bem devagarzinho. Pra quê? Pra quando eu chegar nele, ele já abrir e eu não ter que pôr o pé no chão e parar a moto. Aí eu já continuo”. (LUCCA, 2012, p. 85).

Assim, passamos a investigar com mais sistematicidade vídeos produzidos para esse público: os motociclistas no qual podemos incluir os motoboys. E chegamos

a diversos motofilmadores até que foi possível encontrar canais produzidos por motoboys. Porém, muitos desses canais eram compostos por vídeos com pouca ou nenhuma fala, mas apenas imagens da motocicleta em movimento. Insistindo nessa pesquisa, chegamos ao vlog O Motoka Cachorro!!! que, canal que ainda tinha poucos acessos, porém que, além de ser um canal de motofilmagem, possuía uma grande quantidade de fala e, o mais importante, falas essas que buscavam tematizar o próprio motoboy, tal como se caracterizam os vlogs em geral, no caso mais específico, os vlogs profissionais.

#### **4.1. O OBJETO DE ESTUDO: O MOTOKAVLOG MOTOKA CACHORRO!!!!**

O canal MOTOKA CACHORRO!!!<sup>35</sup> foi criado no YouTube em oito de março de 2014 e possui a seguinte descrição “REALITY SHOW DO MOTOBOY cortando as ruas e avenidas de São Paulo - SP”. O acompanhamento sistemático do canal para fins de pesquisa se iniciou em 2015, quando esse havia aproximadamente quinze mil inscritos, e finalizou-se em agosto de 2017 para a conclusão desse texto de tese. Atualmente, o número de inscritos ultrapassa os cem mil<sup>36</sup>. Ao longo desses mais de dois anos de observação, foram observadas diversas mudanças no canal, desde o *layout* da página inicial, o título dos vídeos e o uso de recursos multissemióticos até as temáticas dos vídeos postados.

O crescimento do canal foi contínuo ao longo do tempo e a frequência de envio de vídeos não mudou significativamente. Normalmente, o autor envia vídeos diariamente, mas, por vezes, fica algum período sem enviar vídeos devido a problemas que tenham ocorrido com sua moto, com a câmera etc.

Uma parte dos vídeos postados é agrupada em *playlists* criadas pelo autor do canal. Em 04 de agosto de 2016, o canal possuía 752 vídeos produzidos pelo próprio canal, com 461 agrupados em *playlists*. Como são criadas e atualizadas pelo autor, a composição das *playlists* é dinâmica. Abaixo, pode-se conferir os títulos das *playlists* organizadas por nós, segundo interesse de pesquisa, por assuntos afins, tal como feito por Nogueira (2010), e o número de vídeos que compõem cada

---

<sup>35</sup> Para o canal Motoka Cachorro!!!, ver: <<https://www.youtube.com/user/patocrazymotoboyvlog>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

<sup>36</sup> Mais precisamente: 127.470 inscritos em 10 de agosto de 2017.

agrupamento, considerando três meses diferentes, agosto de 2016, março de 2017 e maio de 2017.

Assuntos	04/08/2016		07/03/2017		27/05/2017	
	Nome	N <sup>37</sup>	Nome	N	Nome	N
Assuntos Gerais	MOTOKAVLOG	117	MOTOKAVLOG	128	MOTOKAVLOG	132
	NOVIDADES	15	NOVIDADES	24	NOVIDADES	27
Profissão de motoboy	ENTREGAS DE PIZZA	78	ENTREGAS DE PIZZA	78	ENTREGAS DE PIZZA	78
	DICAS PARA MOTOCICLISTAS INICIANTE	28	DICAS PARA MOTOCICLISTAS INICIANTE	36	DICAS PARA MOTOCICLISTAS INICIANTE	36
	PRECISA DE MOTOBOY?	46	PRECISA DE MOTOBOY?	51	PRECISA DE MOTOBOY?	52
Motocicleta e Carro	ALTA RODAGEM DA FAZER 150	16	ALTA RODAGEM DA FAZER 150	16	ALTA RODAGEM DA FAZER 150	17
	FACTOR 150	10	FACTOR 150	12	FACTOR 150	15
	DICAS E MANUTENÇÃO	80	DICAS E MANUTENÇÃO	89	DICAS E MANUTENÇÃO	93
			CHEVETTÃO	1	CHEVETTÃO	11
			BOROZINHO	16	BOROZINHO	19
				TESTE DE LONGA DURAÇÃO	3	
Família, Amigos e Momentos especiais	Sempre serão lembrados	71	Sempre serão lembrados	78	Sempre serão lembrados	81

**Quadro 1.** Agrupamento de vídeos do canal Motoka Cachorro!!! por assuntos.

Com base na observação desse agrupamento, é possível notar que algumas *playlists* pararam de receber novos vídeos, como, por exemplo, a ENTREGA DE PIZZA. Isso ocorreu porque o autor parou de fazer entregas de pizzas e, por essa razão, a última atualização dessa *playlist* ocorreu em 4 de outubro de 2015. No entanto, outras *playlists* foram criadas como a CHEVETTÃO e a BOROZINHO, sendo

<sup>37</sup> As colunas “N” desse quadro e dos seguintes apresentam o número de ocorrências dos itens lexicais no *corpus* pesquisado.

a primeira delas dedicada ao carro que adquiriu no final de 2016. Borozinho<sup>38</sup> é uma *playlist* que cresceu no período observado, pois ela agrupa vídeos em que o autor mostra momentos em que está instalando um difusor de escape em motocicletas de clientes, atividade que passou a exercer nos últimos meses. Essa comparação em um período de nove meses mostra que a dinamicidade do canal acompanha as mudanças na vida de seu autor, apesar de boa parte dos vídeos não estar agrupada em nenhuma *playlist*.

O agrupamento em *playlist* por temas também se mostrou bastante difícil, já que muitos vídeos não possuem um tema central. Há vídeos que fazem parte de mais de uma *playlist*, como o vídeo ▶QUAIS CANAIS EU MAIS ASSISTO? ▶ 🚫PRIMEIRA MULHER A USAR O DIFUSOR DE ESCAPE BOROZINHO🚫 que faz parte da *playlist* “BOROZINHO”, mas também da “Sempre serão lembrados!”. Além de estar pilotando a moto de uma cliente – moto na qual acabou de instalar o difusor de escape –, ele também comenta sobre os canais que mais assiste no YouTube.

A grande maioria dos vídeos é feita na rua, com a moto em movimento e, em alguns vídeos, o Motoboy fez *HangOuts* em sua residência. Quando obteve uma frequência relevante de visualizações e inscritos em seu canal, o autor passou a também fazer pequenos trechos de seus vídeos, normalmente, no início deles, oferecendo produtos do canal para venda, como camisetas, chaveiros e acessórios para moto e anunciando produtos de parceiros, como seguradora de moto, loja de motos, loja de acessórios para moto, etc.

O vídeo com a maior quantidade de visualizações é o O CABAÇO E O CAGÃO DA HORNET com 515.282<sup>39</sup> visualizações, enviado em 05 de janeiro de 2016, em que ele pilota uma moto Honda modelo Hornet com um colega na garupa que fica reclamando da velocidade e da forma como ele pilota a moto. O segundo vídeo mais visualizado é o MÃO PRA CABEÇA!!! DOIS NA MOTO É ENQUADRO com 405.313 visualizações em que mostra o momento em que policiais abordam com armas em punho dois homens em uma motocicleta parada no semáforo fechado. Ao mesmo tempo, há vídeos com poucas visualizações como o TRAMPANDO E TROCANDO IDEIA com 195 visualizações até 7 de junho de 2014 e 223 visualizações

---

<sup>38</sup> Em 10 de agosto de 2017, essa *playlist* contava com 62 vídeos.

<sup>39</sup> Dados atualizados em 18 de junho de 2017. Em 04 de agosto de 2016, o vídeo possuía 438.050 visualizações.

até 18 de junho de 2017 e o MANIFESTAÇÃO EM FRENTE A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA de 23 de abril de 2014 com apenas 169 visualizações até 18 de junho de 2017.

Durante o primeiro ano do canal, em 2014, os vídeos mais visualizados e que trouxeram mais inscritos foram o vídeo em que o Motoboy bate a moto e o vídeo em que ele faz um racha com outro motociclista e chuta o retrovisor de uma Kombi. O mesmo padrão se repete ao longo dos anos. A polêmica em torno desses vídeos traz audiência e novos seguidores.

É possível perceber que o canal vem ganhando inscritos a cada dia e que os vídeos mais recentes possuem mais visualizações do que os vídeos enviados em 2015 e 2014.

**Tabela 1:** Crescimento do canal Motoka Cachorro!!! entre 2016 e 2017

	Em 04/08/2016	Em 07/03/2017	Em 18/06/2017
Nº de subscritores	64.732	79.365	100.324
Nº de visualizações	8.944.196	12.313.541	14.773.677

Os primeiros vídeos foram feitos com uma máquina simples de marca *New Link* que apresentou problemas logo no início, pois não possuía microfone acoplado e, por isso, foi feito um improviso com uma solda, o que causou problemas na placa do equipamento. Alguns meses depois, em maio de 2014, o Motoboy comprou uma filmadora *GoPro Hero3 White Edition* com microfone *General Eletric*, com uma ótima qualidade de imagem e som. Em agosto de 2016, enquanto a sua *GoPro* estava no conserto, ele usou uma *SJ500+ 1080x60 pixels* cedida por um parceiro que vende câmeras. Normalmente, quando há alguma troca ou modificação nas ferramentas que usa, ela é comentada pelo autor do canal.

As influências para a criação do canal foram, principalmente, a de Kleber Atalla, também conhecido como o Tiozão da Hornet, que o apresentou à motofilmagem e, posteriormente, Eletroboy, gaúcho que também fazia motofilmagem. Além desses, o autor tem o hábito de acompanhar outros motovlogs, como os de Maiki, Fabinho da Hornet, Carlos Meira, Felipe Fu, Mika Motofilmadora, Valmir Pink, Walcer Bezona Paraná, Edson Day, Dudacell, ALN1001, Eletroboy, Sady GoTurbo, Diego Feroldi, Cleberson Durão, entre outros.

Além de estar realizando o sonho de mostrar a rotina do trabalho de motoboy, o autor do canal também obtém algum ganho com a visualização de seus

vídeos. Por isso, o aumento da audiência é sempre comemorado. Em um dos vídeos, ESPECIAL 3.000 INSCRITOS – HISTÓRIA DO CANAL E PLANOS E MONETIZAÇÃO, publicado em 29 de outubro de 2014, o autor comemora o número de inscritos e relata como se dá o pagamento do YouTube em relação ao número de visualizações e sobre as empresas que oferecem parceria aos donos de canal para divulgação dos vídeos, publicação de anúncios e ganhos sobre a quantidade de visualizações. Sobre seus objetivos iniciais e seu ganho financeiro, o Motoboy relata o seguinte:

[...] aqui não tem hipocrisia... aqui nói fala tio... ganhar dinheiro?... talvez... nói começamo isso daqui o canal motoka cachorro hoje aí com três mil inscritos... não é um número bombástico mas é um número grande [...] pensava que o bagueio<sup>40</sup> ia ser no começo não sei o que?... não pensava... eu só queria filmar e mostrar minha rotina... mostrar como é que é o rolê do motoboy... tô mostrando... [...] e agora é o seguinte né tio?... só que agora a gente já tá sabendo... agora a gente sabe... a gente não tá mais na inocência... (ESPECIAL 3.000 INSCRITOS – HISTÓRIA DO CANAL E PLANOS E MONETIZAÇÃO – MOTOKAVLOG, 2014<sup>41</sup>)

Atualmente, portanto, além dos ganhos por meio das visualizações e dos produtos que vende, o autor também faz propaganda dos produtos de certo comércio, os quais chama de parceiros. Além das curtas gravações que coloca no início de muitos vídeos, o Motoboy também divulga o nome, endereço e *site* desses parceiros na descrição dos vídeos. É possível notar que, nos vídeos mais antigos, não havia descrição nas postagens ou havia apenas uma pequena descrição. Já nos vídeos mais recentes, as descrições são longas devido à quantidade de anúncios que faz.

Abaixo, temos uma imagem da página inicial do canal, de agosto de 2016, em que é possível ver o logo, que foi desenhado por um seguidor do canal, à esquerda no topo; a foto da capa no topo; o *link* para o *site* em que o Motoboy vendia seus produtos “LOJA DO MOTOKA” à direita na parte inferior da capa; o nome do Canal logo abaixo da capa “MOTOKA CACHORRO!!!” à esquerda; o número de inscritos à direita e abaixo os vídeos enviados. No canto direito, há duas seleções de canais, a

---

<sup>40</sup> O termo “bagueio” é lido como [ba.'gu.iw] e não [ba.'giw]

<sup>41</sup> Cf. < <https://www.youtube.com/watch?v=ybwocRz8m94>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

de canais dos amigos do autor do canal e a de canais relacionados ao tema do canal. O primeiro deles é realizado pelo próprio Motoboy e o segundo pelo YouTube.

The image shows the YouTube channel page for 'MOTOKA CACHORRO!!!'. At the top, there is a search bar with the text 'Pesquisar' and a 'Enviar' button. Below the search bar is a banner image featuring motorcycles and graffiti. The channel name 'MOTOKA CACHORRO!!!' is prominently displayed, along with a 'Inscrito' button and a subscriber count of 64.655. The navigation menu includes 'Início', 'Vídeos', 'Playlists', 'Canais', 'Discussão', and 'Sobre'. The main content area is divided into sections: 'O que assistir a seguir' (Recommended videos) and 'Envios' (Videos from this channel). The 'O que assistir a seguir' section lists several videos with titles like 'TITAN 160 DA PAU EM FACTOR 150 EU ADMITO...' and 'A BRINCADEIRA É BOA MAS TEM QUE SABER BRINCAR - MOTOKAVLOG'. The 'Envios' section shows a video titled 'A BRINCADEIRA É BOA MAS TEM QUE SABER BRINCAR - MOTOKAVLOG' and another titled 'TITAN 160 DA PAU EM FACTOR 150 EU ADMITO - MOTOKAVLOG'. On the right side, there are two sidebars: 'CANAIS DOS MEUS AMIGOS!' (Channels of my friends) and 'Canais relacionados' (Related channels), both listing other channels with 'Inscrever-se' buttons.

**Imagem 1.** Página inicial do canal Motoka Cachorro!!! em agosto de 2016.

Em março de 2017, o canal passou a utilizar outro *layout*. O desenho da capa mais informal deu lugar a figuras mais sérias e passou a divulgar o endereço de suas outras redes sociais, tais como o Instagram e o Facebook. Além disso, o rosto do autor do canal já aparece na capa.

Outra mudança relevante é que a imagem estática dos vídeos em destaque está com alguns desenhos, como setas vermelhas e também com algumas palavras. Nesse caso, há as palavras “borozada!” e “Hornet” indicando, mesmo sem ler o nome do vídeo, que ele está apresentando um vídeo em que foi instalado o difusor de escapamento em uma moto de modelo Hornet.



**Imagem 2.** Página inicial do canal Motoka Cachorro!!! em março de 2017.

Nos meses seguintes, o autor do canal alterou novamente o *layout* da página inicial do canal, mantendo a mesma foto à esquerda, que é o ícone do canal que aparece em todos seus vídeos. Entretanto, a imagem principal, a central, foi alterada por outra em tons de cinza e tem como foco a imagem do baú da moto do autor. O rosto do autor do canal já não aparece nessa versão. É possível notar também que essa imagem da capa está mal posicionada e, por esse motivo, algumas palavras estão cortadas, como a sigla MC no topo.



Imagem 3. Página inicial do canal Motoka Cachorro!!! em junho de 2017.

Até a última conferência realizada pela pesquisadora, em 7 de agosto de 2017, a capa utilizada para o canal era a seguinte:



Imagem 4. Página inicial do canal Motoka Cachorro!!! em agosto de 2017.

Na última modificação no *layout* do canal, a imagem da capa apresenta algumas motocicletas e o baú da moto, à direita, fica com uma visualização melhor. É importante lembrar que o baú foi estilizado, novamente, e, desse modo, não está mais como na imagem.

Outra mudança que ocorreu foi a troca do *link*, no canto inferior à direita: foi retirado o ícone “LOJA DO MOTOKA” que direcionava para a loja em que ele vendia produtos do canal e foram acrescentados ícones para o perfil no Facebook e para o perfil no Instagram.

É interessante notar o destaque para o novo logotipo do canal que contém o ícone do YouTube, o nome do canal e a frase “O SEU MOTOBOY DO YOUTUBE”, slogan adotado pelo canal a partir de 2017 (imagem 2).

#### **4.1.1. Perfil do autor do canal<sup>42</sup>**

O autor do canal nasceu na Grande São Paulo e atualmente mora em São Paulo. É casado e tem três filhos. No passado, foi viciado em drogas e, em alguns vídeos, conta sua história com as drogas e relata o processo de sua recuperação.

Antes de ser Motoboy, o autor do canal trabalhou como aprendiz de pizzaiolo. Ele também trabalhou como motoboy em agências e depois como auxiliar de escritório na Receita Federal com contrato de terceirizado, enquanto fazia curso supletivo. Quando se casou, fez um consórcio para comprar uma moto e voltou a trabalhar como motoboy para melhorar sua condição financeira. Apesar de ter tido outras profissões, o gosto por motos é bastante evidente.

É um costume do Motoboy nomear suas motos. A primeira delas que foi utilizada para os vídeos é a “Lady Laura”; depois ele adquiriu a “Branquela”, uma Yamaha Fazer 150 SED Branca, e ficou com ela até abril de 2016, quando adquiriu uma Yamaha Factor 150. Na ocasião, ele postou um vídeo DESPEDIDA DA BRANQUELA & NOVA MOTO (06 de abril de 2016). A Branquela possuía pintura hidrográfica em branco e preto, o que a deixou personalizada. Em 2017, sua moto Factor passou por um processo de estilização, com pintura no baú e no aro das rodas e foi nomeada de “Oncinha”.

---

<sup>42</sup> Os dados apresentados nessa seção, assim como os demais do restante da tese, foram retirados das próprias falas do autor do canal ao longo de seus vídeos, visto que não realizamos entrevista com o mesmo e nem analisamos seus perfis em outras mídias sociais.

O gosto por motos fica evidente não só quando o Motoboy fala sobre suas motos expressando uma relação afetiva, mas também pelos inúmeros vídeos dedicados a falar sobre o assunto como, por exemplo, o vídeo QUAL MOTO DE ALTA CILINDRADA EU COMPRO?, em que ele está levando a moto de outra pessoa para ser emplacada e conta sobre seu desejo de ter uma moto de alta cilindrada; ou o vídeo em que ele conta sobre as motos que já teve até a Branquela (TODAS AS MOTOS QUE JÁ TIVE DESDE A BOLINHA ATÉ A BRANQUELA), com duração de uma hora e dois minutos. Em alguns vídeos, ele faz também comparações entre diferentes modelos de motos.

#### **4.1.2. Temas do canal**

O canal aborda, principalmente, temas relacionados à rotina do Motoboy na cidade de São Paulo e também na Grande São Paulo. Eventualmente, há vídeos com entregas em cidades mais distantes, como Campinas (SP), por exemplo.

A maior parte dos vídeos mostra o Motoboy fazendo entregas, seja de pizzas à noite ou de documentos e pequenos objetos em horário comercial. Nesse percurso da entrega, o autor pode mostrar algum imprevisto que possa ocorrer, como uma abordagem policial, um acidente no trânsito; porém, em muitos casos, o vídeo retrata apenas a rotina comum de entregas. Durante o vídeo, o Motoboy pode desenvolver algum assunto, relatando fatos de sua vida pessoal e profissional e emitindo opiniões sobre questões como política, cobrança de impostos, polícia e também quanto à religião, valores, amizade, relacionamentos, desejos.

## **4.2. SELEÇÃO E DESCRIÇÃO DOS VÍDEOS DO CANAL**

Antes de selecionar os vídeos que comporiam o *corpus* de análise dessa pesquisa, foram, primeiramente, selecionados 34 vídeos temáticos para uma observação mais detalhada, sendo dez vídeos do ano de 2014, dez de 2015, dez de 2016 e quatro de 2017. Para essa seleção inicial, buscou-se diversificar os temas principais, bem como a duração do vídeo e a quantidade de visualizações.

#### 4.2.1. Seleção de vídeos de 2014

Nº	Nome	Data	Visualizações**	Endereço eletrônico	Duração
1*	APRESENTAÇÃO DO CANAL. JÁ COMEÇAMOS ZOANDO O SOM DA CÂMERA KKKKKK	28/03	3.889	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=VrNpH7nO3E8">https://www.youtube.com/watch?v=VrNpH7nO3E8</a>	1'01"
2*	O MOTOBOY ENTREGADOR DE PIZZAS	22/04	1.535	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=i7fJ0C2RdvM">https://www.youtube.com/watch?v=i7fJ0C2RdvM</a>	22'
3*	PRÓ-VIDA – TROCANDO IDEIA	26/04	260	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=gxkuD_2-jjk">https://www.youtube.com/watch?v=gxkuD_2-jjk</a>	20'45"
4	COMO VERIFICAR O NÍVEL DO OLEO DO MOTOR DA SUA MOTO	13/05	99.794	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=qmtS1Of7Yhl">https://www.youtube.com/watch?v=qmtS1Of7Yhl</a>	3'11"
5	FAN150 - ANTENA CORTA PIPAS ME SALVOU - SALVES ESPECIAIS	26/06	110.497	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=RgJm90u9YuA">https://www.youtube.com/watch?v=RgJm90u9YuA</a>	15'30"
6	DEPOIMENTO DE UM EX VICIADO PART.1	21/07	2.375	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ki7RUBhDE00&amp;spfreload=5">https://www.youtube.com/watch?v=ki7RUBhDE00&amp;spfreload=5</a>	26'15"
7	(QUASE) TODOS OS MOTOVLOGS QUE EU ASSISTO - AMINÉSIA TOTAL!!!	02/10	1.236	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Egejc6ZojYA">https://www.youtube.com/watch?v=Egejc6ZojYA</a>	18'36"
8	VOTAR CONSCIENTE DE QUE JEITO? - CABAÇO QUASE CAI DA MOTO	25/10	10.120	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=f_EMFmrGbtA">https://www.youtube.com/watch?v=f_EMFmrGbtA</a>	15'56"
9	Canhoto SOFRE! - FAZER 250 quis RACHA com nois no corredor SE FODEU KKKKK	08/12	27.371	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=4ENEw49thMk">https://www.youtube.com/watch?v=4ENEw49thMk</a>	17'33"
10	ULTIMO VÍDEO DO ANO! - AGRADECIMENTOS 2014 É NOIS	30/12	2.844	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=IPUO_khdAHA">https://www.youtube.com/watch?v=IPUO_khdAHA</a>	24'33"

**Quadro 2.** Seleção de vídeos do canal Motoka Cachorro!!! de 2014.

**Notas:** \* Vídeos selecionados para transcrição; \*\* Dados atualizados em 19 de junho de 2017.

O primeiro ano já define alguns padrões para o canal, como a duração dos vídeos. A grande maioria dos vídeos do canal tem aproximadamente 20 minutos. Considerando os 34 vídeos selecionados nos quatro anos de canal, temos a média de 22 minutos e 25 segundos por vídeo e pudemos observar que há a tentativa de padronizar a duração dos vídeos para aproximadamente 20 minutos para que os mesmos não sejam muito longos e desagradem os seguidores do canal.

Além disso, a forma como o autor nomeia seus vídeos também se manteve parecida nos anos seguintes. Normalmente, os vídeos com dicas de manutenção têm um nome que descreve aquilo que o vídeo pretende ensinar, como o caso do vídeo 4, COMO VERIFICAR O NÍVEL DO OLEO DO MOTOR DA SUA MOTO, para o qual não há dúvidas quanto ao conteúdo do vídeo. Porém, a maior parte dos vídeos não tem um planejamento prévio, por isso, o vídeo tem como nome fatos que tenham ocorrido

durante a filmagem ou assuntos sobre os quais o autor tenha discorrido ao longo do vídeo.

Em alguns casos, o vídeo tem um nome com mais de um assunto, como é o caso do vídeo 9 Canhoto SOFRE! - FAZER 250 quis RACHA com nois no corredor SE FODEU KKKKK, em que um dos assuntos principais do vídeo é o fato de o Motoboy ser canhoto e as dificuldades decorrentes dessa condição. No entanto, além disso, durante o vídeo, ocorre algo inesperado e que chama a atenção do público-alvo do canal que é a disputa entre motos no trânsito. Em função desse fato, o racha, apesar de não ser central no vídeo, está presente em seu título.

O assunto central do vídeo 8 VOTAR CONSCIENTE DE QUE JEITO? - CABAÇO QUASE CAI DA MOTO, que é a situação da política no Brasil durante as eleições de outubro de 2014 para presidente, governadores, deputados e senadores, é retomado nos anos seguintes do canal. O autor tem o costume de deixar sua opinião a respeito do cenário político brasileiro e seu descontentamento em relação aos políticos de modo geral. Em um trecho desse vídeo, ele diz que “A gente vive num feudalismo enrustido” devido aos impostos que o brasileiro deve pagar. Nesse mesmo vídeo, o autor canta um trecho de um rap, algo que se repete em outros vídeos do canal. Ao discutir a política brasileira, ele usa um trecho da música “A Minha Voz Está No Ar” do grupo musical Facção Central (Não aceno bandeira, não colo adesivo/Não tenho partido, odeio político/A única campanha que eu faço é pro ensino/E pro meu povo se manter vivo/Não enquadrar o boy de carro importado/Abaixar o revólver, procurar um trabalho). Em vídeos mais recentes do canal, o autor também colocou músicas para abrir o vídeo que são, normalmente, raps.

No vídeo 7 (QUASE) TODOS OS MOTOVLOGS QUE EU ASSISTO - AMINÉSIA TOTAL!!!, o autor reflete sobre sua própria fala ao reclamar do hábito que tem de falar “né”, o que denomina vício de linguagem. Em outros vídeos, esse comportamento de refletir sobre sua maneira de falar se repete. Um exemplo é quando, já em 2017, no vídeo  PAREI DE FALAR PALAVRÃO <sup>43</sup>, fala sobre seu hábito de usar palavrões. É interessante, portanto, observar essa consciência que o falante tem sobre sua forma de falar e as tentativas que faz para se adequar àquilo que julga como sendo uma forma adequada de se falar. No caso do uso de palavrões,

---

<sup>43</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BnGiM22CzJY&t=561s>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

por exemplo, embora tenha relatado que alguns seguidores de seu canal reclamaram sobre o excesso de palavrões, ele ressaltou que continuaria falando palavrões.

#### 4.2.2. Seleção de vídeos de 2015

Nº	Nome	Data	Visualizações**	Endereço eletrônico	Duração
11	MOTOBOY LOCÃO ANDANDO JUNTO COM AS HORNET - MOTOKAVLOG DA HORNET KKK	05/01	22.278	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=jC27Hlwznvs">https://www.youtube.com/watch?v=jC27Hlwznvs</a>	20'37"
12*	(NAS PIZZAS) RESPEITE O MOTOBOY. ELE PODE ESTAR COM A SUA ENTREGA	07/02	22.339	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=vg6uoLW2PUo">https://www.youtube.com/watch?v=vg6uoLW2PUo</a>	54'14"
13	POLÍCIA NÃO PRENDE LADRÃO, PRENDE DOCUMENTO - LEIS BRASILEIRAS DE MERDA	01/04	72.990	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=UvbYLv1NAvg">https://www.youtube.com/watch?v=UvbYLv1NAvg</a>	27'21"
14*	POLÍCIA NÃO, COBRADOR DE IMPOSTO - LOUCURAS PRA CUMPRIR A MISSÃO	19/05	8.737	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=-iQwZWqCg9A">https://www.youtube.com/watch?v=-iQwZWqCg9A</a>	20'47"
15	TO COMEÇANDO GOSTAR DESSA VIDA DE AUTÔNOMO!!! - ALGUMAS DICAS	17/06	16.342	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=tYnjOTCz0ps">https://www.youtube.com/watch?v=tYnjOTCz0ps</a>	41'09"
16	FAZER 150 CÓDIGO DE FALHA NO PAINEL COMO FAZ PRA LER	22/07	9.907	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=59aBw7pg4XM">https://www.youtube.com/watch?v=59aBw7pg4XM</a>	8'19"
17	LANÇAMENTO OFICIAL E TEST RIDE YAMAHA R3 MINHA PRIMEIRA VEZ NA PISTA MOTOKAVLOG	03/08	135.853	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=jVant9WZwYI">https://www.youtube.com/watch?v=jVant9WZwYI</a>	22'56"
18	SOFRI UM GRAVE ACIDENTE DE MOTO	09/10	21.247	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=oW1uYI8kiXE">https://www.youtube.com/watch?v=oW1uYI8kiXE</a>	2'46"
19	MOTOKA VAI VOLTAR PRA PIZZARIA? - VIROSE BRASILEIRA	19/11	7.137	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=SIIZdDBkT9k">https://www.youtube.com/watch?v=SIIZdDBkT9k</a>	31'09"
20	O QUE É SER MALOQUEIRO	20/12	6.979	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=CVfxoQk1E0Q">https://www.youtube.com/watch?v=CVfxoQk1E0Q</a>	29'57"

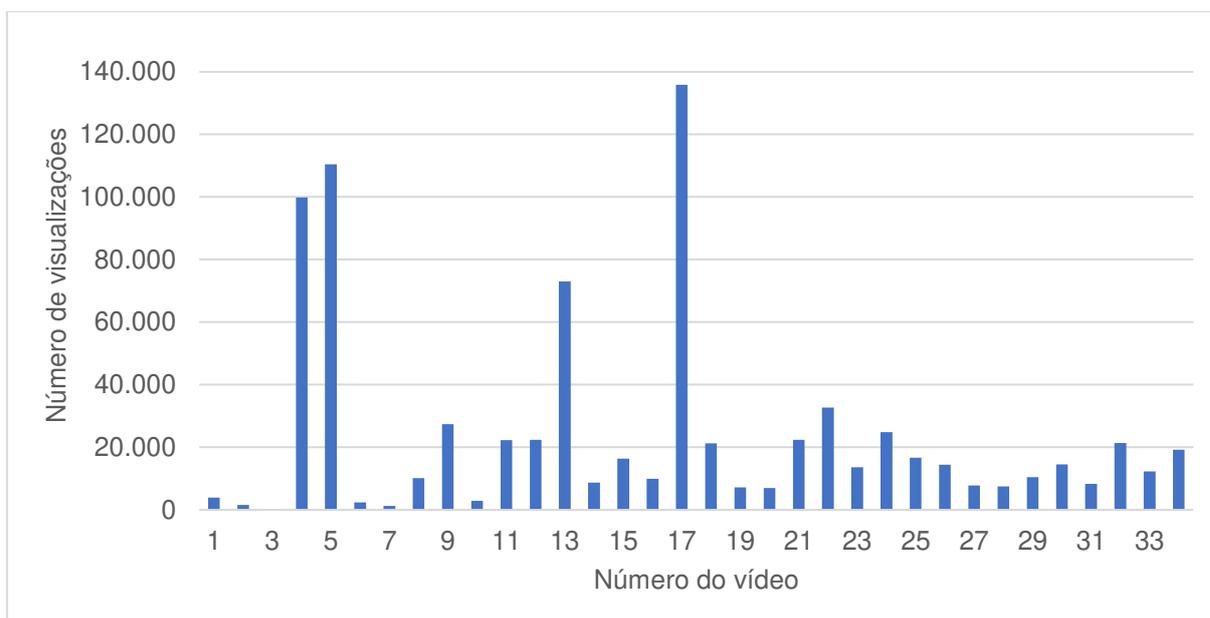
**Quadro 3.** Seleção de vídeos do canal Motoka Cachorro!!! de 2015.

**Notas:** \* Vídeos selecionados para transcrição; \*\* Dados atualizados em 19 de junho de 2017.

O vídeo 11 MOTOBOY LOCÃO ANDANDO JUNTO COM AS HORNET - MOTOKAVLOG DA HORNET KKK, segundo vídeo postado em 2015, exemplifica uma tendência do canal: o envio de vídeos em que o Motoboy está pilotando outros modelos de motos. Nesse caso, a moto em questão é uma Yamaha modelo Hornet, moto bastante reconhecida entre os motociclistas. Ademais, esse vídeo também aponta para o início do reconhecimento do canal por usuários do YouTube, pois ele registra a ida de um seguidor do interior a São Paulo para conhecer o dono do canal.

Esse enfoque nas motos também é evidente no vídeo 17 LANÇAMENTO OFICIAL E TEST RIDE YAMAHA R3 MINHA PRIMEIRA VEZ NA PISTA MOTOKAVLOG que registra a ida do Motoboy a um evento em uma pista de corrida de motos no qual foi exposto o lançamento de um novo modelo de moto. Esse vídeo é um dos vídeos com mais visualizações do canal (mais de 135 mil visualizações) e já mostra a tendência para o tipo de vídeo que dá audiência ao canal. Observando os 34 vídeos selecionados, vemos que a média de visualizações é de 23.813 por vídeo.

Além do vídeo 17, outro vídeo a ultrapassar as 100 mil visualizações dentre os selecionados é o vídeo 5 FAN150 - ANTENA CORTA PIPAS ME SALVOU - SALVES ESPECIAIS em que há menção a um possível incidente que teria acontecido com um fio de pipa. Contudo, o vídeo não registra o incidente, apenas o Motoboy relata e ressalta a importância do corta pipa. Abaixo, podemos ver que há grande variação no número de visualizações nos vídeos selecionados. Desde aquele com apenas 260 até o de mais de 135 mil visualizações.



**Gráfico 1.** Número de visualizações por vídeos selecionados do canal Motoka Cachorro!!!.

Outro tipo de vídeo que costuma ter muitas visualizações é aquele que tem a palavra “acidente”. No caso do vídeo 18 SOFRI UM GRAVE ACIDENTE DE MOTO, apesar de haver a palavra acidente em seu título, não há registro do acidente em si, apenas o relato do autor quanto ao acidente que havia sofrido no dia anterior.

Os vídeos 13 POLÍCIA NÃO PRENDE LADRÃO, PRENDE DOCUMENTO - LEIS BRASILEIRAS DE MERDA e 14 POLÍCIA NÃO, COBRADOR DE IMPOSTO -

LOUCURAS PRA CUMPRIR A MISSÃO também são exemplificadores de uma temática recorrente no canal, que é a revolta do Motoboy perante o papel da polícia de aplicar multas, perante as leis de trânsito que não estariam protegendo os motociclistas, mas apenas penalizando.

Os vídeos 15 TO COMEÇANDO GOSTAR DESSA VIDA DE AUTÔNOMO!!! - ALGUMAS DICAS e 9 MOTOKA VAI VOLTAR PRA PIZZARIA? – VIROSE BRASILEIRA tratam da temática da profissão do Motoboy, relatando mudanças em seu trabalho, preferências e condições de trabalho nas diferentes formas de trabalhar como motoboy: autônomo, contratado de agências de motoboy, contratado de pizzarias etc.

Um vídeo interessante do ponto de vista da construção identitária e estilística do motoboy é o vídeo 20 O QUE É SER MALOQUEIRO. O assunto central do vídeo, ser maloqueiro, surgiu durante conversa com colegas logo no início do vídeo e, ao se despedir dos colegas, o Motoboy definiu que esse seria o assunto do vídeo. Ao longo de sua fala, ele define o que é ser maloqueiro e afirma que gosta de ser maloqueiro. Para ele, maloqueiro é um jeito de ser, um estilo de vida que pode ser adotado por motoboys, mas que nem todos são. Assim, afirma que ser maloqueiro não é ser bandido e nem usar drogas, beber ou andar muito rápido no trânsito, mas que é diferente de ser chique, comportado. As características principais do maloqueiro seriam ser despojado, andar de skate, andar sem camisa, soltar pipa, falar palavrão. Ainda quanto à fala, para ele “o maloqueiro fala errado só quando ele quer. Tem maloqueiro analfabeto? Tem. E tem maloqueiro mestrado e doutorado também”. Como está circulando pela Avenida Paulista, ele diz que esse local não é maloqueiro, pois é o cartão postal da cidade de São Paulo. Define, portanto, que o cartão postal do maloqueiro é a favela, “o rolê com várias motos”. Pode-se ressaltar, por esse vídeo, que o autor do canal conhece determinadas características que marcam um determinado estilo urbano e que considera que os falantes conseguem manipular os recursos linguísticos para marcar esse estilo quando afirma que o maloqueiro pode falar corretamente, pode ter alto grau de escolaridade.

### 4.2.3. Seleção de vídeos de 2016

Nº	Nome	Data	Visualizações**	Endereço eletrônico	Duração
21	FIZ 18 COMPRO QUAL MOTO PRA COMEÇAR?	22/01	22.354	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=zvTtoagYl8I">https://www.youtube.com/watch?v=zvTtoagYl8I</a>	27'37"
22*	TIPOS DE MOTOBOY E MELHOR FORMA DE TRABALHAR	12/02	32.645	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=V4aaj7IRZT0&amp;index=2&amp;list=PLZyrZ2xxzLqjotg571WyMfdhUcsU0nODg">https://www.youtube.com/watch?v=V4aaj7IRZT0&amp;index=2&amp;list=PLZyrZ2xxzLqjotg571WyMfdhUcsU0nODg</a>	38'34"
23*	PORQUE SOU MOTOBOY - DEU CERTO?	16/03	13.573	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=lfQLyZfOY0M&amp;list=PLZyrZ2xxzLqjotg571WyMfdhUcsU0nODg">https://www.youtube.com/watch?v=lfQLyZfOY0M&amp;list=PLZyrZ2xxzLqjotg571WyMfdhUcsU0nODg</a>	33'10"
24	DESPEDIDA DA BRANQUELA & NOVA MOTO	07/04	24.847	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=6mK2tGI-2Xw">https://www.youtube.com/watch?v=6mK2tGI-2Xw</a>	3'37"
25	PASSO A PASSO COMO SE REGULARIZAR NO MOTOFRETE	02/05	16.696	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=M-rAitNs_RE">https://www.youtube.com/watch?v=M-rAitNs_RE</a>	20'07"
26	POR QUE OS MOTOBOY PREFEREM AS STREET EM VEZ DAS TRAIL?	13/06	14.424	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=F2vyQJLUWfo">https://www.youtube.com/watch?v=F2vyQJLUWfo</a>	17'55"
27	MEUS CINCO FILHOS E MINHAS TRÊS MULHERES	17/08	7.798	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Zdmw8HjeUAc">https://www.youtube.com/watch?v=Zdmw8HjeUAc</a>	21'05"
28	FAZENDO ENTREGA PROS GAYS	15/09	7.435	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=gaE0AaDBldo">https://www.youtube.com/watch?v=gaE0AaDBldo</a>	13'36"
29	COMO EU CONSEGUI ME CASAR	3/11	10.445	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=DYiyfWEnivg">https://www.youtube.com/watch?v=DYiyfWEnivg</a>	43'33"
30	FAZER 250 COM BORÓ DIFUSOR É O TERROR	23/12	14.480	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=-OvFN3Q4QcA">https://www.youtube.com/watch?v=-OvFN3Q4QcA</a>	10'21"

**Quadro 4.** Seleção de vídeos do canal Motoka Cachorro!!! de 2016.

**Notas:** \* Vídeos selecionados para transcrição; \*\* Dados atualizados em 19 de junho de 2017.

A seleção de vídeos postados em 2016 abrange diversas temáticas recorrentes no canal, como a de dicas para motociclistas iniciantes, como é o caso do vídeo 21 FIZ 18 COMPRO QUAL MOTO PRA COMEÇAR? e a de dicas para quem quer ser motoboy como os vídeos 22 TIPOS DE MOTOBOY E MELHOR FORMA DE TRABALHAR, 23 PORQUE SOU MOTOBOY – DEU CERTO? e 25 PASSO A PASSO COMO SE REGULARIZAR NO MOTOFRETE. Nesses vídeos, o autor do canal atende a pedidos de seus seguidores que buscam informações, dicas e orientações. Desses vídeos, o mais instrutivo é o vídeo 25 em que, fora da moto, o Motoboy explica todos os procedimentos necessários para a regularização do motofretista na cidade de São Paulo.

Um assunto que surge em 2016 e que passa a ser recorrente desde então é a instalação de um difusor de escape que deixa o escapamento mais barulhento.

Para os vídeos relacionados a esse assunto, o autor do canal criou a *playlist* “BOROZINHO”, como consta no quadro 1 (cf. p. 79).

#### 4.2.4. Seleção de vídeos de 2017

Nº	Nome	Data	Visualizações**	Endereço eletrônico	Duração
31	MEU NOTEBOOK TURBO & RAP DOS MOTOBOYS #VIDADECACHORRO 2	8/01	8.259	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=a6ef85HDLMc">https://www.youtube.com/watch?v=a6ef85HDLMc</a>	22'56"
32	BOROZNHO DIFUSOR NA CB300R SEM TRINCA ESCUTA SÓ O BERRO QUE DEU	15/02	21.382	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=3uNXg0dkbh8">https://www.youtube.com/watch?v=3uNXg0dkbh8</a>	24'05"
33*	O MOTOBOY DE 80 MIL INSCRITOS!!!	16/03	12.314	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=TJ8Px3yQ7KQ">https://www.youtube.com/watch?v=TJ8Px3yQ7KQ</a>	26'12"
34*	 MOTOBOY RAIZ VS MOTOBOY NUTELLA 	11/04	19.249	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=yKylFeV VQkk">https://www.youtube.com/watch?v=yKylFeV VQkk</a>	25'26"

**Quadro 5.** Seleção de vídeos do canal Motoka Cachorro!!! de 2017.

**Notas:** \* Vídeos selecionados para transcrição; \*\* Dados atualizados em 19 de junho de 2017.

Em 2017, pode-se observar uma mudança em relação à forma como o autor do canal nomeia os vídeos. A partir de março de 2017, boa parte dos vídeos postados trazem *emojis* em seus títulos, algo que já era possível de se fazer anteriormente, porém que tem se popularizado desde 2015, como o vídeo 34  MOTOBOY RAIZ VS MOTOBOY NUTELLA . Temos outros exemplos recentes como os vídeos LACREI MEU CHEVETTÃO INSUL FILM 5%!    (05 de março de 2016)<sup>44</sup>) ou  TESTE DE LONGA DURAÇÃO MAXRACING AMORTECEDOR DE DIREÇÃO  (17 de março de 2017)<sup>45</sup>. Essa mudança busca, principalmente, tornar os vídeos mais atrativos aos usuários do YouTube e, assim, aumentar o número de visualizações dos mesmos.

### 4.3 SELEÇÃO DO CORPUS

Após uma observação mais atenta desses 34 vídeos, foram selecionados 9 vídeos para transcrição e análise. O primeiro vídeo do canal, APRESENTAÇÃO DO

<sup>44</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=hx-Z\\_AdU6c4&t=6s](https://www.youtube.com/watch?v=hx-Z_AdU6c4&t=6s)>. Acesso em: 19 jun. 2017.

<sup>45</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=sPZkvOc\\_ggE](https://www.youtube.com/watch?v=sPZkvOc_ggE)>. Acesso em: 19 jun. 2017.

CANAL. JÁ COMEÇAMOS ZOANDO O SOM DA CÂMERA KKKKKK, foi postado em 28 de março de 2014 e seu objetivo era apresentar o canal. Por ser o vídeo inaugural em que o autor fala sobre seus objetivos com o canal, ele foi selecionado para composição do *corpus*.

Posteriormente a essa seleção, optou-se por selecionar mais dois vídeos de cada ano do canal até 2017, sendo, portanto, 2014, 2015, 2016 e 2017, totalizando nove vídeos. Um desses vídeos selecionados, O MOTOBOY DE 80 MIL INSCRITOS!!!, de 16 março de 2017, foi publicado quando o canal chegou aos oitenta mil inscritos e completou três anos, por esse motivo, o autor faz um histórico do canal. Esse vídeo foi selecionado, assim como o vídeo inaugural, por trazer um discurso sobre um marco temporal do canal.

Para a seleção, buscaram-se vídeos em que o autor fala sobre o que é ser Motoboy e sobre sua relação com este trabalho: O MOTOBOY ENTREGADOR DE PIZZAS de 2014, PORQUE SOU MOTOBOY de 2015, TIPOS DE MOTOBOY E MELHOR FORMA DE TRABALHAR de 2016 e  MOTOBOY RAIZ VS MOTOBOY NUTELLA  de 2017.

Ainda foram selecionados vídeos em que o autor fala sobre outros atores ou grupos sociais como PRÓ-VIDA – TROCANDO IDEIA de 2014 e POLÍCIA NÃO, COBRADOR DE IMPOSTO - LOUCURAS PRA CUMPRIR A MISSÃO de 2015, pois ao discorrer sobre outros grupos sociais, o autor discorre também sobre sua relação com esses grupos. Dessa forma, o *corpus* de análise está composto dos vídeos listados no quadro 6, que totalizam pouco mais de quatro horas de gravações.

Nº	Nome	Data	Duração
1	Apresentação	28/03/2014	1'01''
2	O MOTOBOY ENTREGADOR DE PIZZAS	22/04/2014	22'
3	PRÓ-VIDA – TROCANDO IDEIA	26/04/2014	20'45''
12	(NAS PIZZAS) RESPEITE O MOTOBOY. ELE PODE ESTAR COM A SUA ENTREGA	07/02/2015	54'14''
14	POLÍCIA NÃO, COBRADOR DE IMPOSTO - LOUCURAS PRA CUMPRIR A MISSÃO	19/05/2015	20'47''
22	TIPOS DE MOTOBOY E MELHOR FORMA DE TRABALHAR	12/02/2016	38'34''
23	PORQUE SOU MOTOBOY	16/03/2016	33'10''
33	O MOTOBOY DE 80 MIL INSCRITOS!!!	16/03/2017	26'12''
34	 MOTOBOY RAIZ VS MOTOBOY NUTELLA 	11/04/2017	25'26''
<b>Total</b>			4h02'09''

**Quadro 6.** Vídeos do canal Motoka Cachorro!!! selecionados para o *corpus*.

#### 4.4. METODOLOGIA PARA AS TRANSCRIÇÕES

Para a transcrição dos nove vídeos acima citados, foi feita uma adaptação das convenções adotadas pelo Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) (GONÇALVES; TENANI, 2008). As adaptações procuraram atender os objetivos da pesquisa e as seguintes especificidades do material:

- 1) Predomínio de monólogo;
- 2) Falas muito rápidas;
- 3) Interferência de sons externos tais como buzinas, motor da motocicleta, outros veículos no trânsito, etc.;
- 4) Alta frequência de hesitações com o uso de preenchedores como “éh” “e”, repetições de palavras e de sílabas;
- 5) Mudança constante de assunto.

Dessa forma, pelo predomínio de monólogos e por termos como foco somente a fala do Motoboy nos vídeos, os fenômenos de encavalamento ou superposição de turnos, assim como todo o quadro “Sistema de transcrição do Projeto ALIP: convenções de alguns aspectos da interação” de Gonçalves e Tenani (2008) foram desconsiderados.

Outra adaptação relevante foi quanto ao apagamento de segmentos. Optamos por manter formas como “memo”, “poco”, “tá”, “tô”, “cê” aproximando-se da forma como foi realizada pelo falante para não perder a fluidez da transcrição e evitar excesso de correções. Por outro lado, as formas verbais no pretérito perfeito, gerúndio e infinitivo foram transcritas conforme a grafia padrão tendo em vista a grande oscilação e o fato de que essa característica da fala não era o foco da presente pesquisa. Dessa forma, pode-se resumir a transcrição de acordo com os quadros abaixo:

Elementos prosódicos		
Ocorrência	Sinais	Exemplos
Alongamento silábico	: podendo aumentar para :: ou :::	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ago::ra a Fazer seiscentas é::: aí vai do piloto né?</li> <li>• aliás a::: é::: a consolidação das lei de trabalho né? o CLT ele tá acabando viu?</li> </ul>
Entonação enfática	Maiúscula	<ul style="list-style-type: none"> <li>• motor nunca abriu pra nada... PRA NADA...</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>diversas perguntas a respeito do SERVIÇO de motoboy...</li> </ul>
Comentário do transcritor	((minúscula ))	o... eu que agradeço ((dirigindo-se ao vídeo)) ((risos)) deu tempo cara... vamo
Interrogação	?	<ul style="list-style-type: none"> <li>será que eu consigo? será que eu consigo?</li> <li>beleza meu irmão? ... legal?</li> </ul>
Silabação	-	estamos na Vila Monumento cachorro... MO-NU-MENTO...
Qualquer pausa	...	<ul style="list-style-type: none"> <li>faço... faço serviço de motoboy...</li> <li>tenho dois ou três clientes assim... não chamam direto...</li> </ul>

**Quadro 7.** Convenção para transcrição de elementos prosódicos.

Comentários do transcritor		
Ocorrências	Sinais	Exemplos
Comentário descritivo do transcritor	((comentário))	<ul style="list-style-type: none"> <li>fica pro dono da pizzaria né? ((risos)) qual que é a parte do motoca?</li> <li>cento e quarenta e seis... ((buzina)) ((dirigindo-se à casa)) PIZZA...</li> </ul>
Trecho ininteligível	(inint.)	onde matarem (inint.) sua personalidade

**Quadro 8.** Convenção para inserção de comentários do transcritor.

Convenções de grafia de palavras		
Ocorrências	Sinais	Exemplos
Nomes próprios ou siglas	Iniciais maiúsculas	é... mete um GPSzinho de moto lá na Santa Efi...
Nomes próprios que identificam o informante ou pessoa do relacionamento do informante	Não transcrever o nome e grafar apenas as iniciais maiúsculas	é moleque doido tamo fazendo o serviço da M...
Nomes de obras (livros, revistas, jornais) e/ou palavras estrangeiras	Em itálico e grafia da língua de origem, quando for o caso.	eita porra não consigo nem lê esse nome aí... número <i>fourty two</i> ...
Marcadores discursivos	Ocorrência seguida do ponto "?", quando for o caso.	ah mas a pizza é boa né?...
Elementos fáticos	é, ah, ó, ih, hum, hein, pá	vários hein... hum... tramando no esporádico...
Interjeições já dicionarizadas		pô mano...

		vixi ah é tá certo essa rua aqui ixi é o prédio
Numerais e letras	Grafia por extenso	cê toma cinco pinga o cara marca seis... entendeu?

**Quadro 9.** Convenções de grafia de palavras.

<b>Aspectos morfofonológicos</b>		
<b>Ocorrências</b>	<b>Sinais</b>	<b>Exemplos</b>
Apagamento de segmentos a) em verbos exceto morfema de pretérito perfeito, gerúndio, infinitivo e verbo ir b) nas demais palavras	Grafia aproximada da forma realizada Grafia da forma padrão Grafia aproximada da forma realizada	nóis anda, tá, tô, tamo acabou, fazer, ir, fazendo, vou poco, memo, nói, caxa, cêis, cê, véio, bagueio
Uso de preposições a) contração de <i>com</i> + artigo b) contração de <i>para</i> + artigo	Grafia da forma padrão Grafia da forma realizada	com a/ com o pra/pro

**Quadro 10.** Convenções de aspectos morfológicos.

*o seu super hiper mega importante trabalho blaster what fucking de diretor só é exercido numa empresa limpinha reluzente porque tem alguém lá pra limpar que senão você ia trabalhar numa porqueira porque você não limpa nada seu pau no cu... hãh véio... o seu documento tão super hiper mega importante que só com assinatura serve que... que não pode ser enviado via internet porque tem que tá autenticado carimbado registrado se quiser voar é entregue pelo motoboy aqui tá ligado?...*

**MOTOKA CACHORRO!!! (V3)**

## V MANIPULAÇÃO DE RECURSOS LINGUÍSTICOS PARA CONFIGURAÇÃO DE ESTILO DE FALA

Este capítulo se dedicará à análise dos recursos linguísticos mobilizados pelo autor do canal Motoka Cachorro!!! em sua fala para compreender o modo como o Motoboy constrói suas *personae*. É por meio da observação da manipulação ativa desses recursos que postulamos que o Motoboy constrói um estilo de fala que o caracteriza e que também ajuda a caracterizar o canal no YouTube por ele criado. Para isso, selecionamos recursos linguísticos que são recorrentes e que assim marcam sua fala e os separamos em dois níveis: o nível da palavra e o nível da enunciação, tal como classifica Martins (2008).

A partir da manipulação desses recursos, o Motoboy constrói sua identidade, ora enfatizando a esfera profissional, ora enfatizando características mais pessoais. De todo modo, as *personae* construídas estão relacionadas a uma identidade local, isto é, que refletem o ambiente em que esse ator social vive.

### 5.1 NÍVEL DA PALAVRA

Os recursos linguísticos extraídos do *corpus* que serão analisados nessa seção se concentram mais no nível da palavra e são realizados por meio da estilização morfológica relacionada com a flexão de grau e o uso de vários sufixos em uma mesma palavra, por meio do uso de expressões lexicais como gírias, do uso de léxico em inglês e formação de palavras com sufixos do inglês.

#### 5.1.1 Estilização morfológica por meio de sufixação

##### 5.1.1.1 O uso do diminutivo

Embora o diminutivo seja, normalmente, associado à feminilidade (MENDES, 2012), a observação dos vídeos do canal nos permitiu identificar que há um uso bastante significativo de diminutivos na fala do Motoboy.

Os sufixos de diminutivo podem fazer referência à dimensão reduzida de determinado objeto ou pessoa, mas ele também pode ser usado para demonstrar

admiração ou surpresa quando o seu sentido é o de aumentativo<sup>46</sup>; para demonstrar depreciação/antipatia; para atenuar o sentido; demonstrar afetividade. Sendo assim, ele apresenta uma dualidade, pois pode exprimir “de um lado, apreciação, o carinho, a delicadeza, a ternura, a humildade, a cortesia, e, de outro, a depreciação, o desdém, a irritação, a ironia, a gozação, a hipocrisia” (MARTINS, 2008, p. 146) e, somente a partir do contexto é possível apreender seu sentido para definir se o uso do diminutivo se dá para se referir à dimensão estritamente ou se ele é empregado a partir de suas derivações mais metafóricas.

#### 5.1.1.1.1. Sufixo -inho(a)

Considerando todos os empregos do sufixo -inho(a) e excluindo palavras como “marronzinho” – termo utilizado para se referir ao guarda de trânsito –, e “sujeirinha” e “martinha” – formas utilizadas pelo autor para se referir a outras pessoas e que, portanto, podem ser os apelidos das mesmas – temos a seguinte frequência de uso do diminutivo nos vídeos transcritos:

**Tabela 2:** Frequência de diminutivos (por mil palavras)

Total de Palavras	-inho(a)	Frequência
27453	192	7,03

A ocorrência de 7,03 a cada mil palavras é bastante alta se compararmos com os resultados obtidos por Mendes (2012) quando analisou o uso do diminutivo na fala de homens e mulheres heterossexuais e gays. Nessa pesquisa, observou-se que mulheres heterossexuais utilizaram o diminutivo numa frequência em média de 2,97 ocorrências a cada mil palavras, sendo 3,84 a frequência da falante que mais utilizou o diminutivo na amostra. Já os homens gays tiveram uma média de frequência de 3,59 ocorrências a cada mil palavras, considerando, nesse grupo, 4,51 a maior frequência para um falante. O autor (MENDES, 2012) concluiu que há correlação entre as categorias de sexo/gênero e os usos do diminutivo na variedade paulistana do português, de modo que os homens heterossexuais fazem uso do diminutivo para marcar sua masculinidade.

<sup>46</sup> Normalmente, vemos esse uso de forma irônica quando o falante expressa admiração ou surpresa a respeito de determinado objeto ou pessoa, como em: “mas é esse o seu carrinho novo?”. Convém ressaltar que, em nosso *corpus*, não foi encontrado esse tipo de uso do grau diminutivo.

Já o Motoboy do canal Motoka Cachorro!!! manipula esse recurso linguístico para marcar seu estilo, ainda que se coloque como homem heterossexual que faz parte de um grupo social bastante marcado pela masculinidade e virilidade, como é o caso dos motociclistas.

O uso do diminutivo -inho é, portanto, recorrente na fala do Motoboy e, além dos casos mais frequentes na língua portuguesa, há também outros usos que chamam a atenção, como é o caso de “videozinho”, “aceleradinha”, “camerazinha”, “valinho”, como vemos no quadro abaixo:

Item lexical	N	Item Lexical	N	Item Lexical	N
pouquinho	9	amiguinho	1	instantinho	1
videozinho	9	arrumadinha	1	joinha	1
entreguinha	7	bauzinho	1	leitinho	1
radarzinho	6	bonezinho	1	letrinha	1
adesivinho	5	bucetinhas	1	maluquinho	1
bonitinho	5	buzinadinha	1	maninho	1
minutinho	5	cachoerinha	1	mariazinha	1
quebradinha	5	cachorrinho	1	mesinho	1
tiozinho	5	caixinha	1	motinho	1
cartãozinho	4	camerazinha	1	motoboyzinho	1
certinho	4	canalzinho	1	musiquinha	1
contratinho	4	carregadorzinho	1	nojinho	1
predinho	4	chaveirinho	1	oclinho	1
ajeitadinha	3	cofrinho	1	parcelinha	1
devagarzinho	3	coletinho	1	particularzinho	1
novinho(a)	3	conversinha	1	pecinha	1
pistolinha	3	copinho	1	pedacinho	1
sucatinha	3	cordinha	1	piadinha	1
belezinha	2	corredorzinho	1	pistinha	1
camisetinhas	2	dancinha	1	pizzariazinha	1
envelopinho	2	derretidinha	1	pontinhos	1
fazerzinha	2	diazinhos	1	quentinha	1
golzinho	2	dinheirinho	1	radialzinha	1
ideinha	2	direitinho	1	rapidinho	1
limpinha	2	engravatadinho	1	robozinho	1
lugarzinho	2	estilinho	1	ruazinha	1
motinha	2	favelinha	1	socialzinho	1
motorzinho	2	feinho	1	sofazinho	1
namoradinha	2	fichazinha	1	stradinha	1
pertinho	2	finalzinho	1	tempinho	1
ruinzinho	2	freadinha	1	todinha	1
sorrisinho	2	garotinho	1	totozinho	1
sozinho	2	gatinho	1	valinho	1
trampinho	2	gpszinho	1	viadinho	1
acabamentinho	1	hondinha	1	viajinha	1
aceleradinha	1	hornetinha	1	vielinha	1

**Quadro 11:** Lista de palavras com sufixo -inho e o número de ocorrências.

Nessa listagem de 108 palavras, a maior parte delas também ocorre em seu grau normal. Algumas, no entanto, só ocorrem no diminutivo; são elas: ajeitadinha, pistolinha, sucatinha, golzinho<sup>47</sup>, namoradinha, acabamentinho, aceleradinha, bonezinho, cachoeirinha, carregadorzinho, cofrinho, coletinho, copinho, dancinha, derretidinha, engravatadinho, fichazinha, totozinho, robozinho, quentinha, parcelinha, nojinho, mariazinha, letrinha, leitinho, instantinho. Essa ausência de ocorrência no grau normal de palavras como “pistolinha”, “mariazinha”, “cofrinho”, “golzinho” e “instantinho” pode ser explicada por estas serem consideradas como formas mais lexicalizadas na língua. Entretanto, a não ocorrência do grau normal nos demais termos mostra o quão significativo é o uso do diminutivo para a manipulação estilística do falante.

A seguir, veremos um exemplo para a ocorrência de cada forma no diminutivo assim como sua forma correspondente no grau normal nas treze palavras mais utilizadas no diminutivo. A partir desses exemplos, é possível constatar que há a uso do grau diminutivo em substantivos predominantemente, porém também em adjetivos e advérbios:

Normal	N	Exemplo	Diminutivo	N	Exemplo
pouco	17	espero que eu tenha conseguido mostrar um <b>pouco</b> do meu trabalho noturno aí pra vocês... (V2) <sup>48</sup>	pouquinho	9	divulgando um <b>pouquinho</b> do nosso trabalho aí né? ...pra vocês... (V2)
vídeo	60	se eu fosse ligar pras bosta que me falam... eu não taria fazendo esse <b>vídeo</b> aqui pra vocês... (V2)	videozinho	9	vou ter que trocar o plug do microfone... tô perdendo uma pá de <b>videozinho</b> por causa dessa porra... (V2)
entrega	23	era pra eu tá acelerando mais pelo tanto de <b>entrega</b> que eu tô... (V12)	entreguinha	7	como que é o dia a dia do motoboy... pra mostrar o que que a gente faz pra pra sair nessas <b>entreguinha</b> né? (V12)
radar	17	nóis é desse jeito cachorro... nóis é raiz... tem <b>radar</b> ?... não né? (V34)	radarzinho	6	ali na frente tem ó... tem um <b>radarzinho</b> ... aí cê vai devagarZinho... (V34)
adesivo	9	... tá parecendo mais uma seita iluminati tá ligado?	adesivinho	5	eu vejo o <b>adesivinho</b> colado eu já fico ligeiro... (V3)

<sup>47</sup> Isto se considerarmos o sentido para “gol” corresponde ao encontrado no diminutivo, a saber: Gol como modelo de carro, pois o termo “gol” foi encontrado em seu grau normal outro sentido na expressão “na cara do gol”.

<sup>48</sup> Utilizaremos a notação (Vx) para indicar o vídeo de onde foi retirado o trecho da fala do Motoboy, em que x é o número do vídeo tal como foi apresentado no quadro 6 (cf. p. 94). Nesse caso, (V2) refere-se ao vídeo 2 O MOTOBOY ENTREGADOR DE PIZZAS do *corpus* pesquisado.

		que só tem rico com esses <b>adesivo</b> no carro ((risos)) (V3)			
bonito	3	cada um com a sua religião... e... só que eu acho <b>bonito</b> ... acho bacana... né?... é bonitinho... sim.. (V2)	bonitinho	5	cada um com a sua religião... e... só que eu acho bonito... acho bacana... né?... é <b>bonitinho</b> ... sim.. (V2)
minutos	12	tem uns dez <b>minutos</b> ... <sup>49</sup> (V3)	minutinho	5	deu dez <b>minutinho</b> eu já ligo pro cliente... (V34)
quebrada <sup>50</sup>	7	tem que entrar aqui... nessa <b>quebrada</b> <i>monster</i> ... (V12)	quebradinha	5	agora tamo aqui...eu gosto de fazer esse trampinho nessas <b>quebradinha</b> aqui... (V23)
tio	69	isso aí mano o negócio é ser feliz <b>tio</b> ... o motor se estourar nós faz de novo... (V2)	tiozinho	5	AÊ pau no cu caralho hein.... orra meu... cuidado <b>tiozinho</b> ... foda né véio?... é foda... (V2)
cartão	14	cê conseguiu alguma coisa entregando <b>cartão</b> de visita?... consegui...(V22)	cartãozinho	4	deixa um <b>cartãozinho</b> de visita seu aí a gente tá sempre pedindo motoboy... <sup>51</sup> (V22)
certo	47	tá dando <b>certo</b> graças a deus... (V23)	certinho	4	se você não tem condumoto... não tem... não tem placa... num num tem placa vermelha moto branca curso tudo <b>certinho</b> esquece aplicativo... nenhum te pega... entendeu? (V23)
contrato	16	É: pode arrumar outro trampo pode ter seus cliente particular na parte da tarde cê pode arrumar outro <b>contrato</b> ... (V22)	contratinho	4	tem que ter sorte demais pra arrumar dois <b>contratinho</b> boi desse daí né? (V22)
prédio	7	acho que só tem uma entrega dessas que é <b>prédio</b> ... (V12)	predinho	4	fazer entrega nesse <b>predinho</b> aí ó... bacana o bangalô né? (V3)

**Quadro 12:** Exemplos de uso dos graus normal e diminutivo nos vocábulos em que o diminutivo é mais empregado no *corpus*.

No quadro acima, procurou-se, nos casos em que isso foi possível, exemplificar o uso do grau normal e do diminutivo de cada item lexical em trechos do mesmo vídeo para mostrar que o uso do diminutivo não ocorre em vídeos determinados, mas, ao contrário disso, ocorre de forma sistemática. Ele pode alternar o uso ou o não uso do diminutivo para o mesmo vocábulo. Dessa forma, o diminutivo funciona, na fala do Motoboy, como uma forma de expressividade. Esse

<sup>49</sup> Essa fala faz parte de um diálogo entre o Motoboy e uma cliente.

<sup>50</sup> A ocorrência de “quebrada” sempre se deu no sentido de vizinhança, de periferia. Não foi encontrado o termo para designar alguma coisa que estivesse “partida”.

<sup>51</sup> Nesse trecho, o Motoboy estava imaginando um diálogo com um possível cliente e essa fala seria desse cliente.

funcionamento fica mais claro nos exemplos a seguir que mostram a alternância entre o grau normal e o diminutivo dentro de um trecho curto:

**Exemplo 1**

[...] tem **radar**? não né?... tchau... ali na frente tem ó... tem um **radarzinho**... aí cê vai devagarZInho... (V34)

**Exemplo 2**

[...] e a maioria dos cara com esse **adesivo** no carro aí ou então com aquele **adesivinho** do compasso e um transferidor uma letrinha G dentro tá ligado?... que é de uma... dos maçom... a maioria deles no trânsito são forgado pra caraio tio... (V3)

**Exemplo 3**

[...] cada um com a sua religião... e... só que eu acho **bonito**... acho bacana... né?... é **bonitinho**... sim... (V2)

**Exemplo 4**

[...] aí agora nós vai entrar aqui nas **quebrada**... **quebradinha** **quebradinha**... (V23)

**Exemplo 5**

[...] pra você que tá começando agora a trabalhar de motoboy não quer trabalhar em firma de motoboy tá pensando aí em... em pegar um sei lá um um... os seus próprios clientes aí através de **cartãozinho de visita** enquanto... enquanto a sua a sua panfletagem aí a sua distribuição de **cartão de visita** aí não vem dando resultado pega uma pizzariazinha pra trabalhar... (V22)

Observando os exemplos (1) e (2), poderia-se supor que a alternância no grau dos substantivos se daria pela referência à dimensão, já que “radar” é empregado para se referir a radares em geral e “radarzinho” para um radar específico que poderia ser pequeno, discreto e o “adesivinho” poderia ter uma dimensão reduzida em relação ao “adesivo” considerando que são adesivos diferentes. Entretanto, os demais exemplos (3), (4) e (5) mostram que um mesmo referente pode ser nomeado em seu grau normal ou diminutivo. Dessa forma, compreendemos que esse falante faz usos que extrapolam o sentido mais comum do diminutivo, derivando-o a outros mais metafóricos.

Ao analisar seu *corpus*, Mendes (2012) classifica seus dados em três tipos de diminutivos: aquele que faz referência ao tamanho reduzido, aquele com sentidos mais abstratos, metafóricos e aqueles lexicalizados. Em nosso *corpus*, observamos também a ocorrência do uso do diminutivo para expressar mais claramente a dimensão reduzida como em (6) e (7):

**Exemplo 6**

[...] tá gravando... tem dois **pontinhos** de bateria na GoPro... vamo ver o que a gente consegue fazer aqui... (V22)

**Exemplo 7**

[...] esses dias eu carreguei um **sofazinho** de criança... (V22)

Entretanto, são muitos os casos encontrados em nosso *corpus* em que essa função de caracterizar a dimensão reduzida de determinado objeto se confunde com outros sentidos. No caso do emprego do diminutivo no termo “entrega”, embora faça referência à dimensão reduzida, considerando que essa entrega seria pequena, curta, pode-se observar que há um acréscimo a esse sentido mais concreto com outros sentidos mais metafóricos, como em (8) e (9):

**Exemplo 8**

[...] “tamo chegando tamó chegando na **entreguinha**... é nessa rua aqui...” (V2)

**Exemplo 9**

[...] “como que é o dia a dia do motoboy... pra mostrar o que que a gente faz pra pra sair nessas **entreguinha** né?” (V12)

Em ambas as ocorrências, “entreguinha” parece trazer o sentido de rapidez que está associado à dimensão reduzida: “entreguinha” = entrega curta, entrega rápida. Entretanto, essa forma diminutiva expressa tanto a dimensão reduzida da “entrega” quanto a relação afetiva que o sujeito estabelece com o objeto, nesse caso, o Motoboy estabelece com sua atividade profissional, configurando, assim, também o uso do diminutivo de forma metafórica. Esse sentido metafórico é mais claro no exemplo (V12), quando, diferentemente do exemplo anterior, o falante não faz referência a uma entrega específica que poderia ser definida como rápida, mas às suas entregas de modo geral quando é impossível afirmar que todas elas sejam rápidas.

Assim como o exemplo de “entreguinha” acima, foi possível identificar outros exemplos do uso do diminutivo fazendo referência à dimensão reduzida, mas que também possuem sentidos metafóricos derivados de seu sentido mais comum.

É interessante notar que, assim como o termo “entrega”, observou-se, analisando o *corpus* como um todo, o uso do diminutivo em termos associados a: (i) atividade profissional de motoboy, como o próprio termo “motoboyzinho”, bem como “radarzinho”, “entreguinha”, “contratinho”, “cartãozinho”, “corredorzinho”,

“motorzinho”, dentre outros, além das referências a motos como “hornetinha”, “fazerzinha” e “oncinha”<sup>52</sup>; e (ii) atividades do Motoboy enquanto autor do canal, como “canalzinho”, “camerazinha”, “videozinho”, dentre outros.

Portanto, pode-se reconhecer que o diminutivo é um recurso empregado para marcar um estilo e que, inicialmente, está mais associado a termos relacionados a suas atividades como Motoboy e como Youtuber, o que indica uma função de expressão da afetividade, mas também de humildade em relação às atividades que realiza, função essa que se estende no decorrer do tempo a outros termos que não estão associados às atividades do falante, o que marca e caracteriza a fala do Motoboy de modo geral.

#### 5.1.1.1.2. Outros sufixos mais incomuns<sup>53</sup>

Além do uso do sufixo mais comum para formação de palavra no diminutivo, é possível identificar o uso de outros sufixos nos vídeos, como os que se seguem:

Sufixo	Palavra	N	Exemplos
-ela	- Viela (de vila)	2	nói também é lá da favela... beco <b>viela</b> .. (V14)
	- Branquela (de branca)	2	caraiio fazerzinha você tá da hora hoje hein <b>branquela</b> ? (V23)
-ito(a)	- Serra da Japita (de Serra do Japi)	1	tô aqui na serra da <b>japita</b> ... ali... é ali? (V34)
-ote(a)	- Molecote (de moleque)	1	tá gravando molecote... tá gravando... firmeza? (V2)
-im	- Ligadim (de ligado)	1	tá gravando... né?... pisca-pisca <b>ligadim</b> tá gravando...(V23)
-oca	- Motoca (de motocicleta)	36	dava pra encaixar a <b>motoca</b> aí tiozão... só que ele não quer... (V3)
	- Motoca (de motoboy)		tem que agilizar mano... senão vem reclamação e vem reclamação em cima do <b>motoca</b> ... (V12)
	- Motoca (de motociclista em geral)		então eu andando pensando no <b>motoca</b> ... eu não esqueço que moto existe né véio? (V12)

**Quadro 13:** Ocorrência de sufixos incomuns.

<sup>52</sup> Sendo que a palavra “oncinha” não faz parte do *corpus*, mas foi mencionada no capítulo IV, como a forma como nomeou sua atual motocicleta após processo de estilização.

<sup>53</sup> Os seguintes sufixos de diminutivo foram pesquisados, mas não foram encontrados: acho(a); icho(a); ucho(a); ebre; elho(a); isco; usco(a); ejo; ilha; ino(a); ete; eco(a), eto(a) e ola.

Nesse quadro, há casos mais comuns e, por isso, lexicalizados, como a formação das palavras “viela”. No entanto, há também usos mais autorais, como “Serra da Japita” para chamar a Serra do Japi.

A ocorrência mais comum de diminutivo nos vídeos é “Motoca” e esse uso é comum na língua portuguesa, pois é a forma usada para se referir ao brinquedo infantil e, no contexto de motociclistas, essa é uma forma comum de chamar as motocicletas. Porém, o autor do canal usa o termo para se referir a motocicletas, aos motoboys ou aos motociclistas em geral<sup>54</sup>, também para se referir a si mesmo, além de ter adotado este termo para nomear o canal. Para fins de contagem, foram desconsideradas as vezes em que o autor fala “motoka” se referindo ao canal Motoka Cachorro!!!.

É interessante notar que, no *corpus* selecionado, em nenhum momento “motoca” aparece como marcador discursivo ou mesmo como forma nominal de tratamento para dirigir-se a um interlocutor, seja nas interações com outros falantes ou mesmo na interação com os interlocutores imaginados. As ocorrências de “motoca” como referência à segunda pessoa do discurso se dão por meio da inserção da voz do outro, o que representamos nas transcrições com o uso das aspas. A seguir, exemplos em que “motoca” é empregado para se referir a ele mesmo:

**Exemplo 10**

[...] então ah tipo já me fizeram muito essa pergunta... “é **motoca** cê le.. cê transporta o quê?”... eu transporto de tudo irmão... (V22)

**Exemplo 11**

[...] muita gente tá perguntando isso... muita gente tá chegando com essa notícia ou então falando “pô **motoca**...” (V23)

É interessante observar, como vimos na apresentação do canal no Capítulo IV que o Motoboy costuma nomear suas motos e pode-se citar que há pelo menos dois desses nomes no diminutivo: “oncinha”, como vem chamando sua moto atual e “branquela” que aparece no *corpus* pesquisado, como em:

**Exemplo 12**

[...] hoje em dia na **branquela** eu tenho *car system* que é o bloqueador com seguro né? (V22)

---

<sup>54</sup> Exemplos desses usos serão dados na seção 5.1.2.1 desse capítulo.

### 5.1.1.2. *Uso de vários sufixos em uma mesma palavra*

É comum, também, o acréscimo de sufixos variados em substantivos e adjetivos, principalmente para nomear as motocicletas como vemos nos exemplos a seguir:

a) Para nomear a motocicleta Hornet, modelo imponente bastante apreciado pelos motociclistas que gostam de velocidade, o Motoboy utiliza também outras três variações:

(i) Hornet + sufixo -inha = hornetinha

#### **Exemplo 13**

[...] ó uma Fazer 600 o terror da **hornetinha** né?... é::: (V22)

(ii) Hornet + sufixo -eira = horneteira

#### **Exemplo 14**

[...] final de semana os cara tá de **horneteira** fi... os motoboy... tá pensando o que? (V23)

(iii) Hornet + sufixo -ão = hornetão

#### **Exemplo 15**

[...] quantos motoboy que cê conhece que tá luxando de **hornetão**? ... é poucos hein? (V23)

#### **Exemplo 16**

[...] ó o **hornetão** ali dentro ó..." ((Momento em que vê uma motocicleta do modelo Hornet)) (V33)

b) O sufixo *-eira* também é usado para nomear a motocicleta Falcon. No caso a seguir, o Motoboy fala da moto quando a vê parada na rua:

(i) Falcon + sufixo -eira = falque(i)ra

#### **Exemplo 17**

[...] ó a **falqueira** [...]. (V33)

c) Outro modelo bastante conhecido de motocicleta é a Factor e, por ser sua atual moto, é citado com frequência nos vídeos. Nesse nome também foi

adicionado o sufixo -eira, quando o Motoboy faz um comentário a respeito de uma moto que vê na rua:

(i) Factor + sufixo -eira = facte(i)ra

**Exemplo 18**

[...] a **factera**... a **factera** tá cansada... tá suja né? tá feia né? (V33)

d) A própria palavra “moto” também ocorre com o acréscimo de um sufixo, no caso, o aumentativo:

(i) Moto + sufixo -ão = motão

**Exemplo 19**

[...] dá hora é ver os vídeo de **motão** de hornetão [...] (V33)

e) Além de motos, vemos também a modificação de vocábulo que nomeia o modelo de um carro, o Sonata da Hyundai:

**Exemplo 20**

[...] é... isso aí... e aí **sonatão**?... (V22)

Além dos modelos de moto, a alternância de sufixos é observada em outros substantivos e adjetivos, como:

f) O termo “doido” foi usado dez vezes nos vídeos pesquisados para adjetivar ou nomear pessoas. Outras variações do termo são:

(i) Doido + sufixo -ão = doidão

**Exemplo 21**

[...] o bagueio tá **doidão**... ((quando está procurando o endereço de um cliente)) (V12)

**Exemplo 22**

[...] vamo parar lá na porta e rezar pra não ser multado que é pra dá tempo... é:: é:: o bagueio tá **doidão** cachorrera... (V14)

(ii) Doido + sufixo -eira = doide(i)ra

**Exemplo 23**

[...] deixa essa maninho passar aí que ele tá na **doidera**... vai lá mano... eu também tô p... eu também tô com pressa mas eu não tô na doidera tá ligado? (V12)

**Exemplo 24**

[...] aí ó nós como que tá... nós tamo... aí ó os cara é **doidera** mano... (V34)

g) O nome do canal é Motoka Cachorro!!!, portanto, “cachorro” é um termo bastante estilizado pelo autor do canal. Ele é utilizado pelo autor com bastante frequência para nomear outras pessoas, para se dirigir a uma segunda pessoa e em gírias. A seguir vemos outras duas variantes de “cachorro”, sendo que (26) e (27) exemplificam essa forma de se referir a outras pessoas enquanto que o exemplo (25) tem como referente o próprio animal cachorro:

(i) Cachorro + sufixo -inho = cachorrinho

**Exemplo 25**

[...] tem até um cachorrinho bacana aí... um Golden ó... daqueles lá que foram recuperados...” ((para se referir a um cachorro em uma residência)) (V2)

(ii) Cachorro + sufixo -eira = cachorre(i)ra

**Exemplo 26**

[...] e aí **cachorrera** como que nós tá de entrega? tamo com SE::is entrega muleque... ((para se referir a ele mesmo)) (V12)

**Exemplo 27**

[...] eu já tinha que ter ido pela direita já... ah ma agora vamo que vamo né?... vamo ver o que que nós faiz aqui **cachorrera**... (V14)

### 5.1.2. Expressões lexicais: gírias

Em pesquisa sobre as gírias utilizadas pelos motoboys, Silva (2010) analisou textos produzidos por motoboys publicados no *site* Canal Motoboy<sup>55</sup> e lista algumas das gírias utilizadas por eles. Fazendo uma comparação com as gírias

<sup>55</sup> Cf. <http://megafone.net/saopaulo>

utilizadas pelo Motoboy no canal Motoka Cachorro!!!, verificamos as seguintes semelhanças.

### 5.1.2.1. **Motoca X Motoboy**

Conforme analisado em Lucca (2012) e Silva (2010), o termo “motoboy” carrega inúmeros sentidos negativos produzidos por discursos midiáticos, principalmente. Dessa forma, para Silva (2010), a gíria “motoca” apresenta-se como uma forma positiva de designar motoboy.

A partir das análises de nosso *corpus*, vemos que o autor do canal utiliza “motoca” ou “motoka” com frequência. Essa é, como vimos mais acima, a forma como ele nomeia seu canal Motoka Cachorro!!! e como, muitas vezes, refere-se a si mesmo. Entretanto, o termo “motoboy” é mais usado pelo autor do canal e não vem associado a sentidos negativos. Dessa forma, vemos em nossas análises que “motoca” é uma forma mais estilizada de dizer “motoboy” do que uma tentativa de amenizar uma imagem negativa. Alguns exemplos disso:

#### **Exemplo 28**

[...] é um curso que te que te que te deixa apto em âmbito nacional né?... em âmbito federal a exercer a profissão de **motoboy**... (V22)

#### **Exemplo 29**

[...] o cara que trampa na firma de **motoboy** ele tem um suporte ali da firma de **motoboy**... (V22)

O exemplo (28) associa “motoboy” à profissão, dando ao termo uma conotação de seriedade e oficialidade. O uso no exemplo (29) também remete “motoboy” ao profissional que trabalha em determinada firma.

#### **Exemplo 30**

[...] aê tio tira esse carro do meio do caminho... caralho... num tá vendo que tá passando o **motoboy**... (V34)

#### **Exemplo 31**

[...] é difícil um **motoboy** que não tomou umas multa viu... (V3)

Nos exemplos 30 e 31, o “motoboy” é o sujeito que está no trânsito na prática de sua profissão. Vemos, portanto, que, ao utilizar “motoboy” inúmeras vezes<sup>56</sup> em sua fala e para nomear diversos vídeos de seu canal, o autor constrói novos

---

<sup>56</sup> Há, aproximadamente, 140 ocorrências para o termo em nosso *corpus*.

sentidos para o termo, esses positivos se comparados àqueles produzidos pelos discursos sobre os motoboys pela mídia. O termo “motoca” é, algumas vezes, usado para se referir à motocicleta, como vimos no quadro 13 desse capítulo, outras para se referir a si mesmo (exemplo 32) e também para se referir ao profissional, no lugar de “motoboy”, numa relação de sinonímia, como vemos, nos exemplos (33) e (34):

**Exemplo 32**

[...] “**motoca** eu quero trabalhar de **motoboy**... compensa trabalhar de motoboy?”... resposta é... depende... (V23)

**Exemplo 33**

[...] hoje o o D. F. caiu da moto nós tá com um **motoca** a menos né tio? (V12)

**Exemplo 34**

[...] eu trabalhei num contratinho de **motoca** que eu ficava à disposição de uma empresa de comércio de.. de comércio exterior... (V12)

Dessa forma, diferentemente dos resultados de outros estudos que afirmam que o uso de “motoca” é resultado de uma “luta pela reversão dos valores imputados” (SILVA, 2010, p. 63) ao termo “motoboy”, a partir desse *corpus*, é possível notar que “motoca” funciona também como um signo de grupo que favorece a identificação social do falante (PRETI, 2004) e um signo de hetero e autoidentificação do autor, o “motoca”.

**5.1.2.2. “A milhão” e “No grau”: uma expressão da velocidade**

A velocidade está presente na rotina dos motoboys e é naturalizada pela ideologia capitalista de consumo no “contexto de sistema *just in time* em que a mercadoria deve ser produzida, circular e ser consumida instantaneamente, os sentidos de velocidade, rapidez, eficiência e urgência do trabalho do Motoboy são instaurados como evidentes e necessários” (LUCCA, 2012, p. 65). Os exemplos (35) e (36) mostram essa naturalização da necessidade da velocidade com a gíria “a milhão”:

**Exemplo 35**

[...] como que cê quer que sua pizza chega logo... o motoqueiro vai ter que vir **a milhão** cortando tudo tio... (V12)

**Exemplo 36**

[...] tô falando pro cê... ó o cara passando a **milhão** com a Carenada... (V23)

Silva (2010) coloca a expressão “a milhão” em um grupo semântico que têm o sentido de velocidade. Outras gírias desse grupo identificadas pela autora são “abrir o gás”, “tocar fundo”, “colar o ponteiro” e “acelerar/chamar no grau”. Dessas, somente a última foi encontrada em nosso *corpus*, porém já com algumas modificações. No exemplo (37), “no grau” mantém sua função de modo de andar, acelerar, pilotar, etc.. No entanto, no exemplo (38), “grau” tem função de adjetivo:

**Exemplo 37**

[...] ó o moleque **no grau**... é **no grau** o moleque... desse jeito cachorro... (V23)

**Exemplo 38**

[...] só que cê é doidera tá ligado? ... cê é o toque... cê é **o grau**... (V34)

No exemplo (38), temos “doideira” e “toque”, outras duas gírias que são sinônimo de “grau”: alguém que anda em alta velocidade. Esse léxico reforça da significação do motoboy pelo movimento e circulação tal como vimos no capítulo 1.

**5.1.2.3. O uso do termo “Esporádico”: o motoboy precarizado**

A condição de trabalho de boa parte dos motoboys também é traduzida em forma de gíria por meio da palavra “esporádico”. Como vemos abaixo no exemplo 39, na gíria, o termo adquire uma outra forma daquela mais comum na língua portuguesa. Se “esporádico”, normalmente, significa algo que acontece de vez em quando, na gíria dos motoboys, ela qualifica um tipo de motoboy, aquele que trabalha numa agência de motoboys terceirizada e, por isso, não tem uma remuneração fixa. Nesse caso, assim como na maior parte das vezes, “a gíria é uma alteração de sentido de um vocábulo já existente na língua” (PRETI, 2004, p. 3):

**Exemplo 39**

[...] você pode trabalhar dentro de uma firma de motoboy como **esporádico** ou seja você fica lá na firma de motoboy é... você é pago pela firma de motoboy... na verdade você... né?... você::: finge que te pagam um fixo mas não pagam e você ganha o que você produzir... (V22)

**Exemplo 40**

[...] o **esporádico** o motoboy **esporádico** né? ... o qual eu não recomendo porque é uma profissão que está ACAbando... é... os aplicativos engoliram os motoboys **esporádicos**... você vai trabalhar numa firma de motoboy como **esporádico** você vai ficar lá dormindo no sofá da firma de motoboy... dificilmente você vai arrumar uma firma de motoboy **esporádico** que tenha bastante serviço que dê pra você

ganhar dinheiro e outra... tem muito patrão pilantra né?... que arruma desconto do ALÉM... né?... do ALÉM do além... (V22)

Em ambos os exemplos, o Motoboy faz uma crítica a essa forma de trabalho, expondo as dificuldades por que passam aqueles que trabalham em empresas terceirizadas. Assim, vemos como essa gíria, além de ser “uma marca identificadora” (PRETI, 2004) do grupo dos motoboys, ela também funciona como categorização de um certo tipo de motoboy.

#### **5.1.2.4. O uso do termo “boca de porco”: as empresas terceirizadas**

A expressão “boca de porco” que, normalmente, se refere a qualquer estabelecimento comercial de baixa qualidade, define, no grupo dos motoboys, a empresa ou agência terceirizada em que o motoboy “esporádico” trabalha, ou seja, as mais precárias.

##### **Exemplo 41**

[...] cuidado que firma de motoboy tem várias **boca de porco**... cara que te rouba... nas OS...entendeu? (V23)

#### **5.1.2.5. O uso do termo “trampo”: o serviço do motoboy**

“Trampo” possui dois significados mais recorrentes no *corpus* pesquisado, o de “trabalho” ou “emprego”, como é normalmente empregado na fala paulistana popular, mas também é uma gíria muito comum entre os motoboys para se referir às ordens de serviço (OS) ou entregas. Em nosso *corpus*, ela ocorre 34 vezes e pode ser dividida da seguinte maneira:

(i) *Com sentido de emprego, trabalho:*

##### **Exemplo 42**

[...] É: pode arrumar outro **trampo** pode ter seus cliente particular na parte da tarde cê pode arrumar outro contrato... (V22)

##### **Exemplo 43**

[...] sabe o que cê faz?... segura seu **trampo**... (V23)

(ii) *Com sentido de ordem de serviço ou entrega:*

##### **Exemplo 44**

[...] essa é a minha... tá fazendo meu **trampo** hein mano? ... ((risos)) da hora brigado hein? (V2)

**Exemplo 45**

[...] porque eu tô indo fazer o **trampo** que o moleque ia retirar véio...(V14)

**Exemplo 46**

[...] porque o cara do contrato ele ganha salário fixo ele não ganha por... ele não ganha por **trampo**...(V22)

Além dessas gírias mencionadas acima que também foram encontradas no *corpus* de Silva (2010), o Motoboy do Motoka Cachorro!!! emprega inúmeras outras gírias em sua fala, o que marca sua fala pela coloquialidade e informalidade.

No quadro a seguir temos alguns exemplos de gírias utilizadas pelo Motoboy em nosso *corpus* mas que não foram encontrados nas pesquisas de Silva (2010):

Expressão	N	Exemplo
Baguio	70	o baguio num vai para não... o <b>baguio</b> num vai voltar pra trás não... (V1) o <b>baguio</b> aqui é louco tio... (V3)
Doidera	4	eu também tô com pressa mas eu não to na <b>doidera</b> tá ligado (V12)
Bombeta	2	mostra aí a <b>bombeta</b> da John John... (V2)
Cê é loco	5	caraió fio já andamo quarenta e um quilômetro na reserva nego... tem que... tem que abastecer hein... <b>cê é lo:co</b> ... (V34)
Cê é loco cachorreira	2	sai Brasília... cara Brasília véio... onde já se viu Brasília?... <b>cê é loco cachorrera</b> ... (V23)
Cê é loco parceiro	1	radarzinho cinquenta por hora muleque doido cinquenta por hora ninguém merece mano... <b>cê é loco parceiro</b> ... só por deus (V22)
Desse jeito que é	5	dá pra ultrapassar? ... vamo ultrapassar... <b>desse jeito que é</b> ... (V12)
Desse jeito que é cachorreira	2	eu não tô atrapalhando ninguém irmão... é o meu lugar de andar com a moto... <b>desse jeito que é cachorrera</b> ... (V12)

**Quadro 14:** Uso de expressões lexicais: gírias.

Um termo utilizado pelo autor do canal é “bombeta”, gíria local da cidade de São Paulo que se refere a boné, portanto, apesar do aparente uso do sufixo de diminutivo -eta, a palavra não remete a bomba.

No caso de “baguio”, além de ser usado para nomear objetos em geral, ele também tem uma função textual e é empregado de diferentes formas, porém todas

com o mesmo sentido. As expressões são formadas com predicado nominal, com os verbos “ser” ou “estar” e adjetivos que expressam insanidade, exagero.

Ao final das expressões, em alguns casos, é empregado um marcador discursivo (MD), tal como “tio”, “cachorrera”, assim como ocorre nas expressões “cê é loco” e “desse jeito que é”. Entendemos que esses marcadores discursivos são recursos linguísticos empregados na fala para organização textual-interativa e que atuam na progressão textual, os também chamados sequenciadores, e na interação, os interacionais (RISSO; SILVA; URBANO, 2002; 2006; MARIANO, 2014; BENTES; MARIANO, 2013). Nesse caso, o marcador discursivo empregado é interacional do tipo interpelativo. Na seção 5.2.1 mais adiante, veremos o emprego desse tipo de MD com mais atenção e, na seção 5.2.2, veremos o uso do MD interacional do tipo “*checking*”.

Dessa forma, podemos sintetizar as estruturas encontradas com “bagueio” no *corpus* da seguinte forma:

Estrutura do enunciado	Exemplos
O bagueio (verbo) lo(u)co(ão) + MD	o bagueio é loco tio (V12) o bagueio tá locão tio (V12)
O bagueio (verbo) lo(u)co (interjeição) + MD	o bagueio é loco... eh nego velho (V12)
O bagueio (verbo) doido(ão) + MD	o bagueio tá doidão cachorrera (14)
O bagueio (dêitico) (verbo) louco + MD	o bagueio aqui é louco tio (V3)
O bagueio (verbo) lo(u)co dêitico + MD	o bagueio tá loco hoje tio (V12)
O bagueio (verbo) sinistrash + MD	o bagueio é sinistrash moleque...(V23)
O bagueio (verbo) sinistrash + (interjeição) + MD?	O bagueio tá sinistrash hein mano? (V23)
O bagueio (verbo) doidão	o bagueio tá doidão (V12)
O bagueio (verbo) lo(u)co	só que <b>o bagueio tá loco</b> (V14)

**Quadro 15.** Estrutura de enunciados com “bagueio”.

Um dos contextos de uso dessa expressão é aquele em que o Motoboy está comentando sobre sua atividade profissional, sobre o excesso de trabalho que tem ou terá naquele dia ou mesmo sobre as condições de trânsito.

As gírias, segundo Preti (1984), podem ser classificadas como “gírias de grupo” e “comuns”. No caso dos motoboys, temos ambos os usos, pois há expressões lexicais que são usadas pelo grupo dos motoboys e que funcionam como um signo desse grupo, tais como “cachorreira” e “motoca”, outras que são usadas pelo grupo dos motociclistas, como “roda presa”. Porém, grande parte das gírias utilizadas pelo Motoboy se tornaram comum, como é o caso de “luxando<sup>57</sup>” como enunciado do exemplo 15 acima (“quantos motoboys cê conhece que tá luxando de hornetão?... é poucos hein?” (V23). Há também grande ocorrência de gírias que se tornaram comuns, principalmente, na cidade de São Paulo, como, por exemplo, “meu”, “mano”, “tá ligado?”, “bombeta”.

Outro uso de léxico que nos chama a atenção é o de “favela” com um traço mais humano como o que veremos no exemplo 64 mais adiante (“tá tirando... a favela seu arrombado do caralho? (V22)).

### 5.1.3. Uso de léxico em inglês

A língua inglesa está presente na fala do Motoboy, seja por meio do uso de palavras ou expressões, seja pela formação de palavras com o uso de sufixos do inglês. O primeiro caso é o uso do numeral em inglês para se referir ao endereço da casa em que faria a entrega:

#### Exemplo 47

[...] eita porra não consigo nem lê esse nome aí... número **fourty two**... é aqui ó... (V2)

Outro uso que ocorre algumas vezes nos vídeos é da expressão *reality* ou *reality show*, bastante popularizada no Brasil:

#### Exemplo 48

[...] o **reality** do motoca é isso cachorro... desse jeito... é isso mesmo... (V22)

#### Exemplo 49

[...] porque aqui esse canal aqui é o **reality show** do motoboy entendeu... ele só vai deixar de ser o **reality show** do motoboy o dia que eu deixar de ser motoboy cê entendeu? (V33)

---

<sup>57</sup> Nesse caso, temos, inclusive a transformação do nome “luxo” em verbo pelo acréscimo do sufixo -ando. Mais um caso de uso interessante da sufixação.

Como vemos, essa é a forma como o autor define seu canal. Já as palavras seguintes são formas com que interage com seu interlocutor, duas expressões também popularizadas na língua portuguesa no dialeto popular paulistano, principalmente:

**Exemplo 50**

[...] seja responsável pelos seus atos e viva a vida **brother**... (V2)

**Exemplo 51**

((dirigindo-se ao um homem na rua)) beleza **man**... legal? (V12)

O uso de “*brother*” no exemplo (50) funciona, nesse caso, como um marcador discursivo interacional interpelativo<sup>58</sup>. Já o “*man*” em (51) é uma forma de tratamento. O uso do inglês no caso seguinte é bastante recorrente nas mídias digitais e é a forma com que o Motoboy se refere ao “curtir” no YouTube:

**Exemplo 52**

[...] você já vai deixando seu **like** porque o seu **like** ajuda a gente pra caramba mano... o seu **like** ajuda esse vídeo a aparecer como recomendado aí... (V33)

O exemplo a seguir é o uso de um adjetivo no inglês, o “*monster*”, termo que também já faz parte do conjunto lexical de gírias de São Paulo:

**Exemplo 53**

[...] tem que entrar aqui... nessa quebrada **monster**... (V12)

A expressão “*what fucking*” também aparece em nosso *corpus* no sentido de ironizar a importância de um trabalho:

**Exemplo 54**

[...] o seu super hiper mega importante trabalho blaster **what fucking** de diretor só é exercido numa empresa limpinha reluzente porque tem alguém lá pra limpar (V2)

Os exemplos a seguir são de formação de palavras com o acréscimo de um sufixo do inglês na palavra da língua portuguesa ou modificação da terminação da palavra em língua portuguesa para acréscimo de outra em inglês. A primeira “sinistrash” (55) é uma ênfase do adjetivo sinistro, com a troca da última sílaba -tro

---

<sup>58</sup> Para observações a respeito de marcadores discursivos interacionais interpelativos e formas nominais de tratamento, ver seção 5.2.1 desse capítulo.

pela palavra “*trash*”, do inglês “sujeira”, “lixo”. A pronúncia da palavra é próxima ao do inglês [træʃ]:

**Exemplo 55**

O bagueio tá **sinistrash** hein mano? É isso memo mano? (V23)

**Exemplo 56**

[...] Motoka Vlog... Avenida **Paulistadition**... fazer entrega nesse predinho aí ó... (V3)

**Exemplo 57**

[...] aqui é um lugarzinho que não sobra corredor... nói tem que ir na **gatations**... (V3)

Já os exemplos (56) e (57) são construções autorais do Motoboy. A primeira delas pelo acréscimo de um sufixo -dition próximo ao que seria o sufixo -tion (estado de ser) do inglês, formando “paulistadition”. E a segunda pelo acréscimo do sufixo -tions em “gato”, uma gíria como no trânsito para algum ato ilegal, como no caso, em que ele está circulando em lugar proibido, formando, assim “gatations”, com a pronúncia próxima do inglês [gateɪʃən].

É interessante observar que ambas as construções se dão em itens lexicais que se referem ao contexto situacional da fala, a primeira delas “paulistadition”, o local onde o Motoboy estava fazendo entrega naquele dia e, a segunda, “gatations”, à forma como nomeou a ação que praticava naquele momento.

## 5.2. NÍVEL DA ENUNCIÇÃO

Nessa seção, serão apresentados alguns recursos linguísticos no nível da enunciação, tais como o uso de formas nominais de tratamento e marcadores discursivos interacionais dos tipos interpelativo e de *cheking* que serão melhor definidos em seus respectivos tópicos.

### 5.2.1. Formas nominais de tratamento e marcadores discursivos interacionais interpelativos

O autor do canal utiliza diversas formas nominais de tratamento para se dirigir a uma segunda pessoa na interlocução e é recorrente o uso de diferentes

marcadores discursivos interpelativos para manter a interação e o fluxo de conversa nos momentos em que o Motoboy está sozinho. O trecho abaixo exemplifica o uso desse recurso linguístico:

**Exemplo 58**

[...] acho que não dá tempo não... mai vamo aí **cuzão**... fazer o que? ... vai que cola... vamo vamo ver o que nói consegue... vamo tentar maximizar esse processo aí... tá ligado **cuzão**? desse jeito que é **cachorrera**... certo **cachorro**?... virge **mano**... (V5)

No exemplo acima observa-se que, num curto trecho de sua fala, o Motoboy utiliza diversas formas para nomear seu interlocutor. Esses itens lexicais do *corpus* analisado podem ser divididos, portanto, em:

- (i) *Forma nominal de tratamento*: usada para se dirigir a uma segunda pessoa; essa interlocução pode ocorrer com alguém na rua, seja com um outro condutor no trânsito, um cliente, um atendente ou recepcionista nas empresas e prédios ou mesmo alguém na calçada; ou com sua audiência imaginada do vídeo no YouTube, isto é, quando fica claro a quem o falante se dirige;
- (ii) *Marcador discursivo interacional interpelativo*: usado para manter o fluxo conversacional, tem a “função de invocar ou chamar a atenção do interlocutor para o ato da interação, possibilitando, assim, a sua progressão” (MARIANO, 2014, p.43).

Portanto, no exemplo (54) acima, os termos grifados são categorizados como marcadores discursivos, visto que sua função é a de manter o fluxo da interação. Analisando as principais formas nominais do *corpus* para fazer referência a um interlocutor, pode-se citar os seguintes itens lexicais:

**Tabela 3:** Lista e número de ocorrências das formas nominais de tratamento e marcadores discursivos interacionais interpelativos.

Item lexical	N
Mano	205
Véi(o)/Velho	108
Meu	80
Tio(a)	69
Mu(o)leque	51
Cachorro	24
Irmão	21
Fi(o)	17
Cachorrera	15
Cara	14
Meu irmão	10
Cuzão	9
Brother	9
Truta	8
Amigo	6
Nego	6
Tiozinho	5
Garoto	3
Moça	3
Rapai	3
Rapaziada	3
Colega	2
Meu jovem	2
Tiozão	2
Brow	1
Doido	1
Meu fio	1
Jão	1
Jow	1
Man	1
Manezão	1
Moçada	1
Molecote	1
Nego véio	1
Nego velho	1
Rapaiz	1
Pai	1

Muitos desses itens, principalmente os mais utilizados, são empregados em alguns momentos com o acréscimo de um adjetivo ou mais um adjetivo, como é o caso de “muleque doido” que ocorre quatro vezes no *corpus* pesquisado. A maior parte dos itens acima tem função de marcador discursivo interacional interpelativo, como vemos nas exemplificações a seguir:

Item lexical	Exemplos	Descrição
<b>amigo</b>	boa tarde <b>amigo</b> ... eu tenho que retirar um material aí da M.... tá aí com você na portaria... (V22)	Forma nominal de tratamento (porteiro)
<b>cara</b>	a) todo mundo achando que eu tô louco andando de capacete sem tirar o capacete falando sozinho ((risos)) que barato que é <b>cara</b> ... (V3) b) E <b>cara</b> mai que painel é esse aí? (V22)	MD interacional interpelativo  Forma nominal de tratamento (outro motociclista na rua)
<b>cachorro</b>	só coloca aqui tá nos favoritos já... fácil fácil né <b>cachorro</b> ?... talvez o vídeo fique um pouquinho longo... mas eu peço pra vocês que assistam até o final porque agora a gente vai catar a marginal <b>cachorro</b> ... e se ele ficar muito extenso eu faço em parte um parte dois... e agora vamo ver o que nói desenrola né? (V2)	MD interacional interpelativo
<b>doido</b>	cada um com seu mérito <b>doido</b> não tiro o mérito de ninguém... tendeu? (V33)	MD interacional interpelativo
<b>fi(o)</b>	a) só num carrega <b>fi</b> se num der memo se num tiver jeito memo se não <b>fi</b> vem vem vem cum pai... (V34) b) final de semana os cara tá de horneteira <b>fi</b> os motoboy... tá pensando o que? (V23)	MD interacional interpelativo
<b>garoto</b>	a) ô <b>garoto</b> ... será que eu consigo colocar a moto ali? b) ô <b>garoto</b> brigado hein? nós... ((buzina)) (V2)	Forma nominal de tratamento (menino que cuida das motos)
<b>manezão</b>	<b>manezão</b> ... com aquela camisa xadrez de de de de de a novinha não me quer só porque eu vim da roça... (V23)	Forma nominal de tratamento (condutor de outro veículo)
<b>mano</b>	a) ó o Jack... o Jack tá nervosão hein... nós também... vamo embora <b>mano</b> dessa porra... abriu o farol... vamo embora... ai ai... (V2) b) só vou deixar uma mensagem pra vocês né <b>mano</b> ? (V2)	MD interacional interpelativo
<b>meu</b>	aí o que que eu fiz né <b>meu</b> ? (V1)	MD interacional interpelativo
<b>meu jovem</b>	a) opa... beleza <b>meu jovem</b> ?... legal?... é na casa do Rafael que eu vô... (V23) b) opa, boa noiTE...boa noite <b>meu jovem</b> ... (V23)	Forma nominal de tratamento (lixeiro e pessoa na rua)
<b>muleque</b> <b>muleque</b> <b>doido</b>	a) só que cê num nega serviço <b>muleque</b> ... (V34) b) eu não sei esses dois a qual eu estou me referindo mas os que eu vejo com adesivinho colado <b>muleque</b> ... (V3) é <b>muleque doido</b> tamo fazendo o serviço da M... (V22)	MD interacional interpelativo
<b>rapaziada</b>	a) então eu vou ficando por aqui... até o próximo vídeo <b>rapaziada</b> ... (V2) b) então é isso aí <b>rapaziada</b> eu vou parando o vídeo por aqui... (V33)	Forma nominal de tratamento (expectadores do vídeo)
<b>tio</b> <b>tiozinho</b> <b>tiozão</b>	a) Isso aí mano o negócio é ser feliz <b>tio</b> ... (V2) b) cuidado <b>tiozinho</b> ... (V2) c) tirei a chave da motinho?... tirei... eh <b>tiozão</b> ... vamo lá fazer essa entreguinha de boas:::... (V3)	MD interacional interpelativo  Forma nominal de tratamento (pessoa na rua)  MD interacional interpelativo

**Quadro 16:** Formas nominais de tratamento e marcadores discursivos interacionais interpelativos.

Outro estudo que também observou o emprego de MDs interacionais e formas nominais de tratamento foi o Nogueira (2010) quando observou que, na *estilização paródica* em esquetes de humor de rádio produzidas por humoristas com personagens que caracterizavam os *manos paulistas*, era muito frequente o uso de “mano”. Para a autora (NOGUEIRA, 2010), a palavra “mano” era ecoada a todo momento nos esquetes. Da mesma forma, coincide com os resultados obtidos a partir da fala do Motoboy, o uso de MDs como “cara” e “truta”. É interessante observar, no entanto, que itens lexicais empregados nos esquetes como “piolho”, “dom”, “preto jóia” e “pivete” não foram encontrados no *corpus* dessa pesquisa, apesar de já termos observado que o Motoboy usa “pivete” em outros vídeos.

Em nossa pesquisa, pudemos constatar que o Motoboy usa itens lexicais bastantes comuns no Brasil como “irmão”, “rapaz”, “garoto”, “moça”, “amigo”, porém esses não estão entre os itens mais utilizados por ele. Aqueles aos quais o Motoboy mais recorre são “mano”, “meu”, “véio”, dentre outros, configuram a fala paulistana, sendo “mano” mais frequente e que também é associada às camadas populares paulistanas.

Observamos, no entanto, outros itens como “cachorro”, “cachorreira”, o primeiro mais frequente, que estão mais relacionados ao grupo social do qual faz parte: os motoboys, motociclistas, motoqueiros. Além desses, foram identificados também itens como “man”, “brother”, os quais, oriundos da língua inglesa, são mais globalizados, entretanto, esses dois últimos não estão entre os itens mais empregados.

Dessa forma, o autor do canal explora muitos itens lexicais, mas reforça seu estilo por meio daqueles que estão mais associados a seu espaço mais local: São Paulo, a periferia paulistana e seu *pedaço*, o grupo dos motoboys, o grupo das camadas populares.

### 5.2.2. Marcadores discursivos interacionais: *checking*

Outro marcador discursivo bastante utilizado pelo Motoboy é o do tipo *checking* que tem a função de “checagem de atenção do interlocutor” (MARIANO, 2014, p. 42).

MDs	N	Exemplos
né?	469	a) é:: bonita essa ponte... <b>né?</b> (V23) b) se eu puder ajudar eu ajudo <b>né?</b> (V12)
tendeu? entendeu?	120	a) eu não quero viver de fuder a vida dos outro... <b>entendeu?</b> (V5) b) aquilo que eu que eu imaginava que ia acontecer aconteceu... <b>tendeu?</b> (V33)
tá ligado?	77	seja mais você <b>tá ligado?</b> ... seja... seja único... seja exclusivo... (V2)
hein?	58	a) caraio fio já andamo quarenta e um quilômetro na reserva nego... tem que... tem que abastecer <b>hein?</b> (V34) b) ai mano se eu tivesse ido por lá teria sido melhor <b>hein?</b> ... teria sido muito mais feliz <b>hein?</b> (V22)
beleza? belezinha?	19	aqui ó... ((dirigindo-se a um homem na porta de um bar)) <b>belezinha?</b> (V2)
certo?	13	o bagueio é esse mano... <b>certo?</b> ...o sol nasce pra todo mundo... (V7)
firmeza?	3	tá gravando molecote... tá gravando... <b>firmeza?</b> (V2)
suave?	1	ixi... o bagueio do GPS tá mandando eu sair para ir na rua de trás... é aqui? <b>suave?</b> ... pode ir lá?... firmeza cachorro... (V23)

**Quadro 17:** Marcadores discursivos interacionais *checking*.

Essa contagem mostra que, assim como apontou em seu vídeo 7 (QUASE) TODOS OS MOTOVLOGS QUE EU ASSISTO - AMINÉSIA TOTAL!!!, apresentado no capítulo IV, o Motoboy, de fato, usa de forma excessiva o MD “né?”. Porém, é interessante observar que há grande diversificação no uso desse tipo de MD.

Comparando o uso desse recurso com os resultados obtidos pela contagem de MDs interacionais feita por Bentes e Mariano (2013) da fala do rapper Mano Brown, pode-se assinalar que há muitas semelhanças no uso dos MDs entre os dois sujeitos, com exceção do MD “morô?” utilizado por Mano Brown que não foi encontrado na fala do Motoboy. Contudo, os MDs interacionais mais utilizados por Mano Brown, como “né?”, “tá ligado?”, “entendeu?” e “certo?”, isso considerando todos os seus contextos de fala analisados, também são empregados pelo Motoboy com frequência.

A partir das análises de Nogueira (2013) também foi possível concluir que era recorrente o uso de “tá ligado?”, “firmeza?” na caracterização humorística do *mano paulista* em esquetes de rádio.

De acordo com Bentes e Mariano (2013), os registros populares urbanos paulistas podem ter como característica o emprego de MDs de forma frequente e o uso de MDs como, por exemplo, o “tá ligado?”.

A fala do Motoboy também mostra que o uso desse recurso é muito frequente, o que indica a manipulação do recurso linguístico para a projeção de suas *personae* e, ao mesmo tempo, para que haja identificação com sua audiência imaginada/esperada. A descrição feita nessa pesquisa com o Motoboy nos indica que, assim como observado quanto os MDs interpelativos e as formas nominais de tratamento, o Motoboy utiliza MDs do tipo *checking* que podem ser associados à fala paulistana.

É possível acrescentar que esse recurso é empregado com tanta frequência que é, inclusive, observável a recorrência de sua forma combinada com outros recursos, como veremos no tópico seguinte.

### 5.2.3. Recursos combinados

Nessa seção, serão apresentadas algumas combinações entre os recursos linguísticos acima elencados, tendo em vista que, na fala do Motoboy, é muito recorrentes as seguintes combinações de recursos:

- (i) Marcadores discursivos interacionais *checking* + formas nominais de tratamento;
- (ii) Marcadores discursivos interacionais *checking* + marcadores discursivos interacionais interpelativos.

Sendo assim, pode-se exemplificar a combinação desses recursos a partir da seleção dos seguintes exemplos:

Marcadores discursivos	N	Exemplos
né meu?	51	eu fiz um canal <b>né meu?</b> ... pra mostrar pra todo mundo como que é o dia a dia do motoboy... (V12)
né mano?	32	quem tá dando reconhecimento pro nosso trabalho além de vocês <b>né mano?</b> (V23)
né véio?	39	aliás eu comecei o canal por causa disso <b>né véio?</b> (V12)
né tio?	19	então... e aí <b>né tio?</b> ... comprei outra moto... (V23)
tá ligado jão?	1	<b>tá ligado jão?</b> ... (V12)
tá ligado cuzão?	2	vamo tentar maximizar esse processo aí... <b>tá ligado cuzão?</b> ... (V14)
tá ligado mano?	2	não curto esses bagueio aí <b>tá ligado mano?</b> (V23)
certo mano?	10	porque nem só de pão vive o homem <b>certo mano?</b> (V33)
certo cachorro?	1	desse jeito que é cachorrera... <b>certo cachorro?</b> (V14)
certo tio?	1	sete meia cinco motivos pra morrer... <b>certo tio?</b> ... cinco dois sete quatro meia passou já... (V2)
certo irmão?	1	até que você vê o que é eu eu já passei... <b>certo irmão?</b> (V12)
certo turma?	1	já tem cinco mil amigo não dá pra adicionar mais ninguém... mas você pode me seguir... <b>certo turma?</b> (V23)
beleza mano?	1	mas enquanto isso você lá na Santa Efigênia lá que cê acha ainda...opa <b>beleza mano?</b> (V23)
beleza meu irmão?	2	vai ganhar o que a mariazinha ganhou atrai da hortA.... <b>beleza meu irmão?</b> ... legal? (V22)
beleza irmão?	2	opa <b>beleza irmão?</b> (V12)
beleza nego?	2	opa... <b>beleza nego?</b> ... legal valeu...(V33)

**Quadro 18.** Recursos combinados: MDs de *checking* e interpelativos.

## Triunfo

Não escolhi fazer rap não, na moral  
 O rap me escolheu porque eu aguento ser real  
 Como se faz necessário, tiozão  
 Uns rimam por ter talento  
 Eu rimo porque eu tenho uma missão  
 Sou porta-voz de quem nunca foi ouvido  
 Os esquecidos lembram de mim  
 Porque eu lembro dos esquecidos  
 Tipo embaixador da rua  
 Só de ver o brilho no meu olho os falso já recua  
 Vários cordeiro em pele de lobo gritando que tá pronto,  
 eu vi  
 Não é de pegar o dinheiro igual puta faz ponto, aqui  
 Teme o confronto, em si, me dá um desconto, aí  
 Caminho nas calçada, sempre, nunca te vi  
 Enquanto os otário se acha os valor se perde  
 Sobra pra quem tem e falta  
 Sem isso pra mim não serve  
 Não mano! Não tô com os verme panguando  
 Montando as track, eu e os muleque tamo trampando  
 Burlando as lei, um bagulho eu sei  
 Já que o rei não vai virar humilde eu vou fazer o  
 humilde virar rei  
 Me entenda nesse instante  
 Essa cerimônia marca o começo do retorno do império  
 'Ashanti'  
 Atabaques vão soar como tambores de guerra  
 Meu exército marchando pelas rua de terra  
 Pra tirar medalha dos canalha sem aura boa  
 E o triunfo memo pra nós é o sorriso da coroa  
 Nós quer mulher sim, quer um dim também  
 Quer ver tudo os neguinho lá, vivendo bem  
 Só que aí pra mim a luta vai além  
 Quem pensar pequenininho tio, vai morrer sem  
 Não pra ser mais que alguém não, só sai da lama  
 Os que caiu foi porque confundiu respeito e fama  
 Na minha cabeça não existe equívoco ameno  
 O jogo é sujo, vai ganha mais quem errar menos  
 Eu fiz meu próprio caminho e meu caminho me fez  
 Não é qualquer dinheirinho que vai tirar a lucidez  
 Eu carrego na mente, tio  
 Segunda chance é só no videogame  
 Então é bom ficar ligeiro viu!  
 Na pista, pela vitória, pelo triunfo  
 conquista, se é pela glória, uso meu trunfo  
**"A rua é nóiz, nóiz, nóiz"**

Milhares de olhares imploram socorro na esquina  
 No morro a fila anda a caminho da guilhotina  
 Várias queima de arquivo diária com a fome  
 E vão amontuando os corpo  
 de quem não tem sobrenome  
 Eu vi, com os próprios olhos a sujeira do jogo  
 Minha conclusão é que muito buzo  
 ainda vai pegar fogo  
 Aí, todo maloqueiro tem em si  
 Motivação pra ser Adolf Hitler ou Gandhi  
 E se a maioria de nós partisse pro arrebento?  
 A porra do congresso tava em chama faz tempo!  
 Eu nasci junto a pobreza que enriquece o enredo  
 Eu cresci onde os muleque vira homem mais cedo  
 Com as mochila do aluno, presente, as tag com nome  
 As garrafa de vinho nas costas dos neguinho  
 Não vim pra traír minhas convicções  
 Em nome das ambições  
 E arrebatam multidões, ao diluir meus refrões  
 Não! Eu podia, e se eu quisesse vendia  
 Mas sou tudo aquilo que pensaram que ninguém seria  
 Se o rap se entregar favela vai ter o que?  
 Se o general fraquejar soldado vai ser o que?  
 Tem mais de mil muleque aí querendo ser eu  
 Imitando o que eu faço, "tio, se eu errar fudeu!"  
 Ser MC é conseguir ser H ponto aço  
 No fim das contas fazer rima é a parte mais fácil  
 Já escrevi rap com as ratazana passeando em volta  
 Tio! Goteira na telha, tremendo de frio  
 Quantos morreu assim e no fim quem viu!?  
 Na pista, pela vitória, pelo triunfo  
 conquista, se é pela glória, uso meu trunfo  
**"A rua é nóiz, nóiz, nóiz"**

## VI RECURSOS TEXTUAIS-DISCURSIVOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: A AUTO E A HETEROIDENTIFICAÇÃO

Tendo como foco de análise a construção identitária do Motoboy por meio da linguagem, identificamos, observando o canal Motoka Cachorro!!!, que seu autor recorrentemente introduz a si mesmo como referente, se coloca, se diz, se tematiza, isto é, toma ele mesmo como objeto de seu discurso.

Dessa forma, analisaremos, nesse capítulo, enunciados em que o Motoboy projeta para si funções, definições, características, tematiza seus gostos, fala sobre sua origem e seu papel na sociedade. E, ao mesmo tempo em que coloca a si mesmo como objeto de discurso, o Motoboy também tematiza o outro para defini-lo, caracterizá-lo, construindo, dessa maneira, imagens sobre o outro. Esse trabalho discursivo do Motoboy lembra que a construção identitária é relacional já que ao definir o outro, o indivíduo também define a si próprio e o contrário também.

Isto posto, o objetivo desse capítulo é apresentar e analisar enunciados em que são empregados recursos textuais-discursivos que promovem esta autoidentificação e heteroidentificação, considerando que esses processos são imbricados e constituem, conjuntamente, as identidades dos falantes.

Com respeito aos recursos linguísticos que são observados no *corpus* pesquisado para a construção dos processos acima mencionados, ressalta-se que a maior parte dos enunciados é estruturada com o pronome em primeira ou terceira pessoa do singular e um predicado nominal como, por exemplo, “eu sou” e “ele é”.

A respeito das especificidades desses enunciados, Van Dijk (2012), em sua teorização de contexto, propõe defini-lo como, dentre outras coisas, de natureza “egocêntrica”, posto que é o “centro do meu/nosso mundo” (VAN DIJK, 2012, p. 39), portanto, centrado nos pronomes ideológicos “nós” *versus* “eles”.

Para o autor, os contextos

São definidos por um conjunto de parâmetros que incluem um ambiente que é o *hic et nunc* espaço temporal do ato de fala ou escrita em curso, do Ego enquanto falante ou ouvinte, de outros participantes a que eu me dirijo neste momento, ou a quem ouço, bem como das ações sociais em curso em que estou me engajando com propósitos específicos, e com base naquilo que agora conheço e acredito. (VAN DIJK, 2012, p. 39).

Em relação ao uso do predicado nominal, de modo geral, “tais frases transmitem o esforço humano para compreender, explicar, ordenar o mundo e a vida, os fenômenos e as abstrações” (MARTINS, 2008, p. 169). No caso dessa pesquisa, esses enunciados manifestam o esforço do Motoboy de definir suas próprias características e, assim, projetar suas *personae* e construir suas identidades sociais.

Observamos também enunciados com predicado verbal por meio dos quais o falante descreve hábitos, gostos e ações seus e de outras pessoas ou grupos sociais. Como sujeito da oração, além do uso do pronome, é interessante assinalar que é comum a ocorrência de expressões referenciais como, por exemplo, “o motoboy” ou “o motoqueiro”.

Para apresentar as análises realizadas, esse capítulo se organiza apresentando, num primeiro momento, os conceitos e pressupostos teóricos adotados para análise. Num segundo momento, dando início às análises, serão apresentadas as formas como o Motoboy categoriza o motoboy em geral, como se respondesse à pergunta “quem é o motoboy?” por meio de expressões nominais. Em seguida, veremos como o Motoboy define a si mesmo ao utilizar enunciados em primeira pessoa para falar sobre quem ele é. Na sequência, são apresentados trechos dos vídeos em que ele traz o referente “motoboy” para definir-se. Posteriormente, trataremos sobre enunciados em que o Motoboy define o outro utilizando a terceira pessoa para, então, na próxima seção, analisarmos enunciados, em sua maioria, mais longos, em que é possível observar a construção de si em oposição ao outro em um mesmo trecho dos vídeos. Concluiremos o capítulo, desenvolvendo uma análise sobre o uso da retextualização do meme Nutella *versus* Raiz por parte do Motoboy para reforçar a identidade do falante.

Como forma de seleção dos recortes dos vídeos a serem analisados nesse capítulo, apresentaremos os trechos dos enunciados em que emergem as formas que nos interessam.

## **6.1 DISPOSITIVOS ANALÍTICOS: REFERENCIAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO**

Para a descrição e análise do *corpus* selecionado, adotamos o conceito de *referenciação como atividade discursiva* (KOCH, 2009), ou seja, não como uma

simples atividade de designação de objetos do mundo. Segundo Bentes e Rezende (2008, p. 30), nessa noção de referenciação, “os referentes ‘situados’ no mundo ganham existência discursiva própria”. Dessa forma, no processo de referenciação, admitimos a impossibilidade de tratar os referentes como objetos-do-mundo, posto que são construções culturais e, em consequência, “sua essência inclui necessariamente um parâmetro antropológico”<sup>59</sup> (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 8), ainda que para que possamos interpretar as expressões referenciais seja necessário que recorramos aos nossos conhecimentos e experiências (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995).

Isso quer dizer que, ainda que a dimensão empírica esteja presente já que há sempre uma base, isto é, um fundo existente, é no discurso que se dá o “movimento dinâmico que permite o surgimento dos objetos” (MARCUSCHI, 2006, p. 12). Dessa forma, utilizamos a noção de objetos-de-discurso tal como definida por Mondada (2003), Marcuschi (2006), Koch (2009) que consideram a dinamicidade na construção e reconstrução desses objetos.

Dessa forma, buscamos identificar e descrever o processo de referenciação, pois consideramos que “o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário essa construção” (KOCH, 2009, p.61). Dessa forma, todo objeto-de-discurso é produto da atividade cognitiva e interativa dos falantes e essa representação é construída pelo discurso e opera como uma memória compartilhada (KOCH, 2009).

Para Koch (2009), a constituição da memória discursiva se dá por meio de operações tais como as estratégias de: (i) construção ou ativação que consistem na introdução de um objeto que ainda não tenha sido mencionado de forma a preencher um nóculo, isto é, um endereço cognitivo; (ii) reconstrução ou reativação quando um nóculo é reintroduzido por uma forma referencial permitindo com que esse nóculo permaneça em foco; (iii) desfocalização ou desativação quando o foco passa a ser ocupado por um novo objeto-de-discurso.

E essas operações ocorrem de acordo com a relação que se estabelece entre os elementos do co-texto ou do contexto (KOCH, 2009) já que na construção da

---

<sup>59</sup> Tradução livre de: “*On ne peut plus dès lors se contenter de parler d’eux uniquement comme de référents au sens mondain du terme, dans la mesure où ces objets ont acquis le statut de construits culturels, et où par conséquent leur “essence” comporte forcément un paramètre anthropologique*”. (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 8).

memória discursiva não é apenas a memória operacional que está em funcionamento, mas também nossos conhecimentos de mundo.

A introdução ou ativação de referentes no texto pode ser ancorada, quando um novo objeto-de-discurso é introduzido por meio de associação com elementos “presentes no co-texto ou no contexto sociocognitivo, passível de ser estabelecida por associação e/ou inferenciação” ou não ancorada, isto é, quando um não há essa possibilidade de associação e o objeto-de-discurso passar a ocupar um “endereço cognitivo” (KOCH, 2009, p.64-65). Nesse último caso, se essa representação do objeto-de-discurso se der por meio de uma expressão nominal, temos a categorização.

Por nos interessarmos, particularmente, pelo uso das expressões nominais, ainda recorrendo as definições de Koch (2009, p.68), sistematizamos as seguintes possibilidades de ocorrência na língua portuguesa:

Det. + Nome

Det. + Modificador(es) + Nome + Modificador(es)

Det. + {artigo definido ou demonstrativo}

Modificador {Adjetivo ou sintagma preposicionado ou oração relativa}

Assim, por meio dessas expressões nominais temos as categorizações. Porém, considerando que o processo de referenciação é dinâmico, “essas expressões podem sofrer constantes reformulações, de acordo com as diferentes condições enunciativas” (LIMA & CAVALCANTE, 2015, p. 296), em outras palavras, as “categorias utilizadas para descrever o mundo alteram-se tanto sincrônica quando diacronicamente: quer nos discursos ordinários, quer nos discursos científicos, elas são plurais e mutáveis, antes de serem fixadas normativa ou historicamente” (MONDADA & DUBOIS, *apud* KOCH, 2009, p.54). Por esse motivo, admitimos que há constantes recategorizações no discurso.

Alencar (2008), apoiando-se em Sacks (1995) amplia essa compreensão da categorização para definir a categorização social enquanto processo que é sensível à dimensão local e também situado nas práticas sociais. Para a autora (ALENCAR, 2008, p. 117), a categorização é “uma forma complexa de classificar membros, complexidade essa que se caracteriza pelo contexto social e situacional em que os membros estão inseridos”.

Também nesse sentido de se considerar sempre o contexto social da interação, Bentes, Silva e Accetturi (2017) defendem uma ampliação da noção de ancoragem, isto é, da forma como os referentes são introduzidos ou ativados no discurso, de modo que compreenda não só as dimensões textual e do gênero do discurso, mas também a dimensão do contexto social mais amplo.

Considerando que há pouca interação entre o Motoboy e outros falantes durante os vídeos, portanto, poucas intervenções de outros sujeitos, quando o Motoboy introduz a si mesmo como referente, ele não está fazendo referência a elementos ativados por outros falantes, mas está fazendo associações com outros textos sobre motoboys que circulam na sociedade ou com elementos de seu contexto social.

## 6.2 A CATEGORIZAÇÃO DO MOTOBOY PELO MOTOBOY

Considerando que o objeto-de-discurso “motoboy” é criado e retomado constantemente nos vídeos do canal Motoka Cachorro!!!, iniciaremos a seção apresentando enunciados em que o falante ativa esse objeto-de-discurso ou mesmo o retoma por meio da categorização “motoboy”, recorrendo, desse modo, à estratégia de autocategorização por meio dessa expressão nominal. Nos dois casos a seguir, as categorizações “o motoboy” e “os motoboys” são reintroduzidas no texto/vídeo em que o autor do canal define os tipos de motoboys e dá dicas para quem pretende ser um deles. Nesse caso, o referente “motoboy” é o próprio tema do vídeo e a audiência imaginada pelo falante é a de pessoas leigas a respeito da profissão, mas que teriam interesse nela.

É importante destacar que entendemos “audiência imaginada” tal como postula Bell (1984) para quem os falantes condicionam o uso dos recursos linguísticos em função de quem é sua audiência, o que ele denomina de *design* de audiência.

No primeiro exemplo desse capítulo, observa-se “o motoboy” sendo retomado para trazer uma definição geral sobre essa profissão. Já no segundo exemplo, embora haja novamente a retomada para trazer uma explicação, essa se faz a respeito de uma determinada característica dessa ocupação: a necessidade de o profissional ser o responsável pelos gastos com suas próprias ferramentas de trabalho, forma precária de trabalho, apresentada no primeiro capítulo.

**Exemplo 59**

[...] **o motoboy** primeiramente ele faz diversos serviços de entrega de pequenos volumes e documentos e comida e etcetera e tal... né? tudo o que cabe dentro desse bauzinho ou dentro de uma mochila ou dentro de uma caixa térmica... é aquelas que vocês conhecem que vocês veem **os motoboys** aí na rua transportando... certo? (V22)

**Exemplo 60**

[...] geralmente o o o **o motoboy** ele::: ele arca com todos os custos né? ... documentação moto é o própria prestação da moto é dele gasolina é dele troca de óleo manutenção... (V22)

Dessa forma, verifica-se que as informações trazidas a respeito desse referente nesses enunciados são dadas como novas pelo falante a partir do público esperado para esse vídeo. Abaixo, é, igualmente, possível perceber essa forma de trabalhar com o referente, embora haja, nesse exemplo, a introdução de outras duas categorizações para “motoboy”: a primeira, “motoca”, funcionando como sinônimo de “motoboy” e a segunda, “motoqueiro”, uma recategorização de “motoca” e de “motoboy”, realizada pelo uso de um hiperônimo, já que o termo abrange não somente os motoboys, mas também outros condutores de motocicletas:

**Exemplo 61**

[...] qual que é a parte **do motoca**? A parte **do motoqueiro** é fluir no trânsito sem atrapalhar o trânsito... né? ... sem cau... né meu? .. sem causar tumulto... né meu? (V12)

A categorização “motoqueiro” é introduzida porque a definição que será feita sobre a forma de condução no trânsito não diz respeito somente aos motoboys, mas a todos os motociclistas. No próximo caso, primeiramente, vemos que a categoria “motoboy” é melhor determinada como “aquele que toma multa” e, na sequência, essa determinação referencial é ampliada quando se busca dar uma exemplificação por meio da predicação sobre a descrição indefinida, “um motoboy”, que enfatiza o aspecto de raridade de não se tomar multa sendo motoboy:

**Exemplo 62**

[...] pra você tomar multa é só você ser **motoboy** tio ((risos)) é difícil **um motoboy** que não tomou umas multa viu... (V3)

É comum, portanto, que o Motoboy ative ou reative o referente “motoboy” com a finalidade de descrever as particularidades dessa profissão para seu interlocutor. Outro tema recorrente nos vídeos do canal é a referência à classe social

ou origem social do Motoboy. A seguir, se explicita a autocategorização extensa com diversos modificadores, sendo dois associados à sua identidade de classe:

**Exemplo 63**

[...] quem falou que **o pobre louco da favela motoboy** não chega nos oitenta k? (V33)

A ancoragem dessa autocategorização se dá pelo contexto em que foi dito ao Motoboy que ele não conseguiria ter sucesso com seu canal, seja pessoalmente, seja por meio de comentários nos primeiros vídeos do canal. A nosso ver, o trecho funciona como uma resposta a todos os que duvidaram dessa empreitada. A expressão referencial ressalta os aspectos identitários associados ao Motoboy de um tipo social que não teria prestígio e nem legitimidade social para ser visto e ouvido e a pergunta retórica que estrutura esse enunciado questiona esse pré-julgamento social.

Como é possível notar em (64), a descrição definida “a favela” é utilizada no lugar da referência à primeira pessoa do discurso. Dessa forma, o Motoboy se autocategoriza como “a favela” de forma metafórica:

**Exemplo 64**

[...] tá tirando... **a favela** seu arrombado do caralho? (V22)

É importante frisar que o uso metafórico de “favela” ocorre com frequência na fala popular de periferia para definir sujeitos. Um exemplo clássico desse uso é a música de Bezerra da Silva “Eu sou favela”<sup>60</sup>. Essa troca do adjetivo “favelado” pelo substantivo “favela” apresenta o funcionamento semântico-discursivo de tomar o todo pela parte, isto é, de definir o sujeito não apenas como morador de uma favela, mas como seu próprio representante. Em nosso exemplo, “a favela” não é um qualificador ou uma definição do sujeito, mas a própria categorização.

No enunciado a seguir, outros grupos sociais e categorias profissionais são introduzidos na fala do Motoboy. Primeiramente, a categorização “pessoa” é empregada de forma a neutralizar a pessoa sobre o qual se fala (ILARI; BASSO, 2008,

---

<sup>60</sup> Bezerra da Silva foi um cantor, compositor e violonista. Nascido em Recife (PE), viveu a maior parte da vida no Rio de Janeiro e é uma das grandes referências do samba brasileiro. Trecho da canção: “A favela é, um problema social/A favela é, um problema social/Mas *eu sou favela*/Posso falar de cadeira” (itálicos nosso). Outro exemplo do uso metafórico de “favela” é o do rap do grupo Cocktel Molotov de Brasília (DF) “Os Favela”. Verso da canção: “*Nóis é favela*, mas nós é elegante” (itálicos nosso).

p. 235) e essa referência é melhor especificada pela oração relativa “tem uma profissão menor remunerada”. Posteriormente, o falante introduz uma série de novos referentes que exemplificam quais “pessoas” seriam essas, sendo o último referente o “motoboy”. Após as exemplificações, o falante introduz uma nova categorização que encapsula<sup>61</sup> os referentes anteriores por meio da descrição definida “o pessoal da minha classe”, fazendo uma referência às classes populares ou à classe dominada da qual o falante faz parte:

#### **Exemplo 65**

[...] **pessoas**... é... que têm uma profissão menor remunerada assim que nem... que nem **porteiro** que nem **faxineira**... que nem **motoBOY** né meu?... **o pessoal da minha classe** né? (V3)

No exemplo (62), “um motoboy” é recategorizado por meio de outra expressão que localiza o motoboy no interior da classe dominada na organização da sociedade cindida em classes sociais:

#### **Exemplo 66**

[...] se você não tiver **um motoboy**... **um mero subalterno motoboy** pá fazer a sua entrega... (V3)

É interessante notar, que no trecho acima, a partir da presença do pronome pessoal reto “você” e de uma expressão que lhe está relacionada (“a sua entrega”), impõe-se um interlocutor ou uma audiência imaginada para esse enunciado que é a dos clientes, das pessoas que contratam o serviço dos motoboys. Nesse trecho, parece encontrar-se resumida a relação entre cada uma das posições sociais no contexto do mercado consumidor no capitalismo contemporâneo: aquele que, predominantemente, presta o serviço e o que, na maior parte das vezes, consome.

Com base nas análises das categorizações, recategorizações e autocategorizações que o Motoboy emprega, é possível afirmar que a questão de classe é significativa para esse sujeito. Além disso, as reativações da categoria “motoboy” são frequentes com a finalidade de, por um lado, dialogar com um público que deseja conhecer mais sobre esse ator social e, por outro, com quem se utiliza dos serviços de motofrete: o cliente.

---

<sup>61</sup> Ver Koch (2009, p. 70): “esta é uma função própria particularmente das nominalizações que [...] resumizam as informações-suporte contidas em segmentos precedentes do texto, encapsulando-as sob a forma de uma expressão nominal e transformando-se em objetos-de-discurso”.

### 6.3 O MOTOBOY POR ELE MESMO

Nesse tópico, veremos como o Motoboy fala sobre si. Ao utilizar a primeira pessoa ou mesmo a locução pronominal “a gente”, o falante toma a si mesmo como objeto-de-discurso. Assim, as expressões linguísticas que se seguem estão “na primeira pessoa, quando é usada pelo indivíduo que atua como locutor para falar desse mesmo indivíduo (a auto-referência é uma característica essencial da primeira pessoa) (ILARI; BASSO, 2008, p. 165).

Considerando a relação entre identidade e diferença, ressalta-se que serão analisados enunciados afirmativos e negativos, posto que a linguagem é um sistema de diferenças e o ato linguístico que projeta identidade e diferença “só tem sentido no interior de uma cadeia de diferenciação lingüística (‘ser isto’ significa ‘não ser isto’ e ‘não ser aquilo’ e ‘não ser mais aquilo’ e assim por diante)” (SILVA, 2007, p. 77). Sendo assim, ambos os enunciados são atos de construção identitária.

Para alguns dos comentários sobre as formas linguísticas empregadas nos enunciados selecionados, utilizaremos as nomenclaturas de Neves (2010; 2000) de: (i) predicado nominal com a ocorrência de verbo de ligação ou estado, em nosso caso, os verbos “ser” e “estar” e o predicativo do sujeito; e (ii) predicado verbal com verbos psicológicos, como gostar, adorar, odiar e verbos dinâmicos como acelerar, realizar, etc.

Inicialmente, veremos os enunciados cujo sujeito expresso é o pronome de primeira pessoa do singular e cujo predicado é nominal, pelo uso do verbo de ligação “ser”. Nesse tipo de enunciado, o núcleo é “um elemento de categoria (pro)nominal (substantivo, adjetivo ou pronome), que entra em um sintagma que se atribuiu ao sujeito, cumprindo a função de predicativo do sujeito” (NEVES, 2010, p. 60). O verbo “ser” é o que mais representa a função copulativa na língua portuguesa (NEVES, 2010), ou seja, a de ligar outros termos, no caso, o referente ao sujeito que fala, o “eu” ao termo que o qualifica, define. Esses termos, os adjetivos ou (pro)nomes, portanto, se constituem como o centro semântico desse predicado.

Quando o sujeito fala sobre si, ele contribui para a construção do “projeto de eu” (GIDDENS, 1994), a partir das definições que faz de si mesmo. O verbo “ser” na língua portuguesa é aquele que expressa identificação, qualificação, definição. A estrutura “eu sou” expressa a vontade do falante de reforçar sua identidade e construir

suas *personae*. Observando o canal Motoka Cachorro!!! se constatou que o Motoboy busca o manejo de suas *personae* e os enunciados “eu sou” são típicos desse esforço.

Ao mesmo tempo em que o falante diz “eu sou”, ele fala sobre o que não é. O enunciado “Eu sou contra ladrão” é o mesmo que dizer “Eu não sou a favor de ladrão”. De forma menos implicativa, podemos compreender também que o enunciado “Eu sou trabalhador” seria o mesmo que dizer “Eu não sou vagabundo”. Desse modo, tanto os enunciados “Eu sou” quanto os “Eu não sou” mostram essa vontade do falante de definir sua identidade, de manejar as *personae* de acordo com os projetos de eu que quer desenvolver.

Há um conjunto de enunciados com predicativos do sujeito que apresentam características pessoais do falante como:

**Exemplo 67**

[...] ***eu sou meio doido da cabeça*** já né? (V33)

**Exemplo 68**

[...] mas como ***eu sou desse jeito aqui cara de pau*** né? (V3)

**Exemplo 69**

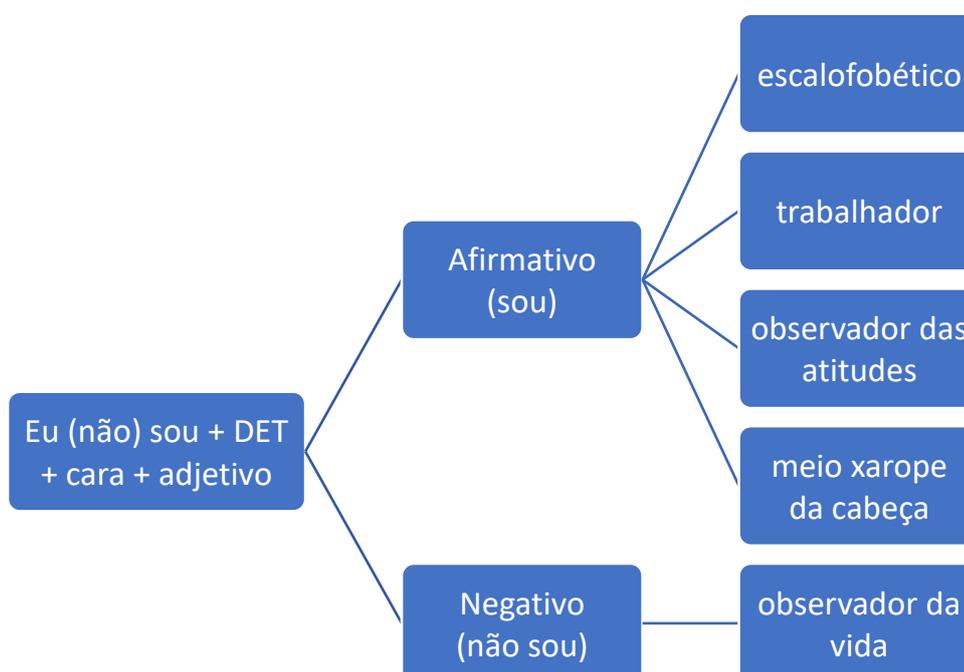
[...] ***eu já sou esse cara escalofobético*** né? (V12)

Os três núcleos do predicativo do sujeito, “meio doido da cabeça”, “cara de pau” e “escalofobético”<sup>62</sup> remetem à forma como o sujeito é visto por outras pessoas ou pela sociedade, considerando certos padrões de comportamento mais ou menos aceitos. Os enunciados (67) e (69) apresentam características de pessoas que estariam fora dos padrões sociais. É interessante notar que em (68) e (69), o predicativo do sujeito é acompanhado de outros recursos linguísticos. Para definir-se em (64), o falante recorre à expressão referencial “desse jeito aqui” que tem também função dêitica, pois se refere à forma como ele estaria se comportando naquele momento ou mesmo naquele vídeo e nos demais. O recurso confere autenticidade ao locutor do canal que estaria se comportando em seus vídeos da mesma forma como ele é em outros momentos. Já em (65), utiliza-se a forma nominal referencial “esse cara” de forma catafórica, retomando o “eu”. Sendo assim, “esse cara escalofobético” é toda a forma nominal referencial que define o “eu”.

---

<sup>62</sup> É mais comum o termo “escalafobético”, gíria que significa uma pessoa extravagante, chamativa, excêntrica. Nesse caso, o Motoboy pode ter cometido um erro ao antecipar o som “o” da sílaba seguinte ou mesmo da última sílaba que designa o masculino.

O uso da forma nominal referencial “esse cara” é recorrente na fala do Motoboy, como notaremos nos enunciados (66) a (70), assim como no esquema abaixo. Reunimos, nos casos a seguir, dois usos dessa forma: a descrição indefinida, “eu sou um cara que”, e a descrição definida, “eu sou aquele/esse cara que”, portanto, podemos resumir os enunciados da seguinte forma: Eu (não) sou + DET + cara + modificador, sendo que o modificador por ser um adjetivo, um sintagma preposicionado ou uma oração relativa. Para o primeiro caso, podemos sintetizar os enunciados encontrados no *corpus* da seguinte forma:



**Figura 1.** Síntese de enunciados “eu (não) sou + DET + cara + adjetivo”

O adjetivo “xarope da cabeça” remete ao mesmo sentido dado pelos enunciados (67) e (69) mais acima, o daquele que foge aos padrões sociais. A definição de si mesmo como alguém que não é “observador da vida” é introduzida no enunciado após o Motoboy afirmar que não se importa com as escolhas pessoais de cada indivíduo. Há, ainda, o uso de caracterizações que configuram aquele que é sério: “trabalhador” e “observador das atitudes”.

Observa-se que há enunciados em que o autor do canal se categoriza como um motoboy, um trabalhador e, assim, configura a categoria em que se inscreve. Ele usa, normalmente, a categoria de motoboy, mas também há uma identidade mais

difusa a partir do uso das expressões em que o nome-núcleo é metafórico (KOCH, 2011) como “escalafabético”, “doidera”.

Além das descrições com o uso do modificador adjetivo, se constata também em nosso *corpus* algumas construções com orações relativas e uma com o sintagma preposicionado

**Exemplo 70**

[...] **eu sou aquele cara** que eu ando um pouco mais acelerado... (V12)

**Exemplo 71**

[...] **eu sou um cara** que eu trampo... eu trampo com aplicativo... (V23)

**Exemplo 72**

[...] **eu num sou um cara** de ficar tomando canseira viu? (34)

Em (70) e (71), temos casos de orações relativas, porém é interessante notar que nos dois casos o verbo da oração relativa não concorda com “(aquele/um) cara”, mas com o pronome “eu”, que é novamente introduzido no enunciado, estratégia do pronome resumptivo ou da relativa copiadora (TARALLO, 1983), estratégia essa que não é nem a que Tarallo (1983) define como a padrão que, nesse caso (70), seria “eu sou aquele cara que anda”. Esses exemplos indiciam que o Motoboy mobiliza recursos os mais variados para reforçar o objeto de sua tematização: ele mesmo.

Já, em (73), ele se autoidentifica por meio de uma expressão nominal estruturada com um núcleo + oração reduzida de infinitivo. Vejamos o enunciado abaixo:

**Exemplo 73**

[...] foram esses dois fatores que me levaram a querer filmar... as coisas que acontece que eu conto que ninguém acredita e **o fato de eu ser um cara...** é é é meio já... **meio xarope da cabeça e ter uma boa oratória...** muitas pessoas já tinha me dito isso... (V33)

É importante ressaltar como a construção identitária do Motoboy está relacionada à mobilização de diversos recursos: no exemplo anterior (72), a relativa copiadora, já no exemplo acima (73), o recurso linguístico mobilizado pelo Motoboy para se autoidentificar é uma oração subordinada reduzida de infinitivo “o fato de eu ser um cara meio xarope da cabeça”, sendo essa última considerada como um dos tipificadores de variedades mais prestigiosas. Dessa forma, vemos que o falante em

questão transita muito bem entre as formas consideradas de maior prestígio ou não, o que indicia que ele mobiliza recursos os mais variados para reforçar o objeto de sua tematização: ele mesmo.

O exemplo acima transcrito termina com o comentário de que “muitas pessoas já tinha me dito isso”, o que demonstra a tentativa de trazer mais legitimidade à autoidentificação proposta pelo próprio Motoboy. Esse recurso de trazer a voz do outro para sua fala na tentativa de se definir é também visto com o uso do discurso reportado, indiciado pelo uso “você” que é produzido, em tese, por seu interlocutor e que se dirige a ele próprio Motoboy.

#### **Exemplo 74**

[...] “pô *you* tem o dom da oratória M. **you é um cara que you fala bem you conversa bem** tal... **you é desenvolvido nas ideia... you é uma pessoa pura** né? pura né? de coração assim né meu?” **eu sou mesmo** né meu?...isso foram outras pessoas que me disseram...(V33)

Constata-se que “eu sou mesmo”, ao final do trecho, reafirma o que foi dito anteriormente por meio de orações com o pronome pessoal de segunda pessoa “você” que faz referência ao próprio falante, contudo exprimindo o que teria sido dito por outras pessoas. Dessa forma, os enunciados com “você é” trazem um conjunto de qualificações para o sujeito que é capaz de ter um canal de vídeos tal como é o Motoka Cachorro!!!. A mobilização de um discurso reportado para falar de si parece legitimar o locutor do canal como pessoa capacitada para produzi-lo. A maior parte das orações em (70) utiliza o verbo “ser” (“você é..”) Entretanto, há também o trecho “tem uma boa oratória” para caracterizar o Motoboy.

No trecho (75), há uma série de definições com o verbo “ser” e com outros verbos dinâmicos, porém todos com a função de caracterizar o locutor do canal. O que é diferente nesse caso são as próprias caracterizações (“você é foda”, “você é bicho solto”, etc.) que incidem sobre a expertise do Motoboy como profissional de entregas rápidas:

#### **Exemplo 75**

[...] quer dizer que na hora que *you*s tão precisando de mim **eu sou foda eu sou bicho solto** eu posso te salvar eu vou te redimir... eu acelero memo... **sou...** é mano... (V12)

Essas categorizações “foda”, “bicho solto”, assim como as que se referem a ações dele, como acelerar, salvar, fazem parte de um conjunto lexical como aquele

discutido no capítulo anterior (cf. p. 113) que remetem os motoboys à velocidade, à agilidade. O autor do canal discute esse discurso que é, por vezes, contraditório porque, ora a sociedade valoriza e até exige essas características dos motoboys, ora ela os condena.

Uma contraposição a essa necessidade de correr para realizar seu trabalho é o que o Motoboy demonstra no enunciado em que usa o verbo “estar” em (76):

**Exemplo 76**

[...] **eu** também **tô** com pressa mas **eu não tô na doidera** tá ligado?  
(V12)

Desse modo, ao afirmar que não está “na doidera”, o Motoboy constrói uma imagem para si mesmo de quem é prudente. É frequente a caracterização da *persona* “motoboy” no canal, como esperado. No caso acima, embora não haja menção ao referente “motoboy”, temos a menção a sua forma de trabalho. Nos exemplos a seguir, se explicita que o Motoboy projeta para si outra *persona* também, a de Produtor de Vídeos/Youtuber, isto é, a do produtor/autor de um canal de YouTube ou mesmo a de um Youtuber, isto é, aquele que, além de produzir vídeos, tem rendimentos financeiros com o mesmo e que, dessa forma, mantém um canal como profissão:

**Exemplo 77**

[...] e tem os clientes que eu consegui através do YouTube que foi uma forma assim PIONEIRA... pioneira... **eu fui assim pioneiro**... desculpa velho... eu num num tenho falsa modéstia não entendeu... **eu fui pioneiro no bagueio** mano...(V22)

**Exemplo 78**

[...] eu num comecei falando eu vou ser youtuber foda que não sei o que eu... assim como **eu ainda num sou** tendeu? (V33)

Em (77), o Motoboy reivindica para si o pioneirismo de utilizar o YouTube para divulgar seu trabalho e, conseqüentemente, conseguir clientes. Dessa forma, define seu posicionamento em relação aos demais motofilmadores. E em (78), o Motoboy afirma não ser a sua intenção ao criar o canal, mas com o emprego do advérbio “ainda” releva esperar ser um grande *youtuber*. Essa *persona* que é construída é uma consequência da sociedade capitalista que tem como objetivo capitalizar o máximo possível, até mesmo atividades que antes eram exclusivamente dedicadas ao lazer.

No conjunto dos três enunciados anteriores, o Motoboy, ao atribuir-se uma função/profissão, também se insere em um grupo social, o dos youtubers, produtores de conteúdos de mídia social. No enunciado (79), verifica-se que o Motoboy também se insere num outro grupo e, inclusive, utiliza o termo “membro”:

**Exemplo 79**

[...] hoje em dia **eu sou membro de alcoólicos e... de narcóticos anônimos...** entendeu? e só por hoje **eu tô limpo...** (V33)

Nesse caso, diferentemente do anterior, o grupo social não está ligado a trabalho, mas a questões de saúde. Ao definir-se como membro de alcoólicos e narcóticos anônimos e dizer que está limpo, isto é, que não está usando drogas, o locutor se coloca na posição de ex-usuário de álcool e drogas. Acreditamos que essa caracterização talvez possa gerar uma certa identificação com pelo menos parte de sua audiência do canal.

Nas orações do trecho (80), temos o Motoboy falando de sua negativa de inserção no campo religioso, ao negar o pertencimento às religiões mais populares do Brasil. Esse enunciado é produzido após o Motoboy se deparar com uma procissão, manifestação católica que julga como “uma das mais bonitas”. É interessante notar que o fato de o Motoboy viver em uma sociedade burguesa, que é marcada fortemente pelo cristianismo, faz com que ele se veja na necessidade de se posicionar a respeito, ainda que seja para dizer daquilo que não é:

**Exemplo 80**

[...] **eu não sou católico...** aliás **eu não sou evangélico nem cristão eu num sou...** mas isso é uma outra história né?... cada um com a sua religião... (V2)

Embora não se defina como cristão, o Motoboy se posiciona diante do assunto religião defendendo o respeito à escolha de cada um. Em muitos momentos, o assunto “respeito” é retomado em seus vídeos: respeito ao próximo e, principalmente, respeito aos motoboys. No exemplo (81), ao se definir como “motoca”, observamos essa defesa do respeito pelo motoboy no trânsito:

**Exemplo 81**

[...] essa dancinha que vocês fazem né meu? eu dirijo carro também... eu evito essas coisas porque **eu sou motoca...** eu quando eu tô de carro irmão... é que no momento eu tinha um carro né irmão? e hoje em dia eu não tenho mais... mas na hora que eu comprar um carro eu vou fazer vídeo de carro e vocês vão ver... **eu sou motoca...** então eu

andando pensando no motoca... eu não esqueço que moto existe né véio? (V12)

Nota-se que a audiência imaginada pelo falante, isto é, o “vocês”, é o motorista de carro. Na relação entre esses dois grupos de condutores no trânsito, a definição “eu sou motoca”, reiterada duas vezes nesse trecho, marca o posicionamento do locutor, que afirma que, mesmo quando está dirigindo um carro, não deixa de ser “motoca”. Esse é um exemplo de reforço identitário do Motoboy, ao criticar a postura dos motoristas de carro na direção em ruas, avenidas e estradas (“essa dancinha que vocês fazem”, “eu evito essas coisas”).

A partir das análises dos enunciados com o sujeito expreso “eu”, o autor do canal, além de reforçar sua identidade como Motoboy, também começa a construir outra *persona*, a do Youtuber, sujeito empreendedor. Além disso, por meio de construções como “eu sou” e “eu não sou”, o Motoboy traz diversas caracterizações para si mesmo e mostra como se posiciona na sociedade e seus grupos de pertença.

Em sua fala, além do pronome “eu”, o autor também utiliza o “nós” para falar sobre si e sobre grupos aos quais pertence. Para mostrar essa inclusão do Motoboy em um determinado grupo, analisamos também o sintagma nominal “a gente” que, na língua portuguesa, pode ser usado tanto para fazer referência à primeira pessoa do plural quanto para produzir uma referência genérica, que incluiria todas as pessoas do discurso (NEVES, 2000, p. 469).

Nesse estudo, optamos por trazer “nós” e “a gente” juntos por considerarmos que as ocorrências de “a gente” em nosso *corpus* se concentram no primeiro caso, como sinônimo de “nós”. Também é importante analisar brevemente essa que é uma das variáveis sociolinguísticas mais estudadas no Português brasileiro na fala desse Motoboy. A manipulação dessa variável revela alguns aspectos interessantes da construção identitária desse sujeito social.

Nesses enunciados, há a recorrência da alternância do sujeito nas orações, tanto de “nós” e “a gente”, quanto de “eu” e “nós”. Assim, considera-se toda a complexidade do uso do pronome “nós” para construção estilística, tal como estudado por Costa (2011). Na literatura (ILARI *et al.*, 2002), o “nós”, normalmente, indica referência à junção de: (i) eu + você(s); (ii) eu + ele(s); (iii) eu + você(s) + ele(s), ou (iv) terceira pessoa indeterminada. O “nós”, assim como o “a gente” podem, para esses autores, referir-se somente a um “eu”.

Em nosso *corpus*, há grande recorrência do uso de “a gente”. Entretanto, em enunciados com os verbos “ser” e “estar”, é mais frequente o uso do pronome “nós”, na maioria das vezes, pronunciado como [nois] ou [noi]. Foi possível observar que é comum também o uso de “nós” para referir-se a “eu”, como em (82). Além disso, assim como em (67) e (68), o enunciado a seguir (82) remete ao sentido de irresponsabilidade, agir fora dos padrões sociais, o que reforça a construção da *persona* “Motoboy”, ainda que de forma indireta.

#### Exemplo 82

[...] ra::: muleque **nóis é doid... nóis é doidera** caraio... (V34)

Nesse e nos enunciados a seguir (83) a (85), constatamos o mesmo funcionamento do “nóis” seguido do verbo “ser”, que não apresenta a flexão de número. Em (80), também há o uso de “nói” para se referir a si mesmo e aos seus interlocutores que também são motoboys.

#### Exemplo 83

[...] vai parar de trabalhar e vai enfiar os ferro nos boy? ... não né mano? ... **nói não é disso...** nói vai continuar trabalhando... (V14)

O verbo “vai” remete ao “você”, implícito na pergunta feita ao interlocutor, também motoboy que também é o “eu”. O contexto do enunciado acima está relacionado ao relato do Motoboy sobre a dificuldade de fazer o licenciamento da moto (pelo custo) e, ao mesmo tempo, ao fato de não poder parar de trabalhar. Nesse contexto, o Motoboy se coloca em oposição a outro grupo, o dos boys.

A autoidentificação a partir de posicionamento enquanto origem social e pertencimento a uma determinada classe social (pobre, trabalhador, morador da favela) em oposição a outra (a dos “boys”) também é vista nos enunciados (84) e (85) com a expressão “nóis é da favela”:

#### Exemplo 84

[...] hoje eu tô andando só no lado dos boy **nóis é lá da favela** mas nóis anda só nos boy... (V3)

#### Exemplo 85

[...] ai ai caralho viu... pobre é uma desgraça mesmo... ai ai... eu tô zuando viu gente... **nói também é lá da favela... beco viela..** ai caraio... (V14)

Em (84), observamos novamente a distinção entre quem “é lá da favela” e os “boy” como forma de categorizar esses dois grupos sociais. Apesar de o Motoboy construir um significado social importante para a categoria “classe social”, reconhecendo-se como parte dela, ele também adota em (85) uma atitude irônica em relação a essa condição, após definir pobre por meio de um enunciado quase proverbial (“pobre é uma desgraça”). Em seguida, o autor chama a atenção para o fato de essa afirmação ser uma brincadeira e, logo depois, se categoriza como quem “é da favela” e depois recategoriza favela como “beco viela”. Assim, ele reafirma sua origem e condição social. Essas definições ligam-se a uma identidade que é mais ampla do que a do Motoboy. Tal como demonstrado no terceiro capítulo, esse ator tende a reforçar sua identidade de classe por meio da linguagem.

Essa construção de uma consciência sobre seu posicionamento social na sociedade de classes também pode ser observada no enunciado (86) em que, ao falar sobre a relação entre diferentes profissionais, tais como os clientes, funcionários e até mesmo o patrão, o empresário ou a polícia, ele reforça que é preciso que todos sejam tratados com respeito e define-se pela negação de duas categorizações, a de ser melhor do que os outros e a de ser cachorro, ou seja, passível de ser tratado como não-humano. Para isso, recorre ao “a gente” que remete a ele mesmo e aos demais membros de sua classe social:

**Exemplo 86**

[...] é claro que a gente não se rebaixa... que **a gente não é melhor que ninguém** mas **a gente também não é cachorro não**... eu odeio...  
(V2)

É interessante notar que a oração “eu odeio” ao final do trecho e que encerra o assunto no vídeo 2 O MOTOBOY ENTREGADOR DE PIZZAS parece deixar um “gatilho” para que interlocutores produzam certas inferências relativas aos enunciados anteriores (“tem gente que se acha melhor do que os outros”, “tem gente que trata os outros como cachorros”). Dessa forma, o que o Motoboy odiaria é não ser tratado com respeito.

A outra *persona* que o Motoboy constrói para si nos vídeos, a do produtor do canal/youtuber, é também definida com o “a gente”, nesse caso de (87), claramente fazendo referência ao “eu” somente. A oração anterior com “nós temos um segundo canal” também se refere a ele mesmo como produtor de vídeos.

**Exemplo 87**

[...] nós temos um segundo canal aí que é o canal tá com nojinho tendeu?... o canal tá lá parado... mas **a gente tá... tá com uns projetos aí pra voltar...** a gente vai fazer uns negócio muito loco tendeu? (V33)

**Exemplo 88**

[...] É:: seja original mano tá ligado? **nóis é papo reto na porra do bagueio** truta... (V33)

Em (88), quando o Motoboy fala diretamente a um “você” (“seja original”), ele está se dirigindo a um outro motofilmador que usa o canal Motoka Cachorro!!! para tentar ter mais visualizações em seus vídeos, o “nóis” que é enunciado em seguida não inclui o “você”, pois se refere a ele mesmo, buscando caracterizar-se como alguém que fala diretamente o que pensa, sem rodeios. Em (89), temos um enunciado em que o falante também define a *persona* Youtuber:

**Exemplo 89**

[...] eu tô só no rolê pá né mano?... com moto ou não... e **a gente é sempre surpreendido** (V33)

Faz parte da rotina do Motoboy ser surpreendido no trânsito. Entretanto, no início do trecho de (89), o Motoboy ressalta que é surpreendido mesmo quando está sem a moto. A intenção dele aqui é falar sobre algo que lhe ocorre e que isso se configuraria como vantagem para que ele possa ser um bom motofilmador e, conseqüentemente, Youtuber.

É interessante notar que é recorrente a não concordância de plural quando o enunciado tem “nós”. No entanto, ao produzir um enunciado em que descreve o “Motoboy”, o falante opta por utilizar a variedade de prestígio, realizando todas as concordâncias, como em (90):

**Exemplo 90**

[...] **somos especializados em serviços urgentES:::** é isso... num temos horário para começar num temos horário para parar... num temos horário... num temos condição climática favorável ou desfavorável para trabalhar... (V34)

Coelho (2006) verificou que a ausência de concordância com o pronome “nós” é evitada por quem tem ascendido socialmente. No entanto, na periferia urbana de São Paulo ela tem representado a identidade social dos moradores. Assim como Coelho, Oushiro (2015) também chegou à conclusão de que, nas últimas décadas, a não-concordância de plural, nesse caso, tem significado mais do que a antiga

distinção entre falantes paulistanos e falantes do interior ou zona rural, visto que, atualmente, essas diferenciações têm se realizado entre subgrupos de falantes de acordo com suas classes sociais ou mesmo nível de escolaridade.

Como discutido por Rickford (1986)<sup>63</sup>, ainda que as variantes “nóis é” e “nói é” tenham menor prestígio em nível global, ela tem prestígio localmente, quando leva-se em conta o grupo social ao qual o Motoboy pertence, a fala popular paulistana e até mesmo o “pedaço” dos Motoboys, do qual o canal também faz parte. Assim, o uso dessa variante marca convergência com a audiência imaginada pelo Motoboy, isto é, os demais motoboys, demais moradores da periferia paulistana. Porém, quando tem como audiência imaginada os clientes, empresários, a variante empregada é a de prestígio.

Nos próximos enunciados veremos que a construção identitária e o uso dos recursos linguísticos para projeção das *personae* do Motoboy também se dão com a manipulação dos predicados verbais. Os verbos psicológicos são aqueles que “exprimem a reação emotiva de um experimentador (objeto indireto, expresso ou não) em relação a um estado de coisas” (NEVES, 2000, p. 343). Os enunciados com esses verbos já não têm mais como núcleo semântico o nome ou qualquer outro modificador, como foram os casos dos predicados nominais vistos nos exemplos anteriores. Entretanto, apesar disso, esses enunciados a seguir também caracterizam o sujeito por apresentarem, de modo geral, seus gostos em relação a determinados objetos. Os primeiros exemplos (91) e (92) mostram o gosto do Motoboy por carros:

**Exemplo 91**

Punto novo Punto velhO:: bora bora os dois são bonitos **eu gosto** dos dois... (V22)

**Exemplo 92**

[...] é o meu sonho... de ter um carro... de ter um carro baixo equipado da hora memo que for um carro antigo... **eu gosto** de carro antigo também tendeu? (V33)

Apesar de ser recorrente o assunto “moto” no universo dos motoboys, no caso do autor do canal, ele também expressa apreço por carros, revelando, inclusive, que comprar um carro é um sonho seu. Verifica-se, nesse caso, como os objetos de

---

<sup>63</sup> Cf. terceiro capítulo, p. 68.

consumo relacionados a veículos automotores fazem parte do contexto dos motoboys, mas também daqueles que pertencem às classes populares.

Além do uso do verbo “gostar”, pode-se citar o emprego de “odiar” em enunciados para dizer sobre si. Observando os vídeos do canal ao longo dos últimos tempos, notamos que o Motoboy faz críticas ao Estado, pois não percebe os investimentos que o Estado faz para sua classe ou não os julga suficientes. É bem comum que pessoas das classes populares se sintam descoladas: sem direitos e sem deveres. Um exemplo de um enunciado que traz um verbo psicológico para mostrar o pessimismo do Motoboy em relação ao Brasil é o seguinte, que mostra a atitude do Motoboy em relação ao que ele denomina “pilantragem”, associando o Brasil a essa característica por meio de uma expressão de natureza bíblica:

**Exemplo 93**

É... eu me policio... pá não ser pilantra porque **eu odeio** pilantragem... e o Brasil ele jaz no maligno... (V22)

No enunciado (94), o gosto expresso se refere ao local onde o Motoboy, gosta de fazer seus serviços:

**Exemplo 94**

[...] **eu gosto** de fazer esse trampinho nessas quebradinha aqui... (V23)

Em nosso *corpus* não é tão recorrente o uso de verbos que expressam o sentimento do falante. Para fins de seleção nas transcrições, foram pesquisados todos os exemplos de verbos psicológicos listados por Cançado (1996) e somente as ocorrências acima foram encontradas. Isso nos leva a crer que as *personae* projetadas nos vídeos não manipulam a intimidade do Motoboy, pois ele está construindo-se como figura pública.

Já em relação aos verbos dinâmicos, que serão apresentados a seguir, o *corpus* apresenta, como já é de se esperar, uma alta frequência. Por esse motivo, selecionamos apenas algumas ocorrências cujos enunciados contribuem para a construção das *personae* do Motoboy. O primeiro deles (95), reforça a *persona* produtor de canal/youtuber.

**Exemplo 95**

[...] isso aqui é um um sonho que **eu tô realizando** e::: e memo que for aos trancos e barrancos **eu vou realizar** certo... eu **vou fazer** um canalzinho da hora... muito obrigado... (V1)

O enunciado acima faz parte do vídeo APRESENTAÇÃO DO CANAL. JÁ COMEÇAMOS ZOANDO O SOM DA CÂMERA KKKKKK, por isso a ocorrência de duas orações no futuro. Dessa forma, pode-se constatar que esse vídeo inaugura a construção da *persona* “produtor de canal/youtuber”.

O enunciado abaixo pertence ao vídeo O MOTOBOY ENTREGADOR DE PIZZAS postado pouco tempo depois. Porém, vemos que as orações estão no presente, demonstrando ações habituais.

#### Exemplo 96

[...] porque aqui **nóis trampa** de gopobre... porém levamos diversão entretenimento informação conhecimento culTUra e::: muita aleGRla... aos vossos lares... também levamos pizzas entregamos documentos materiais... e também retiramos os mesmos... e levamos até às vossas presenças caso for solicitado... (V2)

No trecho acima, acreditamos que as duas *personae*, a do Motoboy e a do produtor de vídeos/youtuber estão sobrepostas porque ao mesmo tempo em que há índices linguísticos de que o Motoboy é quem está falando (a paródia com o nome da câmera – GoPro/”gopobre”; o uso do pronome de primeira pessoa do plural – “nóis”; acompanhado da ausência de marca de concordância verbal – “nóis trampa”; a mobilização inusitada do pronome de segunda pessoa do plural – “vosso”) e, ao mesmo tempo, há índices textuais-discursivos de que é o youtuber que está falando, dado o paralelismo construído: o youtuber “leva” diversão, entretenimento, informação, conhecimento, cultura, e o Motoboy “leva/entrega” documentos, materiais.

Em 2015, no segundo ano do canal Motoka Cachorro!!!, notamos a ocorrência do emprego de verbo “fazer” no passado, relatando os objetivos da criação do canal, e do mesmo verbo, no presente, referindo a atividade dos motoboys:

#### Exemplo 97

[...] **eu fiz** um canal... [...] **eu fiz** um canal né meu? ... pra mostrar pra todo mundo como que é o dia a dia do motoboy... pra mostrar o que que **a gente faz** pra pra sair nessas entreguinha né? (V12)

Um dos temas que o autor do canal apresenta é a sua relação com as várias esferas de governo e com a polícia. Ele usa o verbo “pagar” acompanhado de um objeto direto de caráter metafórico, “as madeiradas”, ou seja, os impostos, e o

verbo “desenrolar”, de caráter metafórico, que parece significar “exercer”, dado que o objeto direto que o segue é “nossa profissão”.

**Exemplo 98**

[...] tem que pagar as madeiradas pro governo porque **pra gente desenrolar** nossa profissão **a gente** tem que fazer... (V3)

Por sua vez, no trecho (99), o emprego de predicados verbais, assim como de predicados nominais ou verbo-nominais contribui para a autodescrição do falante. Nesse exemplo, além de novamente fazer várias autocategorizações por meio do uso de predicados verbo-nominais, o Motoboy também se mostra um pouco, quando avalia sua relação com as drogas no passado e no presente:

**Exemplo 99**

[...] eu num... **eu num me intitulo um cara humilde...** mas eu sei que **eu tive a humildade** isso é humildade né? de reconhecer eu fui humilde pra reconhecer que **eu não aguento com o baguio...** **eu num guento eu num guento** com a droga... (V33)

No enunciado a seguir (100), observamos a explicação do Motoboy sobre a sobreposição das duas *personae*, tal como tínhamos detectado anteriormente. Essa relação entre as duas *personae* fica clara quando o referente “canal” é recategorizado como “o *reality show* do motoboy” e, em seguida, sua existência é colocada como possível somente enquanto o autor do canal continuar atuando como motoboy:

**Exemplo 100**

[...] porque aqui esse canal aqui é o *reality show* do motoboy entendeu... ele só vai deixar de ser o *reality show* do motoboy o dia que **eu deixar de ser motoboy** cê entendeu? Se não ele vai continuar sendo... né? (V33)

Após análise dos enunciados, pode-se afirmar que o uso dos pronomes “eu”, “nós” (e suas variantes) e “a gente” em enunciados estruturados por predicados nominais ou verbo-nominais configuram, de forma bastante recorrente, autoidentificações, sendo que o Motoboy, ao enunciá-los, constrói sentidos que reforçam sua identidade, seja ela mais associada à *persona* Motoboy, diretamente relacionada à sua profissão, seja ela mais associada à *persona* Produtor de vídeos/Youtuber, ocupação que, apesar de mais recente, tem sido significativa para esse ator social. É preciso ponderar, entretanto, que a *persona* mais recente se constrói a partir da anterior. O Produtor de vídeos/Youtuber é aquele que retrata seu cotidiano como Motoboy. As duas *personae* estão, desse modo, nesse atual

momento, imbricadas. Isso não garante que, num dado momento, uma delas não possa desaparecer.

### 6.3 O MOTOBOY SOU EU

Na primeira seção desse capítulo, foram analisados exemplos em que o Motoboy categoriza o motoboy. Posteriormente, identificamos uma série de enunciados em que o falante define a si mesmo construindo significados para si, projetando *personae* e elaborando suas identidades. Dentre as possibilidades que o sujeito tem de identificação, notou-se que a *persona*/identidade Motoboy é a que mais é reforçada nos vídeos do canal Motocka Cachorro!!! a partir das análises do *corpus* da pesquisa.

Nesta seção examinaremos enunciados em que o falante assume para ele as categorizações de Motoboy, isto é, construções em que o sujeito “eu” reivindica a categoria “Motoboy” (e suas variantes) para si, conforme o exemplo abaixo:

#### Exemplo 101

[...] faz o seu e não atrasa o meu... porque às vezes eu tô fazendo o meu pra beneficiar você e você não percebe... é... é mano... do memo jeito que **eu motoqueiro** tenho que fazer a minha parte também... (V12)

Nesse caso, ao autocategorizar-se como “motoqueiro”, o falante se inscreve nesse grupo que abrange também os motoboys. Pode-se perceber que, na verdade, a expressão nominal “motoqueiro” é uma nova categorização de “motoboy”. Já nos enunciados a seguir, temos o reforço da *persona* “Motoboy” por meio da própria categoria “motoboy”, mas também do nome “motoca” em enunciados em que a reivindicação dessa categoria para si se dá pela construção “eu sou” ou “sou eu”:

#### Exemplo 102

[...] ele vai localizar **o motoboy** que tiver mais próximo... localizou... por exemplo... eu sou eu... **eu sou motoboy aqui** entendeu? (V22)

#### Exemplo 103

[...] esses caras que xingam os motoboys nos comentários... **o motoboy nesse caso sou eu...** (V12)

A partir desses enunciados, pode-se observar que, diferentemente do que constatado em entrevistas realizadas anteriormente (LUCCA, 2012), o Motoboy,

objeto empírico do presente estudo, reforça sua identidade como “Motoboy” ao definir-se como “motoboy” e “motoca”. No caso de (103), as expressões nominais definidas “os motoboys” e “o motoboy” e, depois, “motoqueiro” (101), assim como nos dois exemplos anteriores (102) e (103), atuam de forma catafórica, sendo retomadas na sequência pelo pronome “eu”.

Em (103), “os motoboys” designam aqueles que estavam sofrendo ataques por meio de comentários nos fóruns dos vídeos no YouTube, um tipo de violência que é, segundo anteriormente verificado (LUCCA, 2012), recorrente nas mídias sociais e nas relações de trânsito. E, novamente, ao invés de tentar se afastar desse grupo social por meio da continuidade do uso da terceira pessoa, o falante retoma o referente no singular e se define por ele com “sou eu”. É o processo de reinvidicação identitária atuando de novo para a projeção de sua *persona* e construção de sua identidade.

Observando os enunciados (104) e (105), é possível verificar que até mesmo os sentidos mais negativos atribuídos aos motoboys pela sociedade são reivindicados para o sujeito, nesse caso, o de os motoboys serem folgados, espaçosos no trânsito. No caso do primeiro, temos uma longa expressão referencial “motoqueiro entregador de pizza forgado do carario” para o próprio falante que está, enquanto enuncia, passando um farol vermelho.

As três ocorrências da oração “eu digo é nós” são parte de uma música do rapper Emicida que é cantada pelo Motoboy enquanto dirige. Assim, pode-se compreender que a expressão nominal apresentada após a música como uma definição para o que “é nós”. Outra categorização para o Motoboy é o xingamento “filho da puta”. Assim, observamos que essas formas nominais são estratégias de estilização que possibilitam ao Motoboy definir-se, assumindo as categorizações pejorativas que os outros lhe fazem, virando do avesso a imagem negativa construída pelos outros, especialmente pelos motoristas de trânsito.

#### **Exemplo 104**

[...] eu digo é nós... eu digo é nós... eu digo é nós... **motoqueiro entregador de pizza forgado do caraio...** passa todos os faróis vermelhos... **filho da puta...** (V2)

A outra *persona* projetada pelo Motoboy nos vídeos, de Produtor de vídeos/Youtuber, é reivindicada, pela primeira vez no canal Motoka Cachorro!!!, nesse enunciado inaugural, em que temos a designação do falante como aquele que vai ser o protagonista do canal:

**Exemplo 105**

[...] sejam muito bem vindos ao Motoka Vlog... é::... eu sou M.... **sou eu** que vou protagonizar o Motoka Vlog né? (V1)

**6.4 O MOTOBOY E OS OUTROS**

Além de utilizar expressões de autoidentificação para se definir, o autor do canal também define o outro, o que podemos denominar de heteroidentificação, por meio de expressões referenciais e enunciados. Em alguns momentos, o ator social do qual ele fala faz parte de seu grupo social. Em outros momentos, esse “outro” pertence a outro grupo social.

Acreditamos que, ao categorizar/referir o outro, o Motoboy também se autocategoriza, produzindo sua construção identitária a partir da diferença que constrói em relação aos membros de outros grupos sociais, considerados o contexto social mais amplo e as condições históricas, e não apenas o indivíduo. Por esse motivo, ao analisarmos a forma como o Motoboy define os outros atores sociais com os quais convive, como, por exemplo, os agentes públicos, compreendemos a relação que se estabelece entre esses sujeitos e, conseqüentemente, a forma como o Motoboy se posiciona na sociedade.

No enunciado a seguir (106), o Motoboy tematiza os agentes públicos em que, por meio de uma expressão nominal com um extenso modificador, demonstra seu posicionamento de oposição e descontentamento em relação a esse grupo social, o que produz um afastamento:

**Exemplo 106**

[...] hoje tem **agente de trânsitos cobrador de impostos filhos da puta espalhados pra qualquer lado**... me perdoem vocês aí que são agentes de trânsito e policiais de trânsito mas eu recusaria um emprego desses... é:: aliás eu nem prestaria concurso cara... (V14)

Depois da categorização que é feita de forma a expressar esse desconforto em relação a esses atores sociais, o Motoboy toma como interlocutor os próprios agentes de trânsito e policiais de trânsito e, por meio da introdução de um recurso de atenuação (“me perdoem, vocês aí”) estabelece uma relação de diferença com esses profissionais, afirmando que não ocuparia esse tipo de posto profissional.

Num movimento oposto, no enunciado seguinte (107), após cumprimentar os lixeiros na rua, o Motoboy faz um comentário a respeito dessa categoria profissional:

**Exemplo 107**

[...] **esses caras** aí merece o maior respeito mano... trampo da porra... como qualquer outro profissional... mas **esses daí** são foda... são **os caras que mantêm a nossa cidade limpa** né mano? (V23)

A introdução desse referente por meio da descrição definida “esses caras” se dá por uma ancoragem no contexto. Nesse e em enunciados anteriores se detecta que o Motoboy defende e busca exaltar as funções desempenhadas pelas categorias profissionais que, como a dele, fazem parte das classes populares.

Já em (108) e (109), o referente é um “outro” em relação à classe social: os membros de organizações da sociedade civil como “Pró-vida”<sup>64</sup>, “Maçonaria”<sup>65</sup> e “Ordem Illuminati”<sup>66</sup> que representam a classe burguesa em nossa sociedade:

**Exemplo 108**

[...] **a maioria dos cara com esse adesivo no carro** aí ou então com aquele adesinho do compasso e um transferidor uma letrinha g dentro tá ligado? Que é de uma... **dos maçom... a maioria deles no trânsito são forgado pra caraio** tio... (V3)

**Exemplo 109**

[...] **eles são tipo da hora de conversar** tá ligado? ((risos)) interessante... só que no trânsito **eles são forgado pá porra** mano... (V3)

<sup>64</sup> Trata-se de uma associação que possui corpo diretivo e consultivo e sede em São Paulo. Seus membros realizam encontros e podem participar de atividades no clube da instituição. Existe uma central que recebe doações, as quais são chamadas de “dízimo”. Em seu *site* oficial, o grupo se descreve da seguinte forma “A PRÓ-VIDA é um movimento filosófico iniciático, que se propõe a conduzir pessoas interessadas a reconhecer e despertar o enorme potencial de suas capacidades mentais, psíquicas e espirituais”. Fonte: <<https://www.provida.net/br/>>. Acesso: jul. 2017.

<sup>65</sup> Os maçons se encontram em espaços que denominam, normalmente, de “loja”. São, aproximadamente, 6 milhões de integrantes no mundo. A “Maçonaria é uma sociedade discreta, onde suas ações são reservadas e interessa apenas àqueles que dela participam” e para ingressar nesse grupo é preciso ser convidado por maçons. Por esse motivo, não existe um *site* da organização, mas apenas *sites* de lojas. Fonte: <<https://www.significados.com.br/maconaria/>>. Acesso: jul. 2017.

<sup>66</sup> Associação que tem como princípios a igualdade e a justiça e seu objetivo é “Criar lideranças capazes, fazer a sociedade avançar rumo à Nova Ordem Mundial, difundir o iluminismo e cultivar os valores da paz, justiça e igualdade”. Fonte: <<https://www.provida.net/br/>> Acesso: jul. 2017. É também considerada como um grupo secreto de pessoas que desejam influenciar questões políticas, econômicas e sociais. Fonte: <<https://www.significados.com.br/illuminati/>> Acesso: jul. 2017.

O Motoboy emprega uma descrição definida mais extensa para se referir a esse grupo e ao “Pró-vida”, a partir da descrição de símbolos nos adesivos dos carros. Além disso, ele os qualifica ora como “forgado” no trânsito e “tipo da hora para conversar”. Também é possível notar que, novamente, após emitir um julgamento sobre o grupo, o Motoboy faz um ajuste em seu discurso considerando sua audiência (*design de audiência*). Por ter conhecidos que fazem parte desses grupos, inclusive clientes, que podem estar assistindo a seus vídeos, a oração “eles são tipo da hora de conversar” atenua os sentidos negativos associados a esses grupos que formam enunciados anteriormente e posteriormente à atenuação.

No contexto em que o Motoboy está estacionando para fazer uma entrega na Avenida Paulista ou Centro Paulista, um dos centros econômicos indicados por Frúgoli Jr. (2006), ele mostra o hotel Maksoud Plaza<sup>67</sup> e inicia uma série de categorizações para distinguir o pobre do rico:

#### **Exemplo 110**

[...] esse daí é o Maksoud Plaza hein? É:: hotel aí conceituado aí... **dos boy... dos pans... dos pun... pá** tá ligado? Avenida Paulista né jow? ... é outras ideias no bagueio... aqui é só **os tipo exótico cheios de dinheiro...** e **uns tipo favelado metido a exótico cheio do dinheiro mas na verdade são pobres** tá ligado? ((risos)) trampa tipo no... só porque trampa no escritório anda de socialzinho quer meter um estilinho diferente e tal mas... (V3)

Num primeiro momento, as categorizações por meio das gírias paulistas “os boys”, “os pans” e “os pun” fazem referência aos “ricos”. Em seguida, o falante apresenta descrição definida para recategorizar o referente e, ao recordar que não são somente os ricos que frequentam o Centro Paulista, introduz um novo referente, os “pobres” que são descritos como aqueles que se comportam como se fossem ricos pelo local em que trabalham e pelas roupas que usam.

No exemplo abaixo, em que o Motoboy categoriza o outro pela classe social, temos dois referentes: os que viajaram no feriado generalizados pelas expressões “o pessoal”, “todo mundo” e os que ficaram em casa. A esse último grupo, o falante atribuiu formas nominais como “virgens”, “cabaços”, “nerds”, mas o mais interessante é “os futuros patrões”; nesse momento, ele determina a posição social

---

<sup>67</sup> Hotel tradicional da cidade de São Paulo, o Maksoud Plaza localiza-se a uma quadra da Avenida Paulista. É um dos hotéis mais emblemáticos de São Paulo e do Brasil, por ter recebido vários governantes e celebridades do mundo inteiro e servir de cenário para novelas e minisséries da Rede Globo.

que esses jovens irão assumir no futuro. De todo modo, esses dois grupos são os das pessoas que fazem parte da classe média ou da classe alta, isto é, são os que podem viajar nos feriados ou os que estão investindo em seus estudos e profissões.

#### **Exemplo 111**

[...] **o pessoal todo mundo** viajou... tá todo mundo na praia... só: que tem uma categoria de ser humano que não foi viajar... que são **os VIRgens... os cabaço... é... os nerds... os futuros patrões...** que são aqueles que ficam estudando para concursos públicos... é:: se especializando em suas profissões ao invés de irem curtir comer as bucetinhas na praia... é::: hoje eles estão todos em casa jogando GTA e a minha missão é abastecê-los de comida... e todo mundo sabe né?... **virgem** não cozinha... **nerd** não cozinha... **nerd** não sabe cozinhar... (V2)

Como Giles (2001) postula, o falante faz ajustes para marcar sua identidade a partir da diferenciação em relação ao outro, o que o autor denomina de divergência. Assim, pode-se afirmar também que as definições e as categorizações que falante faz do outro também contribuem para o reforço de sua própria identidade, de seu papel social e lugar na sociedade, já que a relação identitária se constitui na diferença.

## **6.5 CONSTRUINDO IDENTIDADE**

Nas seções anteriores desse capítulo identificamos enunciados em que o Motoboy fala sobre si e enunciados em que ele fala sobre o outro. Acreditamos que, a partir da produção discursiva, o locutor assume determinados posicionamentos sociais em relação a outros grupos. Na seção anterior, o Motoboy produz um distanciamento em relação a agentes públicos e membros das classes média e alta enquanto se identifica com profissionais das camadas populares.

Nos enunciados selecionados para esse tópico, veremos trechos em que as categorizações do “eu” e do “ele(s)” se dão de forma progressiva. Para exemplificar esse funcionamento, optamos por selecionar apenas dois vídeos, os vídeos PRÓ-VIDA – TROCANDO IDEIA e TIPOS DE MOTOBOY E MELHOR FORMA DE TRABALHAR.

O primeiro deles (V3) tem como tema principal os membros de grupos como da Ordem Illuminati, os Maçons e os membros do Pró-vida. O Motoboy introduz o referente Pró-vida após ter visto um adesivo do grupo em um carro. Enquanto ele está

lendo o que está escrito no adesivo, o motorista do carro o coloca um pouco mais para frente se afastando do Motoboy, conforme o primeiro recorte do vídeo (V3):

### Exemplo 112

<i>Ativação do referente</i> → (veículo)	<b>uma BMW X1... do Pró-vida...</b> é interessante esse baguio aqui ó... que tá escrito aqui... “se você já estiver preparado uma força maior o levará para o Pró-vida”... <b>ele</b> não deixa nem ler ((risos)) tá ligado?... <b>ele</b> cola o adesivo no carro mas ele não me deixa filmar... isso daí
<i>Introdução de novo referente</i> (motorista do carro/ → membro do Pró-vida)	
<i>Recategorização de Pró-Vida</i> →	é tipo mais um... tá parecendo mais <b>uma seita Illuminati</b>
<i>Recategorização de</i> → membro do Pró-Vida	tá ligado?... que só tem <b>rico</b> com esses adesivo no
<i>Ativação do referente “eu”</i> →	carro ((risos)) é só quando <b>eu</b> tiver preparado
<i>Introdução de novo referente</i> <i>indiretamente associado ao</i> →	uma força maior vai me levar pro Pró-vida... enquanto isso estamos no <b>Pró-vida real</b> ... cada um cuida da sua... <i>Pró-Vida</i> ((risos)) (V3)

O excerto mostra que existem dois grupos, os ricos que fazem parte dessas sociedades civis e que, portanto, estão organizados coletivamente e os que estão fora de organizações sociais, os pobres, que vivem a realidade de seu cotidiano batalhando para cuidar de suas vidas.

Pouco tempo depois, ao mencionar que iria à Lapa, bairro da Zona Oeste da cidade de São Paulo, o Motoboy enfatiza que vai à parte nobre do bairro definida por ele mesmo como o “lado dos boys”. À medida em que define o lugar de moradia do grupo social “boys”, isto é, os ricos, o Motoboy rapidamente define o seu lugar por meio da oração “nóis é lá da favela”. Novamente, vemos outra distinção social sendo elaborada por ele.

Continuando seu discurso de identificação e diferenciação, no trecho abaixo, vemos uma série de qualificações para um determinado grupo de pessoas que, inicialmente, são mencionadas com expressões como “gente metida”, “gente”, “a pessoa”. Nesse excerto, o Motoboy expõe o constrangimento que é causado no encontro entre os membros das diferentes classes sociais:

### Exemplo 113

<i>Ativação do referente</i> →	[...] tipo de <b>gente metida</b> tá ligado?...
<i>Recategorização do</i> →	<b>gente que num... num dá... num dá uma ideia</b> tá
<i>referente</i>	ligado?... [...] é foda né véio?... porque... às vezes cê fica
<i>Nova Recategorização do</i>	no vácuo né?... cê fala um bom dia... bom dia... e <b>a</b>
<i>referente</i> →	<b>pessoa</b> num responde tá ligado?... mó chato véio... é
	muito ruim véio... é desconcertante tá ligado?... (V3)

No excerto abaixo, o Motoboy continua relatando situações que ocorrem cotidianamente e que lhe causam desconforto. O referente “pessoa”, causador desse desconforto, tem a sua determinação referencial por meio de uma descrição definida que retoma a categorização “rico” ativada no primeiro excerto:

#### Exemplo 114

*Reativação do referente do grupo social dos “ricos”* → e:: **a pessoa** fica lá na de maioral dela tá ligado?... aí às vezes cê fica até meio na segunda de de de desejar um  
*Recategorização do referente do grupo social dos “ricos”* → um bom dia uma boa tarde para **uma pessoa de poder aquisitivo mais alto** com medo de ela não te responder e você fazer papel de trouxa ... e... ((risos)) né?... (V3)

Até esse momento, havia o uso do pronome “você” (e suas variantes) como índice de impessoalização. No entanto, logo depois, o Motoboy se inclui, explicitando o segundo grupo, aquele que é ignorado pelo grupo dos “ricos”, recategorizados por duas descrições definidas: “umas bostas de gente mesquinha” e “essas pessoas nojenta”. Já o segundo grupo é definido por meio de categorizações que remetem a categorias profissionais das camadas populares:

#### Exemplo 115

*Ativação do referente “eu” representando “os pobres”* → mas como **eu** sou desse jeito aqui cara de pau né?... E meio... eu falo e  
*Reativação do referente do grupo social dos “ricos”* → se **a pessoa** não responder o problema é dela tá ligado?... porque eu não vou deixar de ser quem eu sou por causa de **umas bosta de gente mesquinha** sabe?... que não responde o bom dia de **um motoboy** porque ele é motoboy... que não responde o bom dia de **uma faxineira** porque ela é faxineira de **um porteiro** porque ele é porteiro... eu quero que **essas pessoa nojenta** vão tudo tomar nos cus DElas...[...] (V3)

Nesse último excerto, portanto, o Motoboy não só se posiciona diante desses dois grupos, como traz sua categoria profissional para fazer parte desse contexto social de conflitos entre classes. Desse modo, até esse momento do discurso, as identidades vão se elaborando a partir da noção de classe social com o delineamento de dois grupos que são definidos pelas caracterizações de seus atores sociais. De um lado, os ricos: os proprietários de carros importados, os membros de sociedades organizadas como a Maçonaria, o Pró-vida, os que têm poder aquisitivo “mais” alto. A esse grupo são dadas qualificações negativas mais abstratas a partir das experiências e observações do sujeito-falante. Do outro lado, o outro grupo, ainda

sem uma clara denominação composto por faxineiras, porteiros, motoboys, os quais, em contraposição à definição acima, têm menor poder aquisitivo.

Nos trechos anteriores, o Motoboy elabora sua identidade a partir de seu posicionamento como membro de uma classe social que experiencia situações de constrangimento e de humilhação social promovidas pelos “ricos”. O excerto que segue mostra um delineamento mais atenuado a respeito da identidade social dos “ricos”.

#### Exemplo 116

Reativação do referente “eu” → representando “os pobres”	<b>eu</b> acho legal cara... eu acho legal quando
Reativação do <i>referente do grupo social dos “ricos”</i> →	<b>a pessoa</b> se presta a trocar ideia com nós... entendeu?... independente de religião... independente se ela... se <b>ela</b> é de uma seita::
Reativação do referente “eu” → representando “os pobres”	demoníaca iluminati... entendeu?... pra nós <b>eu</b> acho... o que vale é a... é::: é tá tendo humildade no baguio tá ligado?... independente de de da
Reativação do <i>referente do grupo social dos “ricos”</i> →	<b>pessoa</b> ser.. evangélica budista corintiana... é... sei lá qual que for... né meu?... se toma banho se não toma né mano? ... se bebe se fuma se cheira né?... pra mim isso não importa... [...] (V3)

As identidades mais fluidas, tais como as relacionadas à religião, às práticas de higiene pessoal e até mesmo ao esporte, são colocadas em evidência pelo locutor de tal modo que as diferenças sociais entre os sujeitos ficam veladas. Esse mesmo funcionamento de sua fala é mantido no início do excerto seguinte, quando ressalta características mais pessoais dos sujeitos, tais como a arrogância, humildade. Pode-se inferir que esse funcionamento revela o desejo do locutor de que as pessoas fossem tratadas igualmente e que as diferenças socioeconômicas não fossem determinantes. Entretanto, após exprimir essa vontade, ao falar sobre suas atitudes nas interações sociais, o Motoboy necessita categorizar, novamente, as pessoas a partir de sua classe social e se insere em uma classe:

#### Exemplo 117

Reativação do referente “eu” →	a atitude que <b>eu</b> mais observo na pessoa é se ela é
Reativação de referente indeterminado →	humilde ou se <b>ela</b> é arrogante soberba tá ligado?...
Reativação do referente “eu” →	e <b>eu</b> procuro não ser assim véio... <b>eu</b> procuro principalmente quando... quando se trata de... de
Recategorização/repetição de referentes que representam os “pobres” →	<b>pessoas</b> de... quando eu vou me dirigir a <b>pessoas</b> ... é... <b>que têm uma profissão menor remunerada</b> assim que nem... que nem porteiro que nem faxineira... que nem motoBOY né meu?...
	→ <b>o pessoal da minha classe</b> né?... (V3)

Dessa forma, pode-se concluir que o Motoboy, apesar de ter outras possibilidades para construir sua identidade, frequentemente recorre à categoria de classe social para definir-se e definir outros atores sociais. O vídeo (V3) exemplifica essa categorização de classe social a partir de relações e interações sociais mais cotidianas e comuns.

Já o trecho do vídeo (V22) que selecionamos mostra a relação que o falante estabelece entre funcionário (F) e patrão (P) a partir de suas experiências pessoais e, na sequência, generaliza determinadas atitudes dos “patrões” como sendo características do ser humano e do brasileiro:

#### Exemplo 118

Ativação do referente F →	<b>o motoboy</b> acaba sempre se ferrando porque é difícil
Ativação do referente P →	<b>um patrão</b> de firma de motoboy que seja gente boa... existe... eu trabalhei... já trabalhei pra gente boa mas vou te dizer foi <b>um gente boa</b> e
Recategorização de P →	<b>dez filhos da puta</b> que eu trabalhei entendeu?... e <b>esse gente boa</b> quando a corda apertava pro lado dele também ele esganava você... é... entendeu?... é a tendência natural do ser humano... foder o outro pra não se fuder... infelizmente é assim... principalmente no Brasil... se <b>o cara</b> tiver que te matar pra sobreviver mesmo que você não tiver culpa nenhuma ele te mata... é... essa é uma característica podre do brasileiro... temos todos que evitar isso porque é uma caracterí... é uma tendência nossa... digo de todos nós... é embaçado... é... até <b>eu</b> se eu moscar eu fico assim também... é... então é... mas eu evito viu? (V22)
Reativação do referente P →	
Introdução de novo referente →	
Reativação do referente “eu” →	

Nesse exemplo, a relação de exploração estabelecida entre funcionário e patrão foi colocada como um fato que poderia ser generalizado para toda a relação de trabalho. Quando menciona que teve um patrão que, embora fosse “gente boa”, também transferia os problemas da empresa para os funcionários, pode-se pressupor que o Motoboy chegará à conclusão de que esse é o funcionamento típico das relações de trabalho no sistema capitalista. Mas, ao contrário disso, o locutor atribui a essa atitude uma razão natural/biológica do ser humano que poderia ser entendida como instinto de sobrevivência. Após generalizar esse comportamento a todos os seres humanos, usando para isso a categorização genérica “o cara”, o Motoboy atribui-o aos brasileiros e, na sequência, enquanto brasileiro, inclui-se nesse grupo de pessoas (“até eu”) que têm a tendência para explorar o outro e que, portanto, precisa policiar suas atitudes.

A partir dessa construção de si e do outro nesse último exemplo, pode-se notar que, apesar de ter vivência o suficiente para conhecer seu lugar na sociedade de classes e para compreender como se dão as relações de força dos atores sociais, muitas vezes, o Motoboy necessita diluir essa identidade, o que podemos interpretar como sendo um tipo de proteção para si, de forma que suas identidades profissionais possam se manter no interior dessa mesma sociedade que ele considera injusta e violenta especialmente em termos simbólicos.

Como Hall (2000) bem demonstra, apesar de ser determinado pelas condições históricas e materiais, todo sujeito é enganado por seu inconsciente e pelas ideologias, nesse caso, a ideologia que busca obnubilar as relações de exploração e de dominação existentes numa sociedade cindida em classes sociais antagônicas.

## **6.6 O REFORÇO DA IDENTIDADE**

Entendendo retextualização enquanto a prática de “dizer de outro modo, em outra modalidade, ou em outro gênero o que foi dito ou escrito por alguém” (MARCUSCHI, 2008, p. 47), selecionamos um exemplo em que o autor do canal Motoka Cachorro!!! utiliza esse recurso textual-discursivo para reforçar sua identidade ao passo que constrói significações para outro tipo de motoboy.

Essa retextualização é feita a partir do meme Nutella X Raiz, que opõe dois tipos de pessoas ou objetos: aquele/aquilo que é permeado pela aparência, superficialidade, glamour e popularidade daquele que é autêntico, que reflete a essência, a profundidade, a originalidade. Podemos observar a seguir um exemplo do funcionamento desse meme com o próprio objeto de comparação, isto é, o produto alimentício Nutella:

## NUTELLA RAIZ



- Tinha na cantina da escola
- Tem preto e branco
- Comia com o dedo
- Custava 50 centavos

## NUTELLA NUTELLA



- Só tem no mercado
- Só tem preto
- Geração 7 a 1
- Come no pão e usa faca
- Custa o preço de um carro

**Imagem 5.** Meme Nutella Raiz VS Nutella Nutella<sup>68</sup>.

Essa comparação coloca dois produtos com sabor semelhante em oposição. O primeiro deles, Nutella Raiz, não tem tanto prestígio e valor de mercado quanto o segundo, Nutella Nutella, porém, é colocado como sendo o produto original, que veio antes, que pode ser ingerido facilmente, que tem a vantagem de ter dois sabores e que, além disso, pode ser consumido por qualquer pessoa, dado ser um produto alimentício muito barato.

Após a popularização desse meme nas redes sociais, o autor do canal Motoka Cachorro!!! postou o vídeo  MOTOBOY RAIZ VS MOTOBOY NUTELLA  (V34) em que faz uma retextualização do meme para opor o Motoboy Nutella ao Motoboy Raiz e, assim, construir uma oposição entre eu/nós e eles.

Já na forma como nomeia o vídeo, a escolha dos emojis para acompanhar cada um dos grupos também significa. O Motoboy Raiz é iconizado pelo símbolo da força “”, enquanto que o Motoboy Nutella pelo símbolo da rosquinha Donut “”.

O primeiro referente no vídeo “o maluco” é ativado pela situação de trânsito em que o Motoboy está. Ele vê dois homens levando canos de motocicleta e define esse motociclista, por estar fazendo esse serviço, pela negação da categorização “motoboyzinho Nutella”. Após definir esse motociclista como sendo “doidera”, ele

<sup>68</sup> Cf. “Os melhores ‘Raiz vs. Nutella’ da internet”, do blog da revista Veja. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/virou-viral/os-melhores-raiz-vs-nutella-da-internet/>>. Acesso em: 3 ago. 2017.

imediatamente se identifica com ele, pois também está carregando uma caixa grande em cima do baú da moto que, conforme o Motoboy se descola, vai para trás, obrigando-o a dar alguns trancos na motocicleta em movimento para trazer a caixa para a frente.

**Exemplo 119**

[...] ca-ra-lho... aê... ((risos)) aí é só o cano muleque... vai segurando ó lá... não é que é só o cano é só os canos ((risos)) vai segurando ó lá... e **o maluco** vai que vai mano... né: **motoboyzinho Nutella** não tio... **o maluco** é doidera... igual **nóis aqui** que tá com essa caixa doida aqui ó... ixi a caixa tá indo meio pra trás tá ligado mano... tem que dar aquela ajeió aquela ajeitadinha na carga básica ó... ceis vê aqui que o bagueio tá loco ó... (V34)

Dessa forma, pode-se constatar que a ancoragem desse referente (o Motoboy Nutella) é motivada pelo contexto mais local (BENTES; SILVA; ACCETTURI, 2017), portanto, situacional; no entanto, as categorizações ou reelaborações do referente atendem “a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua” (KOCH, 2009, p. 57). O Motoboy faz, portanto, uma “(re)construção interativa do próprio real” (KOCH, 2009, p. 59) que se mostra a ele. No exemplo específico desse vídeo, as categorizações que são estabelecidas para Motoboy Nutella e Motoboy Raiz têm relação com aquilo que é socialmente exigido do trabalhador, do cidadão cumpridor de tarefas que lhe são demandadas, do homem que sabe tomar decisões e resolver problemas, daquele que tem maturidade e que tem bons rendimentos, etc.

O vídeo também demonstra o desejo do Motoboy de definir-se, de falar sobre quem ele é e sobre sua forma de agir e, ao mesmo tempo, de falar sobre um outro tipo de pessoa, nesse caso, um outro tipo motoboy.

O primeiro agrupamento de excertos categoriza os dois tipos de Motoboy pela sua flexibilidade em fazer serviços mais complicados, tal como é feito logo no início do vídeo (120). Dessa forma, no segundo trecho (121), temos a simulação de um diálogo entre o motoboy e seu cliente negociando a entrega dessa caixa, mas antes disso, o falante se autocategoriza como Motoboy Raiz. O Motoboy Raiz é definido por ser aquele que aceita mais facilmente um serviço considerado complicado. No trecho (122), o Motoboy critica aqueles que se negam a transportar alguma coisa difícil, reforçando o sentido do (121); em (123), traz as duas categorias para fazer a oposição entre elas:

**Exemplo 120**

Oposição → **nóis é...** ((risos)) **motoboy raiz rapai... né Nutella não** tio... nói num  
 Motoboy Raiz → tem... **nóis num nega serviço** não tio... rá:..  
 (autocategorização  
 por meio de  
 predicação verbal)

**Exemplo 121**

... “cabe no baú?” não num cabe são duas caixas vai uma den do baú  
 outra fora... “cê consegue carregar?”... consi::go... “é quanto?” é  
 tan:to... ((risos)) rá... tá disposto a pagar?... “mai você vai agora?” vô  
 ago::ra... vô ago:ra... sua fiorino não chega... ó lá a caixa lá pra trás  
 de novo ó... ó a caixa aqui na frente ó... é::rereé::: ra::: muleque nóis  
 é doid... **nóis é doidera** caraio...

**Exemplo 122**

Motoboy Nutella → “não num carrego isso aí não”... é num carrego não... é... ah tá... se  
 Motoboy Raiz → você num fazer umas... e... se você ficar... **só num carrega fio se**  
 (autocategorização) **num der memo** se num tiver jeito memo se não fio... vem vem vem  
 cum pai...

**Exemplo 123**

Motoboy Raiz → aí ó nóis como que tá... nóis tamo... aí ó **os cara é doidera** mano...  
 (autocategorização) **nói** coloca caixa aqui... coloca caixa aí ó... **nóis é motoboy raiz**  
 mano... /  
 Motoboy Nutella → **se é o maluco Nutella já não pega o trampo** (V34)  
 (categorização)

No segundo agrupamento, os trechos selecionados fazem referência a outra oposição entre os dois tipos de motoboys, além daquela descrita acima: os novatos e os experientes. Em (124) e (125), o próprio falante se coloca como ex-notavo e, por isso, ex-Motoboy Nutella. A questão financeira é, segundo suas definições, determinante para que o Motoboy perceba que não pode negar determinados serviços, isto é, tenha que se submeter a transportar objetos que sua moto não comportaria com segurança. Já em (126), o falante insere o referente “você” imaginando como audiência alguém que gostaria de ser motoboy ou um motoboy iniciante e dá um conselho. Em (127) procura dar legitimidade ao Motoboy Raiz ao afirmar que somente após anos de experiência seria possível passar para essa categoria:

**Exemplo 124**

Motoboy Nutella → já teve vez assim **quando eu era mais novinho** tal **no começo** tal...  
 (autocategorização) [...] O:: de ter uns trampinho deu chiar entendeu mano?

**Exemplo 125**

Motoboy Nutella → **meus dias de Nutella duraram pouco... aliás meus dias de Nutella**  
 (autocategorização) **duraram um mês** entendeu?... eu fiquei... eu demorei... **eu fiquei**  
**um mês como motoboy Nutella...** meu primeiro mês de motoboy eu  
 fui Nutella entendeu? ... ficava nessas ideinha aí de escolher

trampo... de não gostar de acorda(r) cedo... quando veio meu contracheque muLEque eu falei Vixi truta... se eu ficar nessas ideia eu num vou arrumar é nada...

#### Exemplo 126

Motoboy Raiz → **num tenta querer ser raiz sem ser** entendeu?... que você pode se machucar viu?... **é perigoso...**

#### Exemplo 127

Motoboy Raiz → o cara **pra ser motoboy raiz** entendeu mano? ... **são anos e anos de treino** entendeu?... é uma **vasta experiência**... não é um negócio que acontece do dia para o outro... ninguém nasce motoboy raiz... você nasce Nutella... tá ligado? (V34)

No terceiro agrupamento, a diferenciação se dá pelas características de desenvoltura ao conduzir uma motocicleta, característica que poderia ser atribuída a qualquer motociclista, independentemente de ser Motoboy. No excerto (128), o Motoboy Raiz é definido como aquele que evita parar no sinal vermelho. Em (129) ocorre a transferência da categorização que o falante vinha fazendo de motoboy para “motorista Nutella” numa situação em que esse estava andando fora da faixa fechando a passagem do Motoboy. O falante, em seguida, define o Motoboy Raiz como aquele que sabe identificar onde tem radar de velocidade. No último trecho (129), em uma interação com outro motociclista no trânsito, o Motoboy o define pela categoria Motoboy Nutella, pois ele estava andando devagar:

#### Exemplo 128

Motoboy Raiz → **vamo atravessar** aqui porque nós é Raiz num é Nutella... né?...  
 Motoboy Nutella → **motoboy Nutella para em tudo quanto é farol...**  
 Motoboy Raiz → **nóis só para onde num tem jeito...** é nósis...

#### Exemplo 129

Motorista Nutella → ((aceleração da moto)) ((buzina)) sai daê o... motorista Nutella...  
 Motoboy Raiz → **sabe nem fica na faixa caraio...** nós é desse jeito cachorro... nós é raiz... **tem radar?... não né? tchau...** ali na frente tem ó... tem um radarzinho... aí cê vai devagarZInho... como quem não quer na:da... vem devagazinho...

#### Exemplo 130

Motoboy Nutella → tô ligado que cê é Nutella mai firmeza tio... ixi cê é Nutella memo mano... cê é um maluco nutelão mano... ixi... ixi... tá vendo... fui querer ser legal mano... valeu... não mai ele é Nutella mais ele é sangue bom mano... ele deixou nói passar... ele foi da hora mano... não é porque você é Nutella que você é filha da puta entendeu?... (V34)

Para concluir essa análise, podemos considerar o trecho (131) em que o Motoboy define a si mesmo como Motoboy Raiz, tendo em vista ter resolvido um problema:

**Exemplo 131**

**resolvi o problema** ((risos)) entendeu cara... se eu sou um maluco Nutella tio... fodeu... (V34)

De forma sintética, pode-se organizar as definições atribuídas a cada uma das categorizações que são feitas de Motoboy da seguinte forma:



**Figura 2.** Sentidos de diferenciação entre o Motoboy Nutella e o Motoboy Raiz.

Os excertos selecionados para análise, tanto dessa seção quanto das seções anteriores, demonstram que o Motoboy busca construir sua identidade e o faz num processo relacional de produção contínua da diferenciação e da identificação. É por meio de produções linguísticas como “ele é o que eu não sou”, “eu sou o que ele não é”, “se sou isso, não sou aquilo” e “se não sou isso, sou aquilo”, que o sujeito vai categorizando os objetos e sujeitos a seu redor, inclusive ele mesmo.

De acordo com os exemplos analisados nesse capítulo, pode-se constatar que o Motoboy considera que fazem parte de suas audiências os seguintes interlocutores:

- Motoristas de carro;
- Cliente, sejam eles de produtos do canal ou das entregas;
- Outros motoboys: iniciantes e veteranos;
- Pessoas que têm interesse em ser motoboy;
- Fãs/seguidores;
- Outro motofilmador.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: MOTOKA CACHORRO!!!: “EU TÔ AQUI PRA MOSTRAR PRA VOCÊS QUE EU...”**

Essa pesquisa de doutorado teve como objetivo entender como um motoboy, enquanto ator social que, por meio de suas práticas, modifica e é modificado pelo espaço social urbano, constrói sua identidade fazendo uso dos recursos linguísticos existentes.

Tendo em vista, portanto, que o sujeito empírico está inserido em um contexto sócio-histórico mais amplo, realizamos um breve apanhado histórico da cidade de São Paulo para compreendermos como as recentes mudanças econômicas e sociais estão relacionadas com o surgimento deste profissional: o motoboy. Julgamos que a passagem de uma economia de produção para uma de serviços e a forma como se deu o processo de urbanização em São Paulo, dentre outros processos, fazem parte da contextualização dessa categoria profissional.

Dessa forma, procuramos não tomar a análise linguística considerando seu objeto a língua como um conjunto de sintagmas nominais e verbais, mas como produção de um falante que faz parte de uma dada realidade, em outras palavras, buscou-se estabelecer relações entre as produções linguísticas e o falante em sua multidimensionalidade e, para realizar esse tipo de empreendimento, julgamos ser importante que se leve em conta tanto o contexto restrito de fala quanto o contexto social mais amplo.

Localizando essa pesquisa na Sociolinguística, estabelecemos como objetivo específico inicial a construção de um *corpus* linguísticos que fosse adequado à análise do estilo de fala do objeto empírico, o motoboy de São Paulo. E, para isso, foi fundamental a articulação entre as atividades de campo realizadas desde 2009, isto é, as conversas com motoboys em agências e bolsões da cidade, assim como as observações realizadas de blogs, vlogs, sites, páginas em redes sociais de motoboys ou coletivos de motoboys.

A partir, portanto, dessas observações e, após termos optado por não realizar entrevistas sociolinguísticas para que pudéssemos ter acesso a dados de fala mais espontâneos, chegamos aos vídeos produzidos por um motoboy paulistano que constituem um vlog, isto é, um diário moderno em que o autor retrata seu cotidiano,

nesse caso, destacando suas atividades profissionais: as entregas realizadas na Grande São Paulo, porém discutindo também assuntos que o cercam enquanto cidadão e membro de grupos sociais: o Motoka Cachorro!!!

Nos primeiros contatos com os vídeos do vlog, foi possível perceber que o autor do canal tinha o hábito de tematizar os motoboys em geral e a si mesmo. Por esse motivo, exploramos o fato de que havia grande quantidade de gravações disponíveis publicamente, atualmente mais de mil vídeos, para investigarmos, nas falas produzidas pelo autor do canal, a maneira como esse locutor configurava sua identidade.

Os trinta e quatro vídeos selecionados para o primeiro momento de construção do material de análise apresentam grande riqueza de produção de fala, tanto em termos de manipulação de recursos linguísticos quanto em relação aos tópicos abordados, já que esse sujeito se coloca de diversas formas. A metodologia empregada na pesquisa proporcionou a constituição de um *corpus* de nove vídeos em que o Motoboy tematiza, dentre outras coisas, os motoboys em geral e outros grupos sociais com os quais se relaciona.

Apoiamo-nos no conceito de identidade relacional e constrativa tal como o concebem Cardoso de Oliveira (1976, 2006), Barth (1969) e Silva (2007), embora esses autores estejam, muitas vezes, encarando questões como identidade étnica ou identidade nacional. Consideramos também que, no contexto da sociedade ocidental urbana, há uma profusão de identidades possíveis para os sujeitos (HALL, 2000), entretanto que, em suas lutas cotidianas, apenas algumas delas são colocadas em jogo (HALL, 2003), posto que os sujeitos são marcados por suas trajetórias e por certas determinações sociais.

Identificamos que o Motoboy mobiliza, em seus vídeos, principalmente duas de suas identidades, a do Motoboy: o trabalhador que faz entregas, e a do Comunicador: o produtor de vídeos no YouTube, sendo essa última resultante da primeira. O Motoboy reforça essas identidades por meio da construção de suas *personae*.

Os estudos sociolinguísticos sobre estilo nos auxiliaram a compreender como se dá a projeção das *personae* na construção estilística dos falantes. Para isso, nos pautamos na necessidade de se considerar que a expressão da identidade é determinada pelas especificidades dos diferentes contextos e também pelos

interlocutores, isto é, pelo *design* de audiência. Dessa forma, as *personae* manejadas pelo Motoboy se constroem pela incorporação do contexto social.

Foi possível identificar recursos linguísticos explorados pelo Motoboy, tais como o uso frequente do diminutivo, o uso de gírias, de palavras de língua inglesa e o uso de marcadores discursivos interacionais interpelativos e formas nominais de tratamento que reforçam sua identidade associada a seu contexto mais local, a cidade São Paulo, e a seus grupos sociais: as camadas populares e os motoboys, os motociclistas e motoqueiros.

Consideramos que essa pesquisa pode ser ampliada por meio da transcrição dos demais vídeos selecionados para verificarmos se as *personae* estão ligadas a certos predomínios de recursos de vernacularização. Além disso, os resultados obtidos poderão ser corroborados observando os outros vídeos.

A interface que realizamos com os dispositivos analíticos da Linguística de Texto tais como referenciação e categorização social, nos permitiram observar os recursos textuais-discursivos explorados pelo Motoboy para a construção identitária. Por meio de enunciados como “eu (não) sou”, “nóis (não) é” e “ele (não) é”, o Motoboy estabelece categorizações para se autoidentificar e identificar os outros. O uso de “nó(i)s” e “a gente” também revela como o falante busca se inserir em determinados grupos sociais. Isto posto, concluímos que as manipulações dos recursos linguísticos configuram um estilo de fala que se caracteriza pela produção da identidade e da diferença ou distinção do tipo: eu sou x ele é.

De modo geral, nossos resultados indicam que os recursos linguístico-textuais-discursivos são manipulados para construção do estilo de um paulistano, trabalhador das camadas populares que, ainda que não seja possível afirmar que apresente uma configuração clara de consciência de classe, vivencia as condições de sua classe e as expressa em sua fala, como é possível observar pelas categorizações que opõem, *de um lado* “os futuros patrões”, “os tipo exótico cheios de dinheiro...”, “Pró-vida”, “um patrão”, “uma pessoa de poder aquisitivo mais alto”, “ricos”, e *de outro* “a favela”, “uns tipo favelado metido a exótico cheio do dinheiro mas na verdade são pobres”, “Pró-vida real”, “o pessoal da minha classe”, “pessoas que têm uma profissão menor remunerada”.

A falta de clareza quanto a uma consciência de classe se explica pelo fato de a construção identitária se dar numa tensão, já que a tensão ou mesmo a

contradição é constitutiva da realidade social concreta, na qual a classe trabalhadora se inclui.

Além disso, verificamos que o canal Motoka Cachorro!!! se coloca como um espaço do Motoboy de reforçar suas identidades, pois, na medida em que ele delimita e constrói categorizações para si e para os outros, ele também reitera quem é e quem não é.

Concordamos com Bell (2016) que o falante está entre a estrutura e a agência, que ele tem heranças sociais e determinações sociais, porém há sempre a possibilidade de se criar algo novo. Estudos da Antropologia Urbana nos permite pensar que os atores sociais não são “elementos isolados, dispersos e submetidos a uma inevitável massificação” (MAGNANI, 2012, p. 267), mas que eles atuam na cidade de forma a estabelecer estratégias de sociabilidade e sobrevivência.

Isto posto, acreditamos que esse vlog se coloca como prática social de um motoboy, prática essa que se insere na cultura popular urbana, visto que o autor produz conteúdos que interessam a grupos sociais específicos e, assim, consegue ultrapassar algumas barreiras que os meios de comunicação de massa impõem, permitindo que, por meio do canal, seu cotidiano como trabalhador possa ser retratado por ele mesmo.

Dessa forma, o Vlog Motoka Cachorro!!! se constitui enquanto possibilidade de sociabilidade para grupos afins, ampliando as interações entre motoboys, motociclistas em geral e inserindo-se no *pedaço* desses atores sociais.

Esse trabalho permite desdobramentos no sentido de ampliar o *corpus* de análise para obter outros recursos linguísticos manipulados pelo Motoboy para construção do estilo de fala. Além disso, seria possível realizar uma análise aprofundada quanto à relação entre o gênero textual, o vlog, e a construção identitária.

Ao finalizarmos essa pesquisa, concluímos que a metodologia de construção de um *corpus* sociolinguístico precisa levar em conta as condições sociais da produção de fala e que as observações de campo e o olhar do pesquisador são fundamentais para que se chegue em um material que seja representativo de determinada comunidade ou grupo social ainda que tenha como base as produções de um único falante.

Além disso, percebemos que, para a análise de estilo, é possível encontrar produções de fala interessantes fora das tradicionais entrevistas sociolinguísticas de

forma a obtermos dados mais espontâneos e ainda que as mídias sociais podem nos propiciar o acesso a essas falas mais espontâneas.

Com essa pesquisa, busca-se contribuir aos estudos linguísticos ao nos juntarmos àqueles que têm como objeto as falas das camadas mais populares, isto é, da classe trabalhadora e que, portanto, trazem a voz do trabalhador para o ambiente acadêmico.

Finalizaremos a tese com a voz do Motoboy dizendo quem ele e o grupo que representa são.

### **O Motoboy é a Geni?**

No vídeo 12, (NAS PIZZAS) RESPEITE O MOTOBOY. ELE PODE ESTAR COM A SUA ENTREGA, o autor do canal faz uma retextualização da canção “Geni e o Zepelim” composta por Chico Buarque que fez muito sucesso ao integrar a peça Ópera do Malandro, um musical dos anos 1977 e 1978. A canção faz parte do álbum Ópera do Malandro lançado em 1978.

A canção narra uma história que revela a hipocrisia dos moradores da cidade em que Geni morava representados na narrativa por membros das instituições de poder na sociedade como o Estado, representado pelo prefeito, a Igreja, representada pelo bispo, o poder econômico, representado pelo banqueiro e o poder militar, representado pelo comandante. Esses, embora a destratassem e a desqualificassem rotineiramente, quando precisaram dela para salvar a cidade, imploraram por sua bondade. Porém, após acatar os pedidos e salvar a cidade, Geni volta a sua condição originária: a de marginalização social.

A retextualização da canção pelo Motoboy se dá por meio de narrativa sem versos em que ele emprega recursos linguísticos que são manipulados por suas *personae*, tais como as gírias, os marcadores discursivos. E a retextualização é mais um recurso textual, esse por meio da manipulação da voz do outro, empregado para dizer sobre quem se (não) é.

Sua fala está dividida em três partes: a que contextualiza a retextualização, a narrativa da história de Geni, quando também trazemos a letra da canção de Chico Buarque na coluna à esquerda para facilitar as comparações, e a comparação entre a Geni e o Motoboy.

**MOTOKA CACHORRO!!!:**

eu fiz um canal... [...] eu fiz um canal né meu?... pra mostrar pra todo mundo como que é o dia a dia do motoboy... né véio?... pra... pra mostrar... o que que a gente faz pra... pra sair nessas entreguinha né?... pra né?... pra que o seu material chegue ao destino né? pra que sua pizza chegue quentinha...né?... e antes de você morrer de fome... é é é... e... e você eu não tô falando no geral né?... eu tô falando... eu tô me referindo a esses... é é... é... ainda condenam né?...

**Geni e o Zepellim (Chico Buarque)**

*De tudo que é nego torto  
Do mangue e do cais do porto  
Ela já foi namorada  
O seu corpo é dos errantes  
Dos cegos, dos retirantes  
É de quem não tem mais nada*

*Dá-se assim desde menina  
Na garagem, na cantina  
Atrás do tanque, no mato  
É a rainha dos detentos  
Das loucas, dos lazarentos  
Dos moleques do internato*

*E também vai amiúde  
Com os velinhos sem saúde  
E as viúvas sem porvir  
Ela é um poço de bondade  
E é por isso que a cidade  
Vive sempre a repetir*

*Joga pedra na Geni!  
Joga pedra na Geni!  
Ela é feita pra apanhar!  
Ela é boa de cuspir!  
Ela dá pra qualquer um!  
Maldita Geni!*

*Um dia surgiu, brilhante  
Entre as nuvens, flutuante  
Um enorme zepelim*

é é... tipo aquela história... né véio?... da Geni e o zepelim... que é um... é... é uma mu.... Geni e o zepelim é uma música do Chico Buarque... é... que... conta a história de uma... de de... de uma vagabunda né?... chamada Geni...

que dava pra todo mundo né meu? e

que a cidade inteira condenava né?

aí um dia... veio... apareceu tipo um ...  
um zepelim gigante

*Pairou sobre os edifícios  
Abriu dois mil orifícios  
Com dois mil canhões assim*

*A cidade apavorada  
Se ficou paralisada  
Pronta pra virar geleia  
Mas do zepelim gigante  
Desceu o seu comandante  
Dizendo: "Mudei de ideia!"*

*Quando vi nesta cidade  
Tanto horror e iniquidade  
Resolvi tudo explodir  
Mas posso evitar o drama  
Se aquela formosa dama  
Esta noite me servir*

*Essa dama era Geni!  
Mas não pode ser Geni!  
Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá pra qualquer um  
Maldita Geni!*

*Mas de fato, logo ela  
Tão coitada e tão singela  
Cativara o forasteiro  
O guerreiro tão vistoso  
Tão temido e poderoso  
Era dela, prisioneiro*

*Acontece que a donzela  
(E isso era segredo dela)  
Também tinha seus caprichos  
E ao deitar com homem tão nobre  
Tão cheirando a brilho e a cobre  
Preferia amar com os bichos*

*Ao ouvir tal heresia  
A cidade em romaria  
Foi beijar a sua mão  
O prefeito de joelhos  
O bispo de olhos vermelhos  
E o banqueiro com um milhão*

com um comandante locão lá meu...  
dizendo que ia destruir toda a cidade... e::

só que de repente ele mudou de ideia...

porque ele viu... ele ele achou aquela  
cidade podre... diz que diz que ia destruir  
tudo... [...]

aí o tal do comandante resolveu mudar de  
ideia quando ele viu a Geni... que é a  
vagabunda né?... ele falou "olha eu vou...  
eu num vou destruir a cidade de vocês...  
né?... só que com uma condição né?"

eu quero dar um pega na Geni... tá ligado?  
((risos)) eu quero dar um... eu quero dar  
um fight na Geni"...

só que a Geni se recusou tá ligado?...  
falou que "mano vixi prefiro transar com o  
cachorro... cum...né véio?" [...] "é eu prefiro  
transar com o papagaio tá ligado?... do  
que ir com você ô:: seu comandante feio"...  
tipo a Geni que dava pra todo mundo tá  
ligado? ((risos))

aí o... só que aí aquele pessoal da cidade  
que que tipo xingava a Geni... falava pra  
"jogar pedra na Geni... jogar bosta na Geni  
que ela é feita pra apanhar que ela é boa  
de guspir... ela dá pra qualquer um"... esse  
é o refrão da música... "maldita Geni"... é...  
nesse... no momento que eles se viram  
com a corda no pescoço irmão... o cara ia  
explodir a cidade toda... é::... aí foi a

<p><i>Vai com ele, vai, Geni! Vai com ele, vai, Geni! Você pode nos salvar Você vai nos redimir Você dá pra qualquer um Bendita Geni!</i></p> <p><i>Foram tantos os pedidos Tão sinceros, tão sentidos Que ela dominou seu asco Nessa noite lancinante Entregou-se a tal amante Como quem dá-se ao carrasco</i></p> <p><i>Ele fez tanta sujeira Lambuzou-se a noite inteira Até ficar saciado E nem bem amanhecia Partiu numa nuvem fria Com seu zepelim prateado</i></p> <p><i>Num suspiro aliviado Ela se virou de lado E tentou até sorrir Mas logo raiou o dia E a cidade em cantoria Não deixou ela dormir</i></p> <p><i>Joga pedra na Geni! Joga bosta na Geni! Ela é feita pra apanhar! Ela é boa de cuspir! Ela dá pra qualquer um! Maldita Geni!</i></p>	<p>cidade inteira lá beijar a mão da Geni e falar “VAi Geni... dá pra ele Geni”... né meu?... é... na música ainda diz né meu? “o prefeito de joElhos... o bispo de olhos verMElhos... o banQUERo... com um miLHÃO”... ((risos)) aí ela se comoveu e foi lá dar pro cara né?... aí cara foi lá comeu a Geni...</p> <p>estourou a Geni... comeu a buceta o cu as orelha tá ligado? ((risos)) tá ligado jão?... firmeza né?... zuou o bagueio né?</p> <p>chegou de manhã a Geni toda arreventada... né meu? foi tentar dar uma respirada né?... virou de lado... deu aquela... deu... deu aquele sorrisinho di di di di daquele sorrisinho meia boca tá ligado?... pra poder dormir porque a noite foi foda... né? ((risos)) mas o.. nesse exato momento a cidade inteira tava lá [...] amanheceu o Dia... a Geni LÁ... toda arrebenTAda... o cara comeu gozou dentro... quem é que tava lá na porta da da casa da Geni seis hora da manhã xingando tacando pedra tacando bosta e e... chamando a Geni de tudo quanto é nome de vagabunda de puta de...? hã... todo mundo de novo... é...sabe?... né?... aquelas promessa... aquela aquela... aquela comoÇÃO... aquela gratiDÃO pela Geni... foi só na hora fi... é...</p>
---	--

a Geni foi troxa de dar pra esse malandro aí... ela devia de ter deixado ele explodir a cidade que aquele pessoal não merece clemência tá ligado?... não merece viver... [...] moral da história né?... **eu não sou a Geni véio...** ((risos)) cês tão entendendo meu irmão? **eu tô aqui pra mostrar pra vocês que eu não sou a Geni...** [...] certo?... eu

faço de tudo pra que a sua entrega saia... né meu?... é... [...] e aí né meu?... como que é o bafio?... quer dizer que na hora que vocês tão precisando de mim eu sou foda eu sou bicho solto eu posso te salvar eu vou te redimir... né?... é... eu acelero memo... sou... é mano... e e e na hora que você tá lá trânsito dentro do seu carro você não dá passagem pro motoqueiro... [...] porque a gente pede respeito... né véi?... a gente né meu?... pede aí conscientização do motorista né meu?... explica a lei não sei o que pá pá pá... aí quando a gente sai na rua né meu?... tá os filha da puta tudo lá meu... no celular lá tá ligado?... no zap... dirigindo e no zap zap... né véio?... quase indo com o carro pra dentro do rio... tá ligado?... né?... aí você dá uma buzina pra ele recobrar a consciência dele e perceber que ele não tá no whats... ele não tá só no whatsapp... ele tá no trânsito... né?... i i i ... e que o carro dele tá indo pra dentro do rio e o cara acha ruim...

**“eu não sou a Geni véio...”**

**“eu tô aqui pra mostrar pra vocês que eu não sou a Geni...”**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A voz do motoboy.** 40ª edição. jun de 2014. Disponível em: <http://www.sindimotosp.com.br/informativos/Jornal/Jornal%2040.pdf> . Acesso em 10 de jul. 2017.
- APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN Marie-José. Construction de la référence et stratégies de désignation. **Tranel (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)**, Neuchâtel, Suisse, n. 23, p. 227-271, 1995,
- ALENCAR, Rosane. Processos de categorização social: emergência de categorias sociais na fala em interação. **Investigações**, Recife, v. 21, n. 2, p. 115-131, 2008.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- BARTH, Fredrik. **Process and form in social life: selected essays of Fredrik Barth.** v. 1. London: Routledge & Kegan Paul, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference.** Boston: Little Brown, 1969.
- BELL, Allan. Language style as audience design. In: COUPLAND, Nikolas; JAWORSKI, Adam. (Ed.). **Sociolinguistics: a reader.** New York: Macmillan Education, 1997, p. 240-250.
- \_\_\_\_\_. Language style as audience design. **Language in Society**, v. 13, n. 2, p. 145-204, 1984.
- \_\_\_\_\_. Succeeding waves: Seeking sociolinguistic theory for the twenty-first century. In.: COUPLAND, Nilokas. (Ed.). **Sociolinguistics: theoretical debates.** New York: Cambridge University Press, 2016, p. 391-416.
- BENTES, Anna Christina. “Tudo que é sólido desmancha no ar”: sobre o problema do popular na linguagem. **Gragoatá**, Niterói, v. 27, p. p. 117-134, 2009.
- \_\_\_\_\_. MARIANO, Rafaela Defendi. A linguagem dos manos: é possível falar sobre um registro popular paulista?. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado. (Org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta.** Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013, p. 147-161.
- \_\_\_\_\_.; REZENDE, Renato Cabral. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). [Re]discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- \_\_\_\_\_.; SILVA, Beatriz Ferreira; ACCETTURI, Ana Cecília Almeida. Texto, contexto e construção da referência: programas televisivos brasileiros em foco. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 59, n. 1, p. 175-196, jan./abr. 2017.
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, José Mario Ortiz. Os office-boys e a metrópole: lutas, luzes e desejos. **Desvios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 4, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.009, de 29 de julho de 2009. Regulamenta o exercício das atividades dos profissionais em transporte de passageiros, “mototaxista”, em entrega de mercadorias e em serviço comunitário de rua, e “motoboy”, com o uso de motocicleta, altera a Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997, para dispor sobre regras de segurança dos serviços de transporte remunerado de mercadorias em motocicletas e motonetas – moto-frete –, estabelece regras gerais para a regulação deste serviço e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 jul. 2009. Seção 1, p. 4. Disponível em: Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L12009.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12009.htm)>. Acesso em: 2 abr. 2017.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.
- CANÇADO, Márcia. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 89-114, jan./jun. 1996.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Qual a novidade dos rolezinhos? Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. **Novos Estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 98, p. 13-20, mar. 2014.
- \_\_\_\_\_. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. **Novos Estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 94, p. 31-67, dez. 2012.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo. Parábola, 2002.
- CANCLINI, Nestor Garcia. O papel da cultura em cidades poucos sustentáveis. In: SERRA, Monica Allende (Org.). **Diversidade cultural e desenvolvimento urbano**. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 185-198.

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- CHAUI, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Conformismo e resistência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014, p. 15-147.
- COELHO, Rafael F. **É nós na fita!** Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana: o pronome de primeira pessoa do plural e a marcação de plural no verbo. 2006. 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- COSTA, Sandra Batista da. **Da Silva & E Silva**: duas trajetórias políticas, duas personas: o emprego de dêixis de primeira pessoa em discurso de palanque. 2011. 208 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- COUPLAND, Nikolas. **Style**: variation and identity. New York: Cambridge University Press, 2007.
- \_\_\_\_\_. Language, situation and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 185-210.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DAMATTA, Roberto. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DINIZ, Eugênio Paceli Hatem. **As condições acidentogênicas e as estratégias de regulação dos motociclistas profissionais**: entre as exigências de tempo e os constrangimentos do espaço. 2003. 123 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- ECKERT, Penélope. Variation, convention, and social meaning. Paper presented at the **Annual Meeting of the Linguistic Society of America**. Oakland CA. Jan. 7, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Linguistic Variation as Social Practice**: The Linguistic Construction of Identity in Belten High. Oxford: Wiley-Blackwell, 2000.

- \_\_\_\_\_. **Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School.** New York: Teachers College Press, 1989.
- FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade.** São Paulo: Studio Nobel; SESC, 1997.
- FINEGAN, Edward; BIBER, Douglas. Register variation and social dialect variation: the Register Axion. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). **Style and Sociolinguistic Variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 235-268.
- FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **São Paulo: espaços públicos e interação social.** São Paulo: Marco Zero, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na Metrópole.** São Paulo: Edusp, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Sociabilidade urbana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. Distinguished lecture: anti anti-relativism. **American Anthropologist**, v. 86, n. 2, p. 263-278, jun. 1984.
- GIDDENS, Anthony. Admirável mundo novo: o novo contexto da política. **Caderno CRH**, Salvador, v. 7, n. 21, p. 9-28, jul./dez. 1994.
- \_\_\_\_\_. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GILES, Howard. Couplandia and beyond. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). **Style and Sociolinguistic Variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 211-219.
- GILES, Howard; COUPLAND, Justine; COUPLAND, Howard. Accommodation theory: communication, context and consequence. In: GILES, Howard; COUPLAND, Justine; COUPLAND, Howard. (Ed.). **Contexts of Accommodation: Developments in Applied Sociolinguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 1-68.
- GODOI, Stela Cristina de. **No "tempo certo", sobre duas rodas: um estudo sobre a formação e exploração dos motofretistas de Campinas-SP.** 2012. 211 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; TENANI, Luciani Ester. Problemas teórico-metodológicos na elaboração de um sistema de transcrição de dados interacionais: o caso do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). **Gragoatá**, Niterói, v. 25, p. 165-183, 2008.

- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 103-153.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- IANNI, Octavio. **A sociedade global.** 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. **Estudos Avançados,** São Paulo, v. 8, n. 21, p. 147-163, ago. 1994.
- IGARZA, Roberto. **Nuevos medios: estrategias de convergencia.** Buenos Aires: La Crujía, 2008.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O Verbo. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura Neves. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** v. 2. Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, p. 163-365.
- \_\_\_\_\_; *et al.* Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira; BASÍLIO, Margarida. (Org.). **Gramática do português falado.** v. 4. Estudos descritivos. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, p. 73-159.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística textual.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. Como se constroem e reconstroem os objetos-de-discurso. **Investigações,** Recife, v. 21, n. 2, p. 99-114, 2008.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). **Style and Sociolinguistic Variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 85-108.
- \_\_\_\_\_. **The social stratification of English in New York City.** Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- LÉVY-STRAUSS, Claude. **L'identité.** Paris: Bernard Grasset, 1977.

- LIMA, Silvana Maria Calixto de.; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **ReVEL**, vol. 13, n. 25, 2015. [www.revel.inf.br]. Acesso em: 29 de jun. 2017.
- LUCCA, Julia Frascarelli. **O motoboy de São Paulo**: uma análise discursiva. 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- \_\_\_\_\_. O sentido do motoboy transgressor. **Língua, Literatura e Ensino**, Campinas, v. 5, p. 173-180, out. 2010.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- \_\_\_\_\_. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In: MOREIRA, Alberto da Silva. (Org.). **Sociedade global**: cultura e religião. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Universidade São Francisco, 1998, p. 56-78.
- \_\_\_\_\_. Tribos urbanas: metáfora ou categoria?. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 48-51, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARX, Karl, ENGELS, Frederick. **Collected Works**. V.16. Moscou, Londres, Nova York: Progress Publishers, International Publishers, and Lawrence & Wishart, 1980.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- \_\_\_\_\_. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 48, n. 1, ago. 2006. ISSN 2447-0686. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637251>>. Acesso em: 29 jun. 2017.
- MARIANO, Rafaela Defendi. **Marcadores discursivos e sequências textuais**: uma análise das ações de textualização em programas midiáticos. 2014. 260 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 4. ed. rev. São Paulo: Edusp, 2008.
- MENDES, Ronald Beline. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113–124, jun. 2012.
- MEY, Jacob Louis. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016, p. 69-88.

- MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 275-297, jul./dez. 2016.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; *et al.* (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MORAES, Thiago Drumond. **Coletivo de trabalho e atividade dos motoboys: gênero profissional, saberes operatórios e riscos da atividade de trabalho**. 2008. 404 f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MORIN, Edgar. **O enigma do homem: para uma nova antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NOGUEIRA, Cassia Michela Alves. **Significados sociais da variação linguística em esquetes de rádio**. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- OUSHIRO, Lívia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. SIGNORINI, Inês. (Org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016, p. 89-112.
- PRETI, Dino. O vocabulário oral popular: a gíria. In: PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 65-113.
- \_\_\_\_\_. A gíria: um signo de agressão e defesa na sociedade. In: \_\_\_\_\_. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984, p. 1-9.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

- RICKFORD, John R. Style and stylizing form the perspective of a non-autonomous sociolinguistics. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 220-231.
- \_\_\_\_\_. The need for new approaches to class analysis in sociolinguistics. **Language & Communication**, v. 6, n. 3, p. 215-221, 1986.
- \_\_\_\_\_.; ECKERT, Penelope. Introduction. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 1-18.
- RISSE, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de O.; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore Villaça. (Org.). **Gramática do português falado**. v. 4. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, p. 21-103.
- \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Spinardi; KOCH, Ingedore Villaça. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. v. 1. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, p. 403-425.
- SACKS, Harvey. Lectures on conversation, vol. I & II. Edited by G. Jefferson. Oxford: Basil Blackwell, 1995.
- SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-moderno: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus Editora, 2003.
- SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009.
- SANTOS, Eliezer Muniz dos. Cultura motoboy e políticas públicas: interfaces da cidade de São Paulo. In: ABAD, Antoni *et al.* (Coord.). **Canal\*MOTOBOY**. São Paulo: Centro Cultural da Espanha em São Paulo; Agência Espanhola de Cooperação Internacional, 2007, p. 23-29.
- SCHEGLOFF, Emanuel A. Introduction. In: SACKS Harvey. **Lectures on conversation**. v. I e II. Oxford: Blackwell, 1995, p. ix- lxii.
- SILVA, Daiana Rodrigues da. **“Estilo motoboy”**: um estudo da caracterização do profissional motofretista por meio da linguagem. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu. Produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 73-102.

- TARALLO, Fernando. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Tese (Doutorado) - University of Pennsylvania, 1983.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- TRÓPIA, PATRÍCIA VIEIRA; MARCELINO, Paula; GALVÃO, A. As bases sociais da União Geral dos Trabalhadores. **Revista da ABET**, v. 12, p. 141-163, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/abet/article/view/18519> . Acesso em 10 de jul. 2017.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_.; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O conceito de cultura e o estudo de sociedade complexas: uma perspectiva antropológica. **Artefato - Jornal de Cultura do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 4-9, 1978.
- VERAS, Viviane. Identidade, repetição e temporalidade. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil; FERREIRA, Dina Maria Martins. (Org.). **Políticas em linguagem**: perspectivas identitárias. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006, p. 329-339.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 7 -72.

## APÊNDICE

### 1. Fichas de vídeos selecionados de 2014

<b>Identificação</b>	1.2014
<b>Nome</b>	APRESENTAÇÃO DO CANAL. JÁ COMEÇAMOS ZOANDO O SOM DA CÂMERA KKKKKK
<b>Data</b>	28/03/2014
<b>Visualizações</b>	3.889
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=VrNpH7nO3E8">https://www.youtube.com/watch?v=VrNpH7nO3E8</a>
<b>Duração</b>	01h01min
<b>Local</b>	Cozinha da casa do Motoboy
<b>Contexto</b>	Abertura do canal
<b>Assunto principal</b>	Apresentação do Canal
<b>Assuntos secundários</b>	- Câmera sem microfone - Primeiros vídeos sem som

<b>Identificação</b>	2.2014
<b>Nome</b>	O MOTOBOY ENTREGADOR DE PIZZAS
<b>Data</b>	22/04/2014
<b>Visualizações</b>	1.535
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=i7fJ0C2RdvM">https://www.youtube.com/watch?v=i7fJ0C2RdvM</a>
<b>Duração</b>	22min
<b>Local</b>	Avenida Aricanduva e região
<b>Contexto</b>	Entrega de pizzas no feriado de Páscoa
<b>Assunto principal</b>	Função do entregador de pizzas nos feriados
<b>Assuntos secundários</b>	- Nerds que não viajam nos feriados e pedem pizza - Procissão católica - Religião - Humildade - Saber lidar com críticas - Originalidade

<b>Identificação</b>	3.2014
----------------------	--------

<b>Nome</b>	PRÓ-VIDA – TROCANDO IDEIA
<b>Data</b>	26/04/2014
<b>Visualizações</b>	260
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=gxkuD_2-2jk">https://www.youtube.com/watch?v=gxkuD_2-2jk</a>
<b>Duração</b>	20min46s
<b>Local</b>	Avenida Paulista, Lapa
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assunto principal</b>	Pessoas que fazem parte do Pró-vida, Maçonaria e Iluminati
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Multa de trânsito</li> <li>- Humildade</li> <li>- Arrogância</li> <li>- Importância do motoboy</li> </ul>

<b>Identificação</b>	4.2014
<b>Nome</b>	COMO VERIFICAR O NÍVEL DO OLEO DO MOTOR DA SUA MOTO - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	13/05/2014
<b>Visualizações</b>	99.794
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=qmtS1Of7YhI">https://www.youtube.com/watch?v=qmtS1Of7YhI</a>
<b>Duração</b>	3min11s
<b>Local</b>	Garagem de casa
<b>Contexto</b>	Antes de sair para trabalhar
<b>Assunto principal</b>	Procedimentos para verificar o nível de óleo do motor da motocicleta
<b>Assunto secundário</b>	Frequência ideal para troca de óleo

<b>Identificação</b>	5.2014
<b>Nome</b>	FAN150 - ANTENA CORTA PIPAS ME SALVOU - SALVES ESPECIAIS - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	26/06/2014
<b>Visualizações</b>	110.497
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=RgJm90u9YuA">https://www.youtube.com/watch?v=RgJm90u9YuA</a>
<b>Duração</b>	15min30s

<b>Local</b>	Guarulhos (Proximidades da Praça Oito), Rodovia Presidente Dutra
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assuntos principais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saudação a seguidores</li> <li>- Vídeo que foi retransmitido por canal televisivo japonês</li> <li>- Relato de dia em que a antena corta pipas pegou fio de pipa</li> <li>- Procura por moto modelo Fazer 150</li> </ul>
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sinusite</li> <li>- Amigo que está doente</li> <li>- Doação de sangue</li> </ul>

<b>Identificação</b>	6.2014
<b>Nome</b>	DEPOIMENTO DE UM EX VICIADO PART.1 - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	21/07/2014
<b>Visualizações</b>	2.375
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ki7RUBhDE00&amp;spfreload=5">https://www.youtube.com/watch?v=ki7RUBhDE00&amp;spfreload=5</a>
<b>Duração</b>	26min15s
<b>Local</b>	Jardim Mutinga – Osasco, Carapicuíba
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assunto principal</b>	Vício de drogas
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pixação</li> <li>- Emprego de office-boy</li> <li>- Uso de bebida alcóolica</li> <li>- Cigarro, cocaína, crack</li> <li>- Compra de algumas motos</li> <li>- Amigos traficantes que foram presos</li> <li>- Emprego como cobrador de lotação</li> <li>- Emprego de auxiliar de escritório na receita federal como terceirizado</li> <li>- Casamento, família</li> <li>- Grupos religiosos que tentavam ajudar, porém também queriam evangelizar</li> </ul>

<b>Identificação</b>	7.2014
----------------------	--------

<b>Nome</b>	(QUASE) TODOS OS MOTOVLOGS QUE EU ASSISTO - AMINÉSIA TOTAL!!! - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	02/10/2014
<b>Visualizações</b>	1.236
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Egejc6ZojYA">https://www.youtube.com/watch?v=Egejc6ZojYA</a>
<b>Duração</b>	18min36s'
<b>Local</b>	Morumbi (Hospital Albert Einstein), Avenida Giovanni Gronchi
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assuntos principais</b>	- Motovlogs que assiste - Vício de linguagem “né”
<b>Assuntos secundários</b>	- Perfil socioeconômico de que utiliza o Hospital Albert Einstein - Comparação entre Fazer 150 e Titan 150 - Rios poluídos - Jogar lixo no chão

<b>Identificação</b>	8.2014
<b>Nome</b>	VOTAR CONSCIENTE DE QUE JEITO? - CABAÇO QUASE CAI DA MOTO - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	25/10/2014
<b>Visualizações</b>	10.120
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=f_EMFmrGbtA">https://www.youtube.com/watch?v=f_EMFmrGbtA</a>
<b>Duração</b>	15min56s
<b>Local</b>	Bairro de residência
<b>Contexto</b>	Levando a esposa no mercado e na padaria
<b>Assuntos principais</b>	- Eleições presidenciais - Falta de perspectiva na política brasileira
<b>Assuntos secundários</b>	- Necessidade de cobrar dos políticos - Protestos de junho de 2013 - Manutenção do preço do ônibus e aumento da gasolina - Responsabilização do sujeito pelos problemas e pelas soluções dos problemas do país - Impostos excessivos - Pirataria - Sonegação de impostos - Música “A Minha Voz Está No Ar” Facção Central

	- Corrupção - Punição violenta para políticos corruptos (pena de morte)
<b>Participante</b>	Esposa

<b>Identificação</b>	9.2014
<b>Nome</b>	Canhoto SOFRE! - FAZER 250 quis RACHA com nois no corredor SE FODEU KKKKK - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	8/12/2014
<b>Visualizações</b>	27.371
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=4ENew49thMk">https://www.youtube.com/watch?v=4ENew49thMk</a>
<b>Duração</b>	17min33s
<b>Local</b>	Cidade de Deus – Osasco, Marginal Tietê
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assuntos principais</b>	- Dificuldades de ser canhoto - Ser esforçado - GPS e sistema que está usando
<b>Assuntos secundários</b>	- Trabalho por contrato - Linha de pipa e possíveis acidentes - Câmera GoPro que está usando - Profissão de aprendiz de Pizzaiolo - Intenção de fazer vídeo sobre como usar o GPS - Usar luvas
<b>Participante</b>	Outro motoboy encontrado em estacionamento

<b>Identificação</b>	10.2014
<b>Nome</b>	ULTIMO VÍDEO DO ANO! - AGRADECIMENTOS 2014 É NOIS - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	30/12/2014
<b>Visualizações</b>	2.844
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=IPUO_khdAHA">https://www.youtube.com/watch?v=IPUO_khdAHA</a>
<b>Duração</b>	24min33s
<b>Local</b>	Loja de carro, bairro e casa.
<b>Contexto</b>	Retornando a sua residência e fazendo um balanço do primeiro ano do canal
<b>Assuntos principais</b>	- Conquistas de 2014

	- Surgimento e crescimento do canal
<b>Assuntos secundários</b>	- Conquista de mais de cinco mil inscritos - Compra de eletrodomésticos para casa, motocicleta - Doença do pai - Intenção de construir a casa própria - Loja de carros de alto padrão
<b>Participantes</b>	- Funcionário de loja de carro; colegas que encontrou no bar, pai e tia.

## 2. Fichas de vídeos selecionados de 2015

<b>Identificação</b>	11.2015
<b>Nome</b>	MOTOBOY LOCÃO ANDANDO JUNTO COM AS HORNET - MOTOKAVLOG DA HORNET KKK
<b>Data</b>	05/01/2015
<b>Visualizações</b>	22.278
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=jC27Hlwznvs">https://www.youtube.com/watch?v=jC27Hlwznvs</a>
<b>Duração</b>	20min37s
<b>Local</b>	Estacionamento Posto Serra Azul e estrada sentido São Paulo
<b>Contexto</b>	Saindo do posto onde encontrou amigos, antes de ir trabalhar na pizzeria
<b>Assuntos principais</b>	- Encontro com um seguidor do canal e um outro motofilmador (Canal DUDACELL) - Andando na Hornet do Duda
<b>Assunto secundário</b>	Conquistas materiais
<b>Participantes</b>	Motofilmador do Canal DUDACELL Seguidor do canal

<b>Identificação</b>	12.2015
<b>Nome</b>	(NAS PIZZAS) RESPEITE O MOTOBOY. ELE PODE ESTAR COM A SUA ENTREGA - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	07/02/2015
<b>Visualizações</b>	22.339
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=vG6uoLW2PUo">https://www.youtube.com/watch?v=vG6uoLW2PUo</a>

<b>Duração</b>	54min14s
<b>Local</b>	Não mencionado
<b>Contexto</b>	Entrega de pizza à noite
<b>Assunto principal</b>	Importância do motoboy
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazer o trabalho com qualidade</li> <li>- Experiência como contratado de uma empresa</li> <li>- Hábito de falar alto</li> <li>- Religião</li> <li>- Música Geni e Zepelim</li> <li>- Sociedade doente</li> </ul>
<b>Participantes</b>	Clientes

<b>Identificação</b>	13.2015
<b>Nome</b>	POLÍCIA NÃO PRENDE LADRÃO, PRENDE DOCUMENTO - LEIS BRASILEIRAS DE MERDA - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	01/04/2015
<b>Visualizações</b>	72.990
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=UvbYLv1NAvg">https://www.youtube.com/watch?v=UvbYLv1NAvg</a>
<b>Duração</b>	27min21s
<b>Local</b>	Casa/Não mencionado/Agência
<b>Contexto</b>	Autuação policial
<b>Assunto principal</b>	Papel da polícia
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda de GPS à prova d'água</li> <li>- Escolha de representantes no legislativo</li> <li>- Leis de trânsito</li> <li>- Roubo de motos</li> <li>- Submissão das pessoas em relação às ordens do governo</li> <li>- Discussão sobre a possibilidade de motos andarem no corredor</li> </ul>
<b>Participantes</b>	Policiais

<b>Identificação</b>	14.2015
<b>Nome</b>	POLÍCIA NÃO, COBRADOR DE IMPOSTO - LOUCURAS PRA CUMPRIR A MISSÃO
<b>Data</b>	19/05/2015
<b>Visualizações</b>	8.737

<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=-iQwZWqCg9A">https://www.youtube.com/watch?v=-iQwZWqCg9A</a>
<b>Duração</b>	20min47s
<b>Local</b>	Avenida Rebouças – Praça da República
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assunto principal</b>	Papel da polícia
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pressa</li> <li>- Leis brasileiras</li> <li>- Dificuldades financeiras do motoboy</li> <li>- Impostos no Brasil</li> <li>- Políticos brasileiros</li> </ul>
<b>Participantes</b>	Pessoas que encontra no caminho

<b>Identificação</b>	15.2015
<b>Nome</b>	TO COMEÇANDO GOSTAR DESSA VIDA DE AUTÔNOMO!!! - ALGUMAS DICAS - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	17/06/2015
<b>Visualizações</b>	16.342
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=tYnjOTCz0ps">https://www.youtube.com/watch?v=tYnjOTCz0ps</a>
<b>Duração</b>	41min09s
<b>Local</b>	Casa/Santo Amaro/Cotia
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assunto principal</b>	Trabalhar como motoboy autônomo
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda de chaveiro do canal</li> <li>- Venda de outros produtos do canal</li> <li>- Dicas para ser motoboy autônomo</li> <li>- Falta de serviço</li> <li>- Motoboys como arruaceiros</li> <li>- Samba</li> <li>- Motoboy <i>just-in-time</i></li> <li>- (In)satisfação com o trabalho</li> <li>- <i>jingles</i></li> <li>- Usar luvas</li> <li>- Dificuldade de ser autônomo</li> <li>- Diferença entre chefe e líder</li> <li>- Imitação</li> </ul>

<b>Participantes</b>	Funcionários de estabelecimentos comerciais
----------------------	---

<b>Identificação</b>	16.2015
<b>Nome</b>	FAZER 150 CÓDIGO DE FALHA NO PAINEL COMO FAZ PRA LER - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	22/07/2015
<b>Visualizações</b>	9.907
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=59aBw7pg4XM">https://www.youtube.com/watch?v=59aBw7pg4XM</a>
<b>Duração</b>	8min19s
<b>Local</b>	Não especificado
<b>Contexto</b>	Entrega diurna quando o código de falha aparece no painel da moto
<b>Assunto principal</b>	Como verificar o código de falha no painel na motocicleta Fazer 150
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Problemas no retificador</li> <li>- Problemas na bateria</li> <li>- Teste de ignição</li> </ul>

<b>Identificação</b>	17.2015
<b>Nome</b>	LANÇAMENTO OFICIAL E TEST RIDE YAMAHA R3 MINHA PRIMEIRA VEZ NA PISTA MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	03/08/2015
<b>Visualizações</b>	135.853
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=jVant9WZwYI">https://www.youtube.com/watch?v=jVant9WZwYI</a>
<b>Duração</b>	22min56s
<b>Local</b>	Não mencionado. Pelas imagens, Autódromo Velo Città - Mogi Guaçu (SP)
<b>Contexto</b>	Ida ao teste ride da moto Yamaha R3
<b>Assuntos principais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Características da moto Yamaha R3</li> <li>- Andar em pista de corrida</li> </ul>
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Freio ABS</li> <li>- Avaliação da moto Yamaha R3</li> </ul>
<b>Participantes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Outro motofilmador</li> <li>- Funcionários do evento</li> </ul>

<b>Identificação</b>	18.2015
<b>Nome</b>	SOFRI UM GRAVE ACIDENTE DE MOTO – MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	09/10/2015
<b>Visualizações</b>	21.247
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=oW1uYl8kiXE">https://www.youtube.com/watch?v=oW1uYl8kiXE</a>
<b>Duração</b>	2min46s
<b>Local</b>	Casa
<b>Contexto</b>	Um dia após sofrer acidente de moto
<b>Assuntos principais</b>	- Relato sobre acidente ocorrido no dia anterior na Avenida Aricanduva - Braço machucado
<b>Assuntos secundários</b>	- Ida ao Salão das Duas Rodas - Convite para que se encontrem na Power Moto

<b>Identificação</b>	19.2015
<b>Nome</b>	MOTOKA VAI VOLTAR PRA PIZZARIA? - VIROSE BRASILEIRA - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	19/11/2015
<b>Visualizações</b>	7.137
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=SIIZdDBkT9k">https://www.youtube.com/watch?v=SIIZdDBkT9k</a>
<b>Duração</b>	31min09s
<b>Local</b>	Bairro da Ponte Rasa – Itaquera
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assuntos principais</b>	- Motivo pelo qual não está mais fazendo entrega de pizza - Ter tempo livre à noite - Virose e tratamento de saúde no Brasil - Situação do motoboy no Brasil x situação do motoboy em Londres
<b>Assuntos secundários</b>	- Divulgação de moletons do canal - Saudação a seguidores - Uso de drogas - Rap dos Racionais Mc's - Fiat Punto - Bob Marley
<b>Participantes</b>	- Funcionária estabelecimento

	- Cliente
--	-----------

<b>Identificação</b>	20.2015
<b>Nome</b>	O QUE É SER MALOQUEIRO - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	20/12/2015
<b>Visualizações</b>	6.979
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=CVfxoQk1E0Q">https://www.youtube.com/watch?v=CVfxoQk1E0Q</a>
<b>Duração</b>	29min57s
<b>Local</b>	Loja de motos – Lapa de Baixo, Marginal, Pacaembu, Avenida Paulista.
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assunto principal</b>	Ser maloqueiro – estilo de vida
<b>Assuntos secundários</b>	- Propaganda de loja de motos - Canal Motoka Cachorro - Polícia Federal e documentos emitidos - Funk, samba, rock
<b>Participantes</b>	Colegas

### 3. Fichas de vídeos selecionados de 2016

<b>Identificação</b>	21.2016
<b>Nome</b>	FIZ 18 COMPRO QUAL MOTO PRA COMEÇAR? - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	22/01/2016
<b>Visualizações</b>	22.354
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=zvTtoagYI8I">https://www.youtube.com/watch?v=zvTtoagYI8I</a>
<b>Duração</b>	27min37s
<b>Local</b>	Santo André
<b>Contexto</b>	Serviço diurno – levar pessoa que está se habilitando para regularizar moto
<b>Assunto principal</b>	Sugestão e dicas para compra de primeira moto para recém-habilitado
<b>Assuntos secundários</b>	- Primeira habilitação

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliação da moto do cliente</li> <li>- Avaliação de motos Fan, CB, Fazer, Lander, Next</li> <li>- Cilindradas ideais para iniciantes</li> <li>- Instalação de placa de moto</li> <li>- Valor de placa de veículos e placa de trânsito</li> </ul>
<b>Participantes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cliente</li> <li>- Funcionário Detran</li> </ul>

<b>Identificação</b>	22.2016
<b>Nome</b>	TIPOS DE MOTOBOY E MELHOR FORMA DE TRABALHAR - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	12/02/2016
<b>Visualizações</b>	32.645
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=V4aaj7IRZT0&amp;index=2&amp;list=PLZyrZ2xxzLqjotg571WyMfdhUcsU0nODg">https://www.youtube.com/watch?v=V4aaj7IRZT0&amp;index=2&amp;list=PLZyrZ2xxzLqjotg571WyMfdhUcsU0nODg</a>
<b>Duração</b>	38min34s
<b>Local</b>	Loja de moto/Vila Monumento
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assunto principal</b>	Melhor forma de trabalhar como motoboy
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda de loja de moto</li> <li>- Manutenção de moto</li> <li>- Diferença entre trabalhar como motoboy contratado por empresa, esporádico, autônomo, por aplicativo</li> <li>- Usar o YouTube<sup>BR</sup> para conseguir clientes</li> <li>- Roubo e seguro de moto</li> </ul>

<b>Identificação</b>	23.2016
<b>Nome</b>	PORQUE SOU MOTOBOY - DEU CERTO? - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	16/03/2016
<b>Visualizações</b>	13.573
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=lfQLyZfOY0M&amp;list=PLZyrZ2xxzLqjotg571WyMfdhUcsU0nODg">https://www.youtube.com/watch?v=lfQLyZfOY0M&amp;list=PLZyrZ2xxzLqjotg571WyMfdhUcsU0nODg</a>
<b>Duração</b>	33min10s
<b>Local</b>	Osasco

<b>Contexto</b>	Entrega noturna
<b>Assunto principal</b>	Vantagens e desvantagens de ser motoboy
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda de moto</li> <li>- Radar e multas de trânsito</li> <li>- Relato de como se tornou motoboy</li> <li>- Emprego anterior</li> <li>- Porque parou de estudar</li> <li>- Roubo de moto</li> <li>- Regularização para ser motofretista</li> </ul>
<b>Participantes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vendedor loja</li> <li>- Transeuntes</li> </ul>

<b>Identificação</b>	24.2016
<b>Nome</b>	DESPEDIDA DA BRANQUELA & NOVA MOTO - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	07/04/2016
<b>Visualizações</b>	24.847
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=6mK2tGI-2Xw">https://www.youtube.com/watch?v=6mK2tGI-2Xw</a>
<b>Duração</b>	3min37s
<b>Local</b>	Loja de motos
<b>Contexto</b>	Venda da moto "Branquela" (Yamaha - Fazer) e compra de outra (Yamaha - Factor)
<b>Assunto principal</b>	Troca de moto
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pintura hidrográfica da moto que está sendo vendida</li> <li>- Aviso de que ficará alguns dias sem gravar para fazer a mudança de documentação das motos</li> </ul>

<b>Identificação</b>	25.2016
<b>Nome</b>	PASSO A PASSO COMO SE REGULARIZAR NO MOTOFRETE - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	02/05/2016
<b>Visualizações</b>	16.696
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=M-rAitNs_RE">https://www.youtube.com/watch?v=M-rAitNs_RE</a>
<b>Duração</b>	20min07s
<b>Local</b>	Loja de moto/Garagem de casa

<b>Contexto</b>	Vídeo resposta a seguidores
<b>Assunto principal</b>	Procedimentos para regularização de motofretista
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda da loja de moto</li> <li>- Proibição de mototaxi em São Paulo</li> <li>- Importância de ser regularizado</li> <li>- Aplicativos para serviço de motoboy</li> </ul>

<b>Identificação</b>	26.2016
<b>Nome</b>	POR QUE OS MOTOBOY PREFEREM AS STREET EM VEZ DAS TRAIL? - MOTKAVLOG
<b>Data</b>	13/06/2016
<b>Visualizações</b>	14.424
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=F2vyQJLUWfo">https://www.youtube.com/watch?v=F2vyQJLUWfo</a>
<b>Duração</b>	17min55s
<b>Local</b>	Loja de carro/Santo André
<b>Contexto</b>	Levando uma moto para instalar o amortecedor de direção
<b>Assunto principal</b>	-Vantagens e desvantagens de uma moto "trail"
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda em loja de moto</li> <li>- Uso de luvas</li> <li>- Pilotando uma moto crosser - Roda de liga (leve) e roda raiada</li> <li>- Velocímetro quebrado</li> <li>- Aplicativos que avisam sobre radar</li> <li>- Baladas que frequentou em Santo André</li> </ul>
<b>Participante</b>	Primo motociclista

<b>Identificação</b>	27.2016
<b>Nome</b>	MEUS CINCO FILHOS E MINHAS TRÊS MULHERES - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	17/08/2016
<b>Visualizações</b>	7.798
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Zdmw8HjeUAc">https://www.youtube.com/watch?v=Zdmw8HjeUAc</a>
<b>Duração</b>	21min05s
<b>Local</b>	Loja de motos/Zona Norte
<b>Contexto</b>	Entrega noturna de sábado véspera do dia dos pais
<b>Assunto principal</b>	Gratidão por estar trabalhando

<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda de loja de motos</li> <li>- Ida à reunião budista</li> <li>- Poligamia</li> <li>- Relato de dia em que frentista de posto derrubou gasolina na moto – Má vontade no trabalho</li> <li>- Bom atendimento a clientes</li> <li>- Uso de drogas</li> <li>- Crise econômica</li> <li>- Gays</li> </ul>
-----------------------------	---

<b>Identificação</b>	28.2016
<b>Nome</b>	FAZENDO ENTREGA PROS GAYS - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	15/09/2016
<b>Visualizações</b>	7.435
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=gaE0AaDBldo">https://www.youtube.com/watch?v=gaE0AaDBldo</a>
<b>Duração</b>	13min36s
<b>Local</b>	Loja de motos/Centro de Cidadania LGBT – Zona Sul/ Santo Amaro
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assunto principal</b>	Preconceito
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda de loja de motos</li> <li>- Entrega em lugares diversificados</li> <li>- Contra o preconceito com homossexuais</li> <li>- Poligamia</li> <li>- Preconceito contra motoboys</li> <li>- Série Garota da moto</li> </ul>

<b>Identificação</b>	29.2016
<b>Nome</b>	COMO EU CONSEGUI ME CASAR - MOTOKAVLOG
<b>Data</b>	3/11/2016
<b>Visualizações</b>	10.445
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=DYiyfWEnivg">https://www.youtube.com/watch?v=DYiyfWEnivg</a>
<b>Duração</b>	43min33s
<b>Local</b>	Loja de moto/Jardim Japão/Diadema
<b>Contexto</b>	Entrega diurna

<b>Assunto principal</b>	Relacionamento com sua esposa
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda de loja de motos</li> <li>- Redes sociais – Snapchat</li> <li>- Dica para entrar no corredor</li> <li>- Fotos de família</li> <li>- Amigos</li> <li>- Filho mais velho</li> <li>- Consórcio de moto</li> <li>- Uso de drogas</li> <li>- Roubo de moto</li> <li>- Nascimento dos filhos</li> <li>- Difusor de escape</li> </ul>

<b>Identificação</b>	30.2016
<b>Nome</b>	FAZER 250 COM BORÓ DIFUSOR É O TERROR
<b>Data</b>	23/12/2016
<b>Visualizações</b>	14.480
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=-OvFN3Q4QcA">https://www.youtube.com/watch?v=-OvFN3Q4QcA</a>
<b>Duração</b>	10min21s
<b>Local</b>	Loja de motos/estacionamento/Alameda Jaú
<b>Contexto</b>	Após instalar o difusor de escape
<b>Assunto principal</b>	Teste do difusor de escape em Fazer 250
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda de loja de motos</li> <li>- Posição do retrovisor</li> <li>- Tatuagem</li> <li>- Propaganda de instalação do difusor de escape</li> </ul>
<b>Participantes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Filho mais velho</li> <li>- Cliente</li> </ul>

#### 4. Fichas de vídeos selecionados de 2017

<b>Identificação</b>	31.2017
<b>Nome</b>	MEU NOTEBOOK TURBO & RAP DOS MOTOBOYS #VIDADECACHORRO 2

<b>Data</b>	8/01/2017
<b>Visualizações</b>	8.259
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=a6ef85HDLMc">https://www.youtube.com/watch?v=a6ef85HDLMc</a>
<b>Duração</b>	22min56s
<b>Local</b>	Loja de moto/Residência/Loja de informática em Santo André/São Bernardo do Campo
<b>Contexto</b>	Conserto de notebook/Entrega diurna
<b>Assunto principal</b>	Conserto de notebook
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda de moto feminina em loja</li> <li>- Café</li> <li>- Programa para edição de vídeo</li> <li>- Falta de serviço em janeiro</li> <li>- Rap dos motoboys – Poeta dos motoboys</li> </ul>
<b>Participantes</b>	Familiares Técnico de informática

<b>Identificação</b>	32.2017
<b>Nome</b>	BOROZNHO DIFUSOR NA CB300R SEM TRINCA ESCUTA SÓ O BERRO QUE DEU
<b>Data</b>	15/02/2017
<b>Visualizações</b>	21.382
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=3uNXg0dkbh8">https://www.youtube.com/watch?v=3uNXg0dkbh8</a>
<b>Duração</b>	24min05s
<b>Local</b>	Seguradora de moto/Avenida Francisco Morato
<b>Contexto</b>	Após instalação de difusor de escape em moto CB300r
<b>Assunto principal</b>	Teste do difusor de escape em Fazer 250
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda seguradora de moto</li> <li>- Propaganda de difusor de escape</li> <li>- Homossexualidade</li> </ul>
<b>Participantes</b>	Funcionária seguradora de moto Amigo motofilmador Clientes

<b>Identificação</b>	33.2017
<b>Nome</b>	O MOTOBOY DE 80 MIL INSCRITOS!!!

<b>Data</b>	16/03/2017
<b>Visualizações</b>	12.314
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=TJ8Px3yQ7KQ">https://www.youtube.com/watch?v=TJ8Px3yQ7KQ</a>
<b>Duração</b>	26min12s
<b>Local</b>	Loja de acessórios para moto/Zona Leste/Guarulhos
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assunto principal</b>	Histórico do canal
<b>Assuntos secundários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda de loja de acessórios para moto</li> <li>- Canal ter chegado aos 80 mil inscritos</li> <li>- Objetivo de chegar aos 100 mil inscritos</li> <li>- Patrocinadores</li> <li>- Carro que adquiriu</li> <li>- Canais que gosta de assistir</li> <li>- Dificuldades com o canal</li> <li>- Drogas</li> <li>- Humildade e arrogância</li> </ul>

<b>Identificação</b>	34.2017
<b>Nome</b>	 MOTOBOY RAIZ VS MOTOBOY NUTELLA 
<b>Data</b>	11/04/2017
<b>Visualizações</b>	19.249
<b>Endereço eletrônico</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=yKyIFeVVQkk">https://www.youtube.com/watch?v=yKyIFeVVQkk</a>
<b>Duração</b>	25min26s
<b>Local</b>	Seguradora de moto
<b>Contexto</b>	Entrega diurna
<b>Assunto principal</b>	Diferença entre Motoboy Nutella e Motoboy Raiz
<b>Assunto secundário</b>	Transporte de uma carga grande
<b>Participantes</b>	Funcionárias da seguradora